

DA AUTORA BESTSELLER

DOROTHY
KOOMSON

o meu outro marido

Conseguiu
escapar uma vez.

Conseguirá
de novo?

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

DOROTHY KOOMSON

Traduzida em mais de 30 línguas e com mais de 2 milhões de livros vendidos em todo o mundo, Dorothy Koomson é hoje uma das maiores referências do romance feminino.

Multipremiada, integrou o painel de jurados do Women's Prize for Fiction 2022 e é considerada uma das figuras afro-britânicas mais influentes no Reino Unido. Ao livro mais emblemático – *A filha da minha melhor amiga* – seguiram-se outros sucessos que a tornaram uma das autoras preferidas dos leitores portugueses.

Descubra mais sobre a autora em:

www.dorothykoomson.co.uk

www.facebook.com/dorothykoomsonportugal

O meu outro marido

Dorothy Koomson

Publicado em Portugal por:

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Porto

Email: delporto@portoeditora.pt

Título original:

My Other Husband

© 2022, Dorothy Koomson

Publicado pela primeira vez em 2022 pela Headline Review,

uma chancela do HEADLINE PUBLISHING GROUP

Tradução: Carla Ribeiro

Design da capa: Siobhan Hooper

Imagens da capa: Trevillion; Shutterstock.com

1.^a edição em papel: março de 2023

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-67172-1

**Para ti,
onde quer que estejas.**

Prólogo

- Cleo Forsum Pryce, está detida por suspeita de tentativa de homicídio.

Não. Não podem fazer isto. Agora, não.

- Não é obrigada a falar.

Tenho de a encontrar antes que seja demasiado tarde.

- Mas pode prejudicar a sua defesa se não referir, quando interrogada, algo que posteriormente transmita em tribunal.

Se não fizer o que me mandam, ela vai morrer. Ele vai matá-la.

- Tudo o que disser pode ser utilizado como prova.

- Por favor, não fui eu! Juro que não fui eu! Têm de me deixar ir...

Têm de me deixar ir. É uma questão de vida ou morte.

Parte 1

1

8 de agosto de 2022

Escritórios da Burrfield & Co., Brighton

Tarde

- Não tinha de vir ao escritório para falar comigo sobre o seu divórcio. Sabe disso, não sabe, senhora Forsum?

Anuo.

- Eu sei. Sei que podia fazer tudo *online*, que seria mais barato e provavelmente mais rápido, mas não queria um rasto de papelada. Ou digital.

Jeff Burrfield franze-me o sobrolho, subitamente confuso.

- Pensava que tinha dito que o seu marido sabia de tudo isto... - Começa a folhear as suas notas, provavelmente assustado, agora que atribuiu erradamente esta migalha de informação à mulher desesperada que tem à frente e que está a abandonar a sua relação. - Disse que ele estava de acordo e... Ah, sim. - Passa o dedo pela linha onde anotou as suas observações iniciais. - Que mal podia esperar para se ver livre de si. E não podia acreditar que tinha passado tantos anos com uma cabra sem coração como a senhora. - Ergue a cabeça a ficar calva e cruzamos olhares.

- Na verdade, deixei bem claro que ele nunca disse propriamente tudo isso - comento eu, num tom patético. - Foi a minha interpretação da situação vista por ele. Possivelmente.

- Mas ele sabe que se vai divorciar dele?

- Sim, sabe. - *Não sabe porquê, mas sabe*, acrescento mentalmente.

- Oh, ainda bem - murmura o Dr. Burrfield, visivelmente aliviado por não haver ali subterfúgios. - As coisas são sempre um *bocadinho* menos desagradáveis quando todos os envolvidos estão a par da situação.

- O meu marido jamais diria algo assim, não é o seu estilo nem a sua natureza. É muito do tipo paz, amor e esperança para todos os seres.

- E a senhora, não?

- Sim. Sim, sou. Dentro do razoável.

Um fantasma de um sorriso assombra os lábios do Dr. Burrfield e faz-me ter pena dele. Não deve ser nada agradável nem minimamente divertido estar tão perto das relações humanas no momento em que se desintegram. Será que isso o torna cético? Deve tornar. É impossível estar daquele lado da secretária, ouvir tantas histórias de coisas que correram mal e *NÃO* questionar porque se dão as pessoas ao trabalho, para começar. O seu anelar está vazio, por isso presumo que não se tenha casado, ou se o fez, deu para o torto. Não me parece que tenha um relacionamento de longa duração, mas posso estar enganada. Seja como for, dá-me a impressão de ser alguém que preferiria que todas estas «situações desagradáveis» não existissem, mas, uma vez que existem, continuará, com a paciência necessária, a guiar as almas perdidas em processo de separação.

- Posso fazer uma pergunta oficiosamente, por assim dizer? - pergunto. Preciso de ter uma resposta definitiva

para isto, para esta pergunta que não me sai da cabeça há muitos, muitos anos. A pergunta para a qual obtenho um milhão de respostas sempre que tenho coragem suficiente para pesquisar na Internet.

- Como assim, *oficiosamente*? - replica ele, afastando-se um pouco. Não de forma muito óbvia, apenas ligeiramente. O suficiente para me informar, a nível subconsciente, de que não irei obter nada dele sem esforço.

- Refiro-me a algo que provavelmente não deveria escrever aí no meu processo, uma vez que não me diz realmente respeito.

- Diz respeito a quem, então?

Boa pergunta. Óbvia. Porque não tenho eu uma resposta pronta, então? Porque qualquer resposta soará falsa, qualquer resposta será uma mentira.

- Refiro-me... bem... a uma amiga minha. Uma amiga muito chegada.

O Dr. Burrfield pousa a caneta, fecha a pasta e tira os óculos. Agora que deixou de estar escondido pelas lentes, parece muito mais novo, mas mais maduro. Muito mais experiente nas coisas do mundo do que o paciente e ligeiramente desastrado advogado com quem inicialmente me sentei. Tinha-o escolhido na Internet, tinha pesquisado até encontrar um suficientemente perto de onde estou atualmente a trabalhar para poder planear o meu intervalo em torno desta reunião, mas também suficientemente longe para ninguém me ver entrar neste escritório e descobrir antes do resto da minha família o colapso irremediável do meu casamento.

- O que gostaria a sua *amiga* chegada de perguntar?

- Bem, é um pouco desconfortável e ela sente-se extremamente tola, mas o que aconteceria se ela... Não, não, deixe-me começar de novo. E se a minha amiga, algures no passado, tivesse ido a outro país e, por mero capricho, se tivesse casado? Se não tivesse registado esse casamento ao regressar a Inglaterra há todos aqueles anos e tivesse depois voltado a casar com outra pessoa, não haveria problemas ou estaria possivelmente metida em sarilhos?

O Dr. Burrfield olha para mim como se eu lhe tivesse dado uma bofetada logo depois de o ter insultado. Durante alguns segundos, não se mexe nem parece respirar, sequer; limita-se a ficar sentado, com o choque e o horror a inundar-lhe o rosto enquanto me olha fixamente. Finalmente, baixa o olhar para o processo à sua frente, para o cartão bege manchado que contém os primeiros detalhes da dissolução do meu casamento.

- A sua *amiga* não estaria *possivelmente* metida em sarilhos, teria um problema enorme. A bigamia, porque é disso que se trata, implica uma pena de prisão de até sete anos.

Sete anos! SETE anos. Aquelas palavras deram-me a volta ao estômago, deixando-me com vontade de vomitar ali mesmo, na sua bonita e organizada secretária. SETE anos.

- Mas se não foi registado, conta?

- Presumindo que a sua *amiga* seguiu todos os requisitos legais ao casar em seja qual for o país estrangeiro que escolheu para a realização da cerimónia... isto é, que tinha

todos os documentos necessários e que depois assinou uma certidão ou registo de casamento... então, o casamento é considerado legal e vinculativo aqui no Reino Unido.

– Mesmo não tendo sido registado?

– Os casamentos no estrangeiro não são verdadeiramente «registados». Aquilo a que se refere é à situação geralmente incompreendida em que o casamento no estrangeiro é «comunicado» à Conservatória do Registo Civil, quase que a informar o governo de que o casamento existe e cedendo-lhe uma cópia da certidão, para poder aceder caso necessite dela por alguma razão... como para provar que são efetivamente casados. Isto garantir-lhe-ia que, apesar de o seu casamento não ter sido «registado» da mesma forma que um casamento entre cidadãos do Reino Unido neste país, haveria um registo e poderia obter uma cópia da sua certidão de casamento. No entanto, esta prática foi descontinuada em 2014. Já não se «comunicam» casamentos no estrangeiro à Conservatória do Registo Civil. Em todo o caso, quer o casamento tivesse ocorrido antes quer depois de 2014, a sua *amiga* continuaria casada, tendo ou não «comunicado» o casamento à Conservatória.

Oh. *Oh*.

– Sete anos, foi o que disse?

As suas narinas dilatam-se fugazmente antes de anuir com solenidade.

– Está bem, certo. Muito bem. Obrigada. Terei o cuidado de dizer à minha amiga para, enfim, não se casar até o antigo casamento estar resolvido.

- Faça isso - diz ele, voltando a pôr os óculos e pegando na sua pequena e atarracada caneta de tinta permanente. - Devia também avisá-la para não contar a ninguém. Se de facto casou quando já era casada, isso é crime. Não é algo que deva andar por aí a espalhar.

- Não andava por aí a espalhar, limitou-se a perguntar... A perguntar-me... Se lhe podia perguntar a si.

- Certo - responde ele, com azedume. - Contactá-la-ei ainda esta tarde por causa dos papéis. Tenho a sensação de que este divórcio tem de ser agilizado.

Não podia negar isso. De todo.

Horsforth, 1996

- Aquele tipo está a olhar para ti - disse Trina, com uma mistura de perplexidade e desdém.

A sala comum da universidade onde tantas vezes nos sentávamos fazia-me sentir como se estivéssemos no Coliseu - pequenos grupos de cinco ou seis pessoas, reunidas em torno de mesas circulares baixas, à espera de que o espetáculo comesse ao centro. Alguns grupos tinham mais membros e transbordavam, por mais que tentassem sentar-se todos juntos. Outras pessoas tinham menos colegas, e algumas estavam sozinhas - mas todos nos enfiávamos ruidosamente ali dentro, sentados na vastidão do espaço com o seu chão de parqué gasto e reluzente, separados, mas juntos.

Ao fundo da cantina, junto às grandes portas de vidro, que davam para o pátio envidraçado de betão, estava uma

portinhola de serviço onde as pessoas que geriam a Associação de Estudantes vendiam chás e cafés a preços reduzidos, bem como guloseimas e latas de refrigerantes frescos. Um copo de esferovite cheio de café instantâneo barato e uma embalagem de *Maltesers* tinham-se tornado o meu «veneno» diário.

Trina e eu, caloiras a viver na universidade, ocupávamos um dos melhores lugares. A nossa mesa e as nossas cadeiras estavam enfiadas ligeiramente atrás de um dos pilares redondos em pedra lisa, criando uma espécie de nicho de onde conseguíamos ver tudo.

- Qual tipo? - perguntei distraidamente. Estava concentrada a ver o primeiro *Malteser* do pacote desintegrar-se no meu café, ao qual tinha já adicionado cinco pacotes de açúcar. O *Malteser* flutuava à superfície, aparentemente imune ao calor, agindo como se tivesse hipóteses de sobreviver ao quente e leitoso fim que se aproximava rapidamente.

- Para começar, isso é nojento - disse Trina, franzindo o belo rosto e apontando com uma das suas reluzentes unhas azul-marinho para o que eu estava a fazer ao chocolate e ao café. - Depois, o tipo com o blusão e as covinhas.

Sabia a quem se referia.

- Ah, esse.

- Nem sequer olhaste para lá.

- Não preciso. Blusão e covinhas... como as consegues ver daqui não sei... descrevem-no na perfeição. Só há um tipo com um blusão digno de nota que olha fixamente para mim.

- Então sabes que ele olha para ti? - Estava realmente intrigada.

- Sim. Está na minha turma de Psicologia.

- Então conhece-lo, para além dos olhares?

- Sim, está na minha turma de Psicologia.

- E sabes como se chama?

- Sim, está na minha turma de Psicologia. Quantas vezes tenho de repetir?

- E sabes porque olha para ti?

Encolhi os ombros, sem grande convicção. Suspeitava que sabia, mas, para ser sincera, não era algo que me acontecesse regularmente - ou que me acontecesse, sequer. A não ser que quem estivesse a olhar fosse um homem mais velho e sinistro, que pensava... bem, na verdade, tentava evitar pensar em homens mais velhos e sinistros.

- Já falaste com ele? - perguntou Trina.

- Não me obrigues a dizê-lo, Trina - respondi eu à minha vizinha de dormitório.

- Oh, cala-te lá! Podias estar na mesma turma que ele e nunca lhe ter falado. Tipo, achas que eu falei com metade dos cromos nas minhas aulas de Matemática? Não me parece.

- Sim, já falei com ele. Estamos a trabalhar juntos num projeto para a disciplina.

- Ah... - disse ela, com um ar sabedor. - Aaaaaah... Então já vai *assim*.

- Assim como? - perguntei eu, abandonando à sua sorte o *Malteser* em decomposição para a fitar.

Ela atirou algumas das suas tranças matizadas de preto e azul-real por cima do ombro esquerdo e alisou-as com a mão, torcendo-as de modo a pousarem sobre o ombro direito.

- Tu e ele andam a brincar aos médicos.

- O quê? Não! NÃO. Claro que não!

- *A sério?* Porque não?

- Simplesmente não andamos.

- Bem, a julgar pela forma como aquele homem está a olhar para ti, presumo que lhe estejas a armar uma CR.

Olhei de soslaio para a minha amiga. Não fazia a *MÍNIMA* ideia do que queria dizer com aquilo.

- O que é armar uma CR? - Conhecendo Trina, estávamos prestes a fazer um desvio tão brusco, que a questão original ficaria totalmente esquecida.

- Oh, por favor, como se não soubesses.

- Não sei mesmo. Tens de me dizer o que é uma CR e é já.

- Estás a armar-lhe uma Comédia Romântica. Sabes como é: não sabes que ele existe ou odeia-lo, mas acabam por ter de «trabalhar juntos». Começas a ver um lado diferente dele e decides dar-lhe uma oportunidade. Essa oportunidade leva a que te apaixonas por ele. Tens algumas semanas ou meses de felicidade sentimentaloides e beijoqueira. E então acontece algo importante que o leva a perceber que não sentias por ele o mesmo que ele sentia por ti e separam-se. Passam ambos algum tempo abatidos, e então tens de planear um gesto grandioso para o reconquistar. - Para completar o seu solilóquio, atirou

novamente as tranças por cima do ombro e agarrou no copo de café, bebendo um gole e apercebendo-se demasiado tarde de que, na realidade, tinha pegado no meu copo e tinha a boca cheia de café açucarado com um *Malteser* meio derretido. A sua cara de enjoo foi tão engraçada que quase valia a pena ter de comprar outro café para começar outra vez a derreter *Maltesers*.

- Eu sei o que é uma comédia romântica, obrigada - respondi. Trina continuava a abrir a boca e a pôr a língua de fora, obviamente a tentar livrar-se do sabor. Ela e eu nunca tínhamos discutido o nosso amor mútuo por esse género de filmes e de livros, e não acreditava que ela estivesse a enfiar o tipo do blusão na minha fiel e adorada estrutura. Quanto a mim, era um ato hediondo da sua parte. Apontei vagamente na direção do rapaz. - Ele não é nem nunca será a estrela da minha comédia romântica. Entendido? - Olhei para a sala. - Não consigo ver aqui ninguém que vá fazer parte dela. - Voltei a fitá-la com desagrado enquanto ela bebia água, tentando lavar o sabor. Estava a ser exagerada: o café com sabor a *Maltesers* não era assim *tão* mau. - E se continuas a falar naquele tipo, não vais ser a minha melhor amiga atrevida.

Parando a meio de um gole, Trina baixou lentamente a sua água enquanto se virava na cadeira para me fitar.

- Eu não sou a melhor amiga atrevida de *ninguém*. Sou a protagonista. *Sempre*.

- Bem, eu também sou, por isso...

- Sempre me interroguei sobre o que acontece quando as duas pessoas que são tradicionalmente as personagens

secundárias são amigas. Como lidam com a espinhosa questão de quem fica com o papel de protagonista e quem fica com o de ajudante?

- Fica para a primeira que arranjar um interesse amoroso a longo prazo, imagino - disse eu, encolhendo os ombros e vasculhando os bolsos em busca de trocos. Era muito cuidadosa com o meu dinheiro para café e *Maltesers*. Levava sempre a quantia exata, para não me sentir tentada a gastar demasiado. A minha bolsa e o meu empréstimo de estudante tinham muito por onde se esticar, mas aquelas duas coisas eram o meu luxo diário. Tecnicamente, devia ser Trina a pagar o café, ainda assim. Como se isso fosse acontecer. Dir-me-ia simplesmente que não havia nada de errado com o copo para onde ela tinha basicamente cuspidos. Como se não fosse capaz de deitar fora um copo para onde eu tivesse respirado demasiado de perto.

Enquanto procurava dinheiro, o meu olhar varreu a sala e captou os olhos verdes do rapaz que não tinha parado de olhar para mim. A sua expressão não se alterou quando os nossos olhares encaixaram, presos um ao outro como duas peças cruciais de um *puzzle*.

Não o entendia.

Quando estávamos nas aulas, quando trabalhávamos juntos, falava comigo como com qualquer outra pessoa. Não detetava nada que pudesse sugerir que ele me via de forma diferente dos outros. Era engraçado e inteligente - respondendo sempre às perguntas com a confiança de alguém que fazia as leituras adicionais e mais ainda. Sempre a postos com uma piada ou observação humorística

que poderia ter escapado à maioria das pessoas. Mas quando estávamos noutros cenários, quando eu não estava a interagir diretamente com ele, olhava fixamente para mim. Só para mim.

- Não comeces! - disse Trina, dando-me uma cotovelada e libertando-me do bloqueio de olhares que se tinha apoderado de mim por alguns momentos.

- Como assim?

- Não comeces a olhar também para ele. Acabo literalmente de te dizer: não sou a ajudante de ninguém. Não estás autorizada a envolver-te com ele, nem com qualquer outra pessoa, enquanto eu não arranjar alguém.

- Eu não me vou envolver com ele.

- Pois, engana-me que eu gosto.

Permiti-me outro olhar sorrateiro ao rapaz, que já não estava a olhar fixamente para mim. Estava reclinado na sua cadeira, com um livro numa mão e uma bebida quente na outra. Era quase como se, agora que tinha captado a minha atenção, por mais fugazmente que tivesse sido, pudesse continuar com a sua vida. Agora que sabia que eu sabia que ele estava ali, podia continuar com o seu dia.

Mas então e eu? Como podia eu voltar ao normal, sabendo que, a qualquer segundo, ele podia começar a olhar de novo para mim?

2

8 de agosto de 2022

4.º andar, escritórios da HoneyMay, Brighton

Tarde

Tento equilibrar a minha carteira, a pasta do portátil e um saco de papel castanho com os meus medicamentos para dormir, além do casaco, do chapéu e do desinfetante para as mãos, enquanto encosto o retângulo branco do meu passe, com o meu nome e uma fotografia do meu rosto, ao painel de segurança da HoneyMay.

Preciso de algumas tentativas e se calhar devia simplesmente largar algumas coisas no chão para facilitar o processo, mas não o faço. Tenho o tipo de teimosia que me faz continuar a tentar, a apontar o passe na direção do painel de segurança até... até... até conseguir segurar o cartão suficientemente perto e durante tempo suficiente para fazer o painel apitar e passar de vermelho a verde.

No momento em que apita para me deixar entrar, encosto o ombro à porta de vidro fosco e empurro-a. Geralmente, trabalho a partir de casa, escondida no meu escritório com a minha secretária desarrumada, de janelas abertas e numa cadeira de escritório ergonómica muito cara que me faz doer o cóccix se me sentar nela durante mais de 20 minutos. Mas, nos últimos seis meses, tenho vindo regularmente escrever para os escritórios da HoneyMay, a produtora que há sete anos comprou os meus livros para os adaptar para televisão.

Nos primeiros tempos, quando andava a aprender tudo sobre escrever para televisão, também costumava vir aqui para me encontrar com escritores e editores de guiões mais experientes. Ultimamente, tenho vindo porque não consigo estar em casa. Estou em processo de desmantelamento da minha vida tal como a conheço e tenho de me concentrar. Em casa, está Wallace, e mesmo quando não está, está presente. Nas fotografias, no seu cheiro na roupa de cama, na forma como os móveis estão organizados, na maneira como as luzes estão colocadas. Mudámo-nos para a nossa casa há sete anos, e cada dia foi passado a torná-la nossa. Com tudo o que tenho pela frente, com as coisas que tenho de fazer, preciso de me concentrar no trabalho, e não consigo fazer isso se me puser sentimental e piegas por causa de objetos.

A zona do escritório que me atribuíram para trabalhar é mesmo junto à área principal de trabalho em *open space*. É uma pequena sala de reuniões com quatro secretárias aglomeradas ao meio. O sítio onde geralmente me sento e ligo o portátil tem a janela à direita e a porta à esquerda.

A maioria das pessoas ignora-me ao ver-me passar com os meus pertences nos braços e o passe de segurança pendurado no pulso. Não é que dantes me costumassem cumprimentar como ao Norm de *Cheers*, *Aquele Bar* sempre que eu chegava, mas alguns levantavam ao menos a cabeça e sorriam. Agora, todos fingem não me ver; empalidecem e desviam o olhar se acidentalmente estabelecem contacto visual e não querem, de todo, dizer olá.

Todos me odeiam neste momento. Estou a aprender a aceitar isso.

Largo o meu emaranhado de pertences na secretária ao lado daquela onde me sento e vejo que estão lá um portátil, um carregador de telemóvel e um copo de café reutilizável. Alguém veio trabalhar para aqui enquanto eu estava fora, como é óbvio. Pergunto-me se ficará ou se virá a correr buscar os seus pertences para depois ir embora.

- Oh - diz Gail Brewster, uma das assistentes de produção, ao entrar na sala. - Não me tinha apercebido de que estava de volta. - Está mesmo junto à porta, com um ar tenso e indeciso entre entrar ou simplesmente fugir.

- Sim - replico eu, e baixo a cabeça enquanto começo a organizar os meus pertences e ligo o computador. Quer dizer, é verdade que tenho vindo a dizer a mim mesma que não importa que todos me odeiem, mas, bem, talvez não me sinta tão à vontade com isso como pensava.

- Vou deixá-la em paz, então - diz ela. Começa a recolher os artigos que deixou na minha secretária.

- Boa - murmuro.

- Está tudo bem? - pergunta Gail, enquanto eu me sento à «minha» secretária.

- Tudo ótimo.

- Tem a certeza? Parece...

- Estou bem. A sério, estou bem.

- Se assim o diz... Como vai a reescrita? - Embora sorria ao fazer a pergunta, a sua preocupação evaporou-se tão depressa como gotas de água borrifadas numa frigideira quente. Parece algo que uma colega solidária perguntaria a

outra, mas estamos atrasados e precisam deste guião. Precisavam dele para ontem, mas eu não o terminei. Estou a ter dificuldade em fazer isso.

Estou a ter dificuldade em pôr termo a isto.

Quer dizer, tenho de o fazer, mas não é tão fácil como deveria.

Há sete anos, pouco antes de me casar com Wallace, a minha agente, Antonia, vendeu o meu primeiro romance, *A Detetive dos Bolos*, à HoneyMay. Foi um verdadeiro sonho tornado realidade. Demorei algum tempo a perceber que as coisas raramente eram assim tão simples. Que, apesar de todos os anúncios na imprensa do entretenimento e nas redes sociais, «comprar os direitos» não tinha basicamente nenhum significado. Qualquer pessoa podia comprar os direitos do que quer que fosse se tivesse dinheiro para gastar. Mas isto foi diferente. Foi algo que passou da compra dos direitos e deslizou fácil e deliciosamente para a fase de desenvolvimento, para a luz verde para produção. Para a produção e para aparecer numa rede de *streaming*.

De certo modo, a cada passo do percurso tinha-me distanciado um pouco, perguntando-me quando iria tudo correr mal. Não só tinha chegado aos ecrãs, como as pessoas gostavam o suficiente para continuar a assistir. Tanto que não só tinha sido renovada para uma segunda temporada, como deixara de ser exibida de uma só vez, passando a ser programada para passar em episódios semanais. *A Detetive dos Bolos* era um sucesso porque, pelos vistos, toda a gente adorava uma mulher capaz de fazer bolos e de resolver crimes ao mesmo tempo. Alguns

dos crimes cometidos eram horripelantemente macabros – mas, uma vez que Mira Woode resolvia o mistério enquanto arranjava tempo para fazer pelo menos um doce (qu岸tos mais, melhor), as pessoas pareciam ignorar a natureza verdadeiramente horrível dos homicídios. Na realidade, quanto mais sinistro fosse o homicídio, e mais elaborado o bolo, para equilibrar as sensibilidades, mais as pessoas pareciam adorar.

O que nos trouxe até aqui. Comigo a meio de um divórcio e a desmantelar a minha vida como se estivesse a desmontar andaimes do exterior de um edifício acabado, sendo que parte desse desmantelamento implicava deixar o programa.

Ninguém está feliz.

Ninguém quer que isto acabe.

Assim que entregasse o primeiro romance da *Detetive dos Bolos* para adaptação, deixaria de ter qualquer poder. Podiam fazer o quisessem, exceto quanto às duas cláusulas que eu tinha incluído no contrato:

O papel da protagonista tinha de ser representado por uma mulher negra de pele escura.

Quando eu decidisse que acabava, acabava, e a HoneyMay não podia fazer mais episódios.

Na prática, significava que, quando eu decidisse acabar com a série, a personagem, as histórias e basicamente todo o *franchise* ficavam comigo e eles não podiam produzir

mais nada. Ninguém queria aceitar isso, claro. Ofereceram-me uma quantia colossal para se livrarem dessa cláusula. Não tendo resultado, passaram para o outro extremo do espectro e ameaçaram desistir, mas eu recusei-me a ceder.

Quase conseguia ouvir a equipa da HoneyMay envolvida neste negócio dizer: *«Muito bem! Mas vamos baixar a nossa oferta e é melhor que ela nem pense em tentar negociar por mais quando mudar de ideias mais para a frente»*.

Claro que me incomodava não receber tanto dinheiro quanto poderia, mas interessava-me mais ter uma mulher parecida comigo no ecrã e poder afastar-me de forma correta.

A simpática pergunta de Gail foi, pois, provavelmente proferida por entre dentes cerrados. Atira as ondas do seu cabelo louro-acastanhado para trás, revelando a fila de brincos e pequenas argolas que lhe desce do topo da orelha até ao lóbulo. Tudo em prata. Tudo a assinalar o seu estilo. É da minha idade, daquelas mulheres que vestem calças de ganga, *T-shirt* e camisola com capuz, mas os brincos mostram que tem o seu estilo próprio. Desde que começou a trabalhar aqui, há cerca de seis meses, sempre foi muito simpática para mim, mas, tal como toda a gente, é provável que só esteja a ser amável porque, por enquanto, temos de continuar a trabalhar juntas.

- A reescrita vai bem - respondo. - Estou quase a acabar a última versão dos penúltimos episódios e depois passo para o episódio final.

- Ótimo, obrigada. - Por um momento, deixa cair a máscara e aquelas duas palavras saem-lhe forçadas, espremidas qual pasta de dentes de um tubo quase vazio. Toda a gente fica assim quando se fala em episódios finais.

Em circunstâncias normais, importar-me-ia, consumir-me-ia que alguém não gostasse de mim ou estivesse irritado comigo ou possivelmente aborrecido, mas, neste momento, não me interessa.

Não mereço amigos, não mereço sequer que as pessoas sejam simpáticas para mim. Mereço... tudo o que aí vem, penso eu. Cada coisinha, por mais pequena que seja.

- Vou deixá-la tratar disso, então - diz Gail, antes de se dirigir à porta com as suas coisas nas mãos. - Se precisar de alguma coisa, diga.

- Assim farei.

Fecha a porta branca atrás de si e eu relaxo fisicamente, agora que estou sozinha. Em vez de deixar que os meus dedos se movimentem sobre o teclado para fazer este trabalho, deixo-os cair no colo. De certa forma, não parece suficiente, preciso de desanuvlar um pouco mais. Baixo a cabeça para a mesa e apoio a cara na secretária, enquanto os meus olhos fitam o exterior. Desta posição, no alto de um edifício em Brighton, dá para ter as vistas mais belas, os mais incríveis panoramas.

O que eu não daria para ser uma das nuvens que pendem sobre a cidade, parte do ar que circula, qualquer coisa, menos ser Cleo Forsum neste momento. Qualquer coisa.

Horsforth, 1996

- Cleo, tenho um problema - afirmou Heath.

Heath, o rapaz que me olhava fixamente, estava comigo num pequeno espaço junto à área principal do primeiro andar da biblioteca, a trabalhar no nosso projeto para o módulo de Filosofia da Ciência do nosso curso de Psicologia. Era uma espécie de nicho, mas com uma porta que podia ser corrida para o transformar numa pequena e acolhedora sala com uma mesa e duas cadeiras. Tínhamos a porta aberta, mas parecia na mesma que estávamos ali encasulados, acarinhados e abraçados pelo cheiro a livros e pela atmosfera reverente do saber. As bibliotecas sempre tinham sido o meu lugar de eleição, um sítio para visitar e desaparecer; para fugir e simplesmente «ser».

Já estávamos ali há algum tempo e tínhamos vindo a fazer bons progressos, mas subitamente ele fez aquela afirmação - mais uma declaração discreta, na verdade - e eu tive a certeza de que não era o tipo de problema com que quisesse lidar. Humedeci os lábios e respondi:

- Se o teu problema é algo na linha de «Como vamos condensar toda esta informação essencial numa apresentação de cinco minutos?», partilho da tua dor. Se é outra coisa, não creio que tenha nada que ver comigo.

Desde que Trina tinha iniciado aquela conversa da «Comédia Romântica», todas as interações com Heath tinham passado a ser um problema. Se fosse cordial com ele, temia estar a avançar para a fase «fazer olhinhos, prestes a desatar aos beijos» da cronologia das comédias românticas. Se fosse brusca ou seca, sentia, de forma

bastante aguda e em todas as minhas células, que estava apenas a prolongar a fase «inimigos a amantes» da história. Se tentasse ser indiferente, era exatamente isso que parecia – que estava a tentar demasiado. Basicamente, Trina tinha-se conseguido infiltrar de forma bastante hábil na minha cabeça, armar confusão e arruinar quaisquer hipóteses de eu e aquele tipo termos algo que se assemelhasse sequer a uma amizade.

Quer dizer, ouvi a maneira como aquelas palavras me saíam simplesmente da boca, e não era propriamente agradável. Gostava de pensar em mim mesma como uma pessoa simpática, capaz de conviver com a maioria das pessoas, por mais detestáveis que fossem, mas estava constantemente nervosa quando ele estava por perto. Se ao menos pudesse parar de olhar fixamente para mim, já seria uma ajuda.

– Penso que tem um pouco que ver com a apresentação e com a filosofia da ciência – respondeu Heath. – E a modos que não.

Olhei para os livros e cadernos à nossa frente, para os apontamentos que ambos tínhamos tomado, para as partes sublinhadas e marcadas com notas adesivas. Não sabia bem se devia falar ou se era melhor esperar que ele desenvolvesse.

– É o tipo de «não» que se relaciona com a filosofia da ciência porque está e não está relacionado com a filosofia da ciência, o que invoca a filosofia quântica das coisas simultaneamente existentes e inexistentes, cuja existência

é difícil de provar. Um pouco como tentar provar que a mente existe enquanto conceito separado do cérebro físico.

Fechei os olhos com força. Frustração. Desespero. Absoluta frustração. Trina tinha mesmo conseguido entrar na minha cabeça, não tinha? Até às profundezas, para lá das camadas racionais, dos locais que controlam as nossas ações, até às regiões irracionais, onde os pequenos pensamentos se enraízam e começam a crescer – começam a crescer de formas muito, muito estúpidas.

Geralmente, estar numa biblioteca, com os livros e a atmosfera que criavam, funcionava como escudo para me proteger dos excessos de estar perto de outras pessoas. Absorvia os disparates e fazia com que eu não me importasse tanto se se lançassem em tiradas aleatórias que não tinham nada que ver comigo. Mas não com aquele tipo, pelos vistos. Ele era imune aos poderes de absorção dos livros.

– Estás a falar de quê? – perguntei, de olhos ainda fechados, esforçando-me por não gritar com ele.

– Acho... não, não... *sei* que estou apaixonado por ti.

Surpreendida, abri bruscamente os olhos, virando-os depois lentamente na sua direção, para o fitar antes de regressar de novo ao centro, para olhar para as notas e detritos de saber à nossa frente. As teorias da ciência aplicavam-se ao estudo da mente – perceber se a forma como estudávamos o mundo físico podia ser aproveitada e mobilizada para estudar o que se passa no espaço metafísico associado ao cérebro. Era isso que estávamos a fazer, era por isso que eu estava ali sentada.

- Vou ser sincera contigo, Heath. Não sei bem o que é suposto responder, por isso, vou fingir que não disseste nada.

- Aí está o meu problema. Ou problemas, porque os meus problemas são dois. Primeiro, tenho a máxima certeza de que não estás sequer remotamente interessada em mim. Segundo, não sei bem se quero sentir isto. Sempre fui levado a acreditar que o amor era algo agradável, algo que as pessoas procuram. Isto... não é agradável. Não é... algo que queira sentir. Muito pelo contrário. Isto... *estas* emoções são muito indesejadas.

- Falas sempre como um robô? - perguntei, coloquialmente. Se Trina o ouvisse, saberia por que razão, apesar das suas manipulações mentais, nada poderia acontecer com aquele tipo.

- Não. Sei de fonte segura que falo mais como um vulcano.

Essa fez-me rir involuntariamente.

- Está bem, palmas pela referência ao *Star Trek*, mas tenho de perguntar: com a maneira como falas e assim, não foste importunado na escola?

Ele invocou o fantasma de um sorriso, aparentemente divertido com a pergunta.

- Não, na verdade, não fui. - Abanou rapidamente a cabeça. - Davam-me uma tarefa de morte praticamente todos os dias, mas não fui propriamente «importunado».

Surpreendida e horrorizada, virei-me na cadeira para o fitar. Ele correspondeu-me com um rosto aberto.

- Pela tua reação, deduzo que não estavas à espera desta resposta - observou ele, baixinho, com um ar subitamente inseguro em relação à forma como me tinha dito que tinha sido agredido quase diariamente.

Abanei a cabeça. Não estava mesmo à espera daquela resposta.

- Oh. Será que devia ter disfarçado? Pensei simplesmente... És uma pessoa muito frontal, por isso presumi que preferisses que eu fosse direto em relação a esses assuntos.

Uma vaga de tristeza quase me submergiu ao colidir comigo e atravessar-me. Havia uma aceitação tão serena na sua voz, como se fosse algo normal. Era estranho e sabia-o - e tinha sofrido por isso. Como eu era estranha, e sabia-o, mas tinha escapado a esse tipo de sofrimento.

- Lamento que tenhas passado por isso - sussurrei, ainda que as palavras parecessem insignificantes em comparação com o que tentavam compensar.

- Obrigado, agradeço que o digas.

Mergulhámos num silêncio desconfortável, comigo a olhar fixamente para o trabalho à nossa frente, sem lermos as páginas abertas, sem pegarmos nas nossas canetas para tirar apontamentos, sem acrescentarmos nada aos cartões de memorização, apenas a olhar para o nosso trabalho, perguntando-nos como seguir em frente a partir dali.

Fizemo-lo com uma pergunta dele:

- E quanto ao meu problema?

Sim. Quanto ao seu problema. O que ia eu fazer em relação ao seu problema, que estava nitidamente a tornar-

se parcialmente meu, agora que ele tinha ido além dos meros olhares fixos e se tinha aberto?

- Sabes, Heath, quando andava no quinto ano, havia um rapaz muito pateta, um bocadinho estranho. Nada de muito esquisito, era só um pouco excêntrico, como toda a gente, na verdade. Mesmo assim, estavam sempre a meter-se com ele, e às vezes batiam-lhe. Sinceramente, era muito triste, porque parecia bastante simpático. Penso que sobressaía porque não parecia esconder a sua estranheza, ou sequer tentar fazê-lo, ou sequer pensar que precisava de o fazer.

- O que tem isso que ver com o meu problema?

- Espera. Não sejas tão impaciente. Este rapaz do quinto ano queria ser meu amigo...

- Só teu amigo?

- Queres parar de me interromper?! Nunca mais chego ao fim da história se continuares a fazê-lo. Sim, só meu amigo. Bem, de início. Porque sou um bocadinho ingénua? Não, não é essa a palavra certa. Sou um pouco despistada. Todas as minhas amigas me perguntavam: «Vais mesmo sair com ele?» E eu respondia: «Porque não? Parece inofensivo.» Quando digo «sair», quero dizer que, literalmente, costumávamos conversar na paragem de autocarro. Era o único que fazia o mesmo percurso de autocarro que eu, por isso falávamos enquanto íamos a caminho da paragem, falávamos enquanto esperávamos pelo autocarro e depois nem sequer nos sentávamos ao lado um do outro. Então, sem eu estar à espera, perguntou-me se eu queria ir ao cinema com ele num fim de semana. E ali estava eu, encurralada.

- Porque não gostavas dele?

Lancei um olhar fulminante a Heath, até que ele murmurou:

- Desculpa.

- E ali estava eu, encurralada, porque não gostava dele. Além disso, mesmo que *gostasse*, como ia explicar aos meus pais africanos que ia sair com um rapaz? Sim, podia ter montado um esquema para me escapulir, mas isso já me parecia uma grande trabalhadeira. Por isso, escolhi a segunda melhor opção.

Heath olhou fixamente para mim.

Eu olhei fixamente para ele.

Ele olhou para mim.

Eu olhei para ele.

- Oh, por amor da santa! - explodi eu, quando os olhares fixos já duravam há quase um minuto. - É agora que decides parar de interromper?

- Qual era a segunda melhor opção?

- Arranjei-lhe outra namorada. Ou melhor, arranjei-lhe uma namorada a sério, porque eu não era namorada dele, de maneira nenhuma.

- O que estás a dizer, então, é que me vais arranjar outra namorada que não tu?

- Bem, eu não sou tua namorada, mas acho que se conhecesses alguém que se sentisse atraído por ti...

- Não te queria a ti?

- Se quiseses pôr as coisas dessa forma.

- Mas tu pareces ser uma pessoa simpática e tolerante, e mesmo assim achas-me estranho, por isso tenho a certeza

de que a maioria das pessoas irá achar-me demasiado esquisito. Diz-me, por favor: como vais tu arranjar-me alguém que pense sequer na hipótese de ser minha namorada?

- Ah, tu não és estranho. - Obviamente, não consegui olhar para ele enquanto dizia isso. - Não és assim *tão* estranho, vá.

- Como vais tu fazer com que eu deixe de ser demasiado estranho para encontrar alguém que se possa interessar por mim?

- Vou mudar-te o visual, claro! - respondi, alegremente.

Ele recuou, horrorizado com a ideia.

- Não me parece que essa seja uma linha de ação que devêssemos estar a ponderar neste momento.

- Nada de drástico, só um corte de cabelo, alguns tratamentos, umas mudanças de roupa...

- Qual é o mal da minha roupa?

- Tudo. Esse blusão... - Abanei a cabeça, sem me dar ao trabalho de esconder o desagrado. - Esse blusão... Heath, estamos em 1996, ninguém que não viva em Nashville veste blusões de camurça... com borlas. Odeio ter de te dizer isto assim, mas vá lá, companheiro, até os habitantes de Vulcano devem saber que está na altura de encostar o blusão.

Heath olhou fixamente para mim e, por instantes, pensei que ia dizer mais alguma coisa, protestar, mas em vez disso suspirou.

- Achas que é melhor que me transforme por completo para me tornar aceitável para o sexo oposto? Não têm as

peçoas defendido desde o início dos tempos que devemos ser nós mesmos?

- Sim. E estou completamente de acordo com essa mensagem, por isso é que uso um cinto com fivela em forma de caveira com umas calças de ganga púrpura tão rasgadas que a minha mãe teria um colapso nervoso se as visse, mas não acho que esse seja o teu verdadeiro eu. Acho que o teu verdadeiro eu ainda não encontrou expressão, por isso deixares que eu te aperalte vai fazer maravilhas pela tua confiança. - Bati palmas de alegria. - Mal posso esperar para te aprimorar. Vai ser como no *Pretty Woman: Um Sonho de Mulher...* sem a parte da prostituição, claro.

- Acreditas mesmo que me podes tornar irresistível para as mulheres?

- Hã... não foi isso que eu disse. Não nos precipitemos. Vamos só tornar-te um pouco mais desejável, em termos de aspeto, o que ajudará as peçoas a conhecerem o teu verdadeiro eu.

Estranhamente, ele não disse nada. Talvez o tivesse perturbado com a ideia de que tinha de mudar. Talvez gostasse daquele seu blusão com ar triste e maltratado, talvez lhe tivesse sido deixado por um tio ou tia favoritos e ele andasse a poupar para comprar umas botas de *cowboy* e um chapéu a condizer. Talvez eu tivesse ofendido de morte o pobre Heath Sawyer e aquele fosse o momento em que tudo corria mal e, em vez de se limitar a olhar para mim, começava a odiar-me ativamente.

- Hã... - comecei eu, apressando-me a tentar reduzir os estragos. - Sabes que não tens de fazer nada disto, não sabes? Podes continuar tal como és, porque estás ótimo assim. Não tens de fazer nada.

- Eu sei que não tenho, mas quero. Quero fazer tudo o que puder para ser digno.

- Digno? Não, não. Sinceramente, isto não tem nada que ver com mudar quem tu és para poderes estar à altura de algum padrão impossível. É simplesmente aperaltar-te, tirar o máximo partido do que o Senhor te deu.

- Quero ser digno de ti.

- Mais uma vez, tu és digno, mas tu e eu não somos opção.

- Não está mesmo em aberto?

- Sabia que não me estavas a ouvir quando estava a falar há bocado. Se queres uma namorada, vais ter de aprender a ouvir.

- Eu estava a ouvir. Estou apenas a confirmar que ajudares-me a fazer estas mudanças não irá facilitar o desenvolvimento de uma relação ou ligação contigo.

- Tens razão, não irá facilitar nenhum contacto desse género entre nós. A missão é encontrar alguém adequado. Alguém mais apropriado para ti.

- Mais apropriado para mim... mais apropriado para mim - repetiu ele, como que a refletir na questão. - Penso que, à falta de melhor, lá terá de ser.

3

8 de agosto de 2022

4.º andar, escritórios da HoneyMay, Brighton

Início da noite

Gail espreita pela porta quando o mundo lá fora começa a escurecer e as pessoas pensam em ir para casa. Fiz bons progressos, mas ainda tenho tanta coisa para fazer. Tanta. É uma daquelas situações de «tanto para fazer» em que me apetece atirar o computador pela janela, enfiar-me na cama e chorar enquanto afogo *Maltesers* em café com açúcar.

- Estamos todos de saída. Vem? - pergunta ela, de novo em modo simpático.

Atrás dela, no *open space* junto à sala onde trabalho, Clarissa, a assistente, e Amy, a editora de guiões mais nova, estão à espreita, com os casacos vestidos e as bolsas na mão. Desconfio que não lhes pagam o suficiente para me odiarem como deve ser, têm apenas de trabalhar no ambiente negativo gerado pela minha decisão de pôr termo a um programa de sucesso.

- Sou capaz de ficar...

- Ora bem, quando perguntei se vinha, o que queria dizer era «venha, vamos embora». Não é bom ficar por aqui quando todos os outros já saíram. Isto é super sinistro.

- Sim, venha, vá buscar o seu casaco, vamos sair - acrescenta Amy, com um forte sotaque do Sul de Londres.

- Como posso resistir? - respondo, e ponho o meu trabalho a guardar no computador enquanto arrumo a

minha área de trabalho. Sou desorganizada – em muitos dos sentidos dessa palavra –, por isso certifico-me de que guardo o meu inalador e o desinfetante para as mãos no saco. Enfio o chapéu preto na cabeça e visto o casaco preto. Quando o portátil anuncia que guardou em segurança tudo o que eu fiz durante a tarde, fecho-o na pasta preta antes de começar a enfiar tudo o resto – cadernos, canetas, notas adesivas, pastilhas para o hálito, cartões, comprimidos para dormir, passe de segurança, marcadores, chaves e os meus brincos – na minha bolsa principal. A certa altura, demoro tanto tempo que primeiro Gail e depois Amy vêm em meu auxílio. Ajudam-me a reunir os meus pertences como se eu fosse incapaz de o fazer sozinha.

Ao sairmos do edifício, fazem conversa de circunstância sobre uma ida ao bar no fim de semana seguinte, e, à sua maneira, todas tentam incluir-me nessa conversa – sugerindo locais onde poderão ir e perguntando se me agradam e se me poderia sentir tentada a apanhar um comboio para Londres à noite, uma vez que Gail e Amy vivem lá e fazem todos os dias a viagem para Brighton. Clarissa defende a ideia de irmos a um restaurante, para podermos comer enquanto bebemos, e diz que nós, que vivemos em Brighton, seremos capazes de encontrar um sítio simpático, mas também amigo da carteira. Todas sabemos que não me vou juntar a elas, que não sou uma delas a nenhum nível, mas sinto-me grata por tentarem. Reduz a agudeza da desolação de acabar com o meu casamento, e deixar o meu emprego, e saber que em breve terei também de me mudar.

Separamo-nos depois de subirmos os longos e íngremes degraus de pedra atrás da estação de Brighton e de passarmos pela nova praça de táxis (que já não é assim tão nova, mas sê-lo-á sempre no meu pensamento), percorrendo o passeio paralelo às plataformas até chegarmos ao átrio. Gail e Amy apanham comboios para as suas respetivas zonas de Londres e Clarissa desce em direção à beira-mar. Eu fico junto à grandiosa entrada da estação de Brighton a sentir-me encantada com a beleza de mais um dia que termina, tornando-se tão rico e escuro e cravejado das luzes semelhantes a joias de lojas, carros e candeeiros de rua. Fico também ali, com as pessoas a chocarem comigo enquanto seguem apressadamente com as suas vidas, sabendo que não *mereço* que alguém seja simpático para mim, mas grata, de qualquer forma.

Centro de Leeds, 1996

Heath e eu encontrámo-nos junto à estação de autocarros no centro de Leeds numa tarde de sábado de outubro.

Felizmente, ele tinha precisado de ir à cidade um pouco mais cedo, caso contrário, poderíamos ter tido de apanhar o autocarro juntos – o que teriam sido 30 minutos de desconforto que eu dispensava.

– Onde queres ir? – perguntou ele. Acenou com o braço em redor, tentando abranger toda a extensão de Leeds. – Temos uma cidade inteira cheia de roupas que me irão

transformar numa forma de vida adequada e, atrevo-me a dizer, desejável.

Forma de vida desejável. Pelo canto do olho, lancei-lhe um olhar gelado e franzi o sobrolho, pensativa. *Onde vai ele buscar estas coisas? Quem é esta pessoa?* Ele não reparou – não parecia estar atento à minha reação às coisas que ele dizia.

– Vamos aos mercados – sugeri. – Conseguimos arranjar coisas decentes a bom preço.

– Parece perfeito. – Optei por deixar essa passar sem um olhar de soslaio.

Vivia em Leeds há pouco tempo, mas conhecia bem as ruas de tanto caminhar. Quando Trina, a única pessoa a quem chamaria uma verdadeira amiga nessa fase, estava fora nas suas atividades extracurriculares, apanhava o autocarro para a cidade e caminhava. Subia e descia ruas e estradas secundárias, vendo lojas e grandes armazéns, tesouros de artigos em segunda mão e restaurantes recônditos. Via onde ficavam os cafés, os *take-aways*, as lojas de eletrónica. Tomava nota das zonas que eram demasiado duvidosas para eu me aproximar. Tinha também descoberto a linha de autocarro mais rápida entre o centro da cidade e Chapeltown, onde podia comprar as minhas revistas e jornais e produtos de cabeleireiro para negros. Embrenhava-me na cidade caminhando pelas ruas e desenterrando os segredos que geralmente se descobriam ao viver num local durante muito tempo.

Heath seguiu-me enquanto eu nos guiava pelo curto percurso até aos mercados. Passámos pelo rotundo Corn

Exchange, atravessámos a estrada de duas faixas e juntámo-nos aos grupos de pessoas que se movimentavam como cardumes em direção à grande entrada de vidro sobre a qual estavam escritas as palavras LEEDS CITY MARKETS.

Assim que atravessámos as portas, senti a atmosfera mudar, quase como quando se sai de um aeroporto num país diferente – o ar muda, a pressão muda, o nosso corpo sente aquele novo lugar de tantas formas viscerais. Sentia-me como se tivesse entrado num microcosmo, num planeta contido naquele edifício histórico. O teto de vidro era raiado por intrincadas peças em ferro, as paredes por cima das bancas tinham moldes em alvenaria branca e belas cornijas em ferro preto, criando o efeito de um palácio largado mesmo no centro de uma cidade movimentada.

Heath e eu abrimos caminho por entre as bancas talvez demasiado próximas, todas a transbordar de mercadorias. As pessoas a conversar, convivendo alegremente, as cores vivas das altas pilhas de fruta, vegetais, doces, tecidos, os aromas da comida, do peixe, da carne, dos perfumes – tudo criava um pano de fundo vibrante e reconfortante.

– Estava a pensar num visual tipo Zack do *Já Tocou* para ti – disse eu a Heath, por cima dos sons do mercado. – Já tens o cabelo louro e o ar inocente, só temos de juntar umas calças de ganga, uma *T-shirt* branca e uma camisa de flanela aos quadrados. Mais meia dúzia de outras camisas. Um bom blusão... de cabedal preto, ou então um daqueles com mangas brancas e uma letra na frente.

- Não faço ideia de quem é o Zack desse já não sei quê que disseste.

Parei de andar e fi-lo parar também.

- Não fazes o quê? Nunca ouviste falar no *Já Tocou*?

- Lamento profundamente, mas não.

Tendo parado tão bruscamente, tornei-me uma obstrução na via que estávamos a percorrer, e a pessoa atrás de mim, nitidamente sem tempo para me pedir que me afastasse, limitou-se a empurrar-me para o lado, projetando-me contra o corpo de Heath. Instintivamente, as suas mãos estenderam-se para me agarrar e ficámos assim durante um segundo ou dois, ele a segurar-me e eu cheia de vergonha. Extremamente embaraçada, afastei-me e comecei de novo a andar rapidamente, tentando deixar aquele momento o mais para trás possível.

- Não acredito que nunca ouviste falar no *Já Tocou* - disse, começando novamente a falar alto, numa tentativa de abafar o embaraço que ainda grassava na minha cabeça, sem verificar se ele me acompanhava. - Uau, tens vivido numa gruta ou algo do género? Como podes não conhecer o *Já Tocou*? Seu herege!

- Não, é Heath.

- O quê? - perguntei eu, virando-me na sua direção.

- Chamaste-me herege, mas o meu nome é Heath. Só acertaste nas duas primeiras letras.

- Referia-me a...

Ele sorriu, deixando-me um pouco sem fôlego com o gesto, pois nunca o tinha visto sorrir assim. Os seus olhos

dançavam, as suas covinhas aprofundavam-se e parecia estar a olhar diretamente para a minha alma.

- Não acredito que caí nessa - disse eu, e continuei a andar.

- Também não acredito que caíste - replicou ele, rindo-se e mantendo o ritmo. - Lamento desiludir-te tanto em relação a esse programa.

Chegámos à primeira banca circular de roupas, gerida por um homem com umas espessas sobrancelhas castanhas cujo pescoço se parecia fundir com a cabeça e os ombros sem qualquer demarcação clara. As roupas de homem - *T-shirts* de bandas, *T-shirts* brancas, camisas normais, casacos de ganga, casacos de cabedal e todo o tipo de calças de ganga - pendiam de cabides ao longo de todo o perímetro da banca.

- Presumo que seja aqui que a transformação vai ter lugar... - observou Heath.

- O início. Ora bem, gostas de alguma destas *T-shirts*?

- Não sou propriamente fã de Motorhead ou de *heavy metal*.

- Tal como eu suspeitava, vais dar um bom Zack.

- Do *Agora Toca*?

- *Já Tocou*, mas é parecido.

Escolhemos *T-shirts* brancas e umas camisas de flanela em azul e verde - vermelho teria sido excessivo numa fase tão precoce. Duas calças de ganga - pretas e azuis - e o importantíssimo blusão. Eu queria optar por um blusão cinzento com mangas beges e uma grande letra Y, mas vi que Heath tentava - sem sucesso - conter a sua repulsa,

por isso escolhi antes um casaco de cabedal preto. Ficava-lhe bem por cima das roupas habituais. Melhor do que eu julgara possível, na verdade. Acenei-lhe em jeito de aprovação. Ele abriu os braços e deu uma volta lenta para eu o poder ver bem.

- Gostas? - perguntou, quando ficámos frente a frente.

- Gosto. Do casaco - acrescentei rapidamente. - Gosto do casaco.

Heath esboçou-me um sorriso sardónico enquanto interrompia o contacto visual e tirava o casaco. Apercebi-me de que nos estávamos a divertir demasiado. Com tanta diversão, tínhamo-nos inadvertidamente esquecido de qual era o objetivo de tudo aquilo - arranjar-lhe uma namorada que não fosse eu.

Para com isso, disse severamente a mim mesma. Não comeces a pensar que a Trina pode ter razão em relação a vocês os dois, porque, vamos lá ver, não és propriamente capaz de sentir algo por alguém, não é verdade? Não fazes propriamente ideia do que é o amor ou algo que se lhe assemelhe, certo?

Tínhamos estado em quase todas as bancas de vestuário do mercado, a juntar sacos de roupa para ele - obviamente, mantive-me bem longe quando ele encontrou uma banca de meias e roupa interior -, e agora estávamos carregados com um novo guarda-roupa.

- O truque para manter estas roupas em bom estado é lavá-las com cuidado - disse eu a Heath enquanto nos dirigíamos à saída, com quase uma dúzia de sacos cheios. Começara a ser um pouco mais fria, um pouco mais

distante, pois não queria que nenhum de nós se esquecesse do que estávamos a fazer e porquê. – Duram mais tempo se as lavares à temperatura certa, as sacudires enquanto estão molhadas e as pendurares a secar.

– Não me tinha apercebido de que ia receber lições de vida além de comprar um novo guarda-roupa.

O seu sotaque e a sua fraseologia estavam a rebentar com a escala. O mais estranho era que aquela não era a sua forma natural de falar. Tinha-o ouvido falar nas aulas, na cantina, na sala comum, às vezes até quando estava a falar comigo – e não era palavroso e quase dolorosamente «respeitável». Qualquer dia ia ter de lhe falar nisso.

– As lições de vida estão sempre incluídas – disse eu, ao sairmos para o passeio.

– E quanto a lições de lavagem? Estão incluídas? Podes ir à minha residência e mostrar-me o que fazer?

– Fazê-lo *por ti*, queres tu dizer? Não me parece.

– Tinha de tentar – disse ele, a rir.

Ao chegarmos à paragem de autocarro, entreguei-lhe os sacos.

– Vou ter com a Trina e com mais algumas amigas para irmos ao cinema, por isso vemo-nos por aí, penso eu...

– Não vais mesmo acompanhar-me ao barbeiro para o meu corte de cabelo? – perguntou ele, esperançoso.

– Não preciso de passar por isso. Limita-te a cortá-lo curto e a deixar a parte da frente comprida, para conseguires o efeito Zack. Não me consigo lembrar do apelido dele. Uf, ainda no ano passado vi a série, mas todo este estudo apagou peças vitais de informação. É uma

fantochada, sabes? A preparação para os exames substituiu coisas importantes. Quer dizer, e se eu for parar ao *Quem Quer Ser Milionário* e «Qual é o apelido do Zack de *Já Tocou*» for a pergunta decisiva? Consegues imaginar o desgosto?

- Compreendo a tua preocupação ante uma situação muito provável. É por isso que sugiro que desistas da universidade, te voltes a familiarizar com o *Já me Tocas* e tudo ficará bem no mundo.

- Oh, era bom, não era? - repliquei eu, lançando-lhe um olhar intenso. - É óbvio que tens problemas por eu ser a melhor no nosso departamento de Psicologia, por isso preferias que eu fosse embora para me concentrar nos assuntos importantes, não é verdade?

Ele riu-se, semicerrando os olhos e franzindo o rosto.

- Sim, apanhaste-me. Estou mesmo a tentar ser o melhor da turma.

- Ainda bem que admites. - Ri-me também. - De qualquer modo, há alguns barbeiros na Headrow, e acho que um cabeleireiro também. Alguém tratará de ti.

- Obrigado - disse ele de forma sentida, parecendo genuinamente comovido. - Estou-te realmente grato.

- Vemo-nos por aí - despedi-me eu, e comecei a afastar-me. Parei e virei-me para trás. - E já agora: é *Já Tocou*, não *Já me Tocas*.

- Vou lembrar-me disso! - gritou ele atrás de mim. E eu soube, mesmo sem olhar para trás desta vez, que ele ia ficar a ver-me partir até eu desaparecer de vista.

4

8 de agosto de 2022

Casa de Cleo e Wallace, fronteira Hove-Brighton

Início da noite

Devolver as chaves ao bolso. É a primeira coisa que faço ao fechar a porta da frente. Portátil no banco de madeira, chapéu na chapeleira, máscara no pequeno cesto de vime para lavar, casaco no bengaleiro, sapatos na sapateira. Não sei bem quando foi que a minha vida se tornou numa sucessão de caixas, mas é essa a sensação de regressar a casa.

- Olá? - chamo enquanto executo a rotina. - Olá?

Ao fundo do nosso longo corredor de azulejo, aparece uma cabeça. Tenho de parar para avaliar aquele rosto: cabeça rapada, pele castanho-escura, grandes olhos negros, pestanas compridas, uns lábios grossos e beijáveis... e, à primeira vista, continuo a não conseguir ter a certeza. Quer dizer, pode ser o meu marido ou pode ser o irmão gémeo. A esta distância, sem os óculos, não consigo ver a cicatriz da varicela junto à linha do cabelo do lado esquerdo da sua testa, que é geralmente a pista para saber se estou a falar com Wallace ou com o irmão.

- Olá - diz ele, sem emoção. Wallace.

Sei que teve de fazer um esforço enorme para evitar que qualquer tipo de sentimento lhe transparecesse na voz. É uma pessoa emotiva - sempre foi, desde que o conheço. Mas desde que a mulher dele decidiu pedir o divórcio, tem

tentado ser menos expressivo, até, presumo eu, entender o que se passa.

- Olá - respondo. - Como estás?

O seu rosto contrai-se por um segundo, como se quisesse gritar comigo: *Como raio achas tu que eu estou?*

- Acabei de fazer o jantar, se quiseres - replica, esquivando-se à minha pergunta.

Não quero jantar. Tudo o que como ultimamente, quando como, sabe a nada. As minhas papilas gustativas ficaram embotadas e há um rochedo maciço e inamovível plantado na parte de trás da minha garganta. Tenho de engolir várias vezes para conseguir fazer com que a água ou a saliva passem e cada pedaço de comida me faz sentir como se estivesse a enfiar uma bola de *bowling* por um ralo. E eu adoro comida. Adoro comer e beber, e adoro principalmente a comida de Wallace. Põe tanto amor em cada prato - usa os melhores ingredientes, demora o seu tempo e o resultado é sempre do outro mundo. Antes de Wallace, quando as pessoas falavam nas linguagens do amor, eu interrogava-me se não tinham nada melhor para fazer. Até que conheci um homem que sabia cozinhar, que parecia dizer-me o que sentia preparando elaboradas refeições, e também eu me tornei alguém sem nada melhor para fazer.

- Desde quando lhe chamas jantar? - gracejo. - Pensava que era pequeno-almoço, jantar e ceia...¹

- Bem, é óbvio que me mexeste com o cérebro. Queria dizer ceia, claro.

- Não, não acredito nisso! Entendeste finalmente que é pequeno-almoço, almoço e jantar.

- A sério? O que chamavas às senhoras que te serviam a refeição do meio-dia na escola, então?

- Bem, senhoras do jan...

- Desculpa, o que disseste? - pergunta Wallace, de sobrelhas arqueadas e com um grande sorriso no rosto.

Pigarreio, desconfortável.

Esperando que eu responda, Wallace dirige-se à parte do corredor onde eu ainda consigo vê-lo, mantendo-se, porém, a uma boa distância.

- Sabes que mais? Ainda não lavei as mãos.

- Vá lá, não te armes em difícil, Cleo, o que chamavas às senhoras que te serviam a refeição do meio-dia na escola?

Reviro os olhos e tento não sorrir, não lhe esboçar um grande sorriso.

- Não me lembro.

- Queres que te refresque a memória? - pergunta ele, chegando-se um pouco mais. - Visto que te esqueceste...

- Se fazes questão - respondo. Não consigo olhar para ele. Às vezes, é como o Sol, demasiado luminoso e, em última instância, perigoso, se o fitar durante demasiado tempo. Sobretudo porque me fará querer mergulhar nele e jamais partir. Mergulhar nele e esquecer o porquê de tudo isto.

- Senhoras do jantar - diz ele, com um ligeiro sorriso triunfante.

- Está bem - admito. - Chamávamos-lhe senhoras do jantar.

- E o que significa isso, então, relativamente à refeição que serviam?

- Que se chama almoço e elas estavam confusas em relação à hora a que deviam fazer o seu trabalho?

Sorri novamente e uma sensação estranha invade-me os joelhos enquanto o meu estômago dá uma volta. Tenho a certeza de que uma mulher da minha idade e com a minha experiência não devia sentir esse tipo de coisas. Devia ser estoica e impassível perante os sorrisos do homem de quem se vai divorciar.

- Isso é mau perder, menina Cleo?

- Não - respondo bruscamente, tentando controlar a situação. Lembrar-nos a ambos de que já não somos essas pessoas. - Não, é uma mulher que precisa de lavar as mãos e de mudar de roupa.

O sorriso mantém-se enquanto atravesso o corredor com as pernas trémulas e me dirijo à casa de banho debaixo das escadas. Fecho a porta à chave e demoro algum tempo a molhar as mãos, ensaboá-las e enxaguá-las, limpando-as depois à toalha pendurada no aro de metal. Lembro-me de quando instalámos esse toalheiro, de como nos pareceu tão importante termos esta grande casa só para nós, fazermos os nossos trabalhos de bricolagem. Deixá-lo usar o meu berbequim para fazer buracos na parede e pendurar o círculo cromado.

Agora, parece tudo tão... trivial. Inútil. E fui eu que fiz isso. Tornei a nossa vida a dois inútil. Não consigo olhar para o espelho enquanto lavo as mãos. Não consigo olhar

durante muito tempo para nenhuma superfície refletora, pois aí verei quem sou.

Não quero ver a verdade refletida diante de mim.

Wallace está à porta da casa de banho, encostado à parede, de braços cruzados sobre o peito. Há tantas coisas que lhe quero dizer, tantas palavras que sei que explicariam tudo e afastariam a perturbação que define a nossa relação. Mas não posso dizer nenhuma. Não posso extirpar nem mitigar nenhuma desta agonia. Agora, não. Ainda não.

Abro a boca para dizer algo, sabendo que as palavras certas encontrarão o seu lugar na minha garganta, na minha língua e depois na minha boca. Talvez num regresso à nossa brincadeira anterior, talvez para perguntar o que é o jantar, talvez para saber como correu o seu dia, uma vez que ainda não me respondeu. Nada. Não sei nada, apesar de estar ali de boca aberta, pronta e ansiosa por dizer algo que o meu cérebro não me forneceu. Fecho a boca, sentindo-me bastante disparatada. Wallace parece perceber que há algo que eu quero dizer, mas não posso, e decide reduzir o fosso entre nós. Está mesmo à minha frente, demasiado perto para eu fazer seja o que for além de olhar para ele, sentir o calor do seu corpo, inalar o seu cheiro e desejá-lo. Subitamente, toma-me nos braços e beija-me com todo o dramatismo que geralmente falta às nossas vidas quotidianas.

Somos normais, não é? Somos pessoas que trocam um beijo ocasional, que se aninham e abraçam, que de vez em quando dão um beijo na cabeça um do outro ou no espaço

macio na parte de trás do pescoço, mas sem grandes amassos. Sem paixões grandiosas. Às vezes, nem como prelúdio ao sexo. Normais e com beijos normais. Até que... o seu aperto sobre mim torna-se firme, abraçando-me com força para o caso de eu me escapulir. Para o caso de eu me dar conta de que isto é a última coisa que deveríamos estar a fazer. Que, na verdade, estamos a fazer tudo mal no nosso divórcio. Ainda não discutimos por causa do divórcio, não começámos a atirar-nos um ao outro, ainda nem sequer começámos com os olhares maliciosos, os suspiros passivo-agressivos e as censuras irritadas.

Não hesito em retribuir o beijo. Nem sequer penso nisso. Ele encosta o seu corpo ao meu e eu faço o mesmo. Sinto os seus dedos na base da minha camisola e a sensação dele a puxá-la da cintura das minhas calças de ganga. Beijo-o com mais urgência. Os seus dedos descem para as minhas calças, soltando o botão. Estendo as mãos para as calças dele e abro o botão e o fecho, movendo a mão para cima e para baixo sobre a grossa haste da sua ereção. Nisto, os seus dedos estão dentro das minhas cuecas e eu suspiro ao senti-los roçar nos meus pelos púbicos. Gemo baixinho, sinto o meu corpo convulsionar um pouco quando dois dos seus dedos deslizam para dentro de mim. O beijo intensifica-se e não há nada que eu deseje mais do que despi-lo naquele momento, que ele me dispa e que nós...

É introduzida uma chave na porta da frente, que se abre quase de imediato.

- Ei, quem está aí? - grita Franklyn do tapete da entrada, onde está a passar pelo mesmo processo que eu

executei anteriormente. Só que ele é mais rápido, *muito mais rápido*. – Cheira bem, por isso imagino que o Wals tenha voltado – continua no mesmo volume, enquanto atravessa o corredor. Franklyn não é discreto nem nos seus melhores momentos. – Sem ofensa, Cleo, porque a tua comida é de primeira. Era capaz de comer os teus inhames e *chofi* até ao fim dos tempos, sem esquecer os fufu e a sopa, mas no que toca a... – Para de falar quando, ao virar da esquina, nos vê encostados um ao outro à porta da cozinha com um ar extremamente culpado. Mal consegui subir as calças e puxar a camisola para baixo como deve ser, e Wallace só conseguiu puxar o fecho de onde eu lhe tinha aberto as calças, deixando o botão por apertar.

Franklyn olha do irmão gêmeo para mim e depois novamente para o irmão – mas é em mim que pousa o derradeiro olhar fulminante, pois sabe que o divórcio é integralmente culpa minha. Quer saber que raios estou eu a fazer ao irmão; quer saber que raios está o irmão a fazer ao prestar-me sequer a mínima atenção. (Sei que é isso que ele pensa porque foi isso mesmo que o ouvi dizer a Wallace – várias vezes – no seu tom não muito discreto.)

– Vocês os dois são uma trapalhada – diz ele, com a repulsa a cobrir cada palavra, cada sílaba. – Uma verdadeira trapalhada. – Faz estalar a língua com tanta força que fico surpreendida por a sua boca não se desmanchar. Abana a cabeça para salientar a sua desaprovação e abre a porta junto à cozinha que dá para as traseiras da casa. – Vou lavar as mãos lá atrás – anuncia por cima do ombro enquanto a porta se fecha atrás de si,

ainda que as suas palavras se assemelhem bastante a um «Não consigo olhar para as vossas caras neste momento».

Escondo o rosto nas mãos; parte de mim quer chorar de humilhação e do olhar que Franklyn acaba de me lançar, mas a maior parte de mim quer rir. Quero partir-me a rir, pois ser apanhada a fazer sexo, ou quase, com o meu ex pelo irmão dele nunca deixará de ser divertido para mim. Mas não tem graça. Não devia estar a fazer isto, não lhe devia dar esperança. E, menos importante, não devia dar essa mesma esperança a mim mesma.

- Vou tomar um duche - anuncio, sem erguer o rosto das mãos.

- Posso ir contigo? - graceja Wallace. Não preciso de olhar para o meu marido para saber que tem no rosto o sorriso insolente que fez com que me apaixonasse por ele, e possivelmente uma sobrancelha arqueada ante a ideia do que poderíamos fazer dentro ou fora do chuveiro.

- E traumatizar ainda mais o teu irmão, além de o fazer odiar-me mais do que já odeia?

Sinto o sorriso desaparecer e uma distância física e emocional aterrar no meio de nós com um baque.

- Desculpa, Wallace, não devia ter feito aquilo. Temos de manter a distância. Não podemos repetir.

Ele encolhe os ombros.

- Se é isso que queres - responde, e eu viro-me para os degraus. Abre a porta da casa de banho debaixo das escadas, imagino que para lavar as mãos, mas para. - O Franklyn não te odeia - diz ele, enquanto eu subo os

degraus. - Jamais poderia odiar-te... Tal como eu jamais poderia fazê-lo.

Fá-lo-iam ambos. Se soubessem a verdade, odiar-me-iam os dois com uma fúria que jamais teria fim.

Horsforth, 1997

- Estou a pensar em tentar a minha sorte com o teu parceiro de comédia romântica - disse-me Trina. Estávamos de volta ao nosso lugar habitual na sala comum, ligeiramente protegido. Eu tinha deixado de torturar *Maltesers* no café e avançado para os *Minstrels*. Demoravam mais tempo a desintegrar-se e deixavam um resíduo espesso e meloso por cima do açúcar no fundo do copo que demorava uma eternidade a chegar-me à língua.

Não estava a olhar para Trina, mas imaginava que estivesse a observar Heath, que estava sentado no mesmo sítio que costumava ocupar quando olhava fixamente para mim, mas já não estava sozinho. Agora, raramente estava sozinho e era muito raro olhar fixamente para mim.

- Força - respondi, sem olhar para ele. - Ainda que tenhas de ir para a fila. Quer dizer, o rapaz agora nunca está sem companhia feminina. Está nas listas de toda a gente.

- E tu não te importas?

Isso fez-me reconcentrar a minha atenção nela. Tudo em Trina me dizia que achava que eu me importava. Na verdade, parecia pensar que me importava mesmo muito.

- Porque haveria de me importar? Era esse o plano e o melhor resultado possível.

- O plano? Ai, sim?

- Sim, o plano. Eu disse-te que ia aperaltá-lo. Transformá-lo de um rejeitado de Nashville no Zack do *Já Tocou*. E aí o temos. Não lhe falta companhia feminina e eu posso sentar-me aqui sem o ter a olhar fixamente para mim. Só vantagens.

- E não estás nem um bocadinho ciumenta? Nem um bocadinho? - insistiu Trina, enrolando uma das madeixas vermelhas das suas recém-aplicadas extensões encaracoladas em torno dos dedos. Tinha adquirido o hábito de usar muitos anéis de ouro e de pintar as unhas da mesma cor das madeixas. Era tão bonita e tinha tanto estilo que, muitas vezes, me fazia sentir que não me esforçava o suficiente. Bem, para dizer a verdade, não fazia propriamente grandes esforços, mas o aspeto impecável de Trina significava que eu *reparava* nisso e perguntava-me se devia esforçar-me. A minha característica combinação de calças de ganga largas (às vezes tão rasgadas que tinha de usar *leggings* por baixo), *T-shirt* com uma personagem de banda desenhada e casaco preto comprido com umas simples extensões pretas apanhadas num rabo de cavalo era tão descontraída em comparação com os visuais da minha melhor amiga. Geralmente, reconfortava-me sermos todos diferentes e algumas pessoas terem de passar para segundo plano para deixarem as outras brilhar. - Não tens nem um bocadinho de ciúmes?

Nesse momento, olhei para Heath, perscrutando-o atentamente como se fosse um estranho que me tinham pedido para avaliar. Sem dúvida que era atraente, agora que se lhe podia ver o rosto e as suas roupas já não faziam uma pessoa vacilar.

- Nada de ciúmes - confirmei a Trina. - Nem um bocadinho.

- Não acredito - disse ela, adotando por um momento um sotaque de Trinidad para enfatizar o quanto eu me estava a enganar. Conhecendo-a há já seis meses, sabia que só usava aquele sotaque quando queria que eu soubesse que estava a falar a sério.

- Está bem, não acredites. Não tenho nenhum interesse no Heath. O nosso projeto já foi há um milhão de anos e ele parou de olhar para mim... a maior parte do tempo. Está tudo bem.

- Mas é muito giro - observou Trina. Estava obviamente a testar uma tática diferente.

- Trina, meu amor, minha melhor amiga, o caminho está livre. Posso apresentar-to, queres? Não me importo nada.

- Não, deixa estar. Tenho outras *coisas* com que me distrair.

- Ah, sim? Quem?

- Isso ainda não te posso contar, mas posso dizer-te que a minha comédia romântica avança a todo o vapor.

Indignada, horrorizada e completamente chocada, virei-me no meu lugar até ficar de frente para ela.

- Sua vaca! - silvei. - Sua grandessíssima vaca! Fizeste de mim a melhor amiga atrevida. A Melhor Amiga Atrevida

Negra. Não está certo. Não é justo.

Ela encolheu os ombros antes de inclinar a cabeça na direção de Heath.

– Podias sair do inferno da Melhor Amiga Atrevida Negra com a maior das facilidades. De certeza que, se desses ali ao rapaz o mais ínfimo sinal de que estás interessada, ele se punha aqui num instante! – Fez um círculo com uma mão e estava prestes a fazer algo grosseiro com a outra, pelo que desviei o olhar.

– Não há necessidade disso.

Ela riu-se às gargalhadas ante o meu horror.

– Como é possível que não gostes dele? – perguntou, depois de se acalmar.

Arrisquei um olhar na sua direção e, felizmente, tinha parado com o que estava a fazer com as mãos.

– Não sei, simplesmente não gosto.

– Gostas de rapazes?

– Sim.

– Só gostas de rapazes?

– Sim.

– Gostas de rapazes brancos?

– Acho que sim.

– Achas que sim?

– Sim. Acho que sim.

– Quer dizer então que só saíste com negros?

– Não.

– Saíste com negros e brancos?

– Não.

- Só saíste com asiáticos? Ilhéus do Pacífico Sul? Homens do Médio Oriente?

- Não. Não. E não.

- Vá lá, rapariga, dá-me uma pista... - A sua voz esmoreceu ao compreender finalmente. - Já saíste com *algum* homem?

Hesitei antes de admitir:

- Não. Não saí.

- Oh. *Ooooooh*. Quer dizer então que ainda és...

- Sim. Sim, sou.

- Pensava que éramos chegadas. Porque é que só estou a saber disto agora?

- Não é algo de que ande por aí a falar. Tipo, nunca.

- É justo, mas porque não disseste nada, então, quando aquele idiota no outro dia disse que tinhas ar de quem já tinha dado umas voltas? Quer dizer, eu ia dar-lhe uma tarefa, mas tu impediste-me. Porque não disseste nada?

- O que haveria eu de dizer? «Bem, na verdade, homem-aleatório-sem-qualquer-significado, sou virgem? Na verdade, nunca dei sequer um beijo a ninguém? Ah, e já agora, homem-aleatório-sem-qualquer-significado, começo a pensar que se passa algo de errado comigo porque não sinto nada por ninguém?» Era isso que devia ter dito?

- Bem, visto dessa forma... Quer dizer então que não gostas mesmo daquele tipo?

- De quem, do Heath? Não, não gosto.

- Há alguém de que gostes?

Abanei a cabeça.

- Quer dizer, tipos da televisão e dos filmes e assim. Mas na vida real? Não. Parece que não consigo ultrapassar essa barreira. Não consigo sentir nada. Não sei se isso faz sentido para ti...

Não fazia sentido para mim. Nem por isso. Tinha-me divertido a ajudar Heath a mudar de visual. Tínhamo-nos divertido juntos, e se eu estivesse num dos filmes ou livros que devorava, os nossos olhos deveriam ter-se encontrado, devia ter sentido borboletas no estômago, estrelas a explodir, sentimentos acumulados. E nada disso acontecera. Nada. *Talvez esteja avariada*, pensei pela enésima vez. *Talvez esteja avariada. Talvez haja algo de errado comigo.*

- Temos de te levar para a cama com alguém - anunciou Trina. Disse-o com a autoridade de quem sabia o que fazia.

- Talvez.

- Não é talvez, querida. Temos de te arranjar um homem que te tire os três e logo verás que não há nada de errado contigo.

- Hum, talvez. Mas não me parece que possa simplesmente saltar para a cama com qualquer um, mesmo assim.

- Não terás de o fazer - tranquilizou-me ela. - Vamos arranjar-te alguém; alguém simpático.

Olhei para a minha melhor amiga; tinha a cabeça numa posição rígida que só lhe permitia olhar para mim, o que me dizia de forma muito clara que queria olhar para Heath.

- Ele não - disse-lhe eu. - Escolhe outro. Outro qualquer. Ele não.

Pareceu desanimar ao ouvir-me, resignando-se à possibilidade de ter de se esforçar um pouco mais para me arranjar um homem que eu pudesse querer beijar.

– Está bem. Ele não – resmungou.

Definitivamente, não.

¹ No original: *breakfast, dinner and tea*. *Dinner* corresponde geralmente à refeição que se faz ao final do dia (jantar), mas na Grã-Bretanha também é usado para referir a refeição a meio do dia (almoço), daí o diálogo. (*N. do E.*)

5

8 de agosto de 2022

Casa de Cleo e Wallace, fronteira Hove-Brighton

Noite

Jantamos os três sentados à mesa redonda em madeira na cozinha, agindo como se o que aconteceu não tivesse acontecido. Reparei que somos bons nisso – bons a fingir que não se passou nada de desagradável.

«Lá atrás», o sítio para onde Franklyn desapareceu, fica do outro lado da parede da cozinha que percorre a extensão da nossa casa e é, na verdade, onde Franklyn vive agora. A sua «sala de estar» é do tamanho da nossa grande cozinha em *open space* e, na outra ponta, há uma pequena extensão que dá para o jardim. Equipámos a sala de estar com um sofá-cama, uma televisão, estantes e um sistema de som. Tem também uma secretária e uma cadeira que mantém junto à janela saliente, além de um grande pufe, onde sei que gosta de ler. Ao fundo da sala, na extensão, há uma pequena cozinha – um fogão de quatro bicos, um pequeno forno, um lava-loiça e uma máquina de lavar e secar –, que costumava ser a nossa «lavandaria». Depois disso, também na extensão, há a pequena e funcional, mas muito agradável, casa de banho, com duche, lavatório e sanita. Ao lado da «lavandaria», umas íngremes escadas alcatifadas sobem para o que costumava ser o escritório de Wallace, mas agora tem uma cama de casal e serve de quarto a Franklyn.

A mulher de Franklyn, Valerie, pô-lo fora de casa há nove meses. As razões que ele apresenta estão constantemente a mudar, de «é só *stress*, pá, só *stress*» a «nunca está satisfeita» e «a mulher não bate bem», embora suspeite que terá dito a Wallace a verdadeira razão. Ninguém pode acusar Franklyn de não ter bom coração, e a verdade é que adoro Valerie. Agora ela não fala comigo nem com Wallace porque acolhemos Franklyn. Não sei bem o que esperava que fizéssemos, sobretudo quando se recusa a dizer-nos o que realmente aconteceu, mas envia-me sempre mensagens para saber como está a filha de 13 anos, Lola, quando ela vem passar alguns dias connosco, e a agradecer-me por tomarmos conta dela.

Wallace preparou um banquete. Não sei bem porquê, a uma segunda-feira à noite, mas decidiu brindar-nos com a versão *vegan* de frango *jerk*, arroz com ervilhas, *callaloo*, banana-da-terra caramelizada e salada de manga.

- A Lola vem passar o fim de semana - anuncia Franklyn, quando vai mesmo a meio de uma história sobre algo totalmente diferente.

- Vai ser bom vê-la - digo eu.

- Pois, bem... não quero que te veja, se é que me entendes.

- Não sei a que te referes - respondo, enfiando comida na boca. Esqueci-me de que não consigo comer em condições. Tenho estado a debicar a minha refeição, engolindo pequenos bocados como os rochedos que são. Agora, tenho a boca cheia de comida e vou ter dificuldades em empurrá-la para baixo.

- Vocês os dois... as vossas trapalhadas... se querem fazer isso... força, mas à porta fechada.

- Vá lá, mano... - começa Wallace.

- Não, não. Estou a falar a sério. E se eu tivesse vindo com a Lola? Teria visto aquela confusão. Estavam os dois quase sem roupa. Mais alguns minutos e eu teria visto coisas que nenhum homem precisa de ver. Controlem-se. Principalmente tendo em conta que... Olhem, o que se passa aqui, afinal? Porque se vão separar?

Talvez seja bom eu ter a boca cheia e não conseguir engolir, pois também não consigo falar para responder à pergunta.

- Não vos percebo. A Valerie estava sempre a falar na vossa relação. «O Wallace e a Cleo isto, o Wallace e a Cleo aquilo.» «Achas que o Wallace fala assim com a Cleo?» «Achas que a Cleo toleraria isso?» E agora olhem para vocês. - Usa o garfo para apontar para mim. - Uma trapalhada. - Usa-o para apontar para Wallace. - Trapalhada da grossa a dobrar.

- Estás cheio de moral - responde Wallace. - Eu, pelo menos, tenho a minha própria casa.

- Tens outra pessoa? - pergunta-me Franklyn. - Outro homem? Outra mulher? Outro alguém? O que é? O que se passa? Porque vais deixar o meu irmão como se ele fosse um motel barato daqueles que recebem sempre uma estrela no *TripAdvisor*? - Abana o garfo na minha direção. - Porque eu sei que não é o Wals o responsável por isto.

Ainda estou a mastigar, por isso não posso - nem quero - responder, limitando-me a olhar fixamente para Franklyn.

- Deixa-a em paz - intervém Wallace. - Não temos de te dar justificações. A nossa relação já não funciona. Fiquemos por aí.

- Diz a verdade - insiste Franklyn, ainda concentrado em mim. - Diz-me porquê.

Com esforço, obrigo o resto do *callaloo* a passar pela montanha que tenho na garganta. Empurro a cadeira para trás e levanto-me.

- Desculpa aquilo de há pouco - digo a Wallace. - Não torna a acontecer.

Há três semanas, sentámo-nos e disse-lhe que precisávamos de falar.

- *Oh, não, o que foi?* - perguntou ele, com a risada brincalhona que dávamos sempre que um de nós ficava sério.

- *Não me vejo nesta relação para sempre - disse eu. Foi a única coisa de que me consegui lembrar. Não lhe podia dizer que não o amava porque não era verdade. Não lhe podia dizer que tinha conhecido outra pessoa, pois também era falso. E não lhe podia dizer a verdadeira razão por que nos tínhamos conhecido, para começar. Nem porque estava a fazer aquilo. Na realidade, não havia muito que lhe pudesse dizer que ele fosse capaz de compreender, por isso tinha de inventar coisas, como quando escrevia as minhas histórias.*

Visualizei-me como Mira Woode, a minha célebre personagem, a dizer o que tinha de ser dito, a fazer o que tinha de ser feito para chegar ao fim do episódio.

- Não me vejo nesta relação para sempre e não creio que seja justo para ti continuar quando não estou nisto para sempre, por isso acho que... - Interrompi-me para reunir todas as forças de personagem principal que conseguia invocar. - Acho que seria melhor se nos separássemos. Se nos divorciássemos.

- O quê? - respondeu ele, franzindo o nariz. - O quê?

- Acho que podemos viver amigavelmente aqui até eu arranjar outro sítio e tenho a certeza de que acabaremos por conseguir ser amigos, se quiseres. Compreenderei que não queiras.

- O quê?

- Desculpa. Sei que é um grande choque. Vou deixar-te sozinho para poderes digerir a informação e depois, noutra altura, podemos discutir a divisão dos bens e os próximos passos.

- Agora, desejo-vos uma boa noite a ambos. Obrigada pela conversa e pela dose de realidade, Franklyn - digo eu.

- E obrigada pelo excelente jantar, Wallace.

Tenho de sair daqui. Já. Antes que comece a confessar e não pare.

Horsforth, 1997

Heath parou diante de mim e de Trina na nossa parte da sala comum e sorriu.

- Olá... - atrevi-me eu a dizer quando ele não disse nada.

- Gostarias de irjantarcomigo? - perguntou ele, com tanta pressa que a maioria das palavras saiu amontoada

como uma pilha de cabides mal arrumados.

- Estás a convidar-me a mim ou à Cleo? - retorquiu Trina. - Precisamos de um pouco mais de clareza, companheiro.

- Estás com um certo tom de amiga atrevida - disse eu a Trina pelo canto da boca.

- Retira o que disseste - replicou ela, completamente insultada.

- Cada um é como é, amiga atrevida.

- O que é uma amiga atrevida? - perguntou Heath.

- Nada com que te devas preocupar - respondi.

- Está bem. Dar-me-ias a verdadeira honra de jantar comigo, Cleo? Vou reservar uma mesa num local sem ser de estudantes, com comida a sério. Vinho como deve ser, guardanapos de tecido... A experiência completa.

- Não posso pagar uma coisa dessas.

- Eu ofereço.

Respondi-lhe com silêncio. Um silêncio que vinha da contemplação sobre se seria boa ideia dizer sim àquele tipo. Tinham passado três semanas desde a conversa com Trina; ainda não tinha beijado ninguém nem feito mais coisa nenhuma, e sinceramente não queria que fosse ele o escolhido. Queria que fosse fácil de esquecer. Que fosse algo sem importância. Algo que nos anos seguintes lembraria com carinho, mas não como um «GRANDE MOMENTO». E tinha a impressão de que, se me envolvesse com ele, seria decididamente algo importante, não só para mim - para ele também.

O meu silêncio vinha também de ver por cima do seu ombro as raparigas que estavam sentadas à sua mesa. Eram só três, nesse dia, todas bonitas, todas ali sentadas a fingir que não se importavam que as outras também lá estivessem. Todas a lançar olhares fulminantes a Trina e a mim, uma vez que Heath não as conseguia ver. A reputação de Heath como Sr. Popularidade significava que, se eu saísse com ele, ainda que platonicamente, poderia estar a expor-me ao ódio daquelas e de outras raparigas.

- Se não disseses que sim, digo eu - avisou Trina.

- Está bem, amiga atrevida - repliquei eu, virando a cabeça para a fitar.

- Retira o que disseste.

Olhei novamente para Heath.

- Está bem, então.

O seu rosto iluminou-se com o mais beatífico dos sorrisos. Parecia tão genuinamente feliz e aliviado que fiquei sem reação.

- Vou-te buscar no sábado à noite, às sete horas?

- Sim.

O sorriso ampliou-se, mostrando os seus dentes brancos e direitos, fazendo-o franzir os olhos.

- Mal posso esperar - disse Heath. - A sério, mal posso esperar. - Começou a afastar-se, o sorriso ainda a dominar-lhe o rosto. Esboçou-nos um ligeiro aceno enquanto continuava a recuar, até que teve de se virar na direção em que seguia.

- Hum... - começou Trina.

- Ele não - interrompi eu. - Simplesmente não.

- Pronto, está bem - bufou ela. Nem precisei de olhar para ela para saber que me estava a fazer caretas. - Ele não.

8 de agosto de 2022

Casa de Cleo e Wallace, fronteira Hove-Brighton

Fim da noite

Querido Sidney,

Como estás? Há já algum tempo que não tenho notícias tuas. Estás bem?

Sei que digo sempre isto, mas tenho saudades tuas. É estranho escrever isto quando não te vejo nem oiço a tua voz há tanto tempo. Por favor, muda de ideias. Por favor, recebe-me. Como te disse, tenho saudades tuas. E há algumas coisas que só podem ser ditas cara a cara.

A escrita vai bem, na medida do possível. Estava prestes a desenhar um emoji neste momento, mas lembrei-me de quanto os odeias.

Por favor, responde-me. Por favor, deixa-me ir visitar-te.

Sinto a tua falta.

*Com todo o meu amor,
Cleo*

Centro de Leeds, 1997

Heath tinha escolhido um pequeno e tranquilo restaurante italiano com pouca iluminação, mesas pequenas e íntimas, toalhas brancas, velas e música suave, escondido ao fundo de uma rua lateral no centro de Leeds, longe dos principais ajuntamentos. Éramos, de longe, os mais novos ali, e eu sabia porquê: a ementa não tinha preços. Menus sem preços significavam comida capaz de devorar os meus limitados recursos financeiros de estudante em duas garfadas.

Olhei para tudo de olhos ligeiramente arregalados. Nem me passaria pela cabeça deixá-lo pagar sozinho e aceitara aquele jantar na plena expectativa de cobrir a minha parte, mas... os meus olhos subiam e desciam freneticamente pelo menu, o meu coração a acelerar como um comboio descontrolado no meu peito. Não tinha dinheiro para aquilo. Teria de escolher uma entrada e de a fazer durar a refeição inteira.

- Não te preocupes, por favor - disse Heath, de repente, obviamente sentindo o meu pânico crescente. - Estava a falar a sério quando disse que pagava. Quero agradecer-te por tudo o que fizeste por mim, por isso, por favor, escolhe o que quiseres. A sério.

O empregado de mesa, de camisa branca e laço preto, aproximou-se para registar o nosso pedido, apoiando a ponta da caneta no bloco de notas branco que tinha na mão. Tinha conseguido controlar o rosto - que era uma máscara de horror quando inicialmente nos viu - e lutava corajosamente contra a repulsa que a nossa presença lhe

inspirava, e também contra a raiva por ter sido induzido a deixar-nos ficar, apesar de Heath ter reservado uma mesa. O cabelo fulvo do empregado, penteado para trás com gel, fazia com que os seus olhos zangados parecessem enormes e os seus lábios franzidos ainda mais finos.

O meu olhar continuava a subir e a descer pela página, tentando freneticamente perceber que pratos pareciam ser os mais baratos, e acabei por optar por um pão de alho, porque era o que estava no topo e presumi que seria o mais barato, seguido de uma *pasta puttanesca*, que também estava perto do topo; Heath pediu *bruschetta* e *spaghetti alle vongole*.

- Vamos querer também o *Rioja Blanco vintage* - acrescentou ele, devolvendo a carta de vinhos.

O meu coração acelerado parou e caiu-me aos pés em absoluta consternação - *vintage*? Onde ia este tipo buscar o dinheiro? Porque o meu não vinha certamente do mesmo sítio.

- A sério - disse Heath, baixinho, enquanto o empregado praticamente nos arrancava os menus das mãos e se afastava. - Não tens nada com que te preocupar. É verdadeiramente um prazer.

Isso não me fez relaxar. Não gostava de ficar em dívida para com ninguém, e muito menos para com um homem com quem estava no que podia ser entendido como um encontro. Tinha ouvido outras estudantes discutir como se tinham sentido pressionadas para o sexo, para práticas orais ou, no mínimo, para um beijo porque um sujeito lhes tinha oferecido bebidas, um jantar ou bilhetes para um

concerto. O que iria aquele homem querer em troca de me ter levado ali, a um sítio tão caro, que eu só saberia quanto custava cada trinca quando a conta chegasse?

- Quando disseste simpático, pensei que talvez te referisses a um sítio com guardanapos de papel mais grosso, não com guardanapos de luxo e flores a sério - respondi em tom igualmente baixo. - Não sei bem a que se deve tudo isto.

- Deve-se a que quero oferecer-te algo sofisticado, como prova do meu apreço por toda a ajuda que me deste.

- Isso foi há meses.

- Mas não parece. Parece que a tua assistência, valiosa e generosa, foi há meros instantes.

Pronto, já chegava. Era mais do que suficiente.

- A que propósito vem essa conversa de vulcano, Heath?

- Como assim?

- Porque falas dessa maneira? Já te ouvi falar normalmente, mas depois abres a boca e é como se tivesses cinco ameixas enfiadas dentro enquanto lês do dicionário. É verdadeiramente inquietante.

Ele corou um pouco e ficou a olhar para o guardanapo durante tanto tempo que comecei a pensar que o tinha ofendido. Esfregou o olho com a mão esquerda, apertando depois a cana do nariz entre o indicador e o polegar.

- É realmente embaraçoso - disse, antes de erguer o olhar ao encontro do meu. - Eu... É um pouco como quando adotas de repente um sotaque *brummie* ao falares com gente do Norte. Quando estou perto de ti, o meu cérebro entra em modo de pânico e a minha voz faz isso.

- Espera lá, eu faço o *quê*?
- Adotas um sotaque *brummie*. Como se fosses de Birmingham.
- Não adoto nada.
- Adotas, sim. Não é intencional, e a maioria das pessoas percebe isso. Mas quando falas com alguém do Norte, seja de Manchester, de Newcastle, de Liverpool ou de Leeds, a tua voz altera-se.

- Eu não faço isso. Se fizesse, a Trina ter-me-ia dito.
- Mas ela é de Londres, por isso não o fazes com ela. E o sotaque londrino dela parece funcionar como âncora.

Tinha a certeza de que não fazia tal coisa, mas isso explicaria o *porquê* de algumas pessoas me lançarem constantemente olhares estranhos. Explicaria muita coisa, na verdade...

- Enfim, pondo isso de parte. Porque haveria a tua voz de mudar quando estás comigo?

Heath suspirou, movendo todo o seu corpo nesse gesto.

- Porque quero que tenhas uma boa impressão de mim. Quero que penses que sou inteligente e espirituoso e, sim, que sei tomar conta de mim próprio. Normalmente, não me interessa o que os outros pensam a meu respeito. Passa-me basicamente ao lado, mas contigo, quero... não, *preciso*... que penses bem de mim.

Por alguns momentos, recostei-me na minha cadeira, sem saber bem o que dizer. Tinham passado três meses; estava constantemente rodeado por outras mulheres. Não podia continuar interessado em mim. Certamente que não.

- Deves querer saber o que as pessoas pensam de ti - disse-lhe eu. - Comprámos todas aquelas roupas, arranjaste o cabelo, vestes-te como uma pessoa muito diferente, e, como resultado, nunca te falta companhia feminina, para usar a tua expressão.

- Só fiz tudo isso porque pensei... bem, pensei que me daria uma hipótese contigo.

- *O quê?*

- Pude passar tempo contigo. E mudei para ter o aspeto que tu querias...

- Eu não queria que tivesses esse aspeto!

- Quer dizer então que não achas o visual do Zack Morris atraente?

- Não propriamente. Quer dizer, não o acho feio, mas... Ei, é esse o apelido dele? Morris?

- Sim.

- Como descobriste?

- Fui pesquisar. Tinha de saber como era esse tipo que querias que eu imitasse. Não era assim tão mau. Ao menos, não tinhas um fraquinho por aquele sujeito, o Screech.

- Na verdade, era a modos que o meu favorito - murmurei.

- Oh.

- Não no sentido de ter um fraquinho. Só via a série pelo drama e pelas pessoas inacreditavelmente bonitas.

- Porque tentaste recriar-me à imagem do Zack, se não te sentias atraída por ele?

- Por ti. Tinhas algumas parecenças com ele, e sei como a série continua a ser popular, por isso achei que haveria

imensas raparigas na universidade a interessar-se por ti. Só vantagens.

O empregado apareceu com dois pratos: o meu pão de alho estava tostado na perfeição, a transbordar de manteiga e minúsculas pérolas de alho; a *bruschetta* de Heath era uma fatia de pão oval barrada com um vibrante *pesto* verde e encimada por pequenos cubos de tomate vermelho-vivo. Após colocar os pratos à nossa frente, o empregado abriu-nos os guardanapos no colo com um elaborado e exuberante floreado. Ofereceu-nos pimenta de um grande moinho preto, que ambos recusámos, após o que praticamente se fundiu com o ambiente. Uma vez a sós, olhei para a minha comida. Estava a tentar não calcular o preço de cada minúsculo pedacinho de alho e como seria difícil engoli-lo se não gostasse. Mas pensava, sobretudo, em como tinha enganado Heath – não intencionalmente, claro.

– Estava a tentar transformar-te por ti. Pensei que te faria muito bem, que aumentaria a tua confiança.

– E aumentou – respondeu ele, com um ar especialmente confuso. – Reforçou realmente a minha confiança, como se comprova por quem é a minha encantadora companheira de jantar nesta bela noite.

– Não comeces.

– Desculpa, mas estou a falar a sério. A ida às compras, a mudança de visual... Resultou na perfeição. Nem tenho de pensar em abordar as mulheres, são elas que vêm ter comigo. Tenho tantos amigos agora. A minha confiança saiu verdadeiramente reforçada. Se não a tivesses reforçado,

não estaria aqui neste momento. Não teria tido coragem para te convidar para uma refeição a sério.

- Não sei mesmo o que dizer a tudo isso.

- Não digas nada. Desfruta da tua refeição.

- Bem, não posso propriamente fazê-lo, se estiveres a pensar que isto pode ir além de uma profunda e sentida amizade. E pode até nem ser assim tão profunda ou sentida. Ou não ser grande amizade, ainda que tenhas ido pesquisar o *Já Tocou*, o que mostra que a parte da amizade até pode resultar.

- Prefiro «superficial e insignificante» a nada.

Essa fez-me rir, com o som a transbordar para ele e a fazê-lo rir também.

- Vamos aproveitar a noite - disse eu, porque não sabia que mais dizer.

- Está tudo bem, Cleo - replicou ele. - Isto é apenas... quer dizer, é só uma refeição de agradecimento de um amigo para outro. Sem pressões.

- Tens a certeza?

- Absoluta.

- Nesse caso, posso voltar a respirar. E garantir que me concentro em desfrutar de cada minúscula partícula do que é provavelmente o pão de alho mais caro de que alguma vez voltarei a aproximar-me.

- Como sabes que é caro?

Inclinei-me para a frente, baixando a voz.

- Não há preços. E quando não se põem os preços no menu... é preciso muito dinheiro para pagar.

Ele empalideceu, horrorizado.

- A sério?

Baixei o pão de alho da direção da minha boca e pu-lo novamente no prato. Se não o comesse, talvez pudesse mandá-lo para trás e eles não o cobrassem. O mesmo com a *puttanesca* - se cancelasse agora, antes de a prepararem, talvez não houvesse problema e não fosse cobrada.

- Não sabia disso - disse ele, baixinho. - Vi o restaurante e achei que parecia simpático. Oh, raios. Não me apercebi de que ia ser assim tão caro. O que trazes calçado?

- Umas botas, porquê?

- Consegues correr com elas?

- Penso que sim, mas porquê?

Foi a minha vez de parecer horrorizada, mas o meu horror estava embebido em enormes doses de terror. Estava a falar em fugirmos. Fugirmos! Provavelmente, perseguir-nos-iam rua abaixo com grandes facas e cutelos. Os meus pulmões não conseguiam lidar com uma fuga; a minha consciência não conseguia lidar com uma fuga, e muito menos os meus pés.

- Estou a brincar, estou a brincar - disse Heath. - Os meus pais mandaram-me muito dinheiro no meu aniversário. Tenho tudo controlado.

- Nunca mais faças isso! - exclamei, atirando-lhe com o meu guardanapo.

- A tua cara - riu-se ele.

Foi um riso tão genuíno e relaxado que ficou comigo durante o resto da refeição.

8 de agosto de 2022

Casa de Cleo e Wallace, fronteira Hove-Brighton

Fim da noite

Toc, toc.

A batida à minha porta não é completamente inesperada. Temos dormido em quartos separados e temos tido o cuidado de dar espaço um ao outro. Eu deixei o quarto principal – demasiadas memórias. Demasiado Wallace.

Toc, toc, ouve-se novamente. Não faço nada. Tenho de ignorar. De o ignorar. Se não o fizer, acabaremos onde estávamos, e vou magoá-lo. Vou magoá-lo a sério. Também me magoará a mim, é certo, mas eu aguento um pouco de dor. Neste momento, diria que é o que mereço.

Toc, toc outra vez. Agora com menos confiança. Não me mexo, não respiro. Espero que passe. Espero que ele bata uma última vez, ficando depois à escuta do suave som dos seus passos a afastar-se.

Assim que oiço a porta do quarto dele fechar-se, puxo uma das minhas almofadas para o colo, inclino-me para a frente para poder enterrar o rosto nela e grito. Grito e grito e continuo a gritar.

Não quero fazer isto, mas não tenho alternativa. Não tenho.

Centro de Leeds, 1997

Acabámos de jantar, sempre conscientes dos silenciosos olhares de desaprovação que o empregado de mesa nos lançava do outro lado da sala. O empregado e a empregada – que se tinha juntado a ele para olhar também furiosamente para nós – ficaram manifestamente aliviados quando Heath decidiu que afinal não queria outro café e pediu simplesmente a conta.

Quando chegou, num pratinho branco, os meus olhos quase me saltaram das órbitas – quase 90 libras por duas entradas, dois pratos principais, uma garrafa de vinho e um café. Noventa libras. Noventa libras! Enquanto eu tentava mostrar-me calma e manter o horror controlado, Heath nem sequer vacilou. Puxou simplesmente de uma catrefada de dinheiro, separou duas notas de 50 libras e depositou-as no prato. Enquanto eu me retorcia de embaraço e raiva ao ver o empregado verificar descaradamente se as notas eram verdadeiras, de pé junto à nossa mesa, Heath nem sequer lhe deu atenção. Quanto mais ele erguia as notas e as virava para a luz para poder analisar o dinheiro, mais todo o meu corpo ardia de vergonha, pois os outros comensais ali presentes – as pessoas mais velhas que sabiam que pertenciam a um sítio daqueles, enquanto nós não – estavam a olhar para nós. Estavam à espera de que o drama de sermos descobertos como falsificadores e fraudes explodisse; que fôssemos publicamente acusados, que a polícia fosse chamada, que nos levassem dali algemados. Era humilhante. A comida, o vinho e a conversa com Heath tinham sido muito agradáveis, mas tudo o resto... nem por isso. Quando o empregado, convencido de que as notas

eram verdadeiras, levou o pequeno prato de porcelana com o dinheiro e não regressou, Heath chamou-o.

- Gostaria de receber o meu troco, por favor.

- Desculpe, senhor... Não havia troco - teve a temeridade de responder, encontrando, de algum modo, o «senhor» para Heath pela primeira vez nessa noite.

- Havia, sim. Na realidade, havia 12,35 libras a mais. Gostaria de as receber. E então poderei decidir se lhe dou ou não uma gorjeta. - Aos 19 anos, Heath olhava fixamente para aquele homem que tinha provavelmente o dobro da sua idade, desafiando-o a discutir.

O empregado, de cabeça erguida, dirigiu-se à caixa registadora, retirou o troco exato de Heath e devolveu-lho - todo em moedas -, no prato de porcelana branca, desta vez acompanhado por dois pequenos rebuçados brancos de hortelã.

- Obrigado - disse Heath, deixando os rebuçados e guardando o dinheiro. - A minha gorjeta é esta: «Seja simpático para todos os seus clientes, não só para aqueles cujo aspeto lhe agrada».

Fiquei completamente desconcertada. Nunca tinha visto ninguém fazer aquilo. As pessoas, os adultos, eram constantemente desagradáveis comigo, mas nunca tivera a força nem a presença de espírito para lhes pagar na mesma moeda.

A pele macilenta do empregado corou quase imediatamente, as pontas das suas orelhas enchendo-se de sangue vermelho-escuro. Queria reagir, responder, mas sabia que lhe ficaria terrivelmente mal; expô-lo-ia aos

restantes clientes do restaurante e provavelmente poria em risco aquela gorjeta – e as outras. Assim, em vez de agarrar em Heath pelo casaco e de lhe dizer que era um sacaninha, como obviamente desejava, afastou-se antes que se esquecesse do seu lugar.

Heath e eu saímos do restaurante em silêncio, eu ainda um pouco abalada. De onde tirara ele a confiança para fazer aquilo? Porque eu jamais conseguiria... em minha própria defesa, não. Por outras pessoas, sem problemas, mas por mim? Não. Ao passarmos por uma caixa automática, vimos um homem sentado no chão, com um cobertor sobre os joelhos erguidos, o sobretudo sujo apertado até cima, um cachecol bem enrolado à volta do pescoço e um grosso gorro de lã enfiado até ao fundo, a cobrir-lhe a testa, tentando proteger-se do ar de finais de janeiro. Muitas vezes, parecia que estava um tipo especial de frio por ali; os invernos de Londres não lhe chegavam aos calcanhares.

– Arranjam-me uns trocos? – perguntou-nos o homem.

Estava prestes a levar a mão ao bolso quando Heath pegou no monte de moedas de uma e de meia libra que o empregado lhe tinha devolvido.

– Aqui tem, companheiro – disse ele, depositando lentamente o dinheiro nas mãos em concha do homem.

Ele ficou espantado ao ver quanto era.

– Obrigado – respondeu, inicialmente desconfiado, obviamente a interrogar-se sobre o que Heath queria em troca. – Obrigado, obrigado! – exclamou depois, quando

continuámos a andar sem lhe pedir nada. - Obrigado! Obrigado!

Olhei de soslaio para Heath.

- Isso é o tipo de coisa que um homem faz numa comédia romântica quando está a tentar conquistar a rapariga - disse-lhe eu, carregando a minha voz com toda a desconfiança que sentia.

- Ah, sim?

- Sim, um grande gesto para mostrares como és generoso.

- Estou a ver. Sabes que não vejo esse tipo de filmes, por isso não conheço o formato, mas estou mais do que disposto a tentar tudo isso se me der algum tipo de vantagem. - Sorriu-me de esguelha.

- Vantagem nenhuma - cortei. - Tendo a não ficar impressionada com grandes gestos públicos por mero exibicionismo.

- Interessante que penses que eu me estava a exhibir.

- Não estavas? Fizeste muita questão de tirar aquele dinheiro a um tipo que depende das gorjetas para complementar o salário e deste-o a um sem-abrigo. É um grande gesto exibicionista.

- Se aquele empregado depende das gorjetas, o que não é culpa minha, já agora, talvez devesse ser mais simpático com as pessoas que vê como inferiores a ele. E só porque eu não quis que ele ficasse com o dinheiro, por ser rude e condescendente, não significa que quisesse ficar com ele. Na verdade, ia pô-lo numa daquelas caixas de caridade no

balcão de uma loja, mas vi aquele homem e pensei que devia dar-lho. Sem intenções de exibicionismo.

» Além disso, é um bocado parvo exhibir-me quando sei que não tens o mínimo interesse em mim.

- Isso é verdade.

A noite fervilhava de expectativa à nossa volta enquanto atravessávamos a cidade - a maioria das pessoas estava aperaltada e dirigia-se para o centro para uma ronda tardia de copos e discotecas. Estávamos rodeados pelas empolgadas vibrações emocionais de pessoas que tinham passado a maior parte do mês em hibernação. Caminhámos maioritariamente em silêncio e não tardámos a afastar-nos das luzes brilhantes e dos edifícios. Atravessámos a estrada para Hyde Park, uma manta de retalhos em tons de negro contra o retinto preto-azulado do céu.

- Quando foi o teu aniversário?

- Há cerca de três meses - respondeu ele.

- Xi... E ainda tens dinheiro dessa altura?

- Tenho muito dinheiro dos meus aniversários - explicou.

- Desde que nasci que os meus pais põem de parte 10 libras por semana. Aconteça o que acontecer, depositam 10 libras numa conta para o meu aniversário. Depois, quando chega o dia, recebo um cartão e 520 libras.

- Uau, isso é imenso dinheiro!

- Eu sei. E raramente o gasto todo. Por isso tenho este dinheiro na conta para roupas novas e para levar as pessoas de quem gosto a jantar.

- Não te importas de não receber presentes? - perguntei, quando nos aproximávamos do final do parque.

Caminhávamos a um passo bastante vigoroso. – Quer dizer, metade da graça dos aniversários é ter algo para abrir no dia. Não te importas de não receber nada para desembrolhar?

Ele franziu o sobrolho enquanto refletia. Conseguia vê-lo no escuro.

– Acho que não. Nunca me ocorreu importar-me. Posso fazer o que quiser com o dinheiro, nunca me dizem como o gastar, por isso, se houver algo grande que eu queira, sei que posso comprar sem preocupações. Não tenho de ir pedir aos meus pais nem eles têm de arranjar dinheiro extra para isso. Quer dizer, sempre tive os produtos topo de gama em tudo o que queria, porque tinha dinheiro para os comprar. Os meus pais deram-me o poder e a liberdade de ser responsável pelo meu próprio destino, e acho que prefiro isso a desembrolhar coisas.

– Não tinha pensado nisso dessa forma. Penso que, de certo modo, os teus pais te deram o que querias para o teu aniversário, por isso nada de desilusões.

Ele parou de andar, virando-se para mim. Parei também, sabendo que iria ser um daqueles momentos dos quais, em retrospectiva, me iria arrepender de alguma forma.

– Cleo, tenho um pedido para te fazer – disse ele, de forma bastante dramática, pareceu-me.

– Está bem.

– Quero que mantenhas uma mente aberta.

– Está bem.

– Sei que não há volta atrás depois de eu perguntar e sei que irá mudar a forma como me vês. – Suspirou. –

Podemos... bem... podemos...

Sustive a respiração, à espera de que ele o dissesse.

- Não consigo andar mais e ainda tenho algum dinheiro do meu aniversário, por isso podemos apanhar um táxi para as residências? Não quero que penses mal de mim ou que aches que não me estou a divertir. Estou simplesmente cansado.

- Claro - respondi, contendo uma gargalhada. Quanto mais não fosse, Heath era divertido, e isso agradava-me. Agradava-me muito.

6

9 de agosto de 2022

4.º andar, escritórios da HoneyMay, Brighton

Início da manhã

O homem sentado à secretária está a gostar demasiado disto. Na grande hierarquia, para o baixo nível que isto tem enquanto demonstração de poder, parece estar a dar-lhe um prazer dos diabos.

- Está mesmo a dizer que tenho de voltar a casa para ir buscar o meu passe de segurança? - pergunto-lhe eu, e juro que um sobressalto de prazer o faz estremecer ante estas palavras.

- Não fui eu que me esqueci, pois não? - responde ele, mal conseguindo conter o sorriso.

Sinto uma súbita vontade de o agarrar pelo cordão que tem ao pescoço e de lhe gritar junto ao rosto. O meu segundo impulso é irromper em ruidosas lágrimas que o podem ou não envergonhar, bem como aos outros dois seguranças que estão com ele. Suspeito, porém, que as minhas lágrimas poderiam muito bem dar-lhe o final feliz que ele não esperava, mas receberia com agrado. Ambos os impulsos não são nada típicos de mim, mas «atípico de mim» tem sido o prato do dia.

- Não posso entrar simplesmente como visitante? - pergunto calmamente.

- Não sou eu que faço as regras - responde ele, com um ligeiro sorriso que diz que, embora não faça as regras, se

certifica de que são aplicadas de tantas formas mesquinhas e desnecessariamente punitivas quanto possível.

- Mas eu costumava entrar muitas vezes como visitante.

- Isso era *antes* de lhe terem dado um passe a sério. Uma vez na posse de um passe a sério, deixa de ser uma visitante e torna-se alguém que precisa do referido passe para entrar no edifício.

Oioço o matraquear de uns saltos altos no piso de mármore que separa as portas de vidro da entrada da mesa do segurança e sei, sem me virar, que é Sandy Burton, diretora de operações da HoneyMay. Quando aparece, traz o blusão de cabedal preto mais justo que alguma vez vi, umas calças pretas justas e umas altíssimas botas cor-de-rosa de salto agulha. Tem o curto cabelo louro-claro puxado para longe do rosto, deixando a sua maquilhagem profissional visível aos olhos de todos.

- Bom dia, Cleo - diz ela, quase sem olhar na minha direção, uma vez que também está MUITO IRRITADA comigo por acabar com a série. Em vez disso, concentra-se no homem com quem tenho estado a travar uma luta verbal. - Philip, deixei o meu passe no carro, deixe-me entrar, se faz favor.

Sem hesitar, «Philip» prime o interruptor e ela atravessa os torniquetes de vidro rumo aos elevadores. Nem sequer se dá ao trabalho de fingir interessar-se pelo porquê de eu não me juntar a ela, o que dá a «Philip» um prazer adicional. Dá para perceber.

Estou presa a este «homem», ainda assim, porque, às terças-feiras, Wallace trabalha a partir de casa. Não posso

passar lá nem um bocadinho. Saí cedo para não o ver de manhã, não vou voltar lá agora para ir buscar o raio do passe.

Oiço gente a aproximar-se da secretária da receção diante da qual estou parada.

- Cleo, olá - diz Gail, ao avistar-me. Está prestes a encostar o passe ao brilhante retângulo vermelho junto ao torniquete de vidro quando para. - Vem?

- Parece que não; não tenho o meu passe, por isso não estou autorizada a entrar.

- O quê, «se o teu nome não consta, não entras», literalmente? - observa Gail, com um sorriso afetado. Só alguém da minha idade entenderia essa referência.

- Pois.

- Não se arme em difícil, Phil - diz a nossa editora-chefe de guiões, Anouk, algures junto a mim. - Sabe quem ela é, dê-lhe simplesmente um passe de visitante.

«Philip» ergue-se a toda a sua altura, cruza os braços sobre o peito inchado e abre a boca, certamente para citar alguma coisa.

- Oh, deixe de ser patético! - exclama Gail, de repente. - Dê-lhe um passe, seu sujeito mesquinho. - Juro que os guardas que o ladeiam torcem os lábios para se impedirem de rir. E Philip, tão corado de embaraço que as pontas das suas orelhas ficam cor-de-rosa, endireita-se, pega num passe de visitante e fá-lo deslizar na minha direção, juntamente com uma caneta. Uma vez preenchido, enfia o papel num suporte de plástico e devolve-mo.

- Obrigada - digo-lhe. Estou demasiado surpreendida para tirar qualquer prazer da sua humilhação.

- Devia ter-se limitado a dar-lhe o passe - diz Anouk, expressando o que todas estamos a pensar.

Enquanto esperamos pelo elevador, Gail diz-me:

- Sabe, quando as pessoas diziam essa frase, «se o teu nome não consta, não entras», costumava pensar que estavam a dizer «se o teu nome não encosta, não entras». Durante séculos.

Anouk e eu desatamos a rir, e sei que «Philip» está a lançar olhares fulminantes às minhas costas.

- Não se riam! - exclama Gail, com uma risadinha. - Era dos sotaques londrinos, era assim que a palavra «consta» me soava.

Continuamo-nos a rir quando as portas do elevador se abrem. É quase como ter novamente duas colegas de trabalho. Embora saiba que não o mereço, gosto disso.

Horsforth, 1997

- Esta é mesmo a melhor zona da sala comum - disse Heath. - Sei que já o tinha dito, mas uau, é mesmo.

Desde que tínhamos ido jantar juntos, Heath tinha interpretado isso como um convite para se juntar a mim e a Trina. Não nos importávamos; na realidade, até gostávamos bastante. Trina e eu éramos bastante descontraídas em relação à nossa dupla - se alguém se quisesse juntar a nós, bastava literalmente puxar uma cadeira e conversar connosco. Queria dizer isso às raparigas que se sentiam

desprezadas, agora que Heath tinha passado para o outro lado. Gostavam mesmo de conviver com ele e não lhes agradava que ele se escondesse ao canto com duas raparigas. Não precisavam de ficar ali sentadas a fulminar-nos com o olhar, podiam juntar-se a mim e à minha busca pela melhor combinação entre chocolate e café – ainda que não, obviamente, se fossem discutir o fracasso dos *Revels* – ou podiam tentar rivalizar com Trina na sua missão de ser a mulher mais impressionante do Yorkshire. Mas os olhares malévolos, o brilho de lábios matador e o cabelo furiosamente atirado para trás faziam com que quaisquer ofertas que pudessem ter sido feitas ficassem nas nossas cabeças.

Heath era uma companhia muito agradável – era divertido e interessante. Tudo aquilo de que falávamos suscitava nele um grande interesse e, por vezes, tentava dar-nos a sua opinião, sobre a qual era frequente arreliaarmo-lo um pouco sem que ele se importasse. Era também o primeiro a ir buscar os cafés e os petiscos. Conseguia entender o porquê de as pessoas que conviviam com ele gostarem tanto dele.

– É mesmo a melhor zona – concordou Trina. O seu penteado atual era em preto e dourado, mas com unhas prateadas. – Foi a Cleo que a descobriu. Costumávamos ver-te a persegui-la a partir daqui. Bons tempos, bons tempos.

– Eu não a perseguia – respondeu Heath. – Limitava-me a olhar para ela. Nunca cheguei ao ponto de aparecer em locais onde ela ia estar e em que eu não devia ter estado.

- Ah, obrigadinha por não me perseguires como deve ser - observei, revirando os olhos.

- Meu Deus, és tão dramática - disse Trina. Fez uma pausa, erguendo os olhos para os céus. - Perdoa-me, Senhor, por invocar o Teu nome em vão. - Olhou novamente para mim. - És tão dramática! Conseguiria ele evitar, se te achava tão incrivelmente bonita? Não, não creio que conseguisse.

- Hum... julgo que irás descobrir que ele não olhava fixamente para mim por me achar bonita. Olhava para mim porque estava a tentar perceber se tinha algum problema no cérebro. Estava a tentar perceber o que lhe agradava em mim para poder resolver o «problema» de gostar de mim.

Lentamente, Trina baixou as pernas, que tinha cruzadas debaixo do corpo, e endireitou-se. Passou as mãos pelo cabelo e, com muito poucos movimentos, enrolou um par de tranças em torno do resto das suas tranças, no que só podia ser descrito como um rabo de cavalo de combate. Ainda mais lenta e perigosamente, a minha melhor amiga virou-se para Heath.

- É melhor que me digas que ela está a exagerar, e é já.

Heath parou de inclinar a cadeira e endireitou-se também.

- Não está a exagerar, está a deturpar o que eu disse - respondeu. - Gosto dela. Muito. Na verdade, disse-lhe que me tinha apaixonado por ela. Mas sabia que ela não gostava de mim, o que queria dizer que o que sentia era inútil, o que tornava toda a experiência de gostar dela, ou

de a amar, na realidade, desagradável e um pouco dolorosa. Disse-lhe o que sentia numa última tentativa de ver se seria possível ela mudar de ideias. Em vez disso, saiu-se com o plano de me arranjar uma namorada. Foi isso que aconteceu e foi isso que ela extrapolou para essa trapalhada que acaba de te contar.

- Ainda gostas dela? - perguntou Trina, desconfiada. Felizmente, não utilizou a outra palavra.

- Claro.

- Então e as Heathettes?

- As quê?

- É isso que a Trina chama às raparigas com quem andas, as Heathettes.

- Certo. Interessante. O que têm elas?

- Andas enrolado com alguma?

- Sim.

- Mais do que uma?

- Sim.

- Mas continuas a gostar desta aqui?

- Sim. Ainda sinto que a amo, se fazes questão de saber.

- Como é isso possível?

- Ela...

- Agradecia que parassem de falar de mim como se eu não estivesse presente - intervim. Aquela conversa estava a deixar-me ligeiramente indisposta e muito nervosa. Já a estava a ver a virar bruscamente na direção errada, a vê-los a tentarem analisar porque não gostava eu de Heath quando ele era, tanto na teoria como na prática, um bom partido. E essa conversa levaria inevitavelmente Trina a

contar, ou até a sugerir, a Heath que eu nunca tinha beijado ninguém, que ainda era virgem e que ainda não havia ninguém por perto que me interessasse o suficiente para pensar em realizar o ato. Não queria que ela «expusesse» o meu histórico sexual, nem a ele nem a ninguém.

As coisas já ficavam muitas vezes tensas entre nós tal como estavam. Eu e Heath íamos regularmente beber um copo ou comer fora sozinhos – tal como eu fazia com Trina, tal como ele fazia com algumas das Heathettes –, mas às vezes havia um momento entre nós. Havia um momento em que era tão óbvio que devíamos aproximar-nos mais fisicamente – para um abraço ou um beijo ou um entrelaçar de mãos –, que ficávamos os dois paralisados. Não sabíamos o que fazer – como lidar com o momento da forma mais segura possível, por isso um de nós fazia um comentário sarcástico e ríamos os dois até passar. Quando contava a Trina, ela respondia-me sempre:

– Oh, salta-lhe já para cima e acaba com o sofrimento de todos nós.

Conseguia senti-la a preparar-se para me dizer o mesmo diante dele.

– Na verdade – acrescentei –, e se parassem de falar de mim como se eu não estivesse aqui *E* mudássemos de assunto?

– Não! – responderam os dois enfaticamente.

– Vá lá, então, Heathie, meu rapaz, conta-me como é possível andares enrolado com duas ou mais das Heathettes e, mesmo assim, gostares desta aqui.

- A Cleo deixou perfeitamente claro que não tem nenhum interesse em mim dessa maneira. Sinto-me mais do que satisfeito por poder conviver com ela assim. Limito-me a obter os meus outros estímulos noutra local.

- Mas se ela mudasse de ideias...

Ele levantou-se bruscamente, esticando tanto a metade superior do corpo que a sua *T-shirt* branca subiu, mostrando os pelos castanhos macios ao fundo da barriga que desciam para as calças de ganga. Havia vários olhares fixos nele, a assimilar o seu corpo, impressionados ou não. Vi que as três «Heathettes» sentadas à mesa onde se sentava antes o olhavam fixamente, fulminando-nos imediatamente com o olhar porque estávamos perto dele e elas não. Já não conviviam tanto com ele como dantes. Em vez de lhes lançar um sorriso amistoso, como geralmente fazia, desviei o olhar, embaraçada com aquilo de que tínhamos estado a falar, com aquilo de que ainda estávamos a falar.

Heath terminou o seu alongamento com a mesma brusquidão com que o tinha adotado e prendeu Trina ao lugar com aqueles seus olhos verdes.

- Ela não vai mudar de ideias nos próximos tempos, por isso, não penso nisso. - Moldou os lábios num sorriso tão desolado que tive de desviar o olhar.

Não sabia porque gostava ele tanto de mim. Ainda. Tinham passado meses. O que queria de mim ao certo? Passávamos imenso tempo juntos, divertíamos-nos, porque continuava a querer algo mais? Seria o sexo realmente assim tão importante, ao ponto de o fazer sentir-se assim?

- Quem quer um café ou um chá ou algo quente em que afogar... agora é o quê? *Crunchies*?

- Café - respondi eu, evitando o seu olhar. - Cinco pacotes de açúcar.

- *Idem* - acrescentou Trina. - Fora o açúcar. A seguir é a minha vez.

Ficámos sentadas em silêncio enquanto ele se dirigia à portinhola de serviço, parando para rir e conversar com algumas pessoas pelo caminho.

- Está mesmo apaixonado por ti - afirmou Trina. - Quer dizer, admito que pensei que estava apenas um pouco interessado, que queria, tipo, um pouco dessa tua doçura à Cleo, mas não, está mesmo apaixonado por ti. Sabes que nunca o poderás fazer com ele, não sabes? A não ser que seja a sério.

Sabia. Nunca o tinha articulado exatamente dessa forma, nem mesmo na intimidade da minha própria cabeça, mas o que Trina dizia era verdade: não me podia envolver com Heath. Nem de longe. Se o beijasse, teria de ser a sério. Para sempre.

9 de agosto de 2022

Casa de Cleo e Wallace, fronteira Hove-Brighton

Início da noite

- Cleo, preciso de falar contigo - diz Wallace, depois de bater com força à porta do meu quarto.

Estou aqui enfiada desde que me esgueirei cá para dentro. Não posso falar com ele sem querer explicar tudo, e não tenho palavras para o fazer. E se tentar... bem, é provável que acabe da mesma maneira que ontem.

Abro a porta e espreito. Está ao fundo do corredor, junto à porta da arrecadação, o que é bom. Sinto-me capaz de sair também para o corredor.

- A Trina ligou-me há pouco - diz ele. - Disse-me que tens andado a evitar as chamadas e mensagens dela.

Não posso falar com Trina. Não posso comunicar com ela, porque terei de lhe dizer que eu e Wallace nos vamos divorciar. Não posso fazer isso. Tem uma afeição por Wallace quase tão profunda como a minha. Não me perdoará. Não compreenderá. Começará a fazer perguntas desconfortáveis. Perguntas a que não posso responder sem lhe contar tudo. E nem pensar que vou fazer isso. Se o fizesse, ela enfiava-se no próximo avião para me incutir várias camadas de bom senso à chapada.

- Certo - digo eu a Wallace. - Vou, hum... sim.

- Perguntou pelas férias. - Devo estar com ar de quem não faz ideia do que ele está a falar, porque ele explica. - Se vamos visitá-la... Quer marcar mais algumas viagens e confirmar se estamos disponíveis.

- Certo.

- Presumo que não lhe tenhas falado sobre...

- Não, não falei - interrompo eu, antes que ele diga as palavras. Posso pensar nelas, mas não quero que ele as diga.

- Bem, vais ter de o fazer.

- Eu sei.

- É isso que queres? - pergunta ele, perspicaz como sempre. É claro que não. É a última coisa que quero, mas tenho de o fazer. É tão simples e complexo quanto isso. Tenho de o fazer.

Anuo em resposta à pergunta. Não sou convincente.

- Muito bem. - Vira-se para regressar ao seu quarto e depois para, como se tivesse mudado de ideias e me fosse *mesmo* fazer outra pergunta, afinal. - É por causa do bebé? - pergunta corajosamente.

Sou apanhada de surpresa, mas respondo de imediato.

- Não, não, de modo algum.

- Porque eu compreenderia se fosse por isso. Se quisesses encontrar alguém que te desse uma oportunidade de...

- Não! - quase grito. - Não é isso. Não sabemos porque calhou ser assim, e estamos ambos cientes de que é mais provável que seja por minha causa do que por tua, mas mesmo que soubéssemos, eu não te deixaria por isso. Não é isso.

- Então o que é? Porque «não me vejo nesta relação para sempre» não é uma razão adequada.

- É a única que tenho. - Se ele soubesse de tudo, ou sequer de uma pequena parte, não estaria a perguntar-me se eu tinha a certeza de que queria acabar com o nosso casamento, estaria a arrastar-me para a esquadra mais próxima pela minha participação num homicídio. Se não me entregasse à polícia, expulsar-me-ia sem cerimónias de sua casa, em vez de tentar convencer-me a ficar.

- Olha, C, porque não pomos tudo em suspenso? - sugere. - Esperamos um pouco mais. Vamos visitar a Trina e decidimos quando voltarmos em que ponto estamos.

Abano a cabeça.

- Não, não podemos fazer isso.

- Porque não?

- Porque nos vamos divorciar.

- Assim, sem mais nem menos?

- Não, não é sem mais nem menos. Só que... Olha, estava a falar a sério ontem, quando disse que devíamos manter a distância.

- Também pensei que estavas a falar a sério quando disseste «até que a morte nos separe». - Sei que quer dizer mais, ser mais cruel, mas está a controlar-se. Está a tentar não dizer nada que não possa ser retirado, que lance uma sombra desagradável sobre «nós» se decidirmos não nos divorciar. Se *eu* decidir não me divorciar.

- E estava - respondo. - Mas mudei de ideias. Posso mudar de ideias.

Furioso, frustrado, *magoado*, Wallace observa-me, em busca de algum sinal de que eu sou mesmo a pessoa que ele julgava conhecer. Não sou, claro. Nunca fui.

Com um abanar de cabeça, entra no nosso quarto, fechando a porta atrás de si. O som da porta a fechar-se é como um soco no âmago do meu ser. Corro para ela e encosto-lhe as mãos.

- Amo-te. Sempre - murmuro para o grão da madeira, esperando que, quando ele lhe tocar amanhã, essas

palavras se possam disseminar pela sua pele e acabar
aninhadas no seu coração.

7

10 de agosto de 2022

4.º andar, escritórios da HoneyMay, Brighton

Tarde

«Bem-vindo à Burrfield & Co., Advogados. Lamentamos, mas neste momento não nos é possível atender a sua chamada. Por favor, deixe mensagem com o seu nome, número de telefone e o assunto; um dos nossos associados entrará em contacto consigo logo que possível.»

Tentei ligar várias vezes durante a manhã e à hora de almoço, mas parece não estar ninguém no escritório do Dr. Burrfield. Tendo em conta que ele disse que ia agilizar as coisas, surpreende-me não ter tido notícias suas. Não deixei nenhuma mensagem no atendedor de chamadas porque, bem, não quero deixar registo do problema da minha «amiga» que «a» pode mandar para a prisão durante sete anos.

Sete anos.

Só de pensar nisso, ainda sinto vontade de vomitar.

Sete anos por fazer algo estúpido. Mas estarei a ser honesta? Se não fosse por aquele estúpido erro, estaria eu a divorciar-me de Wallace? A acabar com o programa de televisão que era um sonho ter criado, ter visto ser produzido e exibido na televisão? Acabaria eu por me mudar do local onde queria viver desde os 16 anos? Estaria eu inextricavelmente ligada ao encobrimento de um homicídio? Não, não, não e não. Por isso, talvez sete anos

de prisão não sejam suficientes. Talvez devesse apanhar pena perpétua.

Desligo o telefone e bato com ele na secretária junto ao meu portátil. Esta manhã, escapuli-me outra vez para evitar Wallace, e esqueci-me *outra vez* do meu passe de segurança, mas desta vez «Philip» não levantou problemas. As palavras de Franklyn na tarde de segunda-feira passaram a maior parte da noite a ecoar-me nos ouvidos. Sei que tenho de ficar longe de Wallace; tenho de manter a distância até tudo o que estou a fazer para me desenredar desta vida convergir.

- O assustador é que parece exatamente um dos nossos cenários - diz Amy, a editora de guiões, a Gail ao passarem junto à porta da sala de reuniões onde estou a trabalhar. Amy vê que estou a olhar para elas e para. - Ao cimo da rua, há um cordão policial - explica ela. - Ainda há imensos polícias por lá com macacões brancos e assim. Parece mesmo um dos cenários da *Detetive dos Bolos*.

- Acha que houve um homicídio ao cimo da rua? - pergunto eu, com a mesma medida de horror e de fascínio.
- Não vi nada *online* nem nos jornais.

- Não sei, foi só o que me pareceu.

- Onde foi?

- A caminho da pista de corridas. Há um restaurantezinho etíope onde gosto de ir almoçar e foi lá perto. Mesmo arrepiante. Quer dizer, parece exatamente um dos nossos cenários.

- Imagino que sim, com os biliões de consultores da polícia que temos no programa - respondo. *Tínhamos* no

programa, deveria antes dizer.

- A sua cara... - diz Gail. - Parece horrorizada. Um pouco estranho, tendo em conta o que escreve.

- Costumava escrever comédias românticas, acreditem ou não.

- O quê, tipo rasgar corpetes e assim? - pergunta Amy.

- Não propriamente. Para ser sincera, eram a versão mais moderna dessas histórias. Depois, fui a modos que arrastada para o homicídio.

Tanto Gail como Amy se riem.

- Nunca diga isso fora destas quatro paredes - comenta Amy, ainda a rir-se. - Parece tão suspeito.

Faço uma careta ao repetir mentalmente as palavras. «Tão suspeito.» Mas tão verdadeiro, a vários níveis.

Mais uma vez, Amy e Gail lembram-se subitamente de que eu acabei com o programa, pelo que não deviam ser tão simpáticas comigo - quase em sintonia, os seus rostos esmorecem e murmuram um «até logo» antes de seguirem caminho.

- Até logo - digo, baixinho, e pego no telefone para tentar novamente ligar a Jeff Burrfield.

Headingley, 1999

- Tenho vinho, tenho piza, tenho um par adicional de mãos para limpar - disse Heath quando lhe abri a porta. Tinha efetivamente uma garrafa de espumante a espreitar da bolsa a tiracolo em pano preto que lhe atravessava o

corpo, duas grandes caixas de piza nos braços e um sorriso familiar e reconfortante no rosto.

- Claro, H, apareces para ajudar depois das limpezas feitas e de esta mulher estar basicamente toda partida de fazer as ditas limpezas.

- Estou aqui, não estou? Posso vir tarde para as limpezas, mas vim a tempo da piza e da diversão, o que é muito melhor.

- Para ti, talvez, para mim, não. - Recuei um passo para o deixar entrar. Tirou imediatamente os sapatos, tal como eu o tinha treinado para fazer. Fora um desafio na nossa casa de estudantes, mas eu e Trina tínhamo-nos mantido firmes, lembrando os nossos colegas de casa de tirarem os sapatos e lavarem as mãos sempre que regressavam, até ser mais fácil para eles cederem e fazê-lo como norma.

Vivia nesta casa de cinco quartos em Headingley com Trina e outras três pessoas do módulo de Gestão de Empresas da sua licenciatura. Ela andava a estudar Matemática com a Gestão de Empresas como opção profissional, enquanto eu estudava Psicologia com a opção profissional de Comunicação. Heath estava a tirar Psicologia com a Administração Pública como área profissional, mas trocara para Comunicação a meio do primeiro semestre. (Fingimos os três que ele não o tinha feito para passar mais tempo comigo, embora tivesse obviamente sido esse o caso e eu o tivesse apagado da minha mente por ser outra coisa que me fazia sentir estranha.)

Dávamo-nos maioritariamente bem a viver em nossa casa, éramos um grupo essencialmente feliz e aqueles dois anos tinham sido mesmo divertidos. Agora, passados os exames finais e a formatura, todos tinham conseguido arranjar empregos e partido em diferentes momentos dos últimos dias. Trina tinha sido a última a sair, ficando até à noite anterior, antes de ir viver com o namorado, Steadman, em Roundhay. Na realidade, era um dos professores auxiliares da nossa universidade, mas não tivera contacto com Trina enquanto tal. Os seus olhares tinham-se cruzado sobre um empadão de carne cheio de grumos, durante uma hora de almoço no nosso primeiro ano, e estavam – discretamente – juntos desde então. Agora que a universidade terminara, podiam exhibir o seu relacionamento, indo imediatamente viver juntos.

Antes de partir, Trina tinha ajudado a limpar uma das casas de banho, bem como o seu quarto. Os meus outros colegas tinham «limpado» os seus quartos, o que na realidade significava que eu tinha passado a maior parte do dia com as mãos enfiadas numas luvas de borracha amarelas, a utilizar várias esponjas, escovas, sacos do lixo e utensílios de limpeza. Estava C-A-N-S-A-D-A. Quando falara com Heath à hora de almoço, ele tinha-me dito que ia aparecer para me ajudar.

– Onde vamos comer? – perguntou.

– No quarto. No meu quarto. É o único sítio com móveis. Tudo o resto se foi.

– Foi-se? Para onde?

- É uma longa história, mas uma das pessoas com quem arrendava esta casa fez um acordo com o senhorio para vender a mobília, uma vez que o dito senhorio vai vender a propriedade e não estava para se incomodar com o transtorno de a tirar. Foi-se tudo, portanto, daí a limpeza adicional. Quando se tiram os móveis, descobrem-se novos e desconhecidos tipos de resíduos, tralha e lixo. Fiquei com a minha cama, a mesa de cabeceira e a televisão, que volta amanhã para a agência de aluguer, em troca das limpezas. Parece que não é uma história assim tão longa, afinal.

- Para o quarto, então.

Começou a subir à minha frente, a bolsa com a garrafa a bater-lhe contra a anca à medida que se mexia, enquanto eu passava pela cozinha para ir buscar as duas canecas que ia levar comigo para casa. Não estava desejosa de fazer a viagem de regresso a Londres, de ir viver com os meus pais e a minha irmã mais nova até ao início do mestrado em Edição de Revistas em setembro. Adorava os meus pais, adorava a minha irmã, mas três anos fora tinham transformado a minha relação comigo mesma. Via-me como uma adulta, e os meus pais... de certeza que me iriam ver sempre como tendo 10 anos.

- Uma vegetariana para a senhora e uma simples piza de queijo e tomate para mim - disse Heath quando entrei no quarto. Estava na cama, ou mais propriamente no colchão, uma vez que o estrado tinha sido vendido e as minhas capacidades de negociação só me tinham valido o colchão, com as caixas equilibradas no colo para a gordura não manchar a capa do edredão. Tinha ligado a televisão e

acendido os meus dois candeeiros de secretária em vez da luz grande.

- Obrigada, bom senhor - respondi. - Vou ter saudades... disto. - Quase disse «tuas», mas fui a tempo.

- Vais ter saudades «disto» e não «tuas» - observou ele, com um sorriso. - Não te preocupes, Cleo, entendi a mensagem. Não faço parte das coisas de que vais «ter saudades».

- Vá lá, H, não sejas assim. - protestei. - Sabes o que eu queria dizer. - Tirei-lhe a garrafa da bolsa e rasguei o invólucro de alumínio. Comecei a destorcer o arame, subitamente ciente de que ele me fitava com intensidade. Assim que o arame se soltou, agarrei na rolha.

- Torce a garrafa, não a rolha - disse Heath. Dizia sempre isso quando bebíamos espumante.

Ao que eu respondia sempre:

- Agora vou torcer a rolha só para te contrariar.

A rolha saiu com um estrondo mais forte do que o esperado e subiu um pouco de espumante rapidamente, transbordando da lateral e escorrendo pelo gargalo da garrafa. Enchendo as canecas do Juiz Dredd e do Incrível Hulk, passei uma delas a Heath, peguei na minha piza e sentei-me ao seu lado na cama.

- O que vais fazer depois da universidade, H? Tens andado estranhamente calado a esse respeito. Sempre que pergunto, mudas de assunto.

- Isso é porque não sabia e não queria agoirar ao falar nisso. Mas hoje recebi a notificação, daí o espumante. Vou fazer formação para me tornar psicólogo clínico.

- Psicologia Clínica? Ai, sim? Muito bem, muito bem, estou impressionada. Onde?

- Londres. Andei a ver Psiquiatria, mas teria de fazer formação em Medicina e não tenho capacidades para isso. Por isso, Psicologia Clínica será, e mal posso esperar.

- Olha só para isto. Academia, aqui vamos nós.

Batemos com as nossas chávenas, com o som do choque ridiculamente alto no meu quarto praticamente vazio. Os nossos olhares cruzaram-se por cima das canecas de champanhe barato e das caixas de piza por abrir e surgiu então outro daqueles momentos; uma fervilhante complexidade de emoções que se erguia para nos consumir. Devíamos beijar-nos. Tudo à nossa volta nos dizia que o devíamos fazer.

Ao longo dos últimos três anos, tínhamos tido muitos mais desses interlúdios, em que parecia que tudo no universo nos impelia a estar juntos. E não estávamos. Nem de longe.

Tinha beijado algumas pessoas, chegara mesmo à fase das mãos a explorar corpos por cima das roupas, mas nunca fora até ao fim. E ainda que as Heathettes mudassem, diminuindo em número para depois aumentarem e voltarem a diminuir, Heath nunca tinha falta de pessoas com quem obter os seus «estímulos», como ele lhes chamava. Nunca falávamos sobre esta complexidade, esta coisa que não ia acontecer entre nós. Às vezes, quando ele estava em nossa casa e estávamos todos a divertir-nos, conseguia perceber que Trina queria incentivar a que nos juntássemos, mas desde aquela conversa na sala comum,

em que percebera como ele estava quase obcecado por mim, nunca mais o tinha abordado abertamente.

E ali estávamos nós outra vez. Naquela linha, naquela encruzilhada, naquele momento.

Posso nunca mais o voltar a ver, dei-me conta. É altamente provável que nunca mais o volte a ver.

Todos sabíamos que se faziam promessas de manter o contacto, havia boas intenções e a vontade de manter a ligação. Mas eu ia tirar um curso de dois anos a tempo parcial em Londres e teria de arranjar um emprego para me sustentar enquanto o fazia. Trina ia estar ocupada com a sua formação em Contabilidade para eventualmente se tornar contabilista forense, e agora Heath também ia estudar. A próxima etapa das nossas vidas abria-se diante de nós e não íamos manter o contacto de forma significativa. Íamos pensar nisso, falar nisso, mas não o faríamos.

O interlúdio prolongou-se, estendendo-se por muito mais tempo do que o habitual. Muito mais.

A tensão começou a incendiar o ar entre nós: o anseio, o calor, a necessidade. Sem quebrar o contacto visual, passei a piza do meu colo para o chão, pondo a minha caneca por cima da caixa. Sem quebrar o contacto visual, ele fez o mesmo. Mexemo-nos os dois até ficarmos de joelhos à frente um do outro, a olhar um para o outro, nenhum de nós suficientemente corajoso para dar o primeiro passo.

- Eu não vou... - começou ele. - Tenho de saber que queres fazer isto, por isso não vou dar o primeiro...

- Nunca fiz isto - interrompi-o eu à pressa.

- Nunca deste o primeiro passo?

- Nunca fiz isto - repeti, nervosa e ligeiramente enjoada por ter de lhe dizer isso. Nunca me tinha imaginado a dizer-lho, nem de que forma ele reagiria.

- Nunca fizeste...

- Não me obrigues a repetir, H. Podes, por favor, usar simplesmente esse teu grande e inteligente cérebro para entender o que te estou a dizer?

Ele franziu o sobrolho, semicerrando os olhos e enrugando o rosto ao fazê-lo. E então, *tlim!* Fez-se luz. Ele percebeu.

- *Ahhhh*, nunca fizeste *isto*.

- Sim.

- E queres?

- Sim.

- Comigo?

- Bem, não, se vais...

Transpondo a distância entre nós, ele tapou-me a boca com a sua enquanto as suas mãos me puxavam para mais perto. Subitamente, fiquei sem saber o que fazer. Deveria manter-me de joelhos, envolvê-lo nos meus braços, pôr-lhe as mãos no rosto, despi-lo?

As suas mãos roçaram-me nos ombros, envolvendo depois o meu rosto e puxando-me ainda para mais perto.

- És tão linda - murmurou ele. - És tão perfeita e tão linda.

Continuou a beijar-me enquanto puxava a minha *T-shirt*, desapertando-me o *soutien*. Deitei-me para tirar as calças de ganga e as cuecas, enquanto ele se despia rapidamente.

Uma vez nua, deitada no meu colchão, encolhi-me um pouco. Retraí-me e enrosquei-me sobre mim mesma, tentando esconder-me, ocultar o meu corpo, à fraca luz do quarto. O que pensaria ele de mim? O que pensaria qualquer pessoa do meu corpo, ao vê-lo assim pela primeira vez?

Já despido, Heath recostou-se e olhou para mim. Enrosquei-me ainda mais sobre mim mesma, usando os braços para esconder os seios e a barriga. A minha barriga não era lisa - era generosamente arredondada; os meus seios não eram empinados - eram cheios e caíam sem cerimónias de ambos os lados do meu corpo; as minhas ancas não eram esguias - estavam entremeadas por brilhantes estrias. Os meus negros e reluzentes pelos púbicos não estavam elegantemente arranjados ou moldados, as minhas coxas tocavam-se no meio. Era curvilínea, tinha um peso e uma forma normais, mas nesse momento, com alguém a ver-me nua pela primeira vez, sentia-me nervosa em relação ao meu corpo. Insegura. Ligeiramente preocupada, até. Estaria à altura das Heathettes? Não podia. Como poderia? Eram raparigas (várias delas caloiras) que tomavam conta de si mesmas. Que podiam arranjar ou não os pelos púbicos, mas que usavam maquilhagem, seguiam a moda e se certificavam de que estavam sempre com um aspeto incrível. Eu usava maquilhagem quando tinha de ser - para o baile de finalistas, por exemplo -, mas tanto eu como a minha pele nos sentíamos mais confortáveis sem ela. Gostava da minha aparência, gostava do meu corpo, era isso que eu era.

E essa pessoa era eu. Nem mais nem menos.

- Não faças isso - sussurrou ele, no preciso momento em que eu decidia não o fazer e afastava os braços.

Ele suspirou e gemeu alto enquanto me contemplava.

- És ainda mais perfeita do que eu poderia imaginar - murmurou, baixando a cabeça para me passar a língua pelo mamilo. Um prazer como eu nunca sentira trespassou-me e fez-me arquejar. Ele mudou para o outro seio, passou também a língua por esse mamilo e eu arquejei novamente.

Enquanto eu recuperava daquilo, ele enfiou os dedos entre as minhas pernas e depois dentro de mim.

- Oh! - exclamei, surpreendida com o bem que sabia e com o errado que me parecia ao mesmo tempo. Deveria eu estar a fazer aquilo? Deveria aquilo estar a acontecer?

Afastando-se, Heath olhou-me nos olhos, sorrindo enquanto enfiava mais os dedos e o meu corpo reagia avançando em direção a ele, erguendo-se, tentando conseguir mais dele dentro de mim. Queria que me tocasse o mais profundamente possível. Gemeu ao mesmo tempo que eu, e os meus olhos fecharam-se enquanto os seus dedos continuavam a mover-se dentro de mim e o meu corpo ansiava por mais e mais daquilo. Era algo novo, não havia palavras para descrever as sensações que me corriam pelas veias, incendiando todas as minhas terminações nervosas.

- Queres-me dentro de ti? - perguntou ele, baixinho.

Mordendo o lábio inferior, anuí. Sim, queria-o. Queria-o muito. Ele afastou-se, saiu da cama e dirigiu-se à sua bolsa, abrindo-a. Enquanto vasculhava freneticamente o interior

em busca de um preservativo, puxei os lençóis para trás e enfiei-me lá dentro, o algodão fresco uma súbita vibração na minha pele antes de me aconchegar.

Foi tal o triunfo com que Heath tirou dois preservativos da bolsa que quase parecia que estava numa expedição de mineração e tinha encontrado ouro. Voltou para a cama.

- Continuas de acordo com isto?

Assenti novamente, já quase ébria de desejo. Ele ter ido buscar os preservativos não me tinha feito mudar de ideias, deixara-me mais segura de que queria fazê-lo. De que precisava de o fazer. Sentando-se sobre os calcanhares, Heath começou a acariciar a sua ereção enquanto olhava para o meu corpo. Ainda a observar-me, absorvendo-me como se não pudesse acreditar que estava realmente ali comigo, rasgou o invólucro do preservativo e colocou-o lentamente. Estendendo de novo as mãos para mim, desta vez Heath agarrou nas minhas coxas, abrindo-me as pernas.

Pôs-se entre as minhas pernas, a ponta da sua ereção encostada a mim. Debruçou-se, aproximando o rosto do meu. Beijou-me profundamente e eu retribuí. Acariciou-me o rosto enquanto nos beijávamos, e eu acariciei o seu. Arqueei ao senti-lo entrar subitamente em mim, arqueei as costas, gemi enquanto ele ia mais fundo.

Interrompendo o nosso beijo, os seus lábios a milímetros dos meus, ele sussurrou:

- Estás bem? Queres continuar?

- Sim... sim - murmurei. - Sim. - E puxei-o para mais perto, fechei os braços em seu redor, envolvi-o com as

minhas pernas e gritei de prazer enquanto ele investia mais fundo e com mais força dentro de mim.

Não sabia que ia ser assim. Que me podia sentir daquela maneira. Que podia estar assim tão próxima de alguém. Os meus dedos cravaram-se nas suas costas, querendo-o mais perto, precisando que aquelas sensações me envolvessem por completo. Reagindo, Heath afastou um pouco mais o rosto para me poder olhar nos olhos enquanto fazia o que eu queria, até estar a mover-se comigo, a mover-se profundamente, unindo-nos de tal forma que nada nem ninguém poderia alguma vez interpor-se entre nós.

Headingley, 1999

- Tenho medo de falar, para o caso de estragar tudo - disse Heath, ao sentarmo-nos no fim, ambos tão famintos que quase o deixei não lavar as mãos antes de comer. Quase, mas não propriamente.

A casa estava inquietantemente silenciosa e ecoante quando fui à casa de banho ao fundo do corredor, por isso voltei a correr e saltei para cima do colchão, apressando-me a enfiar-me debaixo dos lençóis o mais rápido possível. Heath bebeu mais espumante do que comeu, enquanto eu comi mais do que bebi.

- Adorei ver-te assim. Adorei ser eu a fazer-te aquilo - disse ele, após um enorme gole de espumante da caneca do Incrível Hulk. - Quero continuar a fazê-lo para sempre.

Quase me engasguei com o bocado de piza que tinha acabado de engolir e tive de o empurrar com o vinho

quente.

- Foi um estrago rápido, até mesmo para mim.

- Não estragaste nada. Eu só...

- Só o fizeste comigo porque achas que nunca mais me vais voltar a ver. Consequiste a tua diversão e...

- Não digas isso - admoestei-o. - Vá lá, H. Foi incrível. Não foi uma diversão para mim nem nada que se pareça. Tive... Não poderia imaginar uma melhor primeira vez ou melhor pessoa com quem a ter. Foi... Nunca soube realmente o que pensar ao pensar sobre o sexo. Podemos vê-lo simulado na televisão e nos filmes, podemos ler as descrições num livro ou numa revista, mas não sabia que podia ser assim. Tão... tão libertador, mas também como se me estivesse a ancorar a outra pessoa. A ti. É sempre assim, o sexo?

Heath pousou a caneca e aninhou-se na cama, virado para mim.

- Basicamente, o sexo é como a piza. É bom sempre que se pode ter. Mas nem sempre é assim, e sem dúvida que não o é com todos aqueles com quem dormimos. Eu só tive sexo assim com uma outra pessoa, e não durou muito tempo. Ela... Não resultou.

- Alguém da universidade?

- Não, antes da universidade.

- Não resultou porquê?

- Não é propriamente algo de que queira falar agora. Principalmente quando acabámos de fazer amor pela primeira vez.

Aninhei-me mais perto dele, apoiando a cabeça no seu ombro, acariciando-lhe o antebraço com os dedos, descendo e voltando a subir.

- Diz-me - encorajei-o eu. - Quero saber.

- Bem, não era o melhor dos cenários. Tinha 14 anos e ela era mais velha. Muito mais velha. Era... era a minha professora de Ciências. Nós... Em retrospectiva, consigo ver que era errado a muitos níveis, mas ela era tudo para mim. Ensinou-me tudo o que alguma vez poderia saber sobre o amor. O sexo com ela era alucinante. Foi muito querida comigo, porque, sabes, era a minha primeira vez e estava com medo de que ela não gostasse, porque não fazia ideia do que estava a fazer. Mas ela tranquilizou-me. Ajudou-me. E foi alucinante, como digo.

- Porque não resultou, então? - perguntei eu, baixinho, porque estava chocada. Chocada por ele andar a dormir com a professora. A professora! Em que estava ela a pensar? Obviamente, não estava. Obviamente, era uma predadora, além de outras coisas não muito simpáticas. Mas era evidente que Heath a tinha amado. Era evidente que ainda sentia algo por ela; não podia espezinhar isso demonstrando o meu horror perante a forma como ele tinha sido manipulado por aquela mulher; vítima dos seus abusos. Estava abaixo da idade do consentimento, ela era mais velha e ocupava uma posição de poder. Nada daquilo deveria ter acontecido, nada daquilo deveria ter sido consumado e perpetrado por aquela pessoa.

- O quê, além do óbvio abuso de confiança e da sua posição de professora e da ilegalidade e imoralidade geral

de uma pessoa muito mais velha ter sexo e um relacionamento com alguém muito mais novo, que está abaixo da idade do consentimento? Porque não resultou além disso, queres tu dizer?

- Não o teria dito dessa forma.

- Sei que não, e é uma das razões por que te amo. Mas há que ser honesto: lá porque o sexo era incrível e eu estava completamente apaixonado por ela, não quer dizer que não fosse abusivo. É por isso que estou a estudar Psicologia. Quero perceber porque me deixei arrastar e quero ajudar outros miúdos como eu a não serem arrastados.

- Meu Deus, lamento.

- Não, não digas que lamentas. Não me sinto vítima de abuso. Quando olho para trás, não sinto ressentimentos por ela ou pela nossa relação. Era incrível para mim, tratava-me muito bem, nunca fez nada horrível ou manipulador, ou que fosse de alguma forma emocionalmente violento ou ameaçador. Só queria o melhor para mim. A situação é que era simplesmente errada, porque nunca deveria ter existido, se é que isso faz sentido...

- Sim. Sim, faz. O que aconteceu, então?

Durante uns intermináveis segundos, ele ficou em silêncio, a olhar para o vazio.

- Eu... Repara, ela já o tinha feito, já tinha tido relações com adolescentes ao seu cuidado. Por isso, quando o marido soube de mim, matou-a.

Sentei-me bruscamente.

- *O quê?* Como assim?

- Foi macabro, mesmo macabro. Está na prisão por isso. Felizmente, não tinham filhos, mas continuo a passar-me e a sentir vontade de vomitar quando penso nisso.

Fiquei sem palavras e mergulhámos num silêncio que durou longos minutos.

- Tiveste de prestar depoimento e tudo? - acabei por perguntar.

- Não, ele confessou. Foi à polícia e confessou logo depois de o ter feito. Mas falou em mim, por isso vi-me obrigado a mudar de nome. Bem, a usar o segundo. Heath é o meu segundo nome. Sawyer é o apelido de solteira da minha mãe. Comecei a usá-los quando nos mudámos para uma nova zona nos arredores de Londres e comecei a frequentar uma escola nova. Não foi há assim tanto tempo. E, como te digo, ainda sinto vontade de vomitar quando penso nisso.

Abracei-me a ele. Heath não era quem eu pensava. De todo. Era muito mais. Tinha passado por tanto. Não conseguia imaginar o que devia ter sentido ao perder alguém que amava naquelas circunstâncias.

- Deves ter sofrido tanto - disse-lhe eu, acariciando-lhe o rosto. - Tanta mágoa. Não fazia ideia.

- Mágoa. Nunca tinha pensado nisso. Foi tudo tão estrondoso, na altura, e sempre pensei na mágoa como algo discreto, íntimo. - Deu-me um beijo rápido e suave. - Mas evito pensar nisso. E foi por isso que consegui aceitar que não me querias. Vi ao que o ciúme e a obsessão podem levar. O que podem fazer à mente de uma pessoa. - Encostou novamente os lábios aos meus, desta vez de

forma um pouco mais firme e durante mais algum tempo. – Vai ser um episódio isolado, Cleo? – perguntou, de forma hesitante, a preocupação a tremular ligeiramente em cada palavra.

– Tem de ser, não tem? – respondi. – Amanhã partimos para as nossas novas vidas. Todos temos boas intenções de manter o contacto, mas nunca o fazemos. Aceitemo-lo apenas como o magnífico interlúdio que é e sigamos em frente.

– Não queres sequer tentar encontrar-te comigo em Londres?

– Londres é um sítio grande. Um sítio ENORME. Sabes disso. Vamos ambos estar muito ocupados. Acho que temos de aceitar que isto é, infelizmente, um caso isolado.

– Não concordo.

– É justo.

– Acho que vais voltar para mim. Na verdade, sei que irás sempre voltar para mim. Mas está bem, podemos aceitar isto como um episódio isolado. – Torceu uma das minhas tranças em redor do seu dedo. – Ainda assim, acho que se esta noite é tudo o que temos, então temos de tirar o máximo partido dela... se é que me entendes.

– Entendo, pois, e nisso acho que estamos de acordo.

Antes de adormecermos, algo que ele tinha dito flutuou de volta a mim por entre todas as coisas de que tínhamos falado durante a noite: «Vais voltar para mim. Sei que irás sempre voltar para mim.»

Havia algo que soava assustadoramente verdadeiro.

Parte 2

Oeste de Londres, 2000

- A sério que não percebo porque te sujeitas a todo este *stress* - disse-me Heath.

Acabava de desligar o telefone a um agente imobiliário que ligara para me informar de que não tinha sido bem-sucedida na minha candidatura a uma casa partilhada. Uma casa partilhada! E nem era assim tão boa, apenas conveniente porque ficava na zona certa. Precisava de um sítio para viver de onde fosse fácil chegar à universidade e ao trabalho. Atravessar metade de Londres todos os dias a partir de casa dos meus pais estava a matar-me a alma lentamente.

Reclinei-me na cama, com os braços estendidos para os lados, de olhos fechados, a mente acelerada enquanto tentava decidir o que devia fazer. Viver com os meus pais não era a opção certa. De todo. Dava para perceber que também não estavam propriamente encantados por me terem lá. Estavam divididos entre gostarem de ter outra adulta na casa que lhes pagava uma renda simbólica e terem de lidar com o facto de que, sempre que a filha estava fora de casa e não regressava, era provavelmente porque estava a fazer sexo ou a beber ou a comportar-se de formas pagãs. Efie, que tinha aperfeiçoado o seu lugar na casa desde que eu e a nossa irmã mais velha, Adjua, tínhamos saído, também não estava feliz por me ter lá.

Conseguira levar os nossos pais a um ponto em que mal reparavam se ela estava lá ou não, mas desde que havia a possibilidade de estarmos lá as duas, de estar só uma ou de não estar nenhuma, os nossos pais estavam sempre em alerta – à espera de que alguém aparecesse –, o que levava a perguntas a que a Efié não gostava de responder.

Ultimamente, tinha-me perguntado várias vezes quando é que me ia mudar, como se não fosse também a casa da minha infância. Não que eu gostasse de ser interrogada pelos meus pais. Cada dia era um passo mais perto de um de nós perder o controlo e dizer algo imperdoável.

Estava a adorar o mestrado. Achava fascinantes as coisas que andava a aprender sobre a publicação de jornais e revistas, ter o espaço e a estrutura para escrever era incrível e estava bem encaminhada para conseguir um estágio em breve na revista de um jornal nacional. Tudo isso era bom, mas cada elemento vinha acompanhado por algo inquietante. Principalmente o meu iminente estágio. Ter de fazer a viagem para lá, de viajar para as palestras nalguns dias e de ir depois para o bar onde trabalhava à noite ia dar cabo de mim, sabia que sim.

Subitamente, a cabeça de Heath apareceu por cima da minha, com os cantos da boca virados para baixo.

– Oooh, pobre estrela-do-mar triste – arrulhou. – Não gosto de te ver assim. Sinceramente, não sei porque te sujeitas a isto.

– Preciso de um sítio para viver – disse eu miseravelmente.

Heath voltou para o outro lado da cama e pôs-se em cima de mim. Com os seus dedos ágeis, começou a desapertar os pequenos botões brancos da minha camisa de ganga preta.

- Muda-te para cá - sugeriu. - Há imenso espaço. Até podes ter o teu próprio quarto.

«Cá» era o grandioso apartamento numa mansão vitoriana que ele tinha comprado em Hammersmith com a ajuda dos pais. Tinham-lhe dado o dinheiro para uma grande entrada, para que pudesse beneficiar da sua herança agora em vez de num ponto não especificado do futuro, e ele tinha-lhe dado um uso excelente. Estava devoluto quando o comprou, mas ele não quis saber, pois facilitava-lhe muito a vida ao permitir-lhe ir facilmente para o seu local de trabalho/formação em Chelsea, e fora extra inteligente a antecipar o futuro ao comprar um apartamento com três quartos gigantescos. As proporções eram extremamente generosas e todos os quartos tinham tetos altos e grandes janelas que deixavam a luz entrar. Lentamente, tinha vindo a devolvê-lo à sua antiga glória com um toque moderno. Teria adorado viver num sítio assim. Se aparecesse um para arrendar dentro do meu orçamento, não pensaria duas vezes antes de me mudar. Mas...

- Não - respondi. - Obrigada, mas não.

Desapertado o último botão, abriu-me a camisa, expondo o meu *soutien* de renda preta. Vi-o engolir em seco de pura luxúria, e senti-o mudar de posição em cima de mim como

se o prazer e a dor lhe atravessassem o corpo na mesma medida.

- Porque não? - perguntou ele, num tom subitamente sombrio e ofegante. Lentamente, passou as mãos pelos meus seios, parando para me provocar os mamilos com os dedos.

- Porque seria como passarmos a viver juntos quando ainda estamos a... fazer seja lá o que isto é.

- Há tanto espaço, não estaríamos um em cima do outro. Podes ter o teu próprio quarto, podemos ser colegas de casa.

Os seus dedos estavam a desapertar os botões de metal das minhas calças de ganga e não conseguia ver a ironia do que estava a sugerir.

- Heath, não posso fazer isso. Não posso viver contigo.

- Porque não?

- É... és demasiado intenso, como a Trina disse em tempos.

Isso fê-lo parar de me despir. Apoiou-se nos calcanhares, franzindo o sobrolho.

- A Trina disse isso? Pensava que ela gostava de mim.

- E gosta. Adora-te. Há montes de tempo que é tua fã, e já apoiava uma relação Heath e Cleo muito antes de eu aceitar sequer pensar nisso. Mas até ela consegue ver que és demasiado intenso, principalmente no que me diz respeito. Não sei porquê, mas és. Não seria justo para nenhum de nós se eu me mudasse para cá.

- Posso ser menos intenso.

Peguei-lhe nas mãos, apertando-as entre as minhas.

- Querido, não quero que mudes quem és por minha causa. Tu és tu, e isso é maravilhoso, mas não tens propriamente uma vida para além de nós. Não falas em amigos, por isso imagino que não tenhas nenhum. Tens um emprego incrível e estás constantemente a conhecer pessoas novas, mas não vais beber um copo com elas nem nada do género. Quer dizer, há sequer alguma Heathette em cena?

- Porque haveria de haver Heathettes... que nome estúpido, já agora... quando estou contigo? - O seu rosto torceu-se. - Espera lá, andas a sair com outras pessoas?

Soltei um suspiro interior.

Lenta, mas deliberadamente, ele libertou as mãos do meu aperto.

- Andas? - perguntou novamente. A rouquidão desaparecera, substituída pelo que só poderia ser descrito como uma raiva a fogo lento.

- Não propriamente.

- O que significa isso?

- Significa que alguém com quem trabalho no bar me convidou para sair e eu pensei no caso. Acabei por recusar, mas não o descartei como faria se tivesse um namorado a sério.

Por essa altura, já Heath tinha saído da cama. Um pouco afastado, olhava-me fixamente. *Fulminava-me* com o olhar.

- Com quantas pessoas dormiste? - perguntou, tenso.

- Porque me fazes essa pergunta? - repliquei, sentando-me lentamente e concentrando-me em apertar os botões. Apertar os botões significava manter a cabeça baixa e não

ter de enfrentar aquela ladainha. Não tinha um tom doce, a sua melodia não era tranquilizadora, as suas palavras só poderiam queimar. *Culpa tua por te envolveres com alguém tão intenso*, ter-me-ia dito Trina.

- Porque quero saber - respondeu friamente.

- Quando foste para a Austrália durante aqueles três meses, disseste que não estávamos juntos - comecei. - Foste tu que o disseste. Não eu. Tu!

- Sei o que disse - afirmou ele, no mesmo tom inexpressivo. Ou não seria o mesmo? Estariam pequenas gotas de agressividade a transparecer? - Também sei que, uma vez que fui o teu primeiro, se disseses que dormiste com mais alguém além de mim, então tu... lá chegaremos quando responderes a esta pergunta, suponho. Com quantas outras pessoas dormiste?

Heath era atraente de uma forma que não mexia comigo. O que me agradava nele não tinha nada que ver com a sua aparência. Era a sua mente, o seu humor - quando relaxava -, o seu companheirismo, o seu bom coração. Quando estávamos juntos e ele estava descontraído, era tão confortável que quase chegava a ser tranquilizador - com o bónus acrescido do sexo alucinante.

- Nenhuma - repliquei eu, olhando-o diretamente nos olhos para que soubesse que eu não estava a mentir. Para que não tivesse razões para duvidar. Era fácil de fazer porque era verdade.

- Nenhuma? - repetiu ele, obviamente sem acreditar em mim.

- Nenhuma. Não dormi com mais ninguém - reafirmei. Em seguida, respirei fundo. - Mas beijei uma pessoa. Um tipo da universidade que conheci numa saída à noite. Estávamos os dois muito bêbedos e ele beijou-me e eu correspondi.

- Mas não fizeste amor com ele?

- Não - respondi diretamente, de forma imediata, mais uma vez para que ele soubesse que estava a dizer a verdade. - Não. Não. Não. - Fixei novamente o olhar em Heath. - E nós não estávamos juntos. *Tu* fizeste questão disso, razão pela qual não te perguntei o que andaste a fazer enquanto estavas na Austrália.

- Nada. Não fiz nada. Nem sequer me senti vagamente tentado porque só conseguia pensar em ti. E disse que não estávamos juntos porque queria provar a mim mesmo e a ti que te importavas o suficiente comigo para me seres fiel, mesmo não tendo de o fazer.

- Como posso eu ser fiel a um sujeito que basicamente me deixou antes de partir para um país carregadinho do tipo de mulheres de que geralmente vai atrás? - atirei-lhe eu, com a mágoa das suas palavras ainda a arder dentro de mim. - Lamento ter falhado no teu pequeno teste, Heath, talvez da próxima vez me possas avisar de que vou ser avaliada para eu poder estudar um pouco mais.

- Não tentes virar isto contra mim. Foste tu que disseste que devíamos deixar aquela última noite em Leeds como um caso isolado.

- E tu concordaste. E depois mudaste de ideias e imploraste-me para sair contigo. E então, passados seis

meses: «Vou para a Austrália fazer formação adicional e ver a minha família por lá, não esperes por mim, que eu acho que vou fazer um teste à minha pila enquanto lá estou, até um dia destes, Cleo, sua falhada».

- Vá lá, eu não disse isso.

- Não, não disseste, mas foi como se tivesses dito.

As coisas estavam a ficar acaloradas e eu sabia que me devia acalmar, mas não queria. Ele tinha-me humilhado. Era essa a questão fundamental. Depois da noite em Leeds, tínhamo-nos despedido de forma amigável, mas depois ele não parou de me ligar. Durante dois meses, ligou-me todas as noites a implorar que continuasse a encontrar-me com ele, que nos desse uma oportunidade. Cedi porque a verdade era que sentia a sua falta. E também estava surpreendida por conseguir sentir algo. Entendia agora a grande questão do sexo e tinha saudades da ligação que tinha com Heath através dele. Mas então, seis meses depois...

- «Não sei se esta ligação entre nós é suficientemente forte para aguentar três meses de distância», disseste tu. «Por isso, acho que é melhor separarmo-nos enquanto eu estiver fora. É melhor manter as minhas opções em aberto para o caso de ter a oportunidade de explorar novas pastagens. Isto também não é assim tão sério, pois não?» - Tentei conter a minha raiva, as lágrimas de fúria que ela despertava. - Foi isso que tu disseste, não foi? *Não foi?*

Ele assentiu, mas não disse nada, talvez porque conseguia perceber a raiva e a humilhação. Talvez porque

conseguia ver a mágoa de ouvir essas coisas antes de ele entrar num avião e me deixar.

- Quantas vezes beijaste esse tipo? - acabou por perguntar. - Depois da primeira.

- Outras duas vezes.

- E a sério que não fizeste amor com ele?

- A sério que não. Acho que só o fiz porque sentia a tua falta e estava convencida de que andavas a divertir-te com outra pessoa. Não gostava de me sentir assim.

- E não o viste desde então?

- Não. Não é do meu curso. E já não vamos beber ao bar de estudantes.

- Está bem - disse ele. - Está bem. Se já não estás com ele...

- Nunca estive, Heath, e nessa altura não estava contigo. Na verdade, nem sei bem se estamos juntos agora, tendo em conta que ainda não tivemos «a conversa» nem desdisseste o «não estamos juntos». O que é mais uma razão para não me poder mudar para cá. Nem mesmo como colega de casa.

- Tudo bem - admitiu ele, esmorecendo ligeiramente. - Dito dessa forma, vejo que me excedi. E que fui um pouco controlador. Desculpa.

- Desculpas aceites - respondi. Conseguia perceber que ele queria que eu me desculpasse por ter beijado outra pessoa, mas eu não ia fazê-lo. Fora ele a definir as regras e, se não lhe agradava quando eu as seguia, não era problema meu.

Quando percebeu que eu não ia pedir desculpa, baixou o olhar com um sorriso sardónico no seu rosto atraente.

- Queres outra cerveja? - perguntou.

- Sim, por favor.

Antes de sair do quarto, beijou-me rápida e suavemente nos lábios. Eu deixei-me cair novamente na cama.

Ora, era certo que eu estava provavelmente a jogar com a semântica para evitar contar-lhe tudo o que acontecera com o tipo que tinha beijado, Ethan. Ao voltarmos para o seu quarto na universidade, tínhamo-nos beijado um pouco mais e depois ele tinha-me feito sexo oral. Era a «panca» dele, adorava fazê-lo e... bem, eu estava solteira. Tinha-o ouvido do tipo com quem nem sequer andava a sair. Por isso, sim, tinha-o deixado fazer-me aquilo e tinha atingido o êxtase, satisfazendo-o depois manualmente de livre vontade. Mas não tinha havido sexo, não tínhamos feito amor, apenas contactos sexuais. Das três vezes.

Semântica. Distorcer, usar, *abusar* das palavras para servir os nossos objetivos. Para servir a narrativa que queremos criar. Para nos poupar à dor de ter a mesma conversa uma e outra vez. Porque eu conhecia Heath. Sabia quão possessivo e territorial podia ser o seu amor, e a questão era que eu não tinha feito nada de errado. E porque não o tinha feito, não tinha de lhe contar. Não se achasse que isso o iria magoar.

Não estava a ser desonesta - estava a usar a semântica para nos poupar muito sofrimento.

Porque eu e Heath não podíamos continuar assim.

Era demasiado intenso para mim. Demasiado intenso para ficarmos juntos.

Tinha de acabar com aquilo.

- Aqui tens - disse ele, estendendo-me uma escura e suada garrafa de cerveja americana.

- À tua saúde, meu querido.

Tinha de acabar com aquilo o mais cedo possível. Para bem de ambos.

9

10 de agosto de 2022

Casa de Cleo e Wallace, fronteira Hove-Brighton

Início da noite

- Mudança de planos. - Franklyn cai-me em cima assim que entro pela porta principal. Nem sequer tive oportunidade de voltar a guardar as minhas chaves no bolso antes de ele aparecer mesmo à minha frente. Foi um longo dia de trabalho nos escritórios da HoneyMay. Fiz mais progressos, mas ainda estou naquela fase em que só me apetece chorar, atirar com o computador e beber café açucarado. E ainda tenho muitas longas noites pela frente - além de não ter conseguido falar com o advogado.

O meu plano era chegar a casa, tomar um duche demorado e enfiar-me na cama para começar novamente a trabalhar.

- Mudança de planos - diz novamente Franklyn.

- Está bem - respondo, recuando ante a sua invasão geral do meu espaço íntimo.

- A Lola não vem este fim de semana - anuncia rapidamente.

- Tudo bem.

- Está aqui agora. A mãe teve uma emergência e não podia levá-la com ela. Também não podia deixá-la lá sozinha, por causa das férias de verão, por isso está aqui.

- Está bem, certo - digo eu cautelosamente, sem perceber muito bem qual é o problema.

- Não te importas? A sério? Não há problema?

- É claro que não. É a tua casa, o que significa que também é a casa dela e que podem ir e vir quando quiserem. Pensava que sabias disso.

- Sim, mas não quero abusar da sorte nem nada do género. Principalmente com toda essa confusão que tens em mãos. - Baixa a voz ao dizer a última parte.

- Não há confusão nenhuma, Franklyn. Já resolvemos tudo. - O calor da humilhação pela forma como ele nos repreendeu ao jantar há duas noites sobe-me pelo corpo. Não consigo olhar para ele neste momento.

- Sim, está bem. Mas o problema é que...

Estava-se mesmo a ver, penso eu.

- O problema é que... - repito, perante o seu súbito silêncio.

Ele baixa a voz.

- É possível que tenha a minha própria «confusão» sem a parte da «confusão». Tenho tido sorte em Brighton, sabes? - Esboça um aceno apreciativo. - Pensava que estava livre até ao fim de semana e fiz «planos» para os próximos dias, se é que me entendes.

Entendo o que ele quer dizer, por isso anuo.

- E então... - sussurra ele sugestivamente.

- Então...

- Vá lá, C, vais dar-me uma ajudinha ou não?

- Claro. Só tinhas de pedir.

- Era o que eu estava a fazer.

- Isso não era... Sabes que mais? Não importa. A que horas vais sair?

- Há meia hora.
- E onde está o Wallace?

O rosto de Franklyn - o rosto do meu marido - contrai-se subitamente e parece desconfortável. O seu corpo encolhe-se ligeiramente, parece pouco à vontade, como se desejasse que a paisagem o engolisse, lhe permitisse misturar-se súbita e inexplicavelmente com ela para não ter de lidar com isto. Afasta-se um pouco.

- Sabes como é o Wallace - acrescenta, como se isso explicasse tudo.

- Sim, pois sei. Mas não sei onde está neste momento. E, uma vez que ainda por cima não vais estar cá para me ajudar a tomar conta da Lola...

Como se ao referi-la a tivesse invocado, ela aparece ao fundo do corredor.

- Tia Cleo - diz, com um enorme sorriso.

Tinha-me esquecido de como gosto de ver o seu rosto, de como sinto a sua falta como um eco no meu coração, de como adoro sempre ver a sua quente pele castanha, os seus grandes e belos olhos, os seus lábios cheios e carnudos, sempre prontos para se torcerem num sorriso, e os seus brilhantes cabelos negros divididos em duas grandes tranças que lhe descem até aos ombros.

- Sobrinha Lola - respondo eu, imitando o seu tom de voz.

- Numa escala de um a um milhão, até que ponto estraguei os teus planos para a noite? - pergunta ela. Conhece bem o pai, por isso sabe que ele tem planos que não a envolvem.

- Uns 50 negativos. Não tinha outros planos para esta noite a não ser trabalhar, por isso estares aqui é do melhor.

- Posso ajudar-te com o trabalho - diz ela com confiança.

- Podes contar comigo.

- Não incomodes a tua tia - pede Franklyn à filha de 13 anos. - Depois de jantares, vai ler para o teu quarto, está bem? Sabes a que horas tens de te deitar.

- Oh, cala-te lá. Tu tens os teus planos, nós temos os nossos - digo eu ao meu cunhado. - Não lhe lighes, sobrinha Lola.

- Está bem, está bem. - Franklyn acena com a cabeça em aprovação. - Vou acabar de me arranjar.

- Vai, vai - dizemos Lola e eu em simultâneo.

Franklyn sai para se ir arranjar sem me dizer onde está o meu marido.

Sul de Londres, 2003

A minha secretária parecia ser um indicador bastante claro do meu mundo interior naquele momento. Quatro copos de água a diferentes alturas, dependendo da quantidade que tinha sido bebida, repousavam em fila na parte de trás da mesa como jogadores de futebol à espera de defender um livre. O meu tapete de rato do *Star Treck* estava torto, não tendo conhecido o toque de um rato de computador durante anos. O rato propriamente dito estava do outro lado da secretária, com a bolinha descontrolada e basicamente inútil. Um pacote de rebuçados de mentol jazia em frente ao teclado do computador, aberto e a ser

lentamente consumido sempre que me lembrava da sua presença. Duas canetas, com as tampas firmemente colocadas, jaziam junto ao tapete do rato, fazendo-lhe companhia como silenciosas sentinelas. Diante dos copos de água, estavam três lápis demasiado afiados que pareciam prontos para começar uma luta, tal era a severidade dos seus cortes. Um tubo quase vazio de creme de mãos erguia-se junto ao canto da secretária onde o fio do computador se enrolava, vindo da tomada de parede. Um livro de selos espreitava por baixo do teclado, enquanto uns auriculares emaranhados definhavam por cima do monitor. Era assim a minha secretária, a minha confusão, a minha vida, na verdade – coisas amontoadas umas em cima das outras, perdidas, deslocadas, mas que ainda existiam e não faziam mal a ninguém.

Tinha acabado de deixar um emprego a tempo inteiro e estava novamente a trabalhar como *freelancer* para revistas femininas. Basicamente, tinha arranjado aquele emprego numa revista pequena, mas popular, para poder ter um rendimento estável e conseguir o dinheiro necessário para comprar um apartamento no Sul de Londres. No Sudeste de Londres – o outro extremo da cidade em relação ao local onde os meus pais viviam e onde eu tinha crescido. Tinha voltado à vida de *freelancer* para poder fazer o meu outro trabalho, aquele por que ninguém me pagava – escrever um livro.

Escrever livros e um filme sempre tinha sido o meu sonho. Mas, tal como me tinha vindo a aperceber, não ia aparecer ninguém para me oferecer um contrato de edição,

ninguém me ia pedir que criasse um programa de televisão ou um filme. Tinha de o fazer e de tentar depois que o livro fosse publicado, tinha de o escrever e de tentar que um filme ou programa de televisão fosse feito. Era esse o sonho.

E ali estava eu, a viver o sonho. Com a minha secretária desarrumada, o meu apartamento desorganizado e carradas de motivação. Olhei para as palavras no ecrã. Faziam sentido quando as escrevera há instantes. Eram corretas, apropriadas e perfeitas para o que eu estava a tentar dizer. Ao lê-las agora, sentia-me... *confusa*. Porque achava eu que aquela era a palavra certa? Porque achava que aquela frase tinha algum significado? Porque achava eu que podia juntar palavras suficientes para criar um livro a sério?

Deitei a cabeça na secretária, evitando as canetas e os rebuçados e os lápis demasiado afiados. Olhei para a janela, com as cortinas de pano bege descidas, e tentei distinguir as formas do mundo para além delas.

A resposta simples era que estava a ter dificuldades em criar um livro a sério. Escrever um livro era substancialmente mais difícil do que ler um. Era imensamente mais difícil do que editar um artigo e encontrar a manchete e a voz certas para essa publicação específica. Encontrar as personagens certas, o tom certo e um enredo de cortar a respiração, mantendo-o durante mais de 300 páginas, era muito mais difícil do que tudo o que eu tinha tentado até então.

Estava a adorar, era inegável, mas era *DIFÍCIL!* Sinceramente, pensava que já tinha terminado este livro. Agora estava a reescrevê-lo. Quando reescrevia uma parte, porém, havia outra que precisava de ser corrigida. E ao retificar essa parte, outra ter-se-ia desfeito e precisaria de ser remendada. Era interminável. Ou, pelo menos, era isso que me parecia às três da manhã de sábado, quando questionava seriamente todas as capacidades que anteriormente julgava ter.

O que se passava era que eu andava a evitar uma verdade e, a cada dia que passava, essa verdade esforçava-se mais e mais para se assegurar de que eu lhe prestava atenção. Não gostava de ser ignorada, pelo que se fazia sentir de todas as maneiras possíveis. E que verdade era essa?

Tinha de começar de novo. Tinha de rasgar tudo (metaforicamente) e recomeçar do zero. Novas personagens, novo enredo, novo cenário, nova escrita. Novo livro.

Que revelação para se ter às três da manhã!

Trim-trim-trim! O som rasgou a quietude noturna do meu apartamento e quase me fez dar um salto. O telemóvel estava do outro lado da sala, mas não precisava de ver o ecrã iluminado para saber quem seria. O meu olhar dirigiu-se para o grande mostrador preto e branco do relógio de parede por cima da impressora. Eram três da manhã, por isso seria certamente ele.

Era algo que ele fazia: embebedar-se, ligar-me, implorar-me que lhe desse outra oportunidade. Mas há já quase

cinco meses que não ligava, por isso pensava que tinha acabado de vez, que ele tinha finalmente superado.

Obviamente, estava enganada. Soltei um forte suspiro. Sabia que não devia atender as suas chamadas. Fazê-lo era provavelmente parte do problema, mas não conseguia evitar. Não podia não atender, pois a verdade era que não queria que Heath sofresse.

Sabendo que tinha de me treinar para deixar de o fazer, atravessei a sala para ir buscar o telemóvel. Ainda me ia meter em sarilhos por causa disso – por ser demasiado simpática, demasiado disponível; pela minha necessidade inata de ajudar e reconfortar. Fora isso que me levara àquela situação. Como teria sido a minha vida se eu tivesse simplesmente dito não a Heath e não o tivesse tentado ajudar? Estaria a pegar no telemóvel a meio da noite, a levá-lo ao ouvido e a dizer «Estou...»?

Silêncio.

Silêncio.

Silêncio.

– Estou... – repeti, ligeiramente perturbada.

– Sou eu – disse ele, mas não parecia a sua voz. Parecia apática. Ou melhor, parecia devastada. – Não sabia a quem mais ligar. Ele foi-se. O meu pai... – Novo silêncio. – O meu pai morreu. Ataque cardíaco. Fulminante. Não havia nada a fazer. Morreu.

– Onde estás? – perguntei eu, já a dirigir-me ao quarto para mudar de roupa.

– Em casa... A minha mãe está no hospital... Não consigo conduzir, Cleo. Não me consigo mexer... Ele morreu.

Morreu.

- Estou aí num instante. Vamos juntos ter com a tua mãe, está bem? Fica aí. Aguenta um bocadinho. Chego assim que puder.

- Obrigado. Sabia que saberias o que fazer. Obrigado.

Richmond upon Thames, 2003

De alguma forma, desde a morte do pai de Heath, eu tinha-me tornado parte da sua família. Participei em todas as decisões e levei-o, a ele e à mãe, a vários compromissos, pois ainda estavam os dois demasiado abalados e chocados; incapazes de fazer o que quer que fosse sem indicações. Moviam-se como mortos-vivos pela sua própria existência, apáticos e praticamente sem vida, e olhavam ambos para mim sempre que era preciso tomar uma decisão. Fiz o melhor que podia, escolhendo comida, selecionando cânticos, explicando formulários que tinham de ser assinados e, às vezes, enfiando-lhes canetas nas mãos para poderem tratar das assinaturas. À noite, depois de ajudar a mãe dele a deitar-se, sentava-me com Heath, abraçando-o enquanto chorava, servindo-lhe bebidas quando ele não conseguia fazer mais nada além de olhar para o vazio.

Precisavam de mim e nunca parecia haver um momento em que eu pudesse recuar e deixá-los a sós.

Agora, estava à porta da grande igreja logo ao virar da esquina da casa deles, a distribuir o programa do funeral a enlutados vestidos de preto à medida que entravam. Estava em modo automático – suficientemente alheada para não

sentir nada, suficientemente presente para esboçar ligeiros sorrisos solidários às pessoas que chegavam.

- Querida - disse a voz rouca de Trina, mesmo ao meu lado.

Quando ergui o olhar e vi que era realmente ela, não consegui conter-me e envolvi-a nos meus braços. Abraçá-la era maravilhoso. Os nós de tensão e luto adotado desfizeram-se e pude subitamente lembrar-me de como era respirar sem uma faixa apertada em torno do peito, de como era agradável mexer o rosto para formar um sorriso.

- Graças a Deus que estás aqui - murmurei para os seus cabelos.

- Melhor amiga atrevida ao teu dispor - sussurrou ela, abraçando-se a mim com a mesma força. - E se não reconheceres o trocadilho multifacetado e de elite que acabo de fazer, vou acreditar que realmente te eduquei mal.

Abracei-me ainda mais a ela. Trina era exatamente aquilo de que eu precisava naquele dia.

Trina, Heath e eu estávamos sentados na luxuosa sala de estar dos pais dele. Depois do velório, que tinha sido num salão paroquial, algumas pessoas tinham regressado à casa para se juntarem em grupos, beberem uísque e conversarem em voz baixa. Finalmente, tinham ido embora e eu tinha ido ajudar a mãe de Heath a deitar-se, como habitual. Nunca falava enquanto eu esperava, virada para a porta, que ela se mudasse e vestisse as suas roupas de dormir, nunca dizia uma palavra quando eu puxava o

cobertor para cima dela e apagava a luz da mesa de cabeceira. Toquei-lhe na face, como habitual, e fechei cuidadosamente a porta ao sair. Sabia que não falava porque não sabia o que dizer. Não conseguia perceber o sentido das palavras, de existir, agora que ele tinha partido.

Quando regressei à sala de estar, Trina e Heath tinham arrumado os copos e os guardanapos e posto a máquina de lavar loiça a funcionar para limpar todos os vestígios de que alguma vez lá tinham estado outras pessoas. Heath e Trina ocupavam extremos opostos de um grande sofá de cabedal voltado para a televisão, enquanto eu me sentei no sofá junto à janela saliente. Durante muito tempo, ficámos sentados em silêncio, a assimilar tudo aquilo, a processá-lo nas nossas mentes.

- É como nos velhos tempos - acabou Heath por dizer, quebrando o silêncio. - Estarmos os três aqui sentados é exatamente como nos velhos tempos.

- Para ser como nos velhos tempos, terias de estar sentado ali a olhar fixamente para esta - gracejou Trina. A sua estadia em Leeds começara a fazer incursões pelo seu sotaque londrino. Os seus filhos com Steadman, de 18 meses e 3 anos, tinham um sotaque do Yorkshire adoravelmente carregado.

- Verdade - respondeu Heath, com um vago sorriso. Fora um bom dia para ele, dei-me conta. Parecia tê-lo feito sair do torpor em que se encontrava e começar a comunicar e a interagir com o mundo, a falar com as pessoas, a recordar o pai. Tinha desapertado o botão de cima da sua camisa preta e a gravata a condizer também estava lassa. Ainda

tinha o casaco vestido, o que significava que ainda não tinha relaxado por completo. – Mas acabei por me tornar um de vós.

– Pois acabaste – confirmou Trina. – E foste muito bem-vindo.

– Sim, muito bem-vindo – repeti. Embora tivesse sido bom para Heath, o funeral tinha sido muitíssimo desgastante para mim. Estava a abrandar, a minha capacidade de agir e de os manter a funcionar durante as últimas semanas estava finalmente a esgotar-se. Sentia-me como se tivesse sido atropelada por um camião e só queria deitar a cabeça no braço do sofá e adormecer.

Trina reclinou a cabeça para trás.

– Agora é assim, então? Só nos vamos ver em funerais daqui em diante? – perguntou tristemente.

– Espero que não – repliquei, lutando contra o cansaço que estava constantemente a fechar-me os olhos. – Todos os filmes e livros que vi e li me fizeram acreditar que os nossos vintes e trintas vão ser cheios de casamentos e nascimentos. Não de funerais. Ficarei seriamente irritada se assim não for. Posso aguentar muita coisa, mas não ser enganada sobre o número de trajes de casamento de que vou precisar nos meus vintes e trintas.

– *Idem, idem*. Quando posso esperar o convite para o vosso casamento, então? – perguntou ociosamente Trina, também de olhos fechados. – E sou do lado da noiva ou do noivo, nestas circunstâncias? Estou só a brincar, é claro que sou da noiva, porque sou a dama de honor! Ou serei a madrinha, dado que casei primeiro?

Um silêncio embaraçoso inundou a sala e expandiu-se, enchendo quase imediatamente todo o espaço com uma desconfortável e inibida quietude. Tinha dito a Trina que tínhamos dormido juntos naquela última noite em Leeds, tinha-lhe contado que ele me convencera a sair com ele, tinha-lhe dito até que nos tínhamos separado quando ele não pudera ir ao casamento dela porque estava na Austrália. Tinha-lhe dito que nos tínhamos voltado a juntar após o seu regresso e depois precisado de uma pausa, mas que ainda estávamos em contacto. Não lhe tinha dito quando isso dera lugar a que eu o evitasse ativamente para ele poder seguir em frente. Era circunspecta sobre Heath sempre que Trina perguntava o que se passava, o que ela provavelmente interpretou como significando que eu não queria agoiar as coisas ao falar no assunto, mas estávamos juntos. Ter-lhe ligado para lhe contar do pai de Heath devia ter confirmado esse pressuposto.

- O quê? O que foi que eu disse? - perguntou ela, levantando a cabeça. - Porque estão os dois a agir como se eu tivesse acabado de dar um traque num ambiente formal?

- Eu, hã... tenho namorada - disse Heath, suficientemente desconfortável para remexer no colarinho e mudar de posição no sofá.

Todo o corpo de Trina se endireitou de repente. Ao mesmo tempo, os meus olhos arregalaram-se de alarme.

- Tens namorada? - perguntou ela, franzindo-lhe o sobrolho como se não tivesse a certeza do que estava a ouvir.

- Sim.
- E não é a Cleo?
- E não é a Cleo.

Em resposta, o rosto da minha melhor amiga franziu-se de incredulidade e repulsa.

- Sabias disto? - perguntou, virando-se para mim como se eu tivesse feito algo de errado.

Recostei-me no sofá, presa pela ferocidade do seu olhar.

- Não - respondi. - Não sabia de nada disto.

As campainhas de alarme ecoavam por toda a parte. Se Heath tinha namorada, que raio andara ele a fazer ao passar cada segundo das últimas duas semanas e meia comigo? Até me tinha convencido a deixá-lo ir para a minha cama algumas vezes. Não acontecera nada, limitara-se a deitar a cabeça no meu ombro e a sair antes que algum de nós adormecesse. Mas se tinha namorada, que raios pensava ele que andava a fazer?

- Há quanto tempo andas com ela? - perguntou Trina, virando-se contra Heath.

- Hã... penso que entre seis meses... e um ano... - replicou ele, num tom que ia ficando mais baixo a cada palavra que dizia até «ano» lhe sair pouco acima de um sussurro.

- Um ano?! - exclamou Trina, baixinho, de modo a não perturbar a mãe dele. - E a sério que não sabias disto? - perguntou, virando-se para mim.

Abanei a cabeça.

- Não. - Não sabia. Não teria atendido as suas chamadas ébrias a meio da noite a pedir-me que o deixasse passar por

minha casa para conversarmos, a implorar-me para fazer amor comigo uma última vez, praticamente a chorar enquanto me pedia para me abraçar, se soubesse. Não teria considerado a possibilidade de voltar para ele da última vez que mo implorara, cinco meses antes.

- Onde está ela, então? - perguntou Trina, novamente em cima dele. - Como é? Quem era hoje? E porque não está aqui agora, a beber uns copos connosco?

Heath deixou-se descair tanto no seu lugar, que estava praticamente horizontal na sua tentativa de se esconder. Nem eu nem Trina dissemos nada enquanto aguardávamos pela resposta.

- Eu não... Não achei que fosse apropriado - disse ele, por fim. - Não conhecia propriamente o meu pai. Só o tinha visto algumas vezes. Não teria sido apropriado.

Trina franziu ainda mais o rosto à medida que a repulsa aumentava.

- Porque estás a mentir, meu rapaz? - perguntou ela, o sotaque trinidadiano subitamente em pleno vigor.

- O que te faz pensar que estou a mentir?

- A Cleo alguma vez chegou a conhecer o teu pai? Mesmo na formatura?

A resposta era não e todos o sabíamos, pelo que Heath recuou para o silêncio.

- Porque estás a mentir, então?

Ele suspirou, revirando os olhos para os céus.

- Ela tem um problema com a Cleo.

- Nunca conheci a mulher! - exclamei eu em protesto, não fosse Trina pensar que eu era do tipo «não o quero,

mas mais ninguém pode ficar com ele».

- Sendo que o problema é...

- Acha que ainda estou apaixonado pela Cleo. Acha que, se a Cleo me desse algum sinal de que estava interessada, eu voltaria para ela num instante.

- Até agora, não vejo mentira nenhuma - comentou Trina.

- E ia fazer um ultimato em relação ao funeral, mas eu intervim, disse-lhe para não fazer declarações arrojadas nem ultimatoss porque, em última instância, eu não a escolheria a ela. Decidiu não ir ao funeral.

- Disseste-lhe para não ir, queres tu dizer - corrigiu Trina.

- Não, disse-lhe que era bem-vinda. Adoraria tê-la lá, mas também lhe disse que a Cleo estaria presente como meu principal apoio e ponto final.

- Isso é bastante duro, Heath - disse-lhe eu, chocada com ele. - Na verdade, é bastante cruel. - Nunca tinha pensado nele como cruel.

- O que haveria eu de lhe dizer? - atirou ele em resposta. - «Sim, vou renunciar a uma das minhas amigas mais chegadas por ti, mulher em quem tenho andado a enfiar a pila há um ano»?

Tanto eu como Trina recuámos.

- Isso é nojento, Heath - cuspiu ela.

- Mesmo nojento - acrescentei. - Espero que nunca fales de mim dessa maneira.

Heath levantou as mãos e deixou-as cair, frustrado.

- O meu pai acabou de morrer. Não estou a ser... Estou a ser um sacana. É verdade. Jamais lhe diria isso ou o diria dela à frente de outra pessoa que não vocês as duas. Espero que saibam disso. Estou apenas destroçado. *Destroçado*. Não consigo aceitar a ideia de o ter perdido desta maneira. Presente num minuto e no minuto seguinte desapareceu.

Subitamente, lembrei-me do que ele costumava dizer nas raras vezes em que eu conseguia fazer com que se abrisse sobre a sua primeira amante, a professora de Ciências que tinha sido assassinada pelo marido. O que mais claramente transparecia em tudo o que ele dizia era sempre o quanto o horrorizava que as pessoas pudessem simplesmente deixar de existir. Que pudessem estar presentes num momento e desaparecer no seguinte. Devia ser uma lembrança daquilo. Da fragilidade da vida. De quão subitamente podia ser tirada.

- Foda-se - disse ele, esfregando os olhos. - Vou ter de acabar com ela, não vou? Não basta ele ter morrido, vou ter de renunciar a alguém de quem gosto mesmo muito.

- Não faças isso - disse eu.

- Sim, não faças isso - acrescentou Trina. - Não pela Cleo, sobretudo quando ela tem namorado.

Afastando bruscamente as mãos dos olhos, Heath endireitou-se lentamente, até ficar de novo sentado em condições.

- Tens namorado?

Aquiesci ligeiramente.

- Porque não me disseste?

- Não perguntaste - repliquei, agora verdadeiramente desconfortável.

- E ele não se importou de que passasses as últimas semanas comigo?

- Porque haveria de se importar? Somos só amigos e estás a passar por um momento terrível, por isso precisavas da minha ajuda.

O meu ex-amante, um dos meus melhores amigos, voltou a olhar fixamente para o ecrã negro da televisão, recomeçando depois a esfregar lentamente os olhos.

- Não vás por aí, Heath - avisou Trina, de repente. Era um aviso tão sério que tive de olhar também para ela. - Não comeces outra vez a perder a cabeça por causa da Cleo. Adoro esta mulher, adoro-a, mas não merece que percas a sanidade por ela. O que dirias tu a um dos teus pacientes acerca disto? Não lhe dirias para ficar com a mulher com quem está? Que, embora possa não estar perdido de amores por ela, é melhor não fazer grandes mudanças súbitas durante o luto porque isso toldaria tudo? Deixa a poeira assentar. Dá um desconto a ti mesmo.

- Desde quando é que te tornaste psicóloga? - perguntou Heath.

- Não preciso de qualificações em Psicologia, basta-me o amor puro e total que sinto pelos dois. Não quero que dês cabo da vossa amizade ao ires por aí quando nenhum dos dois está preparado nem livre.

- Tens razão - acabou ele por dizer.

- É claro que tenho. Tenho sempre razão. Heath, querido, vai lá abrir o *rum* bom. Vamos brindar ao teu

velhote em grande estilo.

Assim que vi a sua figura de fato preto atravessar o corredor em direção à cozinha, deixando-nos sozinhas na sala, debrucei-me para Trina.

- Porque lhe disseste que eu tinha namorado? - sussurrei. Estava de olhos fixos na porta para poder ver quando Heath regressava.

- Porque já está à beira do colapso tal como está. É evidente. A última coisa de que ele precisa é de voltar ao ponto em que estava contigo. E tu também! Não te podes deixar arrastar. Já é demasiado intenso de qualquer maneira, imagina como seria agora. - Abanou a cabeça. - Não, ele precisa de um descanso, precisam os dois. - Tinha razão, claro, mas eu não gostava de mentir. Seria demasiado fácil apanhar-me, o que causaria muito mais sofrimento e chatices.

Quando regressou, Heath trazia três pesados copos de cristal lapidado e uma garrafa com um escuro líquido ambarino. Atravessou a sala, entregando um copo a Trina ao passar, e, em vez de regressar ao seu lugar no sofá junto dela, deixou-se cair ao meu lado. Perto. Demasiado perto.

Estendeu-me um copo e, enquanto os meus dedos se fechavam em seu redor, Heath não o largou. Em vez disso, puxou-o na direção do seu corpo enquanto me fitava diretamente. Os seus olhos, aqueles hipnóticos olhos verdes, prenderam os meus enquanto os nossos corpos estavam ligados pelo copo.

- Olá - sussurrou ele, baixinho.

- Olá - respondi eu, em voz igualmente baixa.

Baixei o olhar e sorri, aceitando o copo.

O aviso de Trina chegava demasiado tarde. Heath já estava de volta àquele ponto. E, sabe-se lá porquê, parecia que eu também.

10

10 de agosto de 2022

Casa de Cleo e Wallace, fronteira Hove-Brighton

Fim da noite

- Tenho de confessar, sobrinha Lola, que gosto que me ajudes com o trabalho desta maneira.

Estamos sentadas no sofá, com os pés em cima dos dois grandes pufes redondos forrados a tecido *kente* que a minha mãe nos trouxe da última vez que foi ao Gana. Temos batatas fritas numas grandes tigelas pousadas em cima das nossas barrigas e grandes copos de sumo de ananás com gasosa pousados na mesa de apoio. E estamos a ver vídeos das peças de Natal da sua escola, que temos em abundância, e a classificá-los em termos de fofura, precisão e valores globais de produção. Por enquanto, a versão do primeiro ano está a dar uma tarefa às de todos os outros.

- Também aprovo esta atividade - diz ela sabiamente. - Aprovo a verificação da minha fofura ao longo dos tempos. É uma viagem.

- É mesmo.

- E então, tu e o tio Wals acabaram a sério? - pergunta ela, sem aviso prévio. Deixa-me sem fôlego ouvi-lo dito por outra pessoa.

- O que te leva a perguntar isso?

- Vocês, adultos, acreditam mesmo que eu e os da minha idade não sabemos nada, não é verdade?

- Suponho que sim.

Suavemente, a minha sobrinha põe-me a mão no braço e adota uma expressão séria, preocupada e compreensiva.

- Queres falar sobre isso?

- Não, querida, não quero falar sobre isso. Quero falar é sobre como é possível que o Joseph extra giro do teu primeiro ano se tenha tornado no mauzão do pastor número três do terceiro.

- Tudo bem - diz ela, anuindo sabiamente e dando-me palmadinhas no braço como se eu fosse uma tia idosa, o que, por mais que me custe admiti-lo, é o que provavelmente pensa que eu sou. - Ainda estás na fase da dor; não estás preparada para falar sobre isso, por isso foges, mudas de assunto. Tudo muito normal. Quando estiveres preparada para falar, eu estarei aqui. - Pega no seu copo e bebe um gole enorme, fazendo estalar os lábios antes de se repetir. - Estarei aqui.

Sei que sim, penso eu. Sei que sim. Mas ninguém me pode ajudar neste momento. Ninguém pode estar aqui para mim.

Leeds, 2003

Quando andava na universidade, contraí uma pneumonia.

Obviamente, não sabia que era pneumonia e pensava que meia dúzia de *Lemsips* resolveriam a situação. Só quando a minha mãe ameaçou apanhar o comboio para Leeds é que fui ao médico, que disse que eu andava a

divertir-me demasiado. Transmisti essa informação à minha mãe enfermeira, que disse que estaria comigo dentro de cinco ou seis horas para me poder levar às urgências.

Foi quando Trina chamou um táxi e usámos o pouco dinheiro que tínhamos para chegar ao Jimmy's (Hospital de St. James), que ficava mesmo no centro de Leeds. Após esperar uma eternidade, disseram-me que não era uma constipação, não eram festas a mais, era uma pneumonia. Um caso bastante grave, e eu estava tão doente que tive de ser internada imediatamente para me administrarem medicamentos intravenosos. Como sempre, verificou-se que a minha mãe tinha razão (como se já não estivéssemos todos cientes disso) e eu tive direito a cinco noites de estadia no hospital, além de várias semanas de folga da universidade para recuperar.

Desde que saíra do Jimmy's - num carro que Heath tinha pedido emprestado a um amigo -, nunca mais regressara. Até esse dia. Em que andava a correr pelos corredores, a tentar encontrar Trina.

Tinha sido assaltada.

Tinha sido esfaqueada.

Ninguém me poderia convencer de que ela estava bem enquanto não a visse com os meus próprios olhos. Os corredores pareciam todos iguais - a mesma cor insípida nas paredes, as mesmas cores insípidas no chão de borracha, o mesmo cheiro terroso a desinfetante a subir-me pelo nariz, fosse qual fosse o corredor por que passasse. Conseguia ouvir os meus pés enquanto virava esquinas,

tentando seguir as indicações que me tinham dado, mas sem fazer ideia de para onde ia.

Virei uma esquina e, subitamente, ali estava ela à minha frente, a ala de Ginecologia, o único sítio onde pelos vistos tinham uma vaga para Trina. Abrandei antes de me aproximar das portas cor de madeira, apoiei as mãos nas coxas, tentando puxar ar para dentro dos pulmões.

Quando lhe ligara a dizer-lhe, Heath quisera acompanhar-me, mas não podia tirar o dia de folga. Eu estava novamente a trabalhar a tempo inteiro e tinha avisado o meu chefe por telefone de que era uma emergência, não me dando ao trabalho de saber se ia ser um problema tirar o dia. Estava literalmente incapaz de me preocupar com mais nada que não fosse chegar a Trina.

Perguntei à enfermeira atrás do grande balcão circular onde poderia encontrá-la e ela olhou para mim como quem estava prestes a informar-me sobre os horários de visita, mas deve ter visto o terror gravado nas minhas feições, que estava lá desde que tinha recebido a chamada, por isso indicou-me o quarto onde ela estava.

- Mas faça pouco barulho - ordenou.

O quarto tinha seis camas de hospital, com uma grande janela panorâmica a ocupar a parede oposta à entrada. Avistei imediatamente Trina - estava na cama mais perto da janela - e tive de me impedir de atravessar a correr a curta distância para a envolver nos meus braços. Controlando-me, fechei a cortina à nossa volta para termos privacidade e sentei-me.

- Querida - disse ela, assim que ficámos isoladas -, não era preciso vires. Foi por isso que disse ao Steadman para não te contar. Sabia que ias fazer algo deste género.

- Oh, cala-te lá! Como se eu pudesse não vir.

Fiz menção de a abraçar e ela retraiu-se, com medo de que a pudesse magoar. Parei e depois recuei, sentando-me na cadeira.

- O que aconteceu? - perguntei-lhe. Estava ligada a um sistema de soro, a cânula colada às costas da mão. O cabelo liso pelos ombros estava afastado do rosto, enfatizando a bela forma das suas feições: os seus incríveis e enormes olhos castanhos, os lábios cheios e em arco, o nariz largo; era uma verdadeira beldade, a minha amiga. A ideia de que alguém lhe pudesse fazer mal aterrorizava-me. E se tivesse sido o fim? E se eu nunca mais tivesse tido a oportunidade de a ver? Vieram-me lágrimas aos olhos.

- Estás a chorar porquê, sua cabrita?

- Porque não acredito que alguém tenha sido capaz de te fazer isto.

- Está bem, pronto, tens a minha autorização para chorar.

- O que aconteceu? - perguntei novamente, limpando os cantos dos olhos com a manga.

- Nem sei - respondeu ela. - Quer dizer, tu conheces-me, não sou nenhuma heroína. Se alguém se aproximar de mim a pedir alguma coisa, eu dou sem discussão. Estou no parque de estacionamento do trabalho, é época de divórcios... a quantidade de pessoas que tenta esconder ativos nesta altura do ano não é brincadeira nenhuma!

Estou a abrir a porta do carro, caixa de tralha numa mão, bolsa ao outro ombro, e eis que aparece alguém atrás de mim. Deixo cair a caixa com o susto.

» Primeiro, pensei que ele ia... e paralisei. Não me conseguia mexer. E então ele diz: «Dá-me o dinheiro!» Por isso levantei o braço, consegui soltar a bolsa e deixei-a cair, mas ele não estava interessado nela. Chegou-se mais perto e senti-o pressionar algo contra o meu flanco. E então ele diz «Boca calada», vira-me e depois... - Para de falar e todo o seu corpo se retesa. Mantém-se rígida enquanto, imagino, revive o momento.

- Está tudo bem, está tudo bem - tranquilizo-a, acariciando-lhe o antebraço, pegando-lhe suavemente na mão.

- Foi tudo tão rápido. Quando me dei conta, estava estendida no chão. Não vi nada, na verdade. Pegou na minha bolsa, tirou a minha carteira e então... esta é a parte estranha... pegou no meu telemóvel e ligou para o 112.

- O quê?

- Sim, ligou para o 112, disse «ambulância», deu-lhes o nome do parque de estacionamento e depois enfiou o telemóvel, ainda ligado, no meu bolso.

- O quê? Porquê?

- Ninguém sabe. Na polícia acham que quem quer que tenha sido só queria assustar-me, mas não têm a certeza. Obviamente, só se deram ao trabalho de tentar perceber o que aconteceu *depois* de confirmarem que eu não era uma traficante de droga nem uma «senhora da noite».

Estalámos a língua em uníssonos perante a ideia de terem de verificar a sua legitimidade antes de pensarem sequer em investigar o que lhe acontecera.

- Então acham que alguém queria simplesmente assustar-te?

- Sim. Assustar-me, matar-me, não. Quer dizer, o sítio onde ele enfiou a lâmina evitou os principais órgãos e não causou assim tantos estragos. Estava a tentar meter-me medo.

- Mas quem faria isso?

- Quem sabe? Não trabalho assim em tantos casos de alto nível, mas alguns dos casos mais «delicados» dos nossos escritórios envolvem gente bastante duvidosa, por isso... Por outro lado, sou bastante subalterna, porquê visar-me a mim?

- Talvez atraísse demasiadas atenções se atacassem alguém mais acima, por isso escolheram alguém que, ao ser vítima de um crime, não gerasse uma investigação tão aprofundada... E visar um subalterno teria na mesma o resultado de pôr todos os envolvidos no negócio em alerta máximo.

- Foi basicamente o que a polícia disse. Por isso foi simpático da parte deles dizerem-me que não ia ter direito a uma investigação completa, só à versão desnatada.

- É tão horrível - disse eu, ainda a segurar-lhe na mão. - Lamento tanto que te tenha acontecido isto. Sinto-me tão impotente.

- Também eu.

- Olha, quando estiveres melhor, queres ir com os rapazes passar uma temporada comigo? Sei que é apertado, mas uma mudança de ares poderia fazer-te bem.

- Adoraria, querida, mas vamos optar pela mudança de ares total e permanente.

- Não percebo.

Trina suspirou e levantou cuidadosamente a mão para a passar pelo rosto. Podia ter começado a alisar o cabelo e a usá-lo afastado da cara por causa do trabalho, mas as suas unhas continuavam a ser de outro nível - naquele momento, às riscas vermelhas e brancas.

- Foi a última gota para o Steadman. Anda *há que tempos* a falar de nos mudarmos para Barbados. Tem lá uma casa, os pais dele estão lá. Quer que os rapazes tenham uma educação decente e estejam rodeados por gente parecida connosco. Os meus pais voltaram para Trinidad, por isso será fácil visitá-los. Eram sobretudo os nossos empregos que nos mantinham aqui, mas ele tem lá uma vaga no governo local, se quiser. Agora que aconteceu isto, só quer ir embora. Não faltam lá empregos para contabilistas, até as empresas britânicas querem gente para trabalhar lá. Por isso vamos fazer as malas e partir.

- Não. Não. Não podem.

- Mas vamos. Para ser sincera, Cleo, acho que nunca mais me voltarei a sentir segura aqui.

- Mas assim nunca te vou ver.

- Já mal me vêes de qualquer forma. Quer dizer, é sempre nascimentos, mortes, casamentos, e isso não vai mudar, pois não? Virei sempre a essas coisas.

- Mas não estarás aqui - lamentei-me eu e, de forma bastante patética, comecei a soluçar. *Ah, para com isso, Cleo!*, disse para comigo. *Para!* Não fazia ideia de porque me sentia subitamente tão perturbada, subitamente tão despojada. Raramente via Trina, falava regularmente com ela, mas só nos encontrávamos fisicamente talvez uma vez por ano. Como ia aquilo mudar o que quer que fosse?

- Estou comovida, querida, a sério. Também vou ter saudades tuas.

Conversámos durante mais algum tempo, mas percebi que ela estava a ficar cansada e queria dormir.

- Até amanhã - disse-lhe eu, depositando-lhe um beijo na testa.

Esperei até sair do quarto antes de começar a chorar a sério. Parecia tão decisivo. Como se fosse um marco na minha vida, apesar de não ser nada de extraordinário. Os amigos passam a vida a ir embora. Casam, têm filhos, arranjam novos empregos, mudam-se para outros países, chegam mesmo a mudar-se para espaços nas suas vidas em que deixamos de encaixar. As coisas mudam, as amizades alteram-se de muitas formas. Sabia disso. Já o tinha vivido.

Mas aquilo... parecia horrivelmente definitivo. Como se eu pudesse nunca mais a voltar a ver. Como se, quando ela e a sua família partissem, as portas se fossem fechar nas suas costas e eu jamais pudesse ver para onde iam, jamais pudesse voltar a estar com eles. E isso era algo com que eu não conseguia lidar.

Leeds, 2003

- Como é que ela está? - perguntou Heath. Estava a caminho para ir ver Trina, tendo conseguido mudar os seus compromissos e reuniões, afinal.

- Bem - murmurei ao telefone.

- Não está bem? Pareces muito perturbada. Era pior do que pensávamos? Ela vai...

- Não - interrompi, antes que ele dissesse *aquela* palavra. Não suportaria ouvi-la naquele momento. - Nada disso. - Ainda que fosse um pouco parecido. Ia ser-me tirada, mas não da forma como ele queria dizer ou de uma que me permitisse fazer devidamente o luto. Pareceria patético dizê-lo em voz alta: «*A minha melhor amiga está a seguir em frente, vai ter mais qualidade de vida, ela, o marido e os filhos, a viver numa ilha das Caraíbas, e eu estou perturbada com isso.*»

- O que é, então?

- Nada.

- Abre a porta.

- Desculpa?

- Estou aqui, abre a porta.

Saltei da cama e quase tropecei nos meus próprios pés, apressando-me a abrir a porta do quarto 313. E ali estava ele. Heath. Todo o meu corpo se vergou de alívio ao vê-lo e tive de me agarrar à porta para não cair.

- Ia para o meu quarto - disse ele, a sorrir -, mas parecias tão triste que pensei que era melhor vir ver como estavas.

Cheguei-me para o lado para o deixar entrar e ele largou a mala e a mochila no chão junto à porta. Tirou

imediatamente os sapatos e foi direito à casa de banho para lavar as mãos. Eu estava à porta da casa de banho, a torcer as mãos e a saltitar de um pé para o outro, como uma criança à espera de ver o Pai Natal.

- Vem cá - disse ele, e abraçou-me. Era uma das melhores qualidades de Heath, a sua capacidade de quase apagar a dor com um abraço. - Vai ficar tudo bem - sussurrou-me ao ouvido. - Vai ficar tudo bem.

Afastou-se ligeiramente e olhou-me fixamente nos olhos.

- Há algo que eu deva saber? - perguntou com delicadeza. - Deveria ir vê-la enquanto posso?

- Não, nada disso. - Antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, antes que eu tivesse tempo de pensar, encostei os meus lábios aos dele e fechei os olhos.

Pela primeira vez na vida, foi Heath o primeiro a afastar-se. E depois recuou, até ficar fora do meu alcance.

- *Cleo!* - exclamou ele, como se estivesse em agonia, como se o que eu tinha feito lhe tivesse causado verdadeira dor física. - Ainda estou com a Abi. Disseste-me para não acabar com ela.

- Sim, bem, não sabia que a minha melhor amiga ia ser esfaqueada e decidir mudar-se para o outro lado do mundo por causa disso, pois não?

- Não é realmente a mim que queres, então, é... Espera, ela vai o quê?!

- A Trina e a família vão embora assim que puderem.

- Oh. *Oh*. Dessa não estava à espera. - Por um momento, também Heath pareceu desolado. - Mas isso não muda o

facto de não me quereres realmente, estás apenas a usar-me para te sentires melhor.

- Não acredito que ainda tenhas namorada - disse-lhe eu, vendo-o subitamente de forma muito clara. Aquela sua indignação? Era falsa. Era um escudo para se esconder caso eu o rejeitasse novamente. - Acabaste com a tua namorada no dia a seguir ao funeral, não foi?

Os seus olhos brilharam com uma emoção que não consegui situar, algo que não me parecia que já tivesse visto.

- Não foi?

- Não sabes nada sobre isso - replicou ele, num tom baixo, mas zangado, quase perigoso.

Eu também estava zangada. Zangada com Trina por se ir embora, com a pessoa que a tinha atacado por a pressionar a partir e comigo mesma por ser tão patética a esse respeito. As minhas reações eram totalmente desproporcionadas face ao que estava a acontecer e faziam-me questionar novamente se não estaria quebrada de alguma forma. Porque parecia passar de não sentir grande coisa a sentir demasiado num curto espaço de tempo. Talvez fosse tudo parte do que eu costumava acreditar que havia de errado comigo - não conseguia aceder devidamente aos meus sentimentos. Ou de forma correta. Nesse momento, porém, queria apenas sentir outra coisa. Fazer outra coisa além de me concentrar no que estava a perder.

Olhando diretamente para o meu ex-amante, assustada, mas desafiadora, tirei a *T-shirt*. Plantei-me diante dele, sem

camisola, sem *soutien*, mostrando-lhe o meu corpo. Tinha a certeza de que ele ainda me queria – se não quisesse, não teria mentido sobre ainda estar com a namorada; se não quisesse, não estaria a olhar para mim daquela maneira, agora que eu lhe tinha indicado de forma bem clara aquilo que queria.

Voltei para o quarto principal, que era compacto e acolhedor (o máximo que o meu orçamento me permitia), a luz baixa porque me estava a preparar para ir dormir. Ainda a observá-lo, sentei-me na beira da cama e fitei-o. Desafiadora. Aterrada.

Estava imóvel e rígido no arco junto à casa de banho enquanto me contemplava, obviamente incrédulo com o que eu estava a fazer. Obviamente dividido em relação ao que fazer em resposta.

A escolha era sua. Podia afastar-se, regressar ao seu quarto e, no dia seguinte, agir como se nada daquilo tivesse acontecido. Sabia que eu alinharia, que seria capaz de fingir dessa forma.

Podia fazer isso.

Ou podia quase uivar de angústia. Podia avançar para mim, quase rasgando as roupas para as tirar e atirando-as para o lado como se nunca mais as quisesse ver, enquanto eu me reclinava na cama. Uma vez nu, podia puxar-me as calças do pijama para baixo, descartá-las da mesma forma que tinha feito com as suas roupas. Podia abrir-me as pernas e rosar enquanto entrava em mim com tanta brusquidão que eu soltaria um pequeno grito. Podia manter o contacto visual comigo enquanto investia dentro de mim,

o seu rosto numa mistura de êxtase e raiva, de alegria e fúria.

- Não quero que seja assim - disse ele, agarrando-me as coxas com força para poder aproximar-se o mais possível de mim, preencher-me o máximo possível. - Não te quero amar.

- Eu sei - respondi eu, sem fôlego, pois ele estava no limite, mesmo à beira de me magoar. Não queria que parasse, ainda assim; era aquilo que eu queria. - Eu sei.

- Não te quero amar - repetiu ele mais alto, enquanto investia ainda com mais força dentro de mim. - Não quando me deixa tão louco. Não quero. Não quero. - O seu aperto nas minhas pernas aumentou.

Estava a magoar-me, e ainda que parte de mim quisesse pedir-lhe para ser um pouco mais meigo, a outra parte sentia que eu merecia aquilo. Merecia que ele me magoasse, tal como eu estava a magoá-lo a ele.

- Eu sei - gemi por entre a dor. - Eu sei.

- Dás comigo em doido, mas eu amo-te. Amo-te. Amo-te. - Continuou a repeti-lo até as suas palavras se fundirem e tornarem gemidos, as suas investidas se tornarem golpes de insuportável agonia e o seu aperto ser tão forte que pensei que os seus dedos iam esmagar as minhas coxas.

Quando ele atingiu o orgasmo, intensa e furiosamente, tive a sensação de o fazer também, mas não sabia onde acabava a dor e começava o prazer.

Quase imediatamente, Heath recuou, soltou-me e caiu na cama ao meu lado. Tapou os olhos com a base das mãos e começou a soluçar, com o som das suas lágrimas

desesperadas a encher cada canto do quarto, sufocando
todo o som e todo o ar.

11

11 de agosto de 2022

Casa de Cleo e Wallace, fronteira Hove-Brighton

Início da manhã

Franklyn não voltou para tomar o pequeno-almoço. Nem Wallace. Estive quase a enviar uma mensagem ao meu marido a perguntar-lhe onde estava, se estava bem, quando poderia voltar, mas parei a meio de uma palavra, lembrando-me de que tinha sido eu a sugerir que mantivéssemos a distância. Sabendo que, com Wallace, assim que tornasse concreta essa distância ao pô-la em palavras (duas vezes), havia uma possibilidade real de ele se ir embora – de ir para casa de amigos, de se hospedar num hotel ou até de dormir no escritório para ter espaço. A sua capacidade de simplesmente zarpar e me excluir costumava dar comigo em doida.

Da primeira vez, estávamos juntos há cerca de seis meses e tudo era exacerbado, tenso, febril. Estava constantemente aterrorizada com a possibilidade de ele descobrir a verdade sobre mim e partir, enquanto ele parecia estar permanentemente à espera de que eu dissesse algo que pudesse interpretar da forma errada. Assim, quando fiz uma piada sobre ele não saber que era preciso esvaziar as máquinas de lavar loiça de tempos a tempos, as coisas escalaram ao ponto de ele começar a gritar comigo por eu ser condescendente e de eu lhe gritar em resposta que havia um milhão de coisas que eu fazia no

seu apartamento em que ele nem sequer reparava, por isso, se estava a ser condescendente, era porque estava exausta de fazer todo o trabalho pesado em casa e na nossa relação. Em resposta, ele lançou-me um olhar fulminante, como se conseguisse ver todas as coisas terríveis que eu alguma vez tinha feito, como se todos os meus crimes anteriores me estivessem a rastejar por cima, virou costas e saiu. Não ligou nem enviou mensagens durante quatro dias.

Fui para o meu apartamento e passei esses dias a andar de um lado para o outro, a torcer as mãos enquanto me obrigava a não vomitar. Senti-me tão grata ao vê-lo aparecer à minha porta quatro dias depois que me atirei para os seus braços e desatei a chorar de alívio. Pedimos desculpa um ao outro pela discussão e pelas coisas que tínhamos dito, mas nunca debatemos a saída. Fê-lo mais algumas vezes, claro, mas deixou de me *stressar* tanto. E quando comprámos uma casa juntos, parou por completo. Até agora.

Lola afoga as suas panquecas, suaves, fofas e do tamanho de pires, em xarope de ácer orgânico, o frasco bem erguido sobre o seu prato.

- É bom que comas isso tudo - digo-lhe eu, enquanto viro outra panqueca. - Tens aí mais de 4 libras em xarope de ácer. Por isso, eu que não te apanhe a deixar uma única gota para ir pelo cano abaixo. É para comeres tudo! - Vejo-a passar a ponta do indicador pelo líquido castanho, recolhendo uma espessa camada de xarope e levando-a aos lábios.

- Não te preocupes com isso, tia C. - A sua pequena língua rosada lambe lentamente o xarope. - E sem ofensa, mas não és nem um bocadinho assustadora. A minha mãe é aterradora. O meu pai também consegue ser. Obviamente, as minhas avós são imenso. E até o tio Wals é mais assustador do que tu. Estás mesmo no fim da lista.

- Obrigada.

Truz, truz, trim, trim, ouve-se da porta. Desligo o lume das panelas, pouso a espátula e lanço um olhar carrancudo a Lola enquanto me dirijo para lá.

Do outro lado da porta, não está o carteiro, como eu esperava. As pessoas que lá estão são, na realidade, dois polícias, um homem e uma mulher. Estão à paisana, mas é tão óbvio que são da polícia que bem podiam estar fardados.

- É a Senhora Cleo Pryce? - pergunta a mulher.

Hã, sim, respondo eu, nervosa. Estou perplexa. Depois fico assustada. Não contava que a manhã de quinta-feira fosse começar com uma visita da polícia, sobretudo quando o meu marido não está em casa. Os meus olhos dardejaram de um rosto para o outro. Será aquilo uma notificação de óbito? Estarão ali para me dizer que sou viúva?

Nenhum deles fala, mas olham ambos para mim como se estivessem à espera de algo, e apercebo-me de que não falei. Em vez de palavras, esboço um aceno.

- Sou o inspetor Amwell - diz ele, mostrando-me um cartão com um escudo, a sua foto e algumas palavras que estou demasiado abalada para decifrar. - E esta é a inspetora Mattison. - Ela faz o mesmo gesto com o cartão

de identificação. – Podemos entrar e fazer-lhe algumas perguntas?

Olho por cima do ombro na direção da cozinha. Não os queria em casa mesmo em circunstâncias normais, e muito menos os quero por perto com Lola presente. Olho novamente para o rosto de ambos. Não parecem ter ar de quem vai fazer uma notificação de óbito, não parecem estar prestes a despedaçar o meu mundo.

– Não é a melhor altura – respondo. – Estou a meio do pequeno-almoço, tenho a minha sobrinha de 13 anos comigo. Podemos fazer isto noutra altura?

– Não propriamente – responde o inspetor. – Somos da Equipa de Crimes Graves de Surrey e Sussex. Estamos a investigar um homicídio.

– Homicídio? O que tenho eu que ver com um homicídio?

– Seria preferível entrarmos para ter esta conversa – diz a inspetora Mattison.

– Como disse, tenho a minha sobrinha comigo. Preferia que ela não ouvisse nada disto, sobretudo se vão falar em homicídios.

– Podemos sempre levá-la para a esquadra com a sua sobrinha, onde estou certo de que alguém poderá tomar conta dela enquanto falamos consigo, se preferir – sugere o inspetor Amwell.

Oh, vá lá. Quase me rio na cara deles. Quem escolheria essa opção? Ninguém, claro. Mas bem jogado, senhores agentes, bem jogado.

Enquanto os agentes esperam na sala de estar, digo a Lola para ficar na cozinha, para tomar o pequeno-almoço,

para ligar a televisão e procurar algo para ver com o som alto. Mas, acima de tudo, dou-lhe instruções muito claras para se manter afastada da sala.

- Então, em que vos posso ser útil? - pergunto simpaticamente aos inspetores, indicando-lhes até que se podem sentar, se quiserem. Eles optam por o fazer e sentam-se mesmo na ponta das cadeiras, com um ar sumamente desconfortável. Já é qualquer coisa, suponho, que não se sintam totalmente à vontade ao estar aqui, o que significa, espero eu, que não voltarão.

- Até que ponto conhece bem o senhor Jeffrey Burrfield?
- começa o inspetor.

Jeffrey Burrfield? *Burrfield*... Não demora muito tempo a que duas partes do meu cérebro se liguem através da minha memória.

- O advogado?

- Sim. Trabalhava nuns escritórios perto do Hipódromo de Brighton - responde o inspetor Amwell.

- Certo, bem, então não o conheço, de todo. Quer dizer, falámos por telefone e estive com ele uma vez na vida... E o que quer dizer com «trabalhava»?

- Queremos dizer que o senhor Burrfield foi assassinado
- esclarece a inspetora. - E a senhora pode ter sido uma das últimas pessoas a vê-lo com vida.

Leeds, 2003

Pílula do dia seguinte.

Era isso que eu tinha na cabeça durante todo o tempo em que estivemos a falar com Trina. Perguntava-me se ela teria conseguido perceber o que eu e Heath tínhamos feito na noite anterior logo a partir do momento em que entrámos no quarto. Ela confirmou que sabia, abanando desesperadamente a cabeça com um «Vocês os dois, a sério», quando ele saiu para nos ir buscar um café.

Pílula do dia seguinte.

Falou-lhe no seu plano de partir, o que teve em mim um efeito pior do que no dia anterior – sentia-me como se o meu coração estivesse a ser arrancado por um terrível monstro devorador de carne. Sentia-me como se estivesse a sufocar. Sentia-me como se estivesse prestes a desabar numa pilha de lágrimas, ossos e carne, esvaziada pela realidade daquela situação. Adorava Trina. Sempre soubera que sim. Mas ter-lho-ia eu dito? Ou pensava que tinha muito tempo para fazer tudo isso? A verdade era que tomava Trina como garantida. Esperava que estivesse sempre lá. Esperava poder pegar no telemóvel e dizer-lhe que algo tinha acontecido e que ela estivesse lá se fosse necessário. Esperava que ela me enviasse uma mensagem a dizer que precisava de mim e ir a correr para junto dela. Pensava que seria capaz de combinar uma visita sempre que quisesse, por isso nunca o fazia.

A nossa amizade estaria sempre lá, mas ao mesmo tempo não estaria.

Aquela versão estava acabada. Finda. Terminada. Morta.

Não ter tirado o máximo partido da beleza da minha amiga, dos enormes benefícios que trazia à minha vida, era

o que me fazia sentir e agir daquela forma.

Pílula do dia seguinte.

- Não estou tão bem com isto como deveria - disse Heath a Trina. - Não sei bem se consigo lidar com mais mudanças. É certo que mal nos vemos, mas sei que estás aí se eu precisar de ti. Tal como ela. - Acenou com a cabeça na minha direção. O seu rosto abriu-se num sorriso. - Percorremos um longo caminho desde que eu costumava olhar fixamente para a tua amiga no outro lado da sala comum.

- É bem verdade - replicou ela. Voltou o olhar para mim.
- Estás estranhamente calada.

Pílula do dia seguinte.

Olhava-me fixamente, daquela forma que os seus olhos tinham de penetrar lentamente na minha mente e na minha alma, pondo a nu todos os pensamentos que eu tentava manter escondidos. Saberla ela o quanto eu me sentia culpada por não ser uma amiga mais envolvida e presente? O quanto queria voltar atrás e ter uma oportunidade a sério de passar tempo com ela? Saberla ela que eu tinha de tomar um contraceutivo de emergência por causa da forma violenta como eu e Heath tínhamos feito sexo na noite anterior?

- Estou só a gerir a minha devastação o melhor que posso - respondi, de forma patética.

- Sinceramente, vocês os dois, é como se vivesse convosco. O que se passa?

- Gostaria apenas de ter passado mais tempo contigo. Os últimos anos foram demasiado ocupados, demasiado cheios

de outras coisas e sem o suficiente de ti – confessei. – Sinto-me tão devastada, como se o meu coração estivesse partido ou algo do género.

– Comigo é igual – acrescentou Heath.

– Não estou a morrer, raios! – exclamou Trina. – Vou continuar em contacto convosco. E digo-vos uma coisa, suas rainhas do drama: vocês têm de se resolver. Em vários sentidos.

Estava a falar de nós sem realmente falar de nós. Tinha razão. Precisávamos mesmo de nos resolver. Tínhamos de nos orientar, de parar de viver encontro a encontro naquele estado de ambiguidade. *Eu* tinha de me controlar.

Depois de tomar a pílula do dia seguinte.

Fizemos uma despedida demorada. Lacrimosa e confusa. Trina, apesar de todos os seus «é isto que eu quero e vocês têm de se resolver», foi quem mais chorou. Não podíamos abraçá-la por causa do ferimento, mas demos as mãos, chorámos, chorámos um pouco mais, fomos embora com as lágrimas a correr.

No passeio, Heath e eu ficámos lado a lado, a secar os rostos.

Na noite anterior, após o seu épico e dilacerante choro, Heath tinha-se vestido num silêncio tenso e pesaroso que eu não sabia como quebrar, saindo depois do meu quarto sem dizer mais nada. Eu subira para a cama e puxara o lençol e o edredão para cima de mim, agarrando-me ao seu cheiro na minha pele, deixando-o tranquilizar-me até adormecer. Enquanto chorava, eu tentara consolá-lo, mas

ele afastara-se de mim com brusquidão, não querendo sequer que eu lhe tocasse, quanto mais reconfortá-lo. Nessa manhã, aparecera à minha porta para irmos tomar o pequeno-almoço como se nada se tivesse passado. Não falou no assunto, e eu também não. Tomámos o pequeno-almoço normalmente e agimos como se a noite anterior nunca tivesse existido.

- Sabes qual é o nosso problema? - perguntei-lhe eu.

- Não, qual é o nosso problema? - replicou ele, em tom monocórdico. Estava desligado de mim, agora que tínhamos cumprido as nossas obrigações de agir normalmente juntos diante de Trina. Feito isso, podia fugir-me.

Postei-me diante dele, projetei o lábio inferior e inclinei a cabeça para o lado.

- «Não, qual é o nosso problema?» - repeti, numa imitação do seu tom lúgubre.

Um ligeiro sorriso atravessou-lhe os lábios - divertido comigo, ainda que sem querer.

- Qual é o nosso problema? - perguntou ele, num tom de voz mais normal.

- Somos duas das pessoas mais miseráveis à face da Terra.

- Como diria a Trina, não vejo mentira nenhuma.

- Vamos fazer alguma coisa quanto a isso. - Tomei as suas mãos nas minhas. - Vamos deixar de ser uns sacanas tão miseráveis. Vamos resolver-nos e juntar-nos, como deve ser. Vamos fazer coisas engraçadas juntos. Divertir-nos. A ver onde nos leva.

- Estás a falar a sério?

- Sim.

- Gosto de te ouvir dizer-me essas palavras. - Sorriu, relaxando as feições e o corpo pela primeira vez no que parecia uma eternidade. Soltou-me as mãos e, cautelosamente, como se eu pudesse assustar-me se ele não tivesse cuidado, passou os braços em redor da minha cintura, puxando-me mais para si.

Rapidamente, de modo a não ter tempo para pensar e, assim, mudar de ideias, enlacei-lhe o pescoço com os braços. Ia fazer aquilo. E, se ia tomar essa decisão, tomar a minha vida nas minhas próprias mãos, tinha de o fazer devidamente, por completo.

- Muito bem, vamos começar a pensar em coisas que possamos fazer juntos, dentro e fora do quarto. Sim?

- Sim - assentiu ele.

- Mas, antes de mais nada, preciso de tomar a pílula do dia seguinte.

Heath puxou-me ainda mais para si, perscrutando-me o rosto com o olhar, e eu consegui ver o quanto ele se estava a esforçar por se impedir de sorrir, tentando refrear a sua felicidade para o caso de me assustar.

- E se não o fizesses?

- Não tomar a pílula do dia seguinte?

- Sim. Vamos deixar isso nas mãos do Destino.

O meu coração entrou em pânico, lutando para me fugir da caixa torácica enquanto o meu estômago se enchia imediatamente de chumbo. Teria perdido o juízo? Deixar nas mãos do Destino se eu engravidava, se seríamos pais?

- Estás louco?

- Estás mesmo a perguntar isso a um psicólogo? - Heath aproximou o seu rosto do meu. - Sim, estou. - Esboçou o mais beatífico dos sorrisos. - E sei que tu também estás.

12

11 de agosto de 2022

Casa de Cleo e Wallace, fronteira Hove-Brighton

Início da manhã

As palavras e perguntas dos agentes rodopiam incessantemente na minha cabeça enquanto os conduzo à saída.

- Porque visitou o escritório do senhor Burrfield?

- Tinha uma reunião. Vou divorciar-me.

- Quando foi a última vez que viu o senhor Burrfield?

- Ao sair da minha reunião, por volta das duas e meia da tarde.

- Teve oportunidade de lá voltar em algum momento desde então?

- Não.

- Tem a certeza?

- Sim, tenho a certeza. Disse-me que ia agilizar os papéis do divórcio, porque... bem, não importa o porquê, mas disse que daria notícias. Era suposto ligar-me na terça-feira, mas não o fez. Perguntei-me porquê e tentei ligar-lhe algumas vezes, mas imaginei que estivesse ocupado, por isso não pensei muito no assunto.

- Morreu pouco depois de a senhora ter saído do escritório.

- O quê?

- As provas indiciam que morreu algures depois das seis da tarde.

- Certo. Certo. Pobre homem.
- Não nos perguntou como morreu nem como sabemos que é homicídio.
- Não?
- Não, não perguntou.
- E é suposto?
- A maioria das pessoas, quando são surpreendidas com a notícia de que alguém que conheciam foi assassinado, perguntam o que aconteceu.
- Oh, pois. Estou surpreendida com a notícia, mas não sei bem se quero saber. Principalmente se for macabro.
- Macabro. Podíamos chamar-lhe isso. - O inspetor Amwell olhou em redor, prestando especial atenção às fotografias nas paredes e na cornija da lareira. - Trabalha em quê?
- Sou escritora.
- Que tipo de coisas escreve?
- Principalmente livros, e algumas coisas para a televisão.
- Algo de que possamos ter ouvido falar?
- Hã, provavelmente não.
- Sob que nome escreve?
- Hum... Cleo Forsum.
- Cleo Forsum. Forsum. Cleo. Oh, sim, já sei onde ouvi esse nome. *A Detetive dos Bolos*, certo? - perguntou o inspetor Amwell.
- Ah, sim, *A Detetive dos Bolos*, conheço essa - observou a inspetora Mattison.

No que tocava à representação, a deles era terrível. Era óbvio que sabiam quem eu era quando me apareceram à porta. Porque não haveriam de saber, quando fazia parte do seu trabalho?

- Oh, sim, aquela com a rapariga que faz bolos e resolve crimes porque a polícia é demasiado incompetente no seu trabalho. É essa, não é? - acrescentou a inspetora Mattison por precaução, só para o caso de eu ter alguma dúvida de que eles sabiam quem eu era.

- Eu não o diria dessa forma.

- Mas é bastante macabra, e é por isso que me confunde o porquê de achar isto demasiado macabro para perguntar quando escreve os homicídios mais horríveis. Como inventa essas coisas é algo que nunca saberei. E porque não haveria de perguntar como o senhor Burrfield morreu parece um mistério ainda maior. A não ser que já saiba o que aconteceu - observou o inspetor Amwell.

- Não sei nada sobre a sua morte. E a série televisiva é uma colaboração. Escrevo o esboço inicial e há alguém que o edita. Depois é reeditado e reescrito. Às vezes, tenho de estar com eles no cenário durante as filmagens para fazer com que o guião encaixe no que conseguiram captar com as câmaras. O que significa que escrevo uma primeira versão muito inofensiva. A maioria das vezes, são outros a escrever as partes sangrentas, razão pela qual não posso ver nem ouvir falar nisso na vida real.

- A maioria das vezes? Não sempre?

- Sim, a maioria das vezes.

Levantaram-se os dois ao mesmo tempo.

- Senhora Pryce, podemos ter de voltar para lhe fazer mais perguntas. Assim que tivermos analisado alguns dos objetos encontrados no local do crime, voltaremos para falar consigo.

- Certo. Bem, duvido que saiba mais alguma coisa, mas tudo bem.

A frase «*analisado alguns dos objetos encontrados no local do crime*» continua a rodopiar-me na cabeça como um piloto de corridas a avançar para a derradeira vitória numa pista suave e desimpedida. Era como se soubessem que os objetos eram meus. Como se estivessem a tentar levar-me por um caminho só para me poderem apanhar numa mentira. Foi isso que trabalhar no programa me ensinou, que ouvi constantemente dos consultores da polícia: a polícia far-lhe-á perguntas capciosas, esperará que se encurrale com as suas próprias mentiras e depois atingi-la-á com as provas - às vezes físicas, outras vezes digitais - de que lhes está a mentir. A não ser que seja particularmente dura, isso apanhá-la-á sempre desprevenida, pelo que ou começa a confessar ou a mentir ainda mais. Seja como for, apanharam-na.

Que possíveis provas poderiam eles ter contra mim?

Não fui eu. Fiz outras coisas - coisas hediondas, coisas *criminosas* -, mas isto não. Por isso, como obteriam as provas? E, mais importante: quais são?

Lola está sentada na mesma posição que quando saí da cozinha, mas a pilha de panquecas só tem metade da altura

original e um filme para crianças passa ruidosamente a sua história no ecrã.

Antes de regressar ao meu lugar a virar panquecas junto ao fogão, Lola fixa os seus grandes olhos castanhos em mim, adota uma expressão compassiva e diz:

- Então, tia C, o teu advogado de divórcio foi assassinado. É muito difícil, não?

Oeste de Londres, 2006

- Olá, querida, cheguei - disse Heath da porta da frente.

- Oh, chegaste, pois - repliquei.

Apareceu à entrada da cozinha e o meu coração saltou-me no peito. Ultimamente, ficava sempre empolgada ao vê-lo. Desde a nossa viagem a Leeds, desde que Trina partira e eu assumira o compromisso de dar uma verdadeira oportunidade às coisas, os meus sentimentos por ele tinham-se transformado - basicamente, era tudo para mim.

Pus uma mão na anca e um braço no ar.

- Tenho um novo visual. - Estava com uma das suas camisas de trabalho, que mal me roçava as coxas, e um par de cuecas. Nada mais. - O que achas?

- Acho... quem és tu e o que fizeste à verdadeira Cleo? - gracejou ele.

- Tudo bem - bufei eu. - Se não gostas...

Num instante, ele tinha atravessado a divisão para me envolver nos seus braços.

- Gosto, gosto. - Deu-me um beijo lento, profundo, e eu senti-me derreter de uma maneira que não deveria ser

possível a uma mulher adulta a viver no mundo real.

Tínhamo-nos divertido tanto nos últimos três anos. Fazíamos refeições baratas em cafés recônditos, piqueniques em vários parques do Oeste de Londres, viagens de um dia à praia em Brighton, almoços de domingo com a mãe dele, jantares de sexta-feira com os meus pais. Víamos televisão na cama enquanto comíamos piza. Às vezes, ele ia ao meu encontro depois do trabalho e tentávamos ir a pé para casa, até que nos cansávamos e ele usava o seu dinheiro dos aniversários para apanharmos um táxi. Conversávamos e ríamos. E fazíamos tanto sexo. Fazíamos tanto amor. Passávamos a vida na cama.

A nossa bolha, este mundo a dois que tínhamos criado, parecia ser tudo o que eu não sabia que queria. Não me importava com a rotina diária de me levantar e ir trabalhar numa revista no centro de Londres, com chefes odiosos e as suas práticas laborais duvidosas, não me importava de não ter muito dinheiro e de ter de estar sempre a geri-lo, não me importava de pagar contas, e perder comboios, e ficar ao frio, e de não ter o estilo de vida extravagante que estava sempre a ser prometido às pessoas da minha idade nos filmes e programas de televisão que via e nos livros que lia. Não me importava porque Heath vivia comigo. Ganhava o dobro do meu salário, mas a vida em Londres era cara, pelo que, mesmo juntando o nosso dinheiro, tínhamos de ser cuidadosos durante grande parte do tempo.

Foi ele o primeiro a romper o beijo, depositando outro no meu nariz, e depois na testa, antes de me levantar para me sentar na bancada de mármore. Dessa posição,

conseguia olhá-lo ligeiramente de cima, com a chaleira à minha direita e o bloco de facas em madeira à esquerda.

- Então... - começou Heath.

O meu coração esmoreceu. Claro. C-l-a-r-o. As coisas tinham sido demasiado boas durante demasiado tempo. É claro que algo tinha de correr mal, a minha pequena e adorada bolha tinha de rebentar.

- O que fizeste? - perguntei, cansada.

- Porque dizes isso?

- Porque só me dizes «então...» nesse tom quando fizeste alguma coisa de que eu não vou gostar. Diz-me de uma vez, para eu poder irritar-me e podermos seguir em frente.

- Às vezes, detesto que me conheças tão bem - disse ele.

- E adoro, também.

- Desembucha.

- Olha, posso ter feito algo que não aprovarias, mas está feito e ponto final.

- www.aguardando.com.

- Está bem, marquei uma semana de férias em Las Vegas.

Os meus olhos quase me saltaram, mas estava demasiado chocada para falar.

- Odeias a ideia? Odeias? Olha, fiz umas poupanças, poupei mesmo muito. Até consegui arranjar bilhetes em executiva. Sim, foi por isso que não fizemos nada que custasse dinheiro nos últimos meses, mas queria muito surpreender-te. O que achas? Odeias? Não posso

propriamente pedir um reembolso se assim for, mas farei o meu melhor. Se odiar.

Olhei para o nosso apartamento - e agora era o nosso apartamento. Ao regressarmos de Leeds fomos para lá e nunca mais chegara a sair. Sim, voltava ao meu apartamento no Sul de Londres para ir buscar roupas e assim, para recolher o correio e esvaziar o frigorífico, mas tornou-se essencialmente um caso de mudar duas ou três malas de cada vez até ele dizer que devíamos alugar uma carrinha e ir buscar o resto das minhas coisas.

Tínhamos alguns móveis meus (a minha mesa de cabeceira e a secretária), parte dos meus artigos de decoração (alguns tapetes e almofadas para chão) e Heath estava sempre a dizer que eu podia decorar o apartamento como quisesse. Dizia-me constantemente que, acima de tudo, queria que fosse a minha casa, pelo que, se houvesse algo de que eu não gostava, devia mudá-lo.

Começara a dizê-lo mais regularmente quando, logo depois de eu me ter mudado de facto, a sua ex-namorada Abi aparecera a meio da noite.

Segundo Heath, não se tinha oficialmente mudado para lá, agarrara-se a uma cópia da chave que ele lhe tinha emprestado uma vez e começara simplesmente a entrar sozinha. Quando ele acabou com ela - no dia a seguir ao funeral do pai, tal como eu suspeitara -, Abi ficou devastada. Ele jurou-lhe que não tinha voltado para mim - tinham passado mais de três meses entre o funeral e Leeds, por isso não estava a mentir - e ela prometeu devolver-lhe a chave.

Certa noite, já tarde, ela decidiu surpreendê-lo, para ver se conseguia reavivar a relação. Quase conseguira chegar ao quarto quando ele a interceptou. Instintivamente, enfiou a cabeça debaixo das mantas, mas depois, ao ouvir as suas vozes no corredor em vez de apenas a porta da frente abrir e fechar com a sua partida, pôs a cabeça de fora, saiu da cama e esgueirei-me até à porta para ouvir.

Não te menti... aconteceu há pouco tempo... não te tirei nada.

Sabia que eras um sacana... não se pode confiar em ti... pensava que me amavas... pensava que íamos ficar juntos para sempre...

Nunca te prometi nada... os teus sentimentos oprimem-me... por favor, não digas isso...

Eu amava-te... faria qualquer coisa por ti... espero que a tua cabra valha a pena... sou a melhor coisa que alguma vez deitaste fora...

Continuaram nisto até que ela tentou entrar para me pedir satisfações e Heath teve de bloquear a porta. Abi partiu sem as suas coisas, sem deixar a chave, mas tendo usado o punho para bater no diploma emoldurado pendurado na parede do corredor, partindo o vidro e provavelmente também a mão.

- Mudança de fechaduras pela manhã, então - observei eu, depois de ele ter trancado a porta com duas voltas e regressado para a cama. O que mais poderia dizer? Ele não se tinha propriamente coberto de glória com tudo aquilo. Sim, tinha acabado com ela muito antes de nos juntarmos, mas tentara envolver-se comigo durante o tempo em que

estavam juntos. Tinha-a apresentado aos pais, mas guardara segredo dos amigos, não fosse um deles contar-me. Não eram propriamente atitudes de um cavalheiro. E, para ser sincera, mesmo no meu estado enamorado de quando acontecera, e no estado atual, mais equilibrado, a forma como ele a tratava dava-me que pensar.

Em retrospectiva, também a forma como ele tratava as Heathettes me dava que pensar. Oh, todas tinham alinhado e a maioria mantinha-se amigável com ele depois, mas Heath tinha-me dito várias vezes que se enrolava com elas sobretudo porque eu não queria enrolar-me com ele. (Uma vez, quando estava bêbedo, admitiu que era frequente imaginar que estava comigo enquanto estava com elas. Fiquei tão repugnada, ao invés de lisonjeada, ao ouvir aquilo, que ele nunca mais o repetiu.) Toda a situação com as Heathettes era uma confusão. Sim, era um ambiente consensual, mas não particularmente saudável. Não era de admirar que algumas costumassem fulminar-nos com o olhar, a Trina e a mim – mesmo quando se retiravam do grupo de Heathettes, continuávamos a receber olhares maléficos. Não me apercebi na altura, pois estava mesmo no meio, mas agora tinha dúvidas sobre as coisas que o meu namorado fazia em nome do amor e do sexo.

Às vezes, nos meus momentos mais confiantes, olhava para a nossa casa, encantadora como era, e perguntava-me onde teriam ele e Abi vivido os muitos pequenos momentos das suas vidas – onde comiam, onde conversavam, onde faziam amor, onde simplesmente existiam. E lembrava-me

do bilhete que tinha encontrado caído atrás do radiador da entrada: *Vou chegar tarde esta noite. Amo-te. Abi x*

Às vezes, olhava para a nossa casa, encantadora como era, e perguntava-me como devia ser para Abi saber que o que mais temia – que Heath a trocasse por mim – se tinha basicamente tornado realidade.

E, às vezes, olhava para a nossa casa, encantadora como era, e perguntava-me se não me deveria sentir um pouco mais culpada pelo tempo que tinha demorado a chegar àquele ponto com Heath e pelo que poderia ter sido evitado – pelos sentimentos de todas essas pessoas que não teriam sido feridos – se eu não lhe tivesse resistido durante tantos anos.

– Odeias, não odeias? – perguntou ele ao silêncio criado pelo meu vaguear pelo mundo do que deveria ter feito. – Odeias mesmo, mesmo muito.

– Não odeio nada – respondi, por fim. – Não odeio, de maneira nenhuma. Estou só um pouco... espantada, só isso. Quer dizer, que fiz eu para ter tanta sorte?

Ele beijou-me, suave e cuidadosamente.

– Não foste tu quem teve sorte, fui eu. Dia após dia, não consigo acreditar em como és perfeita, e o facto de me amares... Sinceramente, sinto-me o homem mais sortudo do mundo.

13

11 de agosto de 2022

Casa de Cleo e Wallace, fronteira Hove-Brighton

Fim da noite

Os adultos são loucos. Mesmo loucos.

Lola interroga-se muitas vezes sobre como consegue algum deles fazer alguma coisa com o seu comportamento desvairado. Como a tia C.

A tia C é segura. Outros chamar-lhe-iam fixe, mas é segura. Sabe que pode passar um bom bocado com essa tia.

A família de Lola é triste. É-o desde que se lembra e sabe perfeitamente porquê. Por causa do seu tio Sidney. Nunca o conheceu, nem mesmo quando era bebé, pois passou basicamente toda a sua vida preso.

Tinha demorado algum tempo a descobrir o que tornava a sua família triste, mas, quando tinha 8 anos, descobriu que o tio Sidney era um assassino. Tinha matado alguém há muito tempo e ia passar o resto da vida na prisão. Descobriu-o ouvindo as conversas dos Adultos, tornando-se invisível e discreta; despercebida e quase silenciosa. Nenhum deles sabia que ela sabia, mas era assim. E ela guardava-o para si. Ia contar a quem? Nenhum dos seus colegas da mesma idade entenderia e não era matéria para as suas redes sociais. Sim, havia quem publicasse coisas estranhas, mas não seriam capazes de entender aquilo. Não tinham sequer o mais ínfimo princípio de uma ideia.

O mundo é um sítio estranho, aceitou Lola. Aceitou-o há muito tempo. Mesmo estranho, por isso a melhor maneira de lidar com ele é manter-se discreta. Descobrir informações sem nunca lembrar às pessoas a sua presença. É por isso que gosta da tia C. Dá-lhe espaço, permite-lhe ser invisível, mas, ao mesmo tempo, vê-a e interage com ela.

Quando a tia C chegou, quando se juntou ao tio Wals, Lola era minúscula. A mais pequena de todos, com apenas 3 anos – ou talvez apenas 2. Mesmo com essa idade, conseguia sentir a tristeza que pairava sobre a sua família, que os seguia como uma permanente nuvem de chuva para onde quer que fossem, quer estivessem juntos quer não.

Então, o tio Wals levou a tia C a casa. E subitamente a sua família tornou-se menos triste, mais aberta, *normal*. Um novo normal que via a sua avó rir de vez em quando, o avô falar, que fazia o pai parar de se enfurecer tanto contra o mundo e que via o tio Wals sorrir. Constantemente. Sempre fora o seu tio favorito, o divertido. Quando descobriu o que tinha acontecido ao tio Sidney, Lola deu-se conta de que o tio Wals estava a tentar ser dois tios ao mesmo tempo. Queria ser o tio Sidney na sua vida, além do tio Wals.

O tio Sidney era o seu herói, tal como o tinha ouvido dizer uma vez ao seu pai. E o tio Wals recusar-se-ia sempre a acreditar que o seu herói tinha feito tal coisa. Recusava-se a crer que ele tivesse sido capaz de invadir a casa de uma mulher, espancá-la e depois estrangulá-la. (Tinha descoberto isso pela Internet, não à escuta. Ninguém falava

no assunto com tanto pormenor.) E porque se recusava a acreditar, o tio Wals tentava preencher o buraco na vida da sua família.

Era bom nisso, mas sempre tão triste. Mesmo quando estava a rir e a dizer disparates, havia uma tristeza que o sugava, que lhe pesava. Até que a tia C chegou. Então passou a haver diversão. Diversão a sério.

Leste de Londres, 2012

- Não sei porque vai ele trazer aqui alguém - disse Donette de forma ríspida. Não era a mais sociável das pessoas, nem nos seus melhores momentos, mas nos últimos três anos, inflados e tumefactos pela detenção, julgamento e condenação do seu filho, do seu amado primogénito, Donette decidira isolar-se do mundo. Só ia à igreja, mais nada. Já nem se dava ao trabalho de ir ao grupo de oração, pois estava cheio de coscuvilheiras. Mulheres adultas que não tinham nada melhor para fazer do que ficar a olhar e sussurrar, lançar olhares de soslaio e provocar. Sidney, batizado em honra do seu ator favorito - o próprio Sidney Poitier -, era inocente. Nunca tivera dúvidas disso. Era bondoso, tinha sido criado como tal. Fora educado para respeitar as mulheres, não para fazer as coisas que ouvira em tribunal. O seu filho não era assim, e ninguém lhe poderia dizer o contrário.

A sua vida não era assim tão má sem aquelas cobras e víboras com as suas línguas bifurcadas e palavras venenosas nela. E o que era a vida sem o seu Sidney,

então? Estava sempre a dizer-lhe que devia seguir em frente com a sua vida, esquecê-lo, viver por ele. Mas como podia? Como poderia ela viver com aquela injustiça? E agora Wallace lembrava-lhe que a vida continuava, ao dizer que queria levar uma rapariga a casa. Era obviamente sério, dado que a queria levar lá para os conhecer, mas fazia-a sentir-se mal. Perturbada. A náusea surgira no momento em que vira Sidney ser levado algemado e nunca mais a deixara. Mas agora a sensação era pior. Franklyn era casado e tinha-lhe dado uma neta, aceitara que eram esses os processos normais da vida. Mas que as coisas prosseguissem agora? Que Wallace pudesse casar? Não sabia. Não sabia mesmo.

- Porque vai ele trazê-la cá?

- Quer mostrá-la - respondeu Tobias. - Isso é bom, sabes? É bom.

Tobias não tinha muito a dizer. Perdera a mulher quando perdera o seu primogénito. Chorava a perda de ambos todos os dias. Lia o seu jornal, fazia as suas palavras cruzadas e calculava como consertar a sua família. Tinham crescido abençoados, mas as bênçãos tinham desaparecido, sumido da noite para o dia, deixando no seu lugar aquele vazio. Aquele vazio de dor e nada. Às vezes, sentia-se como se tivesse sido atirado para um profundo buraco azul, daqueles que as pessoas encontravam no meio do oceano. Era impossível saber a que profundidade chegava e impossível também voltar à superfície para respirar. Estava ali, preso a algo que parecia belo visto do exterior - filhos, uma bela casa, um corpo robusto, uma família saudável, um

bom emprego do qual não tardaria a reformar-se -, mas que era também uma armadilha que o estava a afogar. Gota a gota, pingo a pingo, afogava-o.

Todos paralisaram ao ouvir o som da chave na porta. Wallace não vivia ali há anos, mas é claro que tinha uma chave, continuava a ser a sua casa. Amalola levantou-se do chão e foi para o colo da mãe, sem saber muito bem o que viria a seguir. Fosse o que fosse, sabia que era grande, pela forma como a avó tinha vindo a protestar baixinho, pela maneira como o avô tentava acalmá-la. Os braços da mãe envolveram-na no laço protetor que ela sempre esperava encontrar ali e o pai pôs-lhe a mão no tornozelo, um toque suave e tranquilizador.

- Olá... Chegámos - disse o tio Wallace do corredor.

- Aqui dentro, mano.

Houve um compasso de espera, uma pausa enquanto todos ouviam o som de dois pares de mãos a serem lavados na casa de banho do piso de baixo. Mesmo com apenas 3 anos, Amalola sabia que, ao entrar em casa dos avós, havia que tirar os sapatos e lavar as mãos. Era simplesmente assim que se fazia.

O tio Wallace, com umas elegantes calças pretas, camisa de ganga e meias pretas, foi o primeiro a aparecer na sala. Sorria, o seu rosto atraente iluminado como se todos os seus sonhos se tivessem tornado realidade ao mesmo tempo, mas até Amalola conseguia ver que também estava nervoso. A preocupação repuxava-lhe os cantos dos olhos. Estava com medo de apresentar aquela pessoa à família; aterrorizado com a forma como a iriam receber. «Ela», a

pessoa de quem os avós e os Adultos tinham estado a falar, apareceu a seguir. Era mais baixa do que Amalola esperava, nem de longe tão alta como a mãe. Vestia umas calças de ganga, o que fez Amalola franzir o sobrolho. Tinham-na enfiado à força num vestido cor-de-rosa com fitas a condizer nos totós; todos os outros estavam aperaltados. Mas aquela senhora, aquela «ela», usava umas elegantes calças de ganga azul-escuras, uma simples camisola branca de manga comprida e um brilhante cinto vermelho. O cabelo chegava-lhe aos ombros e tinha o maior dos sorrisos. O seu rosto quase brilhava com aquele sorriso.

O tio Wallace chamava-os a todos pelo nome enquanto os apresentava a «ela». E depois repetia os seus nomes antes de dizer:

- E esta é a Cleo.

O sorriso de Cleo ampliava-se a cada apresentação, se é que tal era possível.

- É tão bom conhecer-vos a todos - disse ela. - O Wallace passa a vida a falar de todos vós. Oh - acrescentou, antes de estender a caixa de vidro com tampa de plástico branco que tinha nas mãos. - Trouxe-lhe isto, senhora Pryce. Sou de origem ganesa e não se pode visitar alguém importante sem trazer alguma coisa. O Wallace disse-me que não costumam beber, por isso atrevi-me a preparar-vos algo. Quiabos fritos e almôndegas de feijão-preto. Espero que gostem. O Wallace é um cozinheiro incrível e disse-me que foi a senhora que o ensinou a cozinhar, por isso sei que é

um risco, como disse, mas é o meu prato favorito e o da minha mãe também, e pensei que também poderiam gostar.

Em vez de aceitar a caixa que lhe era oferecida, o rosto da avó Donette pareceu endurecer.

- O meu filho Sidney é que era o cozinheiro. Tinha o dom. Foi ele que ensinou os outros dois. Certificou-se de que sabiam tomar conta de si próprios.

O sorriso desapareceu-lhe imediatamente do rosto e o seu olhar voltou-se para a cordilheira retangular de fotografias amontoadas em cima da cornija da lareira, para a grande tela dos três irmãos pendurada por cima. O irmão mais velho estava em primeiro plano, ao centro, com um gémeo de cada lado. Estavam na casa dos 20, todos bonitos, todos confiantes. O seu olhar demorou-se no retrato antes de fitar novamente a avó Donette.

- Sim, o Wallace contou-me. Disse-me que a senhora e o irmão o tinham ensinado a cozinhar.

- Contaste-lhe?! - exclamou ela, fulminando o filho com o olhar. - Para que lhe foste contar?

- É claro que contei, mãe. Porque não haveria de o fazer? Não temos nada de que nos envergonhar. Nem o Sidney. O Sidney é inocente.

- Ouviste bem, rapariga? - A avó atirou-se a «Ela». - O meu filho é inocente. Não fez nada. Nem uma coisinha. Não venhas aqui à procura de mexericos. Não vais levar nada!

- Eu sei que ele é inocente - respondeu ela, baixinho. - Conheci o Sidney pouco antes. E fui ao julgamento. O que eu não sabia o Wallace completou, mas sei que o Sidney é inocente. Sempre soube que ele é inocente. E nunca

ninguém poderá dizer nada capaz de me convencer do contrário.

Amalola sentiu o corpo da sua mãe relaxar e a mão do pai, que subitamente lhe parecera pesada e tensa no tornozelo, ficar de novo mais leve. Na verdade, todos na sala pareceram descontraír, soltar um suspiro coletivo.

Amalola olhou para «Ela», sabendo que agora iria ser bem acolhida na sua família e que iria ficar por perto durante algum tempo. E Amalola não se importou nada com isso.

11 de agosto de 2022

Casa de Cleo e Wallace, fronteira Hove-Brighton

Fim da noite

Lola não gostava que a tia C estivesse de partida. Sabia que, assim que ela se fosse embora, a felicidade desapareceria também das suas vidas.

Fartava-se de puxar pela cabeça, pensando seriamente no que podia fazer para convencer a tia C a ficar. E o tio Wals também era um caso sério. Durante a sua última visita tinha reparado em como ele agora estava sempre triste. Sorria, tentava ser normal, mas ela sentira-o. O desvario dos adultos. A incapacidade que eles tinham de manter a compostura. Já tinha visto aquela expressão nos olhos do tio Wals – nos olhares do seu pai e da sua mãe ao iniciarem a separação.

O tio W e a tia C estavam a desmoronar, mas, porque eram adultos, tinham de fingir que sabiam o que estavam a fazer.

Os Adultos *nunca* sabiam o que estavam a fazer.

Limitavam-se a fingir que sim até parecer que assim era.

Como os seus pais. Mesmo quando passavam a vida a discutir, ela sabia que não o fariam se não se importassem ainda um com o outro. Foi quando pararam de gritar, de querer saber se o outro estava lá ou não, que ela soube que tinha acabado. Todos os planos e pensamentos e tudo o mais que tinha vindo a conceber para tentar salvar o casamento eram inúteis, pois eles simplesmente já não se importavam um com o outro.

A tia C e o tio W ainda não tinham chegado a esse ponto, mas, para que qualquer plano que pudesse conceber resultasse, o tio precisava de estar efetivamente ali. E, por enquanto, era o Sr. Ausente.

Quando voltou de falar com a polícia, a tia C estava abalada e assustada. Desde a sua chegada àquela casa que Lola tinha notado a expressão nos olhos da tia C. Sabia que o seu pai não teria reparado, e o tio W também não devia ter visto, pois sabia que ele não a deixaria se soubesse.

Graças à loucura dos adultos, nenhum deles conseguia ver que, por detrás dos sorrisos e da atitude normal, a tia C estava aterrorizada.

Las Vegas, 2006

- Cleo Forsum, tenho esperado por este momento desde o momento em que nos conhecemos. Eu sei, eu sei, és editora numa revista e vais querer cortar esse segundo «momento» e substituí-lo por outra palavra, mas não consigo pensar em nenhuma capaz de abranger tão bem esse passado e este presente como «momento». Parece algo fugaz, mas é pleno, florescente, amadurecido por tanta coisa. Por memórias, amor, experiência... O «momento» em que te conheci é algo que nunca esquecerei. Este momento aqui é algo que estive em construção durante dez anos.

» Queres casar comigo, Cleo Forsum? Queres fazer de mim o homem mais feliz do mundo e casar comigo?

Era a nossa segunda noite em Las Vegas. Tínhamo-nos orientado, tínhamos ultrapassado o *jet lag* e eu começava a habituar-me à forma como tudo ali estava *ligado*. Todo o espaço parecia estar repleto de luzes brilhantes, de ruído e de movimento; uma constante energia mental, emocional e física. Tudo soava diferente, parecia diferente, tinha um *sabor* diferente. Era como entrar numa corrente de luz noutro planeta.

Tinha havido uma confusão com os quartos - algo relacionado com o facto de só sobrar um quarto da tipologia que Heath tinha reservado e ser para fumadores, por isso deram-nos uma *suite*. Uma *suite* júnior, que,

mesmo assim, era gigantesca. Tinha dois grandes quartos, uma pequena cozinha na zona de convívio e uma enorme banheira afundada em mármore rosa na zona dos quartos. Tudo isso somava à transcendentalidade de estarmos ali, fazendo com que tudo parecesse um pouco irreal.

Para somar à ilusão surreal da vida em que tínhamos entrado, o meu namorado estava de joelho no chão. A pedir-me em casamento.

Vestia um elegante fato preto com camisa branca e gravata dourada, enquanto eu usava um vestido dourado até aos pés que tinha sido o meu vestido de dama de honor para o casamento da minha irmã mais velha, Adjua. (Heath não tinha ido ao casamento, pois não estávamos juntos nessa altura, mas gostara imenso de me ver com ele quando me convencera a experimentá-lo para ele certa noite.)

Terá sido por isso que ele sugeriu que eu trouxesse este vestido?, interroguei-me, olhando para o seu rosto erguido. *Porque ia fazer isto?*

Não conseguia falar. Não conseguia sequer pensar e, com toda a certeza, não conseguia falar. De cada vez que ia a abrir a boca, impedia-me, pois sabia que alguma versão de «PERDESTES A CABEÇA?» me iria sair aos gritos e não queria arruinar as nossas férias.

Objetivamente, porque não haveríamos de ficar noivos? Tínhamos bons empregos (não era o meu emprego de sonho, mas dava para pagar as contas e permitia-me escrever à noite), tínhamos uma boa casa, gostávamos de estar um com o outro... A única razão para não nos

casarmos seria eu estar novamente a pensar demasiado. A regredir para aquele estado de não sentir nem entender os sentimentos. Para aquele lugar que julgava ter deixado para trás ao sair do hospital em Leeds e escolher Heath.

- Está bem, pronto - respondi.

- Só isso? «Está bem, pronto»? - provocou ele. - Nada de «amo-te e esperei tanto tempo por isto»? Nada de «fizeste de mim a mulher mais feliz do mundo»? Nada disso? Só um «está bem, pronto»?

- Às vezes, parece que nem me conheces - comentei, a rir.

Levantando-se, Heath levou a mão ao bolso interior do casaco e tirou uma caixa de anel em veludo preto.

- Normalmente, teria esperado por ti para escolher isto, mas entenderás porque não o fiz quando disser o que vou dizer a seguir.

Parou de falar. E esperou. Não abriu a caixa do anel. Na verdade, não fez absolutamente nada a não ser olhar fixamente para a caixa com um ar desamparado e - fugazmente - um pouco assustado.

- O que é que foi agora? - perguntei eu, interrogando-me sobre por que razão algo que era suposto ser incrível começava subitamente a parecer que podia transformar-se em horrível.

O seu olhar levantou-se ao encontro do meu e ele sorriu tristemente.

- Esqueço-me de que me conheces - observou. - Fiz uma coisa. Na altura, pareceu-me romântico e incrível; agora,

acho que te vais passar e vai estragar tudo. Não apenas as férias.

- Odeio essas coisas. Podes dizer-me só o que é para podermos lidar com isso?

- Eu... bem, quando te perguntei se querias casar comigo, queria dizer... - Hesitou, fazendo um esgar. - Queres casar comigo *agora*?

- Desculpa, o quê?

- Eu a modos que, bem, não foi a modos, fi-lo mesmo... marquei o casamento. É daqui a cerca de três horas. Temos de ir tirar a certidão ao Cartório de Clark County, levar a nossa identificação e tudo isso. Depois voltamos para cá, tratas do cabelo e da maquilhagem, se quiseres, e virá uma limusina buscar-nos para nos levar à capela e casarmos.

Estava a dizer palavras, mas eu não conseguia entender. Bem, conseguia, estava só um pouco paralisada e chocada, por isso sentia-me como se não as conseguisse perceber.

Dei um passo atrás e senti-me grata por a cama estar mesmo ali, pelo que podia sentar-me - o que fiz, pesadamente.

- Sabia que não devia ter feito isto - dizia ele. - Pensei apenas que ia ser romântico, o nosso pequeno segredo. Não teria significado fora daqui, na verdade. Não temos de o registar em Inglaterra, o que significa que não é legal por lá. Mas pensei, sei lá, queria só ser casado contigo. Ser o teu marido. Estes últimos anos foram incríveis. E estava a falar a sério, tenho estado à espera disto desde o momento em que te conheci, quando olhava fixamente para ti.

Os teus sentimentos oprimem-me, tinha ele dito a Abi. Sabia o que queria dizer.

- Heath, às vezes, os teus sentimentos são demasiado para mim - confessei. - Demasiado. Isto é uma loucura.

- Eu sei. Mas não adorarias o *glamour*? Poder dizer às pessoas que casaste em Las Vegas? E, já agora, não gostarias de ser casada... comigo?

Ao ver que eu não lhe respondia, Heath acrescentou:

- Não era uma pergunta retórica. Gostarias de ser casada comigo?

- Bem, obviamente; acabei de aceitar o teu pedido.

- Então, se queres mesmo casar comigo, porque não agora?

- Porque não temos aqui ninguém. A tua mãe, a minha família, os amigos. É suposto fazemo-lo diante de todos. O casamento é estarmos perante as pessoas mais importantes para nós e declararmos que foi esta a pessoa que escolhemos. Não é escapulirmo-nos para o fazermos em segredo.

Ele prostrou-se de joelhos diante de mim.

- E podemos fazê-lo. Será o nosso casamento oficial, o verdadeiro, com pompa e circunstância, o que conta legalmente em Inglaterra, mas isto será para nós. Só tu e eu. É sempre melhor quando somos só tu e eu, não é verdade?

Não podia contestar. Quando éramos só nós, na nossa pequena bolha, as coisas eram melhores. Mais fáceis. Mais divertidas. Mas isso não era real. Tínhamos de viver e de nos encontrar e de interagir com outras pessoas.

- A minha mãe jamais me perdoaria se soubesse disto antes de nos casarmos como deve ser - disse-lhe eu. - Quer dizer, já decidi de quantas viagens vamos precisar para ver vestidos de noiva, quem quer que faça o seu traje formal ganhês, quem tratará da comida. Em abono da justiça, já tinha tudo isso planeado quando eu estava sozinha, mas não vai ficar satisfeita.

- Dizemos-lhe só depois de o verdadeiro casamento formal estar despachado.

- E talvez nem nessa altura - murmurei.

- Parece-me que talvez queiras fazê-lo - observou ele, com um sorriso a revelar-se como uma fotografia no seu belo rosto.

- Sim, acho que talvez queira, de facto. - O meu próprio sorriso revelava-se também. - Acho que talvez queira.

Las Vegas, 2006

- Eu, Cleomara Amma Forsum, recebo-te a ti, Alfred Heath Sawyer Berland, como meu marido. Na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza. Prometo amar-te, respeitar-te e ser-te fiel até que a morte nos separe.

Parte 3

15

15 de agosto de 2022

5.º andar, escritórios da HoneyMay, Brighton

Início da tarde

A sala de reuniões da HoneyMay é grande e luxuosa, e fica num andar diferente dos escritórios em *open space* e do local onde habitualmente trabalho. Tem uma alcatifa cinza-tropa e confortáveis cadeiras acolchoadas de cabedal branco colocadas em torno de uma longa mesa em vidro fumado. As paredes brancas estão adornadas com cartazes em molduras prateadas dos seus programas mais bem-sucedidos, enquanto grandes janelas fixas exibem a bela vista, que é uma deslumbrante aguarela de verdes, castanhos, beges e vermelhos. Lá fora, tudo é sumptuoso, e profundo, e fervilhante de vida, mas simultaneamente sereno e tranquilo.

Dentro desta sala, a tensão paira no ar, baixa e pesada, como o machado afiado de um carrasco prestes a descer. Estão 14 pessoas aqui dentro, todas sentadas à volta da grande mesa de reuniões oval, voltadas para Harry Andrews, diretor executivo da HoneyMay. Sentado à cabeceira da mesa, parece um patriarca autoritário, imagem essa que é agravada pelo grande ecrã atrás dele, através do qual presumo que realizem reuniões à distância. Diante de todos os outros, estão folhas impressas em papel A4, na sua maioria com traços de marcador ou notas adesivas coloridas introduzidas em vários pontos do guião.

Sou a única pessoa que tem apenas um caderno e uma seleção de canetas à frente. Ao que tudo indica, pareço ter sido a única a não receber o memorando sobre ler e anotar os guiões antes desta reunião.

Parece uma emboscada.

Quando cheguei, às duas menos dez para a reunião das duas, já todos estavam lá. Tinham todos escolhido um lugar, deixando-me a cadeira mais próxima de Harry Andrews. Nesse momento, o pavor invadiu todo o meu ser e tive de me sacudir algumas vezes para me dirigir confiantemente ao lugar. Sentei-me na cadeira que me tinha sido atribuída e tirei o meu caderno e as canetas. Ao olhar em volta, ninguém me olhava nos olhos. Nem a editora-chefe, Anouk, com quem trabalhava bastante de perto. Nem a chefe de produção, Dianne, com quem também falava muito. Nem Sandy Burton, a diretora de operações. Nem sequer Gail, Clarissa ou Amy, que não se tinham poupado a esforços para serem simpáticas nos últimos tempos.

O machado que paira sobre nós só pende obviamente sobre a minha cabeça.

Deixei de tentar fazer com que alguém olhasse para mim e estou voltada para Harry Andrews, o *big boss*, pois está nitidamente prestes a falar.

- Em primeiro lugar, Cleo, gostaria de lhe expressar um grande agradecimento pelo seu trabalho nos últimos episódios de *A Detetive dos Bolos* - começa ele. - E de lhe agradecer por nos ter permitido ver o que aí vem com o guião para o episódio final alargado.

» Tendo-o lido, tal como todos nós - acrescenta, apontando para as pessoas que me têm vindo a ignorar à volta da mesa -, gostaria de lhe perguntar que diabo é isto. Quer dizer, sei que está a ter uma espécie de colapso emocional, mas que raio é esta merda?

Sabia que estava prestes a ser repreendida. Sabia que estava em apuros, mas pensava que ele ia manter as boas maneiras. Não pensei que fosse praguejar comigo.

À minha volta, coletivamente, sinto as pessoas soltarem silenciosos arquejos de choque e depois retraírem-se de horror. Também não estavam nitidamente a contar com isto. Todos conhecem a sua reputação: sabem que é duro e implacável; que espera o melhor das pessoas, quer estejam sentadas à secretária quer estejam doentes na cama, mas não creio que esperassem vê-lo explodir com alguém exterior ao reino a que preside.

Olho fixamente para Harry Andrews, o prodígio obstinado, como gosto de o imaginar. Usa o cabelo grisalho um pouco comprido no topo e puxado para trás do rosto, certifica-se de nunca utilizar os três botões de cima das suas camisas caras, para que todos sejam brindados com a visão dos seus pelos do peito a espreitar, e traz sempre um relógio caro no pulso - ainda não o vi usar o mesmo relógio duas vezes. Lembra-me imenso outro homem terrível que conheci quando trabalhava nas revistas. Outro ser humano horrível, incapaz de se controlar na hora de se portar mal.

- Em que estava a pensar? - Normalmente, Harry Andrews não vem a estas reuniões, não contamina a sala dos escritores com a sua presença, mas, tal como todos os

outros, não ficou satisfeito com a minha decisão de pôr termo a um dos seus programas de maior sucesso. Quando ainda falava comigo, Dianne deixou escapar que ele tinha ido imediatamente procurar aconselhamento legal quando eu abordei pela primeira vez a ideia de acabar com o programa depois desta temporada. E voltou furioso por não haver nenhuma forma de anular o contrato. Se eu dissesse que estava acabado, estava acabado.

Harry Andrews não está habituado a ser contrariado, não está habituado a ser desafiado, não está habituado a não conseguir o que quer.

Mas nunca me tinha confrontado... até agora – em que está a dar tudo. Está a ser ridículo, claro, uma vez que o que é filmado e exibido raramente se assemelha aos meus guiões originais. São parecidos, sim, no sentido em que o homicídio acontece quando eu escrevi, o assassino é muitas vezes quem eu cuidadosamente planeei que fosse e as personagens que convoquei para um determinado episódio mantêm geralmente os nomes e características que eu lhes dei. Mas colaborar significa muitas vezes que várias outras pessoas irão trabalhar e reescrever o guião até encaixar na narrativa pretendida para o programa. Mesmo que eu visse e revisse os episódios exibidos, lesse os guiões de filmagem e os discutisse até com os editores, o que quer que eu produzisse nunca ficaria intacto, nunca ficaria totalmente por reescrever.

– Olhe, compreendo que não está na melhor das condições – diz ele, apontando para a zona junto à sua cabeça, o rosto bronzeado e enrugado quase a ceder pelo

esforço para não gritar. - Mas tinha de o deixar transparecer no seu trabalho? Está a matar...

- Não estou a matar nada - replico eu docilmente, embora me sinta tudo menos dócil. Tenho uma miríade de sentimentos a rodopiar dentro de mim e à minha volta, mas nenhum deles é timidez.

- É claro que está. Depois de tudo o que fizemos por si, deixando-a trabalhar no programa quando, francamente, não tinha nada que estar envolvida nisto. Atrasou o programa com a sua inexperiência, mas sempre fomos demasiado educados para lhe dizer a verdade, razão pela qual estamos todos aqui nesta situação, sem um guião decente que possamos sequer começar a trabalhar.

Perscruto as pessoas em redor da mesa, vendo-as olhar fixamente para baixo. Ninguém quer estar aqui para isto. Ninguém quer assistir, sabendo que pode ser o próximo. De certeza que é também por isso que os outros que aqui trabalham têm andado a agir de forma «estranha» comigo - na minha ausência, é neles que ele descarrega a sua raiva.

Harry Andrews abre o guião e aponta o dedo para uma parte da página.

- Quer dizer, quem é esta Tally e porque está em coma? Que tipo de enredo disparatado é este?

- Estava no piloto - respondo. - Uma das amigas de longa data da Mira foi deixada em coma por alguém de quem ela anda sempre à caça.

Andrews resfolega, repugnado, um som espesso e catarroso que me dá a volta ao estômago.

- E de onde vem este disparate de um casamento secreto em Bali?

- Foi sugerido no piloto e referido ao longo de toda a história.

Resfolegar.

- E que treta é esta de a melhor amiga dela estar a definhar na prisão por um crime que não cometeu?

- Mais uma vez, está lá desde o primeiro episódio.

Resfolegar.

- E que merda é esta de os bolos serem um substituto para o vazio interior onde deveriam estar os filhos?

- É algo que ela sugere durante todo o programa. Estava só a encerrar finalmente o assunto...

Ele lança-me um sorriso escarninho, voltando depois a sua irritação e cólera contra todos os que estão sentados em redor da mesa.

- E deixam-na sair-se com estas merdas, vocês? Durante sete anos? Sete anos desta parvoíce! - Pega no guião, só para o deixar cair, ao que parece. - Deixámo-la ter as suas manias estranhas. Deixámo-la escolher para o elenco uma protagonista étnica e a sua família, apesar de sabermos que estaríamos a limitar o sucesso a nível interno e internacional. Ninguém acredita realmente nesse elenco, mas alinhámos, deixámo-la fazer o que queria e é *assim* que nos retribui. Com uma treta qualquer sobre melhores amigas na prisão por causa de erros da justiça. Alguém quer saber da melhor amiga chorona? Não...

- Oh! - exclamo eu subitamente, interrompendo-o em pleno fluxo. - Oh. - Recolho as minhas canetas e empurro-

as para o fundo do saco de pano juntamente com o caderno preto. – Tenho de ir.

Uma mistura de alarme e choque ergue-se como uma nuvem radioativa sobre a sala. Suponho que tenha menos que ver com o facto de eu estar perturbada e precisar de sair e mais com o de todos saberem que, se eu sair, serão eles a ouvir das boas.

– Ir? – atira Andrews. – Ir onde?

– Hum... bem... – Olho ostensivamente para o meu relógio, vou chegar três horas adiantada para ir buscar Lola à aula de arte, mas eles não sabem disso. Mas para quê mentir? Nesta fase, para quê mentir a esta gente? Estou livre. As coisas que me prendem a este lugar, a estas pessoas, a esta sociedade, na verdade, estão a desaparecer rapidamente. Para que preciso eu de me cingir às regras? Para que preciso eu de ter tento na língua e de me portar bem para manter a paz quando, muito em breve, essa paz não terá absolutamente nada que ver comigo? – Tenho de ir a outro sítio – digo-lhe eu. – Outro sítio sem ser aqui.

– Estamos muito atrasados neste guião, Cleo, agradecíamos muito que ficasse – diz Sandy Burton, com uma súplica no tom e no fraseado, ainda que não nas palavras. – Agradecíamos imenso.

– Pois, bem, deviam ter pensado nisso antes de alguém começar a ser desbocado e grosseiro... e ninguém me defender. – Digo isto depois de me pôr de pé.

Ficam todos a olhar para mim; Andrews fica mudo do choque. Provavelmente, é a primeira vez que alguém lhe faz frente.

- Sabem, lembro-me de quando metade de vocês andava a fazer gostos e partilhas e publicações por causa do *me too*. Lembro-me de todos os vossos *hashtags* solidários a dizer «acabou-se o tempo». Lembro-me até de quando os vossos *feeds* nas redes sociais eram uma sucessão de quadrados negros e citações inspiradoras sobre fazer melhor. Acham que eu vou ficar aqui sentada a aturar estas parvoíces?

» Porque haveria de o fazer? Se não for eu, serão todos vocês. E eu vou retirar-me desta situação. Quando todos estiverem dispostos a portar-se bem ou a simplesmente não agir como verdadeiro *lixo*... - Olho para Andrews. - Voltarei e podemos trabalhar no guião.

No fim do discurso, a minha voz está ofegante, dando a impressão de que estou à beira das lágrimas, mas não me importo. Não é nada com que me deva importar. A única coisa que me importa é retirar-me desta situação imediatamente.

A grande porta de vidro fosco da sala de reuniões é pesada e, ao aproximar-me, não me consigo lembrar se abre para dentro, para fora ou ambos. Consigo visualizar-me a fazer uma verdadeira figura de tola, vejo-me a bloquear enquanto tento fugir e a passar uma vergonha completa no processo. Ao chegar à porta, empurro-a e, felizmente, ela cede ao meu toque, permitindo-me sair com dignidade.

Não foram as palavras duras sobre a minha escrita que causaram isto. Nem os palavrões e as censuras. Não foi sequer a forma como ele desvalorizou cada aspeto do

programa. Foi o que ele disse sobre a amiga de Mira estar na prisão.

Alguém quer saber disso?

Eu. Eu quero. Foi por isso que o escrevi. Queria dar esperança a mim mesma. Esperança de um dia conseguir tirar Sidney, o irmão de Wallace, da prisão; para começar, porque fui eu quem o mandou para lá.

Centro de Londres, 2007

- Cleo, pode ficar mais alguns minutos, por favor? - pediu Ivan Carlton, o meu novo chefe na revista, a partir do seu gabinete de paredes de vidro.

Ia a caminho da porta com Samantha-Louise e Wendy, duas amigas do trabalho que sabiam como começar o fim de semana com uma boa bebida e os melhores mexericos do mundo das revistas, quando a sua voz profunda e imponente chegou até mim. Senti-me tentada a fingir que não tinha ouvido, a continuar a arrumar as minhas coisas e pirar-me dali para fora.

- Não vai demorar muito - acrescentou ele um pouco mais alto, obviamente adivinhando que eu me preparava para o ignorar.

Wendy foi a primeira a fazer uma careta, seguida de Samantha-Louise. O nosso novo editor chegava até nós com a má reputação de ter olho para as senhoras e uma mente cruel. A nossa antiga editora era um horror, mas conseguíamos lidar com ela. Não era simpática, mas não se importava o suficiente para fazer a vida miserável a

ninguém. Já este tipo... chegava sempre cedo e lançava olhares contundentes e comentários mordazes a quem chegasse depois dele; ficava até tarde na maioria das noites e dava a entender, sem o dizer diretamente, que esperava que os outros fizessem o mesmo. Na primeira reunião, ao dirigir-se à equipa, tinha-nos dito que estava empenhado em melhorar as nossas expectativas de carreira. Só queria lutadores na sua equipa e se pensávamos que podíamos não nos esforçar com ele a ver, bem podíamos reconsiderar.

Na prática, a sua forma de melhorar as nossas expectativas de carreira implicava chamar-nos ao seu gabinete várias vezes ao longo de duas semanas para nos desmoralizar, obrigando-nos a descrever-lhe ao pormenor aquilo em que não éramos lá muito bons e fazendo-nos depois questionar e eventualmente duvidar de tudo aquilo em que julgávamos sê-lo. Então, nessa altura, quando estávamos em baixo, dizia-nos o que achava que devíamos fazer com a nossa vida. Tudo isso enquanto nos impedia de continuar com o trabalho que tínhamos sido contratados para fazer, protestando depois nas reuniões por o trabalho não ser concluído a tempo.

Era nitidamente a minha vez de estar na berlinda.

- Boa sorte - sussurrou-me Samantha-Louise enquanto se dirigia à porta. - Estaremos no Wellington. Vou pedir um duplo para ti. - Virou-se para olhar fugazmente para o que me esperava. - Um triplo.

- Cleo... - O meu muito importante chefe saiu de trás da sua secretária e passou para o lado da frente, onde eu me tinha sentado. De forma descontraída, encostou-lhe o fundo

das costas, levantando depois a perna para apoiar o pé na minha cadeira, mesmo ao lado de onde eu estava sentada. Teve o infeliz efeito de me dar uma visão demasiado próxima da área dos seus genitais; graças à sua preferência por calças extra justas, nada era deixado à imaginação. Desviei o olhar, a arder de vergonha. – Tenho ótimas notícias para si – disse ele. – O conselho de administração vai ampliar a equipa. Querem expandir-se para a área dos projetos especiais, edições únicas e afins.

Assenti com a cabeça e respondi, baixinho:

– Que bom.

– Estamos a pensar em si para a chefiar.

A frase fez-me levantar a cabeça, captar um vislumbre da sua «zona» e baixá-la novamente.

– Eu?

– Sim, a Cleo. Não estavam muito certos, claro, porque não parece ser a mais *experiente* das raparigas. – A forma como a sua boca arrastou a palavra «experiente» fez estremecer cada nervo da minha espinha. – Mas sabe como eu sou, Cleo, amigo de todos, pelo que lhes disse: «Ei, malta, até as raparigas negras merecem a oportunidade de brilhar.» Disse-lhes também que estaria lá, um experiente e seguro par de mãos para a orientar. Sei que isso fez pender a decisão em seu favor. Então, o que me diz, sócia?

O que digo? A ter-te a respirar-me para o pescoço durante cada instante da minha vida laboral? A esperares a minha gratidão eterna? À perspetiva de descartares tudo o que eu fiz na minha vida profissional e fingires que só passei a existir quando tu chegaste?

- Parece uma excelente oportunidade - foi o que respondi. - Terei de pensar muito seriamente no assunto.

- O que há para pensar? Pensei que se ia atirar a esta oportunidade. Se recusar, porém, os mandachuvas não vão ficar contentes. Não vão ficar nada contentes.

- Tenho de discutir a questão com o meu marido - disse eu, acobardando-me em dizer-lhe para onde podia ir. - É uma grande decisão a tomar.

- Marido? Pensava que era solteira.

- Refiro-me ao meu companheiro. Estamos juntos há tanto tempo que lhe chamo marido - repliquei. Na minha cabeça, referia-me sempre a Heath como meu marido; era a primeira vez que o deixava escapar diante de alguém.

- Pensava que era esclarecida, Cleo. Pensava que era uma mulher independente e de mente aberta. É isso que é ou é uma mulher agrilhoadada a um homem, acorrentada a ele e autorizada apenas a fazer a sua vontade? Porque se for esse o tipo de rapariga que é, então acho que isto... não vai resultar.

Nem sabia por onde começar com tudo o que ele tinha dito: a evocação da escravatura, os tropos sexistas, a subtil insinuação do assédio sexual que estava para vir. Era impossível os Recursos Humanos levarem aquilo a sério - nem sequer seria a minha palavra contra a dele, seria «progressista e simpático homem “feminista” dá oportunidade a rapariga negra inexperiente e é este o agradecimento que recebe».

Era uma situação em que não havia como ganhar. Deveras. Se trabalhasse com ele, teria um mundo inteiro de

subtis comentários racistas, sexistas e paternalistas a suportar até ele tentar a sua sorte, mas, se não o fizesse, de certeza que ele iria tornar a minha vida insuportável de qualquer forma.

Empurrei a cadeira para trás antes de me levantar. Não queria estar demasiado perto dele.

- Muito obrigada por me oferecer esta oportunidade - disse eu, evitando ainda olhá-lo diretamente. - Informá-lo-ei da minha decisão dentro de alguns dias.

- Faça isso - replicou ele secamente. - Pense muito, *muito* bem na sua posição aqui.

Oeste de Londres, 2007

Heath deu comigo no quarto, na cama, a olhar fixamente para o teto.

Estava ali desde que chegara. Ele não tinha voltado a correr porque pensava que eu ia beber uns copos com as raparigas do trabalho; não fazia ideia de que, em vez disso, eu tinha saído do escritório e ido diretamente para casa. Na minha miserável viagem de regresso, tentara determinar a melhor atitude a tomar em relação ao meu emprego. *Gostava* de trabalhar na revista. *Adoraria* ser editora de projetos especiais. Sentia-me empolgada com o tipo de portas profissionais que isso poderia abrir. Podia até ser o ponto de partida para um cargo de editora-adjunta. Mas já não era assim tão fã de me pôr em posição de ser assediada, fosse por trabalhar com Carlton ou por frustrar

as suas tentativas de ter mais um laçao sob o seu controlo direto.

Tenho de arranjar um novo emprego, tinha basicamente decidido quando o meu marido se debruçou sobre mim.

- Oh, não, a estrela-do-mar triste - disse Heath, curvando os lábios para baixo em solidariedade. - Já não te via há algum tempo. O que aconteceu?

Expus-lhe rapidamente a situação.

- Ah, querida - disse ele no fim. Enfiou-me a mão pela camisola e acariciou-me a barriga, apaziguando-me imediatamente. - É uma situação merdosa. - Deu-me um beijo na testa. - Se fosse o teu psicólogo, dir-te-ia para tentares encontrar uma forma de te defenderes e talvez para refletires no porquê de não teres sido capaz de o fazer na hora. Se fosse o teu marido ciumento e descontrolado, ia dar-lhe uma tarefa de meia-noite. Como o homem que espero que penses que sou, vou sugerir-te que comeces a procurar outro emprego o mais rápido possível. - Beijou-me novamente a testa. - É tão injusto, esforças-te tanto nesse emprego. Talvez pudesses falar com as pessoas mais acima sobre o cargo sem ele.

- Quem me dera! Não é assim que esses sítios funcionam, infelizmente. Seja como for, há todo o tipo de rumores sobre ele e as «ligações» que tem, não só no conselho de administração, mas também noutros locais. A impressão que dá é que está associado a um bando. Mas, amigos *gangsters* ou não, se eu tentar passar-lhe por cima, fará todos os possíveis para dar cabo de mim. Já tenho de ter cuidado tal como estou, não vá ele dizer mal de mim e

arrastar o meu nome pela lama no mundo das revistas. Já vi isso acontecer a escritores e editores mais experientes do que eu.

- Bem, se se tornar insuportável, podes deixar o teu emprego e escrever aquele livro ou filme que sempre quiseste escrever. Eu sustento-nos aos dois.

- Sim, talvez - respondi, desanimada.

- Oh, vá lá, querida, não deixes que isso te estrague o fim de semana. Vamos pensar num plano para resolver tudo isto. E estou a falar a sério quanto a sustentar-te enquanto escreves o teu livro. Tenho a minha herança. Não precisas de continuar a ser infeliz naquele emprego.

- Obrigada - repliquei. - Obrigada por seres tão compreensivo em relação a isto.

- De nada... Que tal um pouco de bom sexo para te animar? - perguntou ele, arqueando sugestivamente uma sobrancelha na minha direção.

- Por acaso, referi-te como meu marido quando estava a falar com ele. Tive de me corrigir, mas pareceu-me tão natural dizê-lo.

- Fico feliz por saber. Mas o que quero mesmo saber é outra coisa: sim ou não a sexo para animar?

- Sim - disse eu, puxando-o para mais perto, desfrutando da sensação do seu peso sobre mim, do seu cheiro a inundar-me os sentidos. - É claro que sim.

16

17 de agosto de 2022

Casa de Cleo e Wallace, fronteira Hove-Brighton

Fim da tarde

- Soubeste alguma coisa do teu pai? - pergunto a Lola, enquanto arrastamos as nossas compras pelo caminho do jardim. Na viagem de regresso do curso de arte das férias de verão que ela agora frequenta quase todos os dias, parámos para comprar algumas coisas no supermercado local, o que se expandiu quase para uma compra semanal, uma vez que não fazíamos ideia do que fazer para o jantar.

Apesar de lhe ter dito que hoje ia ficar em casa, ela foi na mesma à aula de arte. Eu tinha passado grande parte do dia de ontem - o dia a seguir à desastrosa reunião com Harry Andrews e a HoneyMay - com o telemóvel desligado e a sessão terminada no meu *e-mail*. Ninguém na HoneyMay tinha o meu número de casa, graças a Deus. Mas a minha agente tinha, e ligou-me algumas vezes a contar que se estavam a passar. Todos lamentavam imenso que eu tivesse entendido mal o que estava a ser dito, todos desejavam que eu não tivesse saído de forma tão repentina, pois podíamos ter resolvido as coisas, estavam todos super empolgados com o episódio final alargado e a forma como eu o ia escrever para garantir que tudo acabava com estrondo. Sim, pois. Por outras palavras: *Irá ela contar a alguém que o diretor de uma empresa que teve a sua quota-parte de controvérsias com o me too e acusações de*

intolerância continua a humilhar publicamente as pessoas que trabalham para ele? Ou irá fazer o que a maioria das pessoas se vê obrigada a fazer pelas circunstâncias e por querer pagar as contas, limitando-se a comer e calar?

Quase contei a verdade a Antonia. Estava sempre do meu lado, sempre solidária - mesmo quando não entendia o que eu estava a fazer -, por isso, quase lhe disse que tinha problemas maiores do que Harry Andrews e a sua falta de características positivas. Que aquilo em que estava realmente a trabalhar, a razão pela qual estava a desmantelar a minha vida, era muito mais importante do que um homem inadequado que nunca tinha levado um murro na cara pelas coisas que dizia e fazia. Mas não confessei, não a deixei entrar, porque adorava a minha agente e ela não tinha de se envolver nesta confusão. O que lhe disse, ainda assim, foi que adoraria que - por uma vez que fosse - pessoas como Harry Andrews tivessem o que mereciam. Que ele (e outros como ele) enfrentassem verdadeiras consequências pelas coisas que diziam e faziam, em vez de se safarem simplesmente com os pedidos de desculpa de outras pessoas e com toda a gente a fazer vista grossa ao que eles faziam. Antonia concordou e disse que devíamos fazê-los penar um pouco, não lhes dar uma resposta definitiva sobre os passos seguintes durante alguns dias.

Hoje, acordei pronta para lutar contra o mundo. Pronta para marchar até à HoneyMay e dar uma muito real e imperdível lição a Andrews e companhia. Tinha canalizado essa ferocidade para o guião, utilizando a minha raiva e o

meu arrependimento por não ter dito mais como combustível para as palavras que me apareciam no ecrã. Quando fui buscar Lola, grande parte dessa fúria estava na página, expressa nos mais brutais homicídios com que a Detetive dos Bolos tinha tido de lidar até à data.

- Sim, o pai tem-me enviado sempre mensagens - responde Lola à minha pergunta. - Foi dar uma escapadela a Portugal com uma «amiga». Está sempre a chamar-lhe «amiga» ou «colega», como se eu não soubesse que tem namorada. Ele sabe que eu sei o que é o sexo, não sabe?

- Presumo que sim.

- A mãe também tem outra pessoa. É um pouco menos evasiva a esse respeito porque eu estou sempre lá e foi o pai que foi embora.

Tenho uma suspeita sobre o porquê de Valerie ter feito Franklyn ir embora, apesar de ter sido ele quem saiu - foi a instigadora porque estava finalmente farta e tinha-lhe feito um ultimato. Mas só tenho suspeitas, uma vez que Valerie se recusa a falar comigo a não ser para perguntar por Lola quando ela está aqui, e nem Franklyn nem Wallace me confiaram essa informação.

- O pai não ficou contente quando soube que ela andava a sair - continua Lola. - Ouvi-a dizer ao telefone que ele pensava que ela ia simplesmente esperar que ele voltasse quando estivesse pronto. Tens outra pessoa?

Paro a meio do caminho e viro-me para a minha sobrinha, que é, desconcertantemente, quase tão alta como eu.

- É uma pergunta muito boa - diz o polícia do outro dia por cima do ombro de Lola. - Para a qual também eu gostaria de saber a resposta.

O agente sorri-me, esperando pacientemente que eu responda à pergunta de Lola, ao que parece. Mais atrás, vejo a mulher a sair de um carro cinzento. Tem um impermeável bege por cima do seu fato preto, tal como ele tem um impermeável bege por cima do seu fato preto. *Gêmeos!*, costumava pensar sempre que via Wallace e Franklyn juntos ou olhava para o grande retrato deles em casa dos seus pais. (Trina perguntou-me uma vez se eu também me sentia fisicamente atraída por Franklyn, além de Wallace, e eu disse-lhe que a resposta oficial era claro que não, porque eram pessoas diferentes, mas a realidade era que, se estivesse um pouco mais longe, confundia o gémeo do meu marido com ele e tinha um momento de luxúria antes de me aperceber de quem era.)

Lola, que obviamente se lembra da voz do polícia do outro dia, faz uma careta numa imagem de puro desafio antes de se virar para lhe lançar um olhar fulminante. Ninguém morre de amores pela polícia na família Pryce, isso é certo.

- Posso ajudá-lo? - pergunto simpaticamente. Não tem nada que saber que o meu batimento cardíaco disparou nem que a adrenalina me espalhou calor por todo o corpo.

- Temos só algumas perguntas.

Meto a mão no bolso do casaco preto, em busca da familiar orla metálica recortada das minhas chaves. Assim que os meus dedos lhe tocam, tiro-as.

- Lola, leva as chaves e vai para dentro, por favor - digolhe. Embora só lhe consiga ver a nuca, consigo sentir na mesma a aversão com que ela olha para este homem e para esta mulher.

Ela não se mexe, não dá sequer qualquer indicação de me ter ouvido.

- Lola - repito, de forma um pouco mais brusca. - Leva as chaves e vai para dentro. Agora. *Por favor.*

Fazendo estalar a língua, ela vira-se para mim, pega nas chaves e dirige-se à porta da frente. Oíço-a abri-la, o rumorejar e tilintar dos sacos, o roçar do seu casaco, o *bip* do alarme e depois o súbito silêncio no momento em que ela a fecha. Não fecha a porta por completo, apercebo-me eu, ao virar-me para confirmar que ela foi mesmo para dentro.

A inspetora também já chegou e está ao lado do colega. Por um momento, assemelham-se à capa de um DVD para um drama televisivo que não passou da primeira temporada. *Dois inspetores dedicados, unidos na sua luta contra o crime. Serão capazes de pôr as diferenças de lado para resolver o caso mais difícil que alguma vez enfrentaram?* O impulso de escrever sinopses para situações da vida real já me acompanhava muito antes de ter começado a trabalhar com gente da televisão. Muito antes de escrever romances, até. Lembro-me de fazer algo parecido na escola e de os meus professores não apreciarem a minha capacidade de apurar o cerne de uma situação enquanto exagerava desvairadamente outras partes. (*Romeu e Julieta* pode muito bem ter sido o auge do

meu brilhantismo - *Dois adolescentes, duas famílias e uma carrada de mal-entendidos que ecoarão através dos séculos.*)

- Tinham algumas perguntas? - insto-os eu, após uma rápida espreitadela por cima do ombro para ver se Lola está de novo à escuta.

- Podemos entrar? - pergunta a inspetora Mattison.

- Preferia que não o fizessem.

- Seria melhor que entrássemos.

- Creio que não.

- Como queira, senhora Pryce. A propósito, o seu marido está?

- Não.

- Voltará em breve?

- Não sei.

- Imagino que não, tendo em conta que foi a um advogado de divórcios.

O inspetor continua com um sorriso no rosto. É agradável e não ameaçador, mas eu sei tudo sobre gente agradável e não ameaçadora. Como conseguem sorrir enquanto esventram suavemente uma pessoa, dilacerando-a cuidadosamente, sangrando-a lentamente até à morte.

- Como se está a aguentar? - pergunta ele com amabilidade.

Devo parecer surpreendida com a pergunta.

- Depois de saber que foi a última pessoa a ver um homem vivo antes de ele ser assassinado... um homem que a estava a ajudar - explica o inspetor. - Deve ser bastante traumático para si.

Não é, porque...

- Tento não pensar nisso.

- Compreendo. Sobretudo tendo em conta que o senhor Burrfield foi injetado com um relaxante muscular antes de ser asfixiado. E o seu corpo posicionado de modo a parecer que estava a trabalhar.

A cada palavra, um arrepio de familiaridade atravessa-me o corpo. Alarme e horror sucedem a esse calafrio e, por momentos, penso que vou cair. *Familiar*. Demasiado familiar.

- Diz-lhe alguma coisa? - pergunta ele.

- Deveria? - replico, de forma descontraída.

- Era assim que um dos episódios do seu programa começava. Um advogado acabava morto, assassinado por alguém ligado a um dos seus clientes porque sabia demasiado sobre ele. A senhora dos bolos resolveu-o numa hora.

- Certo - murmuro.

- Eu cá não vejo mais nada além das notícias, foi a inspetora Mattison que descobriu. Acontece que é uma grande fã da senhora que faz bolos e resolve crimes.

- Uma fã recente - acrescenta ela. - Geralmente, não aprecio programas que pintam a polícia como tão estúpida que tem de ser um membro qualquer da sociedade civil a resolver os crimes por ela. Sobretudo homicídios. Mas tenho vindo a mudar de ideias em relação ao seu programa. Por isso imagine a minha surpresa ao ver aquele episódio e notar tantas semelhanças.

- Imagine só - diz o inspetor Amwell. - É uma grande coincidência.

- Parece que sim.

- O seu marido sabia que andava a consultar um advogado?

- Não. Ninguém sabia. Ninguém sabe que nos vamos divorciar, a não ser o irmão dele que vive connosco. E também não lhe disse que ia a um advogado. Não disse a ninguém. - Ninguém de quem pudesse falar à polícia, de qualquer modo.

- Voltando à pergunta de há bocado: tem outra pessoa?

Não tenho mais ninguém no sentido a que eles se referem, o que significa que posso responder sinceramente ao dizer:

- Não.

- Muito bem. Vamos deixá-la continuar com a sua noite.

- É tudo? - pergunto eu, antes de me conseguir impedir. Às vezes, não sou inteligente. Às vezes, sou estúpida como o raio.

- Julgava que haveria algo mais?

- Não, nem por isso. Mas da última vez disseram que havia umas provas...

Nada inteligente.

- Oh, sim, as provas - diz o inspetor, aquiescendo. - As provas. - Vira-se ligeiramente para a colega. Por um momento, pergunto-me se estão juntos. Se não, deveria reescrever a minha sinopse de modo a envolver um trágico romance entre eles. - Vamos deixá-la continuar com a sua noite - conclui ele, sem dizer mais nada sobre as provas. *É*

tudo uma tática, tudo uma tática, digo a mim mesma. A polícia planta-nos algo na mente, mas demora o seu tempo a explicá-lo. Assim, estamos sempre no limite, sempre a questionar o que eles sabem, pelo que é mais provável cometermos um deslize e dizermos algo que demonstre a nossa culpa.

Não posso cair nessa. Não posso.

- Está bem, obrigada - respondo, porque não sei o que mais dizer.

Pego nos sacos das compras, içando-os para as mãos. Faço questão de virar costas antes de eles se afastarem. Tenho de recuperar um pouco de equilíbrio nesta situação. Tenho de recuperar o máximo possível.

Norte de Londres, 2007

- Bem-vindos, bem-vindos ao «Primeiro Passo: tem o que é preciso para escrever?».

O meu trabalho era um inferno, mas tinha decidido concentrar-me nas coisas boas da vida. O meu marido, a minha família, a minha escrita. Eram essas as coisas que me faziam continuar.

Com o incentivo de Heath, tinha-me matriculado neste curso e era a primeira noite. Éramos 20, por enquanto, mas supunha que esse número iria diminuir. Já tinha feito cursos breves no passado - «Como escrever uma novela», «Escrita de comédia para principiantes» - e os números baixavam sempre com o passar das semanas. As pessoas percebiam que o curso não era para elas, que o

compromisso não era para elas, que escrever simplesmente com os outros não era para elas. Eu não tinha a certeza se era para mim, mas era algo para fazer. Era uma forma de ter outras opiniões. Era um modo de conhecer pessoas que estavam interessadas em escrever, tal como eu.

- Obterão daqui tanto ou tão pouco quanto desejarem - explicou a formadora. - Mas temos algumas regras. O que for discutido aqui fica aqui. Sei que pode ser tentador falar aos outros daquilo que ouvem, mas não seria justo para os vossos colegas escritores. Todos precisam de se sentir suficientemente seguros para lerem os seus trabalhos e falarem sobre a sua escrita sem receio de que outros venham a saber. Outra regra é que só se oferecem críticas construtivas. Lembrem-se de que o vosso consumo da escrita ficcional de alguém é subjetivo. Se algo não vos agrada, transmitam-no, mas apenas de forma construtiva. Nada é errado, apenas não é para o vosso gosto. Se acham que podia ser mais bem escrito alterando a estrutura ou a forma, muito bem. Se acham que é algo inferior a vós ou ao vosso intelecto, façam o favor de sair antes de infligirem esses pensamentos a mais alguém.

Gostava da formadora. Era sorridente e experiente - e tinha uma boa perspetiva das pessoas. Ia gostar deste curso. Seria a minha oportunidade de explorar as minhas capacidades de contadora de histórias. Desde adolescente que queria criar histórias. Ou provavelmente antes. A única coisa que me agradava mais do que ler histórias era inventá-las. Escrever era o meu escape, o meu conforto. Seria também o meu futuro. Sabia disso. Assim que

terminasse este curso, certificar-me-ia de que tinha todas as ferramentas para começar e acabar um livro. Ia entrar numa rotina que me permitisse escrever independentemente do que mais estivesse a acontecer na minha vida.

Este curso ia ser o meu próximo passo para o fazer a sério. Para escrever aquele livro de que andava sempre a falar e ao qual tinha dedicado algumas esforçadas tentativas.

- Bem-vindos às histórias da vossa vida.

17

17 de agosto de 2022

Casa de Cleo e Wallace, fronteira Hove-Brighton

Fim da tarde

Isto não é bom, pensa Lola. Não é mesmo nada bom.

Julgava sinceramente que a última vez tinha sido uma anomalia – algo que contaria aos pais a determinada altura e que levaria todos a vociferar sobre como a polícia não tinha nada melhor para fazer do que incomodar pessoas inocentes, acabando depois por o afastar dos seus pensamentos.

Mas parecem andar atrás da tia C. Porquê? Pelo que ouviu ao escutar à porta, pareceu-lhe que achavam que tinha algo que ver com a morte do advogado. Bem, sim, era um pouco estranho ela ter sido a última pessoa a vê-lo com vida, e sim, era ainda mais estranho que ele tivesse sido morto da mesma maneira que ela tinha escrito na sua série de televisão. Mas isso não queria dizer nada, pois não? *Pois não?*

De todas as pessoas adultas que Lola conhece, a tia C é das que menos probabilidades tem de estar envolvida em algo duvidoso. É sempre tão simpática, mas não daquele jeito que suscita olhares de soslaio e interrogações sobre o que estará ao certo a esconder. Parece simplesmente gostar das pessoas e querer ajudá-las.

Desde a separação dos pais, ainda assim, Lola tem de admitir a si mesma que já não confia tanto nas pessoas

como outrora. Não é nada de pessoal, mas as pessoas são confusas. Os seres humanos são complicados. Os Adultos gostam de criar dramas e de fingir que é tudo uma surpresa quando eles lhes explodem na cara. Foi isso que aprendeu com a relação dos pais – ignoravam-se um ao outro, agiam como se o mundo só girasse em torno dela e dos seus empregos e da casa, e não do outro adulto nas suas vidas. Agiam assim e depois ficaram surpreendidos quando deixaram de se importar com o que o outro fazia, ao ponto de nem sequer repararem no outro até chegar o momento de partir.

Lola tentou. Tentou realmente juntá-los, fazer com que os três passassem tempo juntos em família – noites de jogos, tardes de cinema, fazer simplesmente as refeições sem televisão –, mas nenhum deles estava disposto a dedicar-se a isso mais do que uma ou duas vezes. E ela viu a sua família desintegrar-se.

Essa desintegração levou-a a não confiar nas pessoas – nos Adultos – para fazerem o que era melhor para eles. Mesmo que isso estivesse mesmo à frente dos seus olhos.

Será isto o início de um processo similar com a tia C? Já se separou do tio Wals. É um grande caos, um mega drama, vindo de alguém que nunca revelou tais impulsos.

Quando a tia C regressa a casa com os restantes sacos de compras nas mãos, Lola está junto à porta da cozinha, de braços cruzados sobre o peito, com uma expressão pouco impressionada no rosto.

– Porque voltaram eles? – resmunga.

- Porque aquele pobre homem foi assassinado da mesma maneira que num dos episódios da minha série - responde a tia C. - Mas tu sabes disso, uma vez que estavas a ouvir. Não sei porque precisavam de mo dizer, ainda assim, mas disseram. De certeza que é uma coincidência ele ter morrido dessa forma, mas é óbvio que a polícia acha que não.

Lola fica desorientada com a sinceridade da tia C. Não estava a contar! Esperava ser descartada, como habitual.

- A sério? - interroga.

- Sim.

- Achas que vão voltar?

- Espero que não, mas desconfio que sim.

- O que podes fazer quanto a isso?

- Nada - responde a tia C, levando os sacos para a cozinha e largando-os no chão. - Não há literalmente nada que eu possa fazer, a não ser esperar que apanhem o responsável, penso eu.

Parece distraída, preocupada. *Imagino que seja normal*, pensa Lola. Saber que o tio Sidney está na prisão por algo que não fez tornou Lola muito consciente das injustiças. De como as coisas podiam correr horivelmente mal sem ninguém se aperceber sequer de que algo se passava. Será isso que vai acontecer à tia C? É por isso que está sempre tão assustada?

- Porque estás aí parada? - pergunta a tia C, ao regressar de ir lavar as mãos à casa de banho debaixo das escadas.

- Acham que foste tu que o fizeste? - indaga Lola.

- Que fiz o quê?

- A polícia. Acham que foste tu que fizeste aquilo ao advogado? - Passa a mão pelo pescoço num gesto de corte, fechando depois os olhos com a língua de fora.

- Sinceramente, não sei. Espero que não, porque obviamente não fui eu. - Dirigindo-se ao lava-loiça, a tia C tira o pano de cozinha da taça com lixívia e espreme-o antes de se dirigir aos sacos de compras. - Bem, não fiques aí especada, vai lavar as mãos, muda de roupa e vem ajudar-me a arrumar isto. Ainda nem sequer pensámos no que vamos jantar. *Cof cof*, mandamos vir comida, *cof*.

Lola sacode-se, forçando-se a sair do seu transe físico e mental. Não sabe muito bem porque está a tia C a agir como se nada se passasse, quando *tudo* está nitidamente a desmoronar nesse momento, mas desconfia que as coisas estão prestes a ficar muito piores para a tia C. E também para ela.

Centro de Londres, 2008

Destapei o meu café e os meus olhos fecharam-se por um momento enquanto inalava o aroma.

Não havia nada como uma boa dose de café para me pôr a funcionar de manhã. Às vezes, gostava de ser suficientemente corajosa para voltar aos meus tempos de mergulhar e afogar publicamente chocolates no café; sempre tornaria as coisas mais interessantes. Mas isso era dantes, agora eram outros tempos, e não me era permitido fazer esse tipo de coisa. Para começar, era doloroso para quem estivesse a assistir. Por isso, cingia-me aos meus cinco pacotes de açúcar, independentemente do tamanho da chávena. Ainda assim, talvez fosse algo que devia tentar, uma vez que andava constantemente à procura de algo que me ajudasse a chegar ao fim do dia. Ivan não tinha melhorado em nada. Desde que eu recusara a sua «muito generosa» oferta de ser assediada por ele enquanto trabalhava como sua subalterna, tinha-se tornado basicamente insuportável.

Por mais que pesquisasse, por mais que procurasse, não havia empregos disponíveis aqui para a Cleo. Heath incentivava-me a despedir-me de qualquer forma, mas eu não queria fazê-lo. Sempre trabalhara, por isso não me agradava a ideia de ficar financeiramente dependente de alguém. Dinheiro é poder e, por mais que amasse Heath,

por mais que confiasse nele, jamais entregaria voluntariamente a alguém um tão grande poder sobre mim.

O nosso escritório era um octógono irregular de dimensão média com as secretárias bastante apertadas, mas havia um espaço para fazermos reuniões numa das pontas e um armário para o material. O gabinete do editor era uma caixa de vidro no extremo onde se situavam as janelas. Tínhamos cartazes na parede, música a tocar constantemente, tínhamos um bom ambiente. Obviamente, Ivan tinha feito todos os possíveis para dar cabo da atmosfera divertida do nosso escritório, mas nós aguentávamo-nos, continuávamos a arranjar maneiras de ser uma equipa. Fui a primeira a chegar nesse dia, o que era invulgar. Ivan tinha passado muito tempo a comentar a minha «pontualidade» – querendo com isso dizer que esperava que eu estivesse lá uma hora antes do início oficial do horário de trabalho – e eu não tivera alternativa a não ser obedecer. Muitas vezes, chegava poucos minutos depois dele, mas desta vez não estava lá. Podia beber o meu café em paz.

– Cleo, Cleo, Cleo! – disse Samantha-Louise, travando bruscamente ao lado da minha secretária, que ficava ao canto, junto à janela.

– Samantha-Louise, Samantha-Louise, Samantha-Louise! – repliquei eu enquanto ela se baixava, o vestido preto até aos tornozelos abrindo-se em seu redor. Usou um dedo perfeitamente arranjado para enfiar uma madeixa dos seus brilhantes cabelos negros atrás da orelha.

- Não adivinhas o que aconteceu - desafiou ela, sem fôlego.

- Tens razão, não adivinho, por isso diz-me, por favor.

- Adivinha.

Rosnei-lhe. Detestava que as pessoas fizessem aquilo. Poucas coisas me irritavam tanto. Samantha-Louise sabia disso, mas continuava a fazê-lo.

- Está bem, está bem, o Ivan foi atacado.

- Desculpa?

- O Ivan foi atacado. Ontem de madrugada!

- O quê? A sério? *A sério?*

- Segundo consta, andava enrolado com a mulher de um dos chefões. Um dos do conselho de administração, sabes? Andava literalmente a meter-se onde não devia. Bem, obviamente que isso não ia ficar sem resposta. Alguém, ou vários alguéns... julgam que podem ter sido dois indivíduos... o atacou quando estava a chegar a casa ontem à noite.

- Raios me partam, a sério?

- Sim.

- E ele está bem?

- Não, não está. Não está mesmo nada bem.

- O que queres dizer com isso?

- Oh, meu Deus, é horrível. Deram mesmo cabo dele. - Pôs a mão no meu joelho para se apoiar. - Acham que não voltará a andar.

- O quê?

- Quando a Jessie do *marketing* estava a descrever as lesões, fiquei de queixo caído. É uma lista tão... Rutura do

baço, rótulas partidas, medula espinal esmagada... a lista nunca mais acabava. Não estavam a brincar. Disse a Jessie que acham que ele tem sorte em estar vivo.

- Raios me partam. E acham mesmo que foi por causa de com quem ele andava a dormir?

-Ah, pois. Ou será que todos aqueles rumores sobre os amigos *gangsters* podem ser verdade e se viraram contra ele? Pode ser isso?

- Mas isso é... parece saído de uma série de televisão ou de um filme. Sabes de quem era a cara-metade?

- Escolhe tu. Parece que havia umas quantas. E era assim que ele conseguia os melhores cargos e podia fazer o que muito bem lhe apetecesse. As mulheres com quem dormia falavam ao ouvido dos maridos e promoviam-no, garantiam que estava protegido.

Estremeci.

- Não consigo imaginar *querer* fazê-lo com ele, quanto mais fazê-lo de facto, quanto mais fazê-lo mais do que uma vez. - Essa ideia dava-me a volta ao estômago. - Mas que lhe acontecesse uma coisa dessas... É horrível.

- Eu sei! - Levantando-se, Samantha-Louise sacudi as pernas para ver se as conseguia fazer mover-se outra vez. - Pergunto-me quem irão pôr a substituí-lo...

- Qualquer um terá de ser melhor do que ele.

- Bem, sim, para ti será um milhão de vezes melhor.

Não disse nada. Além de Heath, ninguém conhecia a verdadeira substância da conversa que eu tinha tido com Ivan alguns meses antes. Não era difícil ver que ele me odiava, que implicava comigo, mas Ivan era

suficientemente esperto para fazer parecer que isso era fruto da minha falta de resultados, não por ele ser um homenzinho cruel e desagradável.

- Achas que ninguém reparou? - perguntou Samantha-Louise. - Oh, reparámos, pois. Houve até quem tentasse falar com o conselho de administração em relação a isso, mas fomos descartadas. Agora sabemos porquê. Ele estava protegido. De muitas maneiras.

- Oh, Samantha-Louise, isso é tão querido, obrigada. - Estava genuinamente comovida. Não fazia ideia de que alguém tinha tentado ajudar-me. - Fico muito sensibilizada.

- Serviu-te de muito. Mas olha, quando ninguém esperava, uma boa e velha dose de «cá se fazem, cá se pagam» surgiu para resolver o assunto. - Encolheu os ombros de forma exagerada. - Não estou a dizer que ele merecia, mas é o que é.

Sim, é o que é.

A ideia de Ivan ficou-me no pensamento o dia inteiro. Para que as coisas melhorassem para mim, tinham piorado muito para ele. Não era o que eu queria. Não era o que eu queria, de todo.

Parte 4

Oeste de Londres, 2008

- Para de mudar de assunto, Cleo, não vou desistir. Tens um testamento ou não?

A minha irmã mais velha, Adjua, estava a passar-me um sermão sobre o meu futuro. A bem dizer, tinha-me ligado especificamente para o fazer. Era cinco anos mais velha do que eu (dez anos mais velha do que a nossa irmã mais nova) e sempre ocupara o papel de superfilha com naturalidade e sem ressentimento. Tivera boas notas (e, em abono da justiça, nós também), mas fora para a universidade para tirar uma licenciatura adequada a uma filha africana - em Contabilidade e Gestão de Empresas. Conhecera um homem simpático logo a seguir à faculdade, cujos pais também eram do Gana, e esperara até ao casamento para ter sexo e depois filhos. (Sabíamos que a história do «sexo só depois do casamento» era uma perfeita aldrabice - mas, se conhecessem a minha irmã, saberiam que *parecia* verdadeira, e isso era mais do que suficiente para os meus pais.)

Ao ser ela mesma, e sê-lo alegremente, Adjua tirava a pressão de cima de mim e de Efié - felizes por terem uma filha a fazer as coisas da maneira «apropriada», os nossos pais aceitaram o meu curso de Psicologia e Comunicação e, quando chegou a vez de Efié, deixaram-na estudar Literatura Inglesa sem que ninguém arqueasse uma

sobrancelha. A contrapartida, claro, era que Adjua se sentia regularmente obrigada a tentar arrastar-me para a vida adulta. Desta vez, era uma conversa sobre testamentos. Tinha tentado muitas, *muitas* formas de desviar a conversa – música, televisão, os preparativos para o jantar, o que os filhos dela queriam receber no Natal e nos aniversários –, mas acabávamos sempre por voltar ao mesmo.

– Não, não tenho um testamento – disse eu. – Não preciso.

– Por favor, em que mundo é que tens estado a viver? Precisas de um testamento. Toda a gente precisa. Sobretudo se estás a viver com alguém.

Levantei-me, de olhos arregalados. A minha irmã era fixe e dedicada, mas era também a irmã mexeriqueira. Ia delatar-me. E nem sequer sabia que eu e Heath éramos casados – só no papel, e noutro país, pelo que tecnicamente não contava –, mas contaria *tanto* para os meus pais.

– Quem te disse que eu estou a viver com alguém?

– A tua morada, o teu número de telefone, o teu namorado atender esse número de telefone, o teu namorado ir jantar com os teus pais quase todas as semanas.

– Não digas à mãe e ao pai – pedi, baixinho. Ainda que não soubesse muito bem porque estava a sussurrar.

– Achas que eles não sabem? Achas sinceramente que acreditam que dormes no quarto de hóspedes e que vivem os dois como colegas de casa? Achas que eles são estúpidos? Estás parva ou quê? És uma mulher crescida. É

claro que eles sabem. É suposto seres a mais inteligente das três... não digas à Efie que eu disse isto... mas, às vezes, és incrivelmente tapada. Mais uma vez, nada de distrações. Quando vais tratar de fazer um testamento? O teu namorado tem um.

- Como sabes disso?

- Ele disse-me.

- Quando?

- Num dos jantares da mamã e do papá.

- E disse-te assim? Do nada?

- Não, perguntei-lhe. Porque não haveria de o fazer? Anda envolvido com a minha irmã. Preciso de saber que tipo de pessoa é. «Tem testamento» coloca-o na categoria de «Pessoa séria». «Não tem testamento» coloca-o na categoria «Desperdício do tempo da minha irmã». Foi aprovado. Com distinção. Chegou mesmo ao ponto de me dizer que o apartamento é basicamente tudo o que tem vão para ti, e pouca coisa para a mãe dele, se ele morrer.

- A sério?

- Claro. É uma Pessoa séria. Agora, também tens de ser uma Pessoa séria e ir fazer um testamento. E vê lá se me deixas a tua coleção de anéis e as tuas bolsas.

- Oh, a Efie já se apoderou disso há anos. Bem como das minhas primeiras edições, do casaco de cabedal *vintage* e da caixa de maquilhagem de marca.

- E tu deste-lhe essas coisas sem mais nem menos?

- Porque não haveria de o fazer?

- Que absoluta falta de respeito. - Conseguia ouvi-la abanar a cabeça. - Enfim. Mas faz um testamento. Da

próxima vez que falar contigo, espero que já tenhas um, ou que pelo menos tenhas iniciado o processo.

- E se não o fizer?

- Bem... talvez o *stress* de não teres um testamento me obrigue a dizer à mamã e ao papá que não dormes no quarto de hóspedes em casa do Heath. Ou talvez não, quem sabe? Vá-se lá saber... Vamos falando - acrescentou ela, ante o meu silêncio. - Adoro-te. Chau! - E desligou.

Olhei fixamente para o telefone. Tinha de fazer um testamento, ou a minha irmã denunciava-me. Era um pensamento aterrador.

Não fazia ideia de por onde começar. Mas se Heath tinha um... na verdade, lembrei-me subitamente, eu sabia que ele tinha. Algum tempo antes, quando andava a vasculhar as gavetas da sua secretária, procurando descobrir onde ele tinha escondido um dos meus presentes de aniversário, tinha-me deparado com um envelope com as palavras «**Na eventualidade da minha morte**» digitadas na frente.

Não tivera coragem suficiente para o abrir, sobretudo porque a sua morte, ou a de qualquer outra pessoa, era algo em que não gostava de pensar. E não lhe podia dizer nada sobre o que tinha encontrado, dada toda aquela situação de «não devias andar à procura do teu presente». Mas se ia ter de fazer aquela coisa do testamento, então daria uma espreitadela furtiva ao de Heath para ver que tipo de coisa deveria escrever.

Tudo bem, era uma desculpa bastante esfarrapada para ser metediza, mas era válida e permitir-me-ia abrir aquele

envelope com *alguma* legitimidade. Se ele me apanhasse, podia dizer-lhe isso.

Sim, abrir o envelope e ler o seu conteúdo não seria propriamente o fim do mundo. Ajudar-me-ia. Não podia fazer outra coisa além de me ajudar... Pois não?

Oeste de Londres, 2008

A frente do envelope dizia:

**A ser aberto por
Cleo Forsum
na eventualidade da minha morte**

A nota que estava lá dentro dizia:

Na eventualidade da minha morte prematura, querida Cleo, gostaria que ficasses com isto. Comecei a escrevê-lo para mim, mas também é para ti. É a verdade da minha vida, da *NOSSA* vida, até à data. Por favor, nota que, no meio de tudo isto, eu te amo.

Amo-te.

Sempre te amei.

E faria tudo de novo por ti.

21

Relatório Clínico de Avaliação Psicológica sobre o Sr. X (em curso)

AVALIAÇÃO REALIZADA POR: Dr. A. H. Sawyer Berland, psicólogo clínico

PERÍODO TEMPORAL: Em curso

HISTORIAL DE ENCAMINHAMENTO: O Sr. X encaminhou-se a si mesmo após outro episódio recente de *stress* debilitante, ansiedade, autopensamentos negativos e pensamentos intrusivos recorrentes.

SINTOMAS ATUAIS: O Sr. X tem um longo historial dos seus sintomas atuais, mas manifesta uma presente estabilidade, ainda que este estado atual tenha sido alcançado e mantido com grande esforço. O Sr. X teme que os seus esforços atuais possam não ser sustentáveis. Começou a ter os sintomas salientados nesta avaliação após o homicídio da sua professora e amante (Sra. L) quando era adolescente. O Sr. X reportou problemas passados e presentes de concentração, *stress* e autopensamentos negativos. Foi enviado para avaliação e aconselhamento psicológicos na sequência da morte da Sra. L.

HISTORIAL CLÍNICO RELEVANTE (*incluindo incidentes de intervenção psicológica ou psiquiátrica, uso e abuso de substâncias, etc.*): O Sr. X não tem qualquer historial médico significativo. O seu historial psiquiátrico prévio é explorado abaixo. O Sr. X nunca consumiu

tabaco, mas abusou do álcool e das drogas recreativas, particularmente no rescaldo da morte da Sra. L.

Atualmente, o Sr. X não consome nem abusa das drogas recreativas, mas bebe álcool em quantidades moderadas. O Sr. X está, de resto, saudável e em forma, embora sofra ocasionalmente de dores de cabeça debilitantes.

RESUMO DAS INVESTIGAÇÕES E ACHADOS ANTERIORES: Não existem avaliações neurológicas ou neuropsicológicas prévias.

HISTORIAL DE DESENVOLVIMENTO: O Sr. X declarou ter sido o melhor aluno da sua turma durante toda a sua formação e ter saltado um ano para se desafiar aos 10 anos. Era regularmente açoitado e fisicamente agredido pelos outros alunos. O Sr. X afirma ter acabado por ficar insensível a esses ataques e, aos 14 anos, já era capaz de se defender, o que resultou no fim do assédio e das agressões.

Seis meses antes do seu 15.^o aniversário, o Sr. X despertou a atenção da nova professora de Ciências da sua escola, a Sra. L. Esta tomou-o «sob a sua proteção», como ele descreve, uma vez que demonstrava uma verdadeira aptidão para as Ciências. No espaço de semanas, a relação tornou-se emocional e depois sexual.

O Sr. X descreve a relação como afetuosa, gratificante e acalentadora. Fala abertamente de como a Sra. L. era meiga com ele e afirma que tinha sentimentos de grande apego por ela, sentindo-se incompleto e desolado quando não estava na sua companhia. O Sr. X afirma também que, no tempo que passou com a Sra. L., sentia ter crescido enquanto pessoa e acreditava genuinamente que o seu futuro era com a Sra. L.

A relação terminou quando o marido da Sra. L. descobriu o caso amoroso e ficou tão enfurecido que a matou. O Sr. L. encontra-se atualmente a cumprir

pena perpétua por homicídio involuntário com circunstâncias atenuantes, tendo confessado imediatamente o crime à polícia.

A morte da Sra. L teve um profundo efeito no Sr. X. Confessa sentir-se preso ao momento em que percebeu que ela tinha partido. Reproduz regularmente momentos da sua relação e extrai conforto deles. Os pais do Sr. X, apesar de horrorizados com a relação do filho com a Sra. L, mostraram-se solidários após a sua morte e deixaram Londres, mudando-lhe também o nome para lhe dar a oportunidade de ter uma vida normal. O Sr. X encontrou na mudança para a universidade em Leeds um grato alívio do seu passado.

No primeiro ano na universidade, o Sr. X conheceu a Menina C. Sentiu-se imediatamente atraído por ela, física, emocional e psicologicamente. Apesar da ligação que sentia à Menina C, manteve-se apenas como seu amigo até ao fim da universidade. Na última noite em Leeds, o Sr. X e a Menina C consumaram a sua relação.

O Sr. X descreve esse momento como um dos mais felizes da sua vida. Nunca, até essa noite, se tinha sentido completo. Ainda que a Menina C estivesse decidida a que continuassem apenas amigos, o Sr. X perseguiu-a incansavelmente até que ela aceitou começar a encontrar-se com ele.

Esta fase do seu relacionamento foi o período mais feliz para o Sr. X desde a morte da Sra. L. Após lhe ter sido dada a oportunidade de ir trabalhar para a Austrália durante três meses, o Sr. X decidiu testar a sua relação com a Menina C, pondo-lhe termo. Ao regressar a Inglaterra, o Sr. X descobriu que a Menina C lhe tinha sido infiel, alegando ter apenas beijado outra pessoa. Pouco após esta revelação, a Menina C pôs termo ao relacionamento.

O Sr. X ficou extremamente deprimido e entrou num intenso período de tratamento e terapia cognitivo-comportamental para tentar vencer o que tinha vindo a aceitar que era um vício na Menina C. Iniciou um relacionamento com

outra mulher, a quem veio a afeiçoar-se, e isso ajudou a mitigar alguns dos efeitos de não estar com a Menina C. O Sr. X admite que, durante esse período, tentou reatar o relacionamento com a Menina C, mas ela recusou-se a dar-lhe outra oportunidade.

Aquando da morte do seu pai, quase três anos após a sua separação da Menina C, o Sr. X voltou-se para ela em busca de apoio prático e emocional, algo que ela lhe proporcionou sem hesitar. No funeral do pai, uma das suas amigas da universidade – a Menina T – mentiu-lhe sobre a Menina C ter namorado, numa tentativa de os manter separados. A Menina C tinha anteriormente referido que essa amiga lhe havia dito uma vez que o Sr. X era «demasiado intenso».

Após o funeral do pai, o Sr. X pôs fim à sua relação com a outra mulher, apercebendo-se de que só queria estar com a Menina C. Ficou também obcecado pela Menina T, a amiga que o tinha tentado manter separado da Menina C. Sentimentos de ira, ódio e vingança começaram a crescer no Sr. X. Experimentou as técnicas aprendidas na terapia cognitivo-comportamental para tentar atenuar os sentimentos, mas estes tornaram-se avassaladores e o Sr. X decidiu confrontar a amiga. Infelizmente, ao ver a Menina T, o Sr. X foi dominado por um ódio e uma cólera tão grandes que, em vez de confrontar verbalmente a amiga, tal como tinha planeado, o Sr. X esfaqueou-a.

Horrorizado com as suas ações, o Sr. X foi visitar a amiga ao hospital com a intenção de a ver antes de se entregar à polícia. No entanto, uma consequência imprevista do incidente foi a Menina C decidir que queria *realmente* estar com ele, como devia ser. Com a perspetiva de ter finalmente uma relação com a sua mulher perfeita e a possibilidade de ela poder engravidar do seu filho, o Sr. X não foi à polícia. Em vez disso, comprometeu-se a ser o parceiro ideal para a Menina C em expiação pelo que tinha feito.

Os anos seguintes passaram sem incidentes de maior e o Sr. X até conseguiu convencer a Menina C a casar-se com ele na América. O casal manteve este casamento em segredo, cimentando ainda mais na mente do Sr. X a ideia de que as coisas tinham corrido pelo melhor.

Infelizmente, durante o que era um período feliz, a Menina C foi sexual e racialmente assediada por um dos seus supervisores. O Sr. X viu como a sua esposa ia ficando cada vez mais retraída, deprimida e desanimada. Todas as coisas que a tinham feito feliz perdiam o significado.

O Sr. X relata ter tido profundos sentimentos de ansiedade, preocupação e terror de que a Menina C pudesse perder-se para ele. Para resolver a questão, o Sr. X começou a investigar o homem em causa. Seguiu-o algumas vezes para descobrir onde vivia. Descobriu que o homem andava a ter várias relações com mulheres casadas. Uma vez reunida a informação de que necessitava, o Sr. X abordou o homem para lhe pedir que deixasse a sua companheira em paz. O homem confundiu a abordagem com um ataque e o Sr. X viu-se obrigado a defender-se na luta que se seguiu. Enquanto lutavam, o Sr. X pôs-se em vantagem. Quando isso aconteceu, perdeu o controlo e admite que foi demasiado longe ao castigar o algoz da sua mulher.

Quando soube que o homem com quem tinha lutado provavelmente nunca mais voltaria a andar em resultado das lesões sofridas durante o ataque, o Sr. X admite que não se sentiu tão arrependido quanto provavelmente deveria. Não parecia ser algo assim tão mau de se fazer quando o homem quase lhe tinha tirado a esposa.

Depois de resolvida a situação do homem, a Menina C foi promovida e recuperou a sua personalidade alegre. O Sr. X sentiu-se justificado nas suas ações.

Atualmente, o Sr. X encontra-se estável, embora seja atormentado por dores de cabeça. Tem também surtos de ansiedade e preocupação com a possibilidade de a Menina C se desenamorar dele, o deixar ou encontrar outra pessoa. Sofre frequentemente de outros sintomas físicos, incluindo palpitações, cólicas abdominais e falta de ar.

IMPRESSÕES: Aparentemente, o Sr. X sofre de limerência, tal como foi definida por Dorothy Tennov (1979). As obras complementares de Albert Wakin e Duyen Vo (2008) dão credibilidade a esta observação, uma vez que caracterizam a limerência como a presença de sentimentos e pensamentos intrusivos, obsessivos e compulsivos por uma pessoa específica.

O Sr. X tem todos os indicadores de comportamento limerente, isto é, de estar num constante estado de adição por outra pessoa, nomeadamente a Menina C. É provável que tenha tido sentimentos similares pela Sra. L, no entanto, a sua morte pôs termo a quaisquer incertezas acerca do seu relacionamento.

Ainda que o Sr. X tenha provavelmente atingido o seu objetivo de estabelecer uma relação a longo prazo com o seu Objeto Limerente (OL), o desequilíbrio no seu relacionamento serve para manter o elemento de incerteza, que se julga sustentar e perpetuar a limerência. Por outras palavras, porque existe sempre a possibilidade de a Menina C pôr termo à relação, tal como fez no passado, o Sr. X continua a sentir-se num constante estado de mutação relativamente ao relacionamento de ambos.

Embora tenha atingido o seu objetivo de ter uma relação afetuosa e comprometida com o seu OL (a Menina C), o Sr. X continua a sentir os efeitos por vezes debilitantes da limerência. Está ciente da natureza doentia da sua obsessão, apontando para a sua última relação, em que a mulher com quem

estava envolvido parecia sentir, em parte, por ele o mesmo que ele sente pela Menina C.

O Sr. X está ciente da natureza doentia do comportamento da sua ex-namorada para consigo, embora veja que os seus sentimentos e comportamentos para com a Menina C são muito mais extremos, mas tem sido incapaz de os refrear. Tem também consciência de que, se a Menina C descobrisse a verdadeira natureza do que ele fez em nome dos seus sentimentos por ela, é bem provável que pusesse termo ao relacionamento.

A vários níveis, o Sr. X sente-se tentado a confessar as suas ações à Menina C, de modo a suscitar o fim do relacionamento e assim poder pôr termo à limerência. Tem a esperança de que, se a relação acabasse por completo, isso acabaria com a incerteza da sua situação e permitir-lhe-ia seguir em frente. No entanto, sabe que isso faz parte do processo de pensamento limerente e que, se a Menina C pusesse termo à relação ou esta fosse ameaçada de alguma forma significativa, não seria capaz de se controlar. Faria qualquer coisa para a trazer de volta para si.

O Sr. X tem medo dos seus sentimentos. Pelas suas ações passadas (esfaquear a amiga, mandar o colega da Menina C para o hospital), sabe que chegará a extremos para preservar a sua relação com a Menina C.

RECOMENDAÇÕES: O Sr. X deveria procurar ajuda psicológica - e possivelmente psiquiátrica - adicional. Disse que a terapia cognitivo-comportamental o ajudou anteriormente, em parte, nomeadamente com os pensamentos intrusivos e obsessivos em relação à Menina C. Embora se tenha mostrado resistente à medicação, pode ser essa a solução para os seus problemas de ansiedade física e psicológica, bem como para ajudar com os pensamentos intrusivos e obsessivos em relação à Menina C.

Apesar dos seus receios, o Sr. X deveria considerar a hipótese de se sentar com a Menina C e de lhe contar a verdade. Só deve adotar este plano de ação, contudo, quando tiver obtido a ajuda psicológica e psiquiátrica recomendada para mitigar os seus comportamentos reacionários. Uma vez estabilizado, o Sr. X deverá expressar à Menina C a verdade sobre o que fez e a verdadeira profundidade e força dos seus sentimentos, de modo a livrar-se da culpa e na esperança de criar uma relação mais equitativa, o que talvez o possa ajudar a «curar-se» da sua limerência.

CONCLUSÕES: Em suma, o Sr. X deverá prosseguir com as suas tentativas de se libertar dos seus comportamentos limerentes. Deverá seguir as orientações recomendadas para tentar mitigar os seus atuais sintomas físicos e psicológicos e, a longo prazo, descobrir como dizer a verdade à Menina C.

Parte 5

19 de agosto de 2022

Casa de Cleo e Wallace, fronteira Hove-Brighton

Manhã

Ao sentar-me à secretária no meu escritório, sinto-me grata por Lola ter optado por ir novamente à aula de artes. Não sei bem se adora passar os dias a trabalhar em arte, se a minha companhia a aborrece ou se simplesmente não gosta do vazio geral da casa enquanto estou a trabalhar, o pai dela está fora e o tio está sabe-se lá onde. (Enviei *e-mails* e mensagens de texto a Wallace a perguntar se ele está bem e não recebi nada em resposta. Tenho evitado ligar-lhe para o trabalho porque não quero que comecem a mexericar sobre ele ou a nossa relação.) A casa fica silenciosa só comigo e com Lola. Agora que tive as minhas conversas «calmas» com a HoneyMay – primeiro através de Antonia e depois via *Zoom* com Sandy Burton, diretora de operações, Dianne, chefe de produção, e a Anouk, editora-chefe –, estou novamente a trabalhar nos guiões.

Durante a chamada, todas insinuaram, mas sem se atreverem a dizer diretamente, que sabiam que os guiões não eram tão maus como Harry Andrews os tinha pintado. Deram a entender que ele estava a fazer valer a sua posição de pior gestor de sempre porque todas as tentativas de me fazer mudar de ideias tinham falhado. Assim, embora todas soubéssemos que não havia nada de terrível no meu trabalho, os «retoques» eram extensos.

Quando me estreei neste tipo de escrita, acabada de sair da euforia de ter os *MEUS* romances nas prateleiras, nos cestos de compras, nas mãos das pessoas, sabia que ia ser difícil. Mas, sinceramente, pensava que o maior obstáculo ao meu sucesso nos ecrãs de televisão ia estar na formatação e em aprender a utilizar o *software* para escrita de guiões. Na verdade, acabou por ser o meu estilo de escrita descritivo (havia demasiada descrição); a minha constante necessidade de um contexto para explicar a história principal (quanto menos *disso* houvesse, melhor), e, claro, a minha necessidade de ter pessoas que se parecessem comigo, visíveis, completas e devidamente formadas. Fora isso a causar os maiores problemas. A resposta às minhas personagens era geralmente um «Bem, não fazemos *propriamente* isso por aqui, por isso não te importas de fechar os olhos enquanto fazemos as coisas como sempre fizemos, ou se não puderes fazer vista grossa, podes simplesmente não armar confusão enquanto tentamos cortar essa personagem específica ou entregar o papel a alguém branco ou defini-la pelos abusos raciais que sofreu?».

Como nos ríamos quando eu e Antonia dizíamos que não de todas as maneiras simpáticas, calmas, compreensivas, cooperantes e criativas que podíamos, para evitar que eu fosse rotulada como a rapariga negra agressiva que ataca porque não sabe o que está a fazer!

- Ri-me, digo-te eu, ri-me! - bradava eu a Wallace perante a mais recente microagressão que sofrera, que não parecia assim tão micro, para dizer a verdade. Ele envolvia-

me nos seus braços, beijava-me o topo da cabeça e perguntava:

- O que posso fazer para ajudar?

- Só ouvires já chega - respondia eu, sem saber o que fazer com todos os meus sentimentos. Espumavam e borbulhavam como inhames cozidos em água a ferver, prontos para transbordar a qualquer momento. Mas eu sabia que tinha de conter as minhas emoções, de me aguentar, de as manter sob controlo e de arranjar maneiras de lidar com aquilo que me atiravam.

As raparigas e mulheres como eu mereciam ser vistas no ecrã, mereciam ser «todas as mulheres», mereciam resolver crimes enquanto criavam os bolos mais extravagantes que o mundo alguma vez vira fora de uma barraca branca num campo.

- Achas que o meu trabalho é fútil? - era o que eu pensava inevitavelmente a seguir. - Achas que escrever livros superficiais e programas de televisão do mesmo género é frívolo e banal, pelo que não devia ficar surpreendida quando as pessoas me olham de cima? Achas que devia tentar escrever obras literárias que somem ao peso do intelecto do povo negro no mundo?

- Não, não e não, raios! Quem escreve coisas intelectuais fá-lo porque é o seu estilo - dizia ele, acariciando-me as bochechas e beijando-me novamente. - Tu segues o teu. Porque tu tens outro tipo de intelecto: o divertido, o leve, o cativante, o real. Quer dizer, quem diria que se podia travar um criminoso com a camada superior de um bolo de casamento e alguns *macarons* bem

apontados? Ninguém, até tu o escreveres. – Puxou-me ainda mais para si, levando-me para o meu local favorito de todos: tão perto do seu corpo que estava longe de tudo o que de horrível se passava *no* mundo e no *meu* mundo. Quando Wallace me abraçava assim com tanta força, o meu passado parecia uma realidade distante, não algo que me pesava sobre os ombros a cada instante de cada dia.

– Era um bolo de festa – lembrei-o. – Mas sabes como é, uma arma eficaz num aperto.

– Uma das melhores coisas de estar contigo é que posso ver esses programas. Jamais me teria sentado a vê-los, mas agora tenho de o fazer, para apoiar a minha mulher. Não é fixe? E ainda posso «reparar» noutra miúda bonita. Só vantagens do meu lado. Só. Vantagens. E sei que não sou o único por aí a pensar assim. Tu tornas-nos visíveis e mostras que somos possíveis, que merecemos estar em todos os espaços. A meu ver, não fazes nada errado.

É claro que estávamos a ter duas conversas diferentes, mas a culpa diminuía sempre um pouco quando ele dizia aquilo de eu não estar a fazer nada errado, a seu ver. Sempre. Porque a minha culpa, a minha gigantesca e colossal culpa, por vezes era insuperável, e parecia que Wallace era o único capaz de aliviar esse fardo.

23

19 de agosto de 2022

Casa de Cleo e Wallace, fronteira Hove-Brighton

Fim da tarde

Sinto os olhos cansados e os dedos rígidos de ter passado a maior parte do dia a «retocar» o guião, o que, apesar das minhas tentativas de me convencer do contrário, deu lugar à reescrita de grandes partes. Fazia simplesmente sentido. Iludo-me sempre com a ideia de que puxar uma ponta solta aqui e além não fará com que toda a estrutura, ou uma parte significativa, desabe. Verifica-se sempre que estou errada.

Quando olho para o relógio, são horas de ir buscar Lola à aula de arte. Tecnicamente, não precisa de boleia – geralmente, percorre quilómetros e quilómetros sozinha para ir para a escola, mas é bom ter uma pausa incorporada que me obrigue a afastar-me da secretária por um período significativo.

As calças e a camisola com capuz do meu fato de treino de veludo aterram sem cerimónias no cesto da roupa suja, onde as penduro antes de vestir o conjunto de sair à rua de calças de ganga azul-escuras com costuras amarelas e camisola cinzento-escura. A camisola de Wallace, naturalmente, pois preciso de algo dele junto a mim neste momento.

De chaves e máscara no bolso, primo o botão para ativar o alarme e abro a nossa porta principal roxa, vendo-me

então frente a frente com os dois inspetores – Amwell e Mattison. Ou Mattison e Amwell, uma vez que hoje é ela que está à esquerda. Foge-me um pequeno «Oh» de surpresa dos lábios ao parar bruscamente. Há dois dias que não tinha notícias deles e começara a iludir-me com a ideia de que não iriam regressar. De que tinham percebido que as «provas» não tinham nada que ver comigo e que, apesar da coincidência na forma como havia sido morto, eu não tinha nada que ver com o homicídio de Jeff Burrfield.

– Parece que vai sair, senhora Pryce – observa Amwell.

– Sim, tenho de ir buscar a minha sobrinha.

Bip, bip, bip, bip, lembra o alarme enquanto espera que eu complete o circuito, fechando a porta da frente.

– Precisamos de lhe dar uma palavrinha – diz Amwell.

Bip, bip, bip, bip, avisa o alarme. Se eu não fechar a porta rapidamente, começará a gritar que algo se passa.

– Acredito que será mais do que «uma palavrinha», mas não me quero atrasar para ir buscar a Amalola, por isso terão de me acompanhar ou de esperar que eu regresse. – Parecem ambos desconfortáveis enquanto o alarme insiste, *bip, bip, bip, bip*. Forço-os a recuar ao sair e fechar a porta. O alarme ativa-se de imediato ao ficar em silêncio. – Então, como vai ser? Vêm comigo ou esperam aqui?

Olham um para o outro e depois para mim. Esperam que eu fique porque me pediram, mas nenhum dos dois irá expressar esse facto. Dirijo-me ao portão.

– Precisamos mesmo de lhe dar uma palavrinha, senhora Pryce.

– Eu sei, mas tenho de ir, por isso terão de vir comigo.

Seguem-me caminho abaixo e, ao chegarmos ao passeio, Amwell anuncia:

- Não há uma maneira simples de lhe dizer isto, senhora Pryce, mas o seu chefe, Harry Andrews, foi brutalmente atacado e deixado a morrer.

Falho o passo que estava prestes a dar e tenho de estender a mão, raspando dolorosamente com os dedos nos tijolos vermelhos expostos do muro que rodeia o nosso jardim da frente, para me firmar.

- O senhor Andrews está em estado crítico - acrescenta Amwell. - Julgam que não passará desta noite.

Subitamente, a adrenalina dispara-me pelas veias, enche-me o estômago e acho que vou vomitar o vazio desse estômago e desmaiar, possivelmente ao mesmo tempo.

- O que lhe aconteceu? - consigo perguntar, ciente de que estou a perder tempo e de que não tardarei a atrasar-me para ir buscar Lola.

- Julgamos que foi atropelado e o seu corpo levado para a marginal, onde foi atirado do paredão para os rochedos, para que parecesse um acidente.

O pico de adrenalina é quase um *tsunami*, desta vez. Era assim que outro dos episódios de *A Detetive dos Bolos* começava. Um homem desprezível, que era visto a gritar com os seus empregados, que tinha estado envolvido em muitos incidentes com comportamentos do tipo *me too*, recebia o seu castigo na primeira parte. Era atropelado e o corpo era levado para a marginal e atirado para as rochas - para parecer um acidente. Isto depois de a *freelancer* cujo contrato não ia ser renovado o ter mandado para um certo

sítio quando ele tentara a sua sorte com ela. Na verdade, tinham sido a mulher e a amante a trabalhar juntas, mas a pobre *freelancer* passa grande parte da história na prisão, estupefacta e apavorada em relação ao seu destino.

Isto não pode estar a acontecer.

Tive um confronto com Andrews, saí e ele aparece quase morto.

- Oh, vejo que se apercebeu de que é quase a mesma forma como um chefe desagradável foi morto no seu programa - observa Mattison, com uma certa satisfação na voz. - É verdade que teve recentemente um desentendimento com ele?

- Não, não é verdade. Tive uma *reunião* com ele e algumas outras pessoas da HoneyMay no início desta semana. Não tive nenhum desentendimento: ele gritou comigo e eu saí. Não o voltei a ver desde então.

- Mas havia ressentimentos entre os dois?

- Não guardo ressentimentos por gente como ele. - Ergo o indicador na direção do rosto. - Faz-me rugas. - Os tijolos alaranjados do muro ao qual ainda estou pesadamente encostada são ásperos sob os meus dedos. Solto-os sem pensar bem no que estou a fazer e cambaleio um pouco ao endireitar-me. - Tenho de ir. Já estou atrasada e tenho de ir.

- Muito bem, voltaremos para falar consigo ainda esta noite ou amanhã cedo.

- Têm mesmo de o fazer? - replico. - Quer dizer, que mais vos posso dar? Não sei nada sobre essa tentativa de homicídio, não falo com ele desde aquela reunião. Não sei quando é que ele foi atacado, mas tenho estado a maior

parte do tempo aqui, pois tenho de tomar conta de uma criança de 13 anos. É literalmente só isso que eu sei.

- Mas não lhe parece um pouco estranho que duas pessoas tenham sido atacadas e, no caso do senhor Burrfield, perdido a vida de uma forma que a senhora alegadamente inventou?

- Não é que *alegadamente* inventei. Inventei-a *mesmo* para o programa. E só o pude fazer porque é o tipo de coisa que poderia acontecer na vida real, sobretudo a pessoas como a minha protagonista.

- Está a...

- Não - interrompo com firmeza. - Não, já vos disse que tenho de ir. Estou atrasada para ir buscar a minha sobrinha. Tenho de ir.

Sem esperar por uma resposta, viro-me na direção em que ia a sair e arranco a toda a velocidade. A uma velocidade tão grande que consigo fingir que não ouvi a voz de Mattison dizer:

- Vemo-nos mais tarde para falar sobre as provas que encontrámos.

Norte de Londres, 2009

Dirigi-me ao metro com o meu gorro de lã na cabeça, as luvas nas mãos e o cachecol enrolado duas vezes à volta do pescoço. Tinha também abotoado o casaco até cima antes de deixar o velho edifício da escola e sair para o passeio. Ainda sentia frio. Desde... desde «a descoberta», estava sempre com frio, acontecesse o que acontecesse. Tinha

sempre vontade de vestir uma camisola ou um casaco ou dois, vontade de calçar umas luvas e pôr um chapéu. Nunca conseguia aquecer.

Descobrir quem Heath era tinha-me gelado até ao âmago e provavelmente nunca mais voltaria a sentir calor.

Não sabia o que fazer.

Tudo se resumia a isso. Não sabia o que fazer. Ir à polícia? Sim, pois, e dizer-lhes o quê? *O meu companheiro - perdão, marido - está tão apaixonado por mim, tão obcecado por mim, que faz mal às pessoas que julga que me podem afastar dele. Como sei? Li algo que ele escreveu, que parece uma perfeita fantasia, mas sei que é a mais pura das verdades.*

- Sim, Cleo, isso vai resultar - murmurei. - Vão mesmo investigar isso. Já a correr.

Tinha aberto o envelope com cuidado, pelo que não havia sinais de eu o ter lido, e guardara-o exatamente no mesmo sítio onde o tinha encontrado. Depois, ligara aos meus pais a perguntar se podia passar lá a noite. Enviara uma mensagem a Heath a dizer que os meus pais me tinham pedido para ir a casa porque precisavam de mim. E passara a noite acordada, a tentar decidir o que fazer.

Ao chegar a casa no dia seguinte, obrigara-me a entrar em modo farsa, agindo como fazia antes de ter feito «a descoberta». Reproduzia as minhas memórias de como era ser «normal» com Heath. Era a única coisa que podia fazer.

A última coisa que me apetecia neste momento, porém, era ir para casa, ver Heath, entrar novamente em modo farsa, mas ao virar da esquina, as luzes brilhantes da

estação de metro e das suas lojas circundantes tornaram-se visíveis – as pessoas avançavam em direção a elas como que atraídas por um grande e poderoso íman, enquanto outras se afastavam como se tivessem sido cuspidas – e eu soube que era isso que teria de fazer.

– Separação difícil? – perguntou a voz ao meu lado.

Estava tão atolada no horror do meu marido que nem sequer me sobressaltei quando o homem falou. Limitei-me a olhar na direção da voz, perguntando-me se entendia as palavras que ele tinha dito.

– Separação difícil? – repeti, como forma de me ajudar a decifrar o sentido.

– Está a passar por isso? – perguntou ele, cordial.

– Não, porque pergunta? – *QUEM ME DERA estar a passar por uma separação difícil*, pensei. *Quem me dera que o Heath me tivesse deixado. Quem me dera que o meu estado civil pudesse ser descrito como só e de coração partido.*

– Quando começou o curso de escrita, era só «comédias românticas» e «clássicos contemporâneos». Agora é só «morte, destruição e distopia». Não me interprete mal, eu gosto. Gosto da sua escrita independentemente dos temas que escolhe, mas não posso deixar de recear que esteja a passar por algo. Possivelmente uma separação.

– Não é uma separação – disse eu. – Infelizmente, não é uma separação.

– Ah, é assim tão mau?

– Pior. Muito pior – confirmei e, para horror de ambos, desatei a chorar.

O amável cavalheiro chamava-se Sidney. Esperou pacientemente no meio do passeio enquanto eu chorava e depois conduziu-me delicadamente a um café e bar noturno que estava preocupantemente vazio, atendendo à sua proximidade de uma estação de metro. Preocupantemente porque devia ser terrível, para estar assim tão deserto quando havia tanto tráfego na zona. Não que isso me importasse.

Sidney tinha os olhos castanhos mais bondosos; reparei nisso enquanto ele pedia dois cafés ao senhor atrás do balcão. Sentámo-nos a uma mesa de onde se conseguia ver a porta. A penumbra no interior do café-bar era mais do tipo «tentar poupar na conta da eletricidade» do que «tentar criar uma atmosfera», mas não me importava, fosse como fosse. Só estava ali porque Sidney me tinha levado – a iluminação não era importante.

– Estou habituado a fazer chorar raparigas, mas geralmente fiz alguma coisa – disse ele, adotando um sotaque que parecia ganês. – Os meus poderes estão a ficar fortes, sabe? Agora, digo menos de dez frases e as raparigas desatam a chorar.

Conseguí esboçar um sorriso débil.

– Desculpe.

– Não, não, tudo bem. Tudo bem.

Após um longo silêncio, pontuado pelos ruídos do senhor a fazer café, Sidney acrescentou, do nada:

– Faz-me lembrar a minha irmã.

Pestanejei, sem conseguir falar, por isso ele continuou:

- Todas as semanas penso nisso. Todas as semanas penso: *Devia dizer-lhe que me faz lembrar a minha irmã.* Nunca parece ser a semana certa. Mas desta vez é: faz-me lembrar a minha irmã.

- Isso é bom. Bem, espero que seja. Onde vive a sua irmã?

- Em lado nenhum, não tenho irmãs.

- Não tem agora ou nunca teve?

- Nunca tive.

Parei de olhar sombriamente para o tampo de azulejos rachados da mesa e ergui o rosto para ele.

- Como posso fazê-lo lembrar de uma irmã que nunca teve?

- Não sei. Simplesmente olho para si, oiço-a e lembra-me a irmã que nunca tive.

- Tem irmãos? Obviamente não tem nenhuma irmã.

- Tenho dois irmãos. Gémeos verdadeiros, embora pareçam apenas uma versão de contrafação barata de mim. Até a minha mãe o admitiu.

O meu corpo descontraiu espontaneamente – os meus ombros descaíram, os meus maxilares descerraram-se –, permitindo-me rir pela primeira vez em séculos.

- Não acredito que a sua mãe admitiu isso! – exclamei, a rir.

- Sim, sim! Disse que era impressionante que fossem tão parecidos comigo desde que nasceram.

- E interpretou isso como querendo dizer que eram versões contrafeitas de si?

- Versões de contrafação *barata* de mim. Sim.

O senhor trouxe-nos o café e eu vi logo a racha na parede da minha chávena, a lasca no rebordo da de Sidney. Começava a entender o porquê de o sítio estar vazio. Apesar da sujidade geral do local e da esqualidez particular das chávenas que nos tinha trazido, agradecemos-lhe de forma suficientemente genuína para lhe arrancar um sorriso antes de se misturar novamente com a paisagem.

Abri cinco pacotes de açúcar e verti-os na minha chávena de café.

- Quer um pouco de café com esse açúcar? - perguntou Sidney.

Abanei a cabeça, impotente.

- É o meu único vício. Café com cinco doses de açúcar. Não consigo parar.

- Muito bem.

- As suas histórias e textos são realmente bons - disse-lhe eu. - Sempre tão diferentes do que estou à espera.

Tinha acertado em relação ao curso, «Primeiro Passo: tem o que é preciso para escrever?». Era a fuga perfeita da vida quotidiana, ao mesmo tempo que me incutia a disciplina e os prazos regulares de que eu precisava para passar efetivamente as palavras para o papel. Uma vez que começara antes de saber quem Heath era, Sidney tinha razão quando referiu que o que eu costumava escrever era mais leve.

Agora, os exercícios definidos eram utilizados para analisar os meus sentimentos, para explorar o tumulto que grassava constantemente na minha cabeça, para lidar com o meu dilema. Porque não se tratava simplesmente de o

deixar. Não era teórico o que Heath faria se eu o deixasse, era um facto – magoaria quem quer que pensasse que estava a tentar afastar-me dele.

– E o que espera? – perguntou Sidney.

– Oh, não sei. Penso que, quando escreve sobre mulheres, não se concentra na aparência e nos seus atributos físicos. Mostra-as como seres humanos completos e equilibrados. É como se percebesse que as mulheres não são uma espécie diferente, e por isso escreve tão bem sobre elas.

– Pergunto-me seriamente se não deveria ficar ofendido com isso – observou ele. Mas estava a sorrir quando o fitei, por isso sabia que não estava minimamente ofendido.

– Era um elogio, porque haveria de se ofender?

– Uso a minha escrita para tentar explorar o que sinto. Tento entrar na cabeça dos outros para conseguir ver as coisas do seu ponto de vista.

– Acho que é isso que a maioria dos escritores deveria fazer, não é?

– Supostamente, mas será que fazem? Não. Dá para ver. Dá sempre para ver quando um escritor não se interessa. As palavras, por mais bonitas e inteligentes que sejam, não significam nada se não vierem do coração. Ficam aquém. Dá sempre para perceber.

– Sempre pensei isso. Tantas vezes li coisas maravilhosamente escritas, incrivelmente inteligentes e que recebem inúmeros aplausos, mas que me deixam simplesmente indiferente. Fria como uma pedra, porque não parece que tivessem importância para o autor. E então

leio algo que as pessoas dizem ser «vulgar» ou um «prazer secreto» e comove-me. Comove-me ou reflete a minha experiência ou ajuda-me a dar sentido a algo. É por isso que adoro ler. E adoro escrever porque também me deixa fazer isso. Permite-me escrever coisas que um dia podem tocar as pessoas. – Ainda não tinha encontrado um livro capaz de me ajudar a lidar com o que tinha descoberto sobre Heath e a nossa relação, razão pela qual andava a fazer experiências com as coisas que criava.

– A escrita também é a minha terapia.

– Eu não disse que era a minha – retorqui.

– Não, estás a enganar-te. É a tua terapia, mana. – Sidney pegou no seu café, reparou na lasca no rebordo da chávena, revirou os olhos e estalou a língua, voltando a pousar a chávena. – Também tenho muitos problemas sobre os quais escrever.

Recostei-me na cadeira, chocada por ele dizer aquilo a uma perfeita estranha.

– Que cara é essa? – perguntou ele. – Disse-te que és como a irmã que nunca tive, porque não haveria de te dizer? Tenho problemas. Dos grandes. Coisas de que não posso falar às pessoas. Ponho tudo isso no papel.

– E o que se passa no papel?

– Eu. Quem sou. Quem não sou. Como compreender isso.

– Tempos de encruzilhadas?

– Cruzadas e entrecruzadas.

– Penso que poderei ler tudo acerca disso.

– Eu conto-te tudo. Não sou assim tão agarrado.

Sorri a Sidney, o toque de familiaridade que sentira ao entrarmos no café era magnético. Gostava dele. Não me sentia assim tão atraída por ninguém desde que tinha conhecido Trina no primeiro dia da faculdade. Houvera uma familiaridade instantânea quando me batera à porta logo nesse dia e me dissera que era a minha vizinha do lado. «Podemos ser amigas ou podemos ser inimigas», informou-me. «Não tenho tempo para meios-terms. Como é?» Ficara impressionada com a forma como ela tinha exposto a situação – podíamos ser amigas ou não, mas não ia alimentar comportamentos frouxos. E sentira uma atração instantânea por ela, uma certeza de que ia ser minha amiga. Tal como com este homem. Sabia que ia ser meu amigo.

– Vamos lá então, mana. Quem é esse sujeito que te anda a dar problemas? E quando é que deixamos esse traste?

24

19 de agosto de 2022

Casa de Cleo e Wallace, fronteira Hove-Brighton

Fim da tarde

- Alguma notícia do teu advogado de divórcio que foi... - Lola simula um gesto de cortar o pescoço com a mão e põe a língua de fora pelo canto da boca.

- Não faças isso - digo eu, estremecendo e interrogando-me sobre se a polícia estará à minha espera quando chegarmos a casa para falar sobre o mais recente homicídio a que estou ligada. Com esse, seriam três (se Harry Andrews morrer). Como é possível? A maioria das pessoas nem sequer está ligada a um, mas eu... três. E dois deles nos últimos dias. - Que tipo de notícias esperavas ao certo?

Ela encolhe os ombros.

- Não sei, mas estás com a mesma cara e a mesma onda do outro dia, de quando a polícia apareceu. Por isso imagino que tenhas tido outro «encontro» com a bófia.

- Podes concentrar-te apenas em ter 13 anos e deixar o resto das coisas do mundo dos adultos e dos crimes comigo?

Ela faz estalar a língua em reprovação.

- Não tenho culpa que tenhas trazido o cérebro de detetive para a minha porta.

O desenho de Lola da aula de arte de hoje é uma ilustração. É ao estilo de Takashi Murakami - muitas flores

coloridas e geométricas, desenhadas lado a lado e sobrepostas sobre um fundo branco, adornadas com rostos. Alguns sorridentes, outros tristes, alguns chorosos, outros carrancudos, alguns confusos, outros sonolentos. Todos diferentes – *únicos*. Lola entende as emoções. Entende as pessoas, pois consegue ler as subtilezas das suas expressões. Além disso, é excelente a ouvir conversas.

– Eu não o trouxe para a tua porta. Não tens idade para ver o programa, e sem dúvida que não tens idade para ler os meus livros. Qualquer cérebro de detetive que possas ter resulta inteiramente de como os teus pais decidiram educar-te. A culpa não é minha.

– Boa resposta, tia. – Ela ri-se. – Por falar em educação...

– Como está a tua mãe? – pergunto eu, para interromper a conversa. Este assunto não é algo de que queira falar, principalmente com ela. É demasiado nova para eu a envolver nisto. Demasiado nova.

– Oh, nada bem. A avozinha... que é a avó dela... não está a melhorar tão depressa como pensavam. Está lá a apoiar a avó... a mãe dela... e a fazer tudo o que pode. Anda exausta.

Enquanto percorremos as ruas, rumando, sem falarmos nisso, à loja de conveniência que fica em sentido oposto ao de casa, o que significa que teremos de dar uma volta enorme para regressar, oiço a tristeza e a preocupação na sua voz. Tem saudades dos pais. Sei que sim. Sou uma fraca substituta, especialmente sem Wallace por perto.

– Queres ir ter com ela? Posso levar-te a Essex, sem problemas.

Ela franze o rosto, cerra os lábios e depois abana a cabeça.

- Não. Quero vê-la e tal, quero vê-los a todos, mas é melhor estar afastada. Se não tiver de se preocupar comigo, ela ficará mais feliz.

- Menos *stressada*, possivelmente, mas não mais feliz. Quem poderia ficar mais feliz sem a tua carinha laroca? - pergunto com voz de bebé, sabendo que isso a fará sorrir.

- És uma das pessoas mais queridas que conheço - diz-me ela. Di-lo tão sinceramente que um pequeno nó de emoção ganha forma na minha garganta. Inesperado. Ninguém pensa em mim dessa forma neste momento. - É uma pena que tu e o tio W não tenham conseguido fazer com que resultasse.

- Pois - respondo eu, evasiva. *Nós* podíamos fazer com que resultasse. *Eu* é que não. Eu era o problema. Eu e todas as coisas que fiz para chegar aqui.

- Porque é que nunca me deram um primo? - pergunta ela. A fila de lojas onde o supermercado se situa ergue-se diante de nós.

- Não devias perguntar isso às pessoas, sabes? - repreendo-a eu delicadamente.

- Hã? Porque não?

- Por... muitas razões. Sobretudo porque não é da tua conta. Mas... Nunca sabes o que as pessoas estão a passar. Se querem ter filhos, mas não podem. Se não querem ter filhos, mas sabem que, se contarem, as pessoas irão achar estranho, por isso calam-se. Se estão a resolver as coisas com o seu companheiro e um deles se recusa a dar esse

passo. Além disso, muitas vezes têm familiares bem-intencionados a fazer constantemente essa pergunta. É *stressante*. Não precisam de mais ninguém, e muitas vezes são pessoas que não conhecem muito bem, a somar a esse *stress* com esse tipo de perguntas. Mas, principalmente, não devias fazer perguntas dessas porque é da tua conta.

- Ah. Certo. Pronto, pronto. Porque foi então que tu e o tio W nunca me deram um primo?

Chegamos ao supermercado e eu nem sei bem porquê. No outro dia, comprámos montes de comida que ainda nem sequer começámos a consumir. Sempre que abro um armário, porém, as guloseimas não parecem suficientemente boas. Os pacotes coloridos não cantam para mim da forma como deviam. No frigorífico, a fruta succulenta simplesmente não sabe como atingir o ponto ideal, as tiras de cenoura não são o que preciso, o gelado não é do sabor certo. Passa-se o mesmo com ela, não encontra o petisco certo para a satisfazer nos armários, no frigorífico e no congelador de casa. Temos de encontrar a combinação de sabores, o equilíbrio perfeito entre sal, açúcar e textura, que nos fará sentir melhor. Não que eu seja capaz de comer.

- Quer-me parecer que, mesmo tendo eu acabado de te dizer todas aquelas coisas, tu vais continuar a perguntar, não vais? - comento eu, enquanto paramos à entrada.

- Sim.

- Bem, nesse caso, penso que terei de te responder o mais sinceramente possível.

- Diz lá, então. Porque é que tu e o tio W não me deram um primo?

- Não é da tua conta - replico. - E continuarei a dizê-lo até tu parares de perguntar.

Oeste de Londres, 2009

- Estás a desapaixonar-te por mim? - perguntou ele.

Era meio da noite e estávamos os dois, um de cada lado da cama, perfeitamente acordados. Acordados, mas a girar nas nossas órbitas distintas, sem nada que nos ligasse fisicamente. Quanto mais o tempo avançava desde aquele momento de descoberta, mais tempo eu passava longe do apartamento e de Heath. Trabalhava até tarde - oferecendo-me muitas vezes para substituir outras pessoas que estivessem ocupadas e se houvesse algo para fazer. Encontrava-me com Sidney no nosso café sujo e sombrio e conversava com ele sobre a escrita ou sobre nada de especial. Às vezes, sentava-me sozinha em bares, a embalar uma bebida e a olhar para o vazio. Tudo para evitar estar perto de Heath.

Lá porque me tinha afastado, isso não fazia com que deixássemos de estar ligados, vinculados, casados. Chegava a casa e encontrava o meu jantar na mesa, ressequido e com um aspeto triste. Encontrava pequenos bilhetes a dizer «amo-te» ou «tenho saudades tuas» na minha bolsa antes de sair para o trabalho. Via como a sua respiração abrandava deliberadamente quando eu me enfiava na cama, pois estava a fingir que dormia.

Não sabia durante quanto mais tempo poderia aquilo continuar, mas obviamente não muito, pois estávamos ali, com ele a fazer-me aquela pergunta.

Estava dividida.

Era como se houvesse duas pessoas diferentes chamadas Heath. O Heath que eu amava e o Heath que eu suspeitava que tinha feito todas aquelas coisas horríveis. Como podia eu acreditar nelas? Sinceramente, como podia alguém que eu conhecia fazer tais coisas? A forma como estavam escritas, na terceira pessoa, levava-me muitas vezes a questionar a veracidade do que tinha lido. Porque, vá lá, não passava eu todas as horas que podia a criar ficção? A inventar coisas... Não passava eu muito tempo a imaginar coisas? Quem me garantia que Heath não fazia o mesmo? Sidney era gestor de fundos de cobertura e escrevia ficção. No nosso curso, havia gente de todas as áreas da vida – médicos, advogados, contabilistas – a inventar coisas. A escrever relatos perturbadores na terceira pessoa, a utilizar as suas próprias vidas, as suas próprias histórias como pano de fundo. E se Heath, um psicólogo, tivesse usado as coisas que lhe tinham acontecido na vida para explorar as suas fantasias? Para moldar os factos às ficções que o fariam sentir-se forte e no comando da sua vida, dispondo-as depois como um dos relatórios que escrevia para os seus pacientes? Eu passava a vida a fazê-lo. Nas minhas histórias, reescrevia conversas e cenários, às vezes de há muito tempo, de modo a correrem da maneira que eu queria e não como tinham

corrido. Quem me garantia que Heath não estava a fazer o mesmo com o documento que eu tinha visto?

O meu instinto. Era isso que me dizia que era verdade. O que eu conhecia dele. Os meus sentimentos por ele. Os seus sentimentos por mim. Os seus nunca ocultos sentimentos.

Na minha mente, regressava constantemente ao quarto de hotel em Leeds. À violência com que tínhamos feito sexo. À raiva furiosa, ardente e finalmente explosiva que ele tinha exibido enquanto se movia dentro de mim. Às suas declarações desesperadas de que eu dava com ele em doido, às suas dolorosas proclamações de que não me queria amar, mas amava, ao seu choro transtornado no fim. Simplesmente sabia que Heath tinha feito aquelas coisas terríveis que tinha escrito, e sabia com igual certeza que a culpa era minha.

Não devia ter sido sua amiga. Era isso que o seu relatório, escrito sobre si mesmo na qualidade de psicólogo, dizia. Era isso que vinha em tudo o que lera entretanto sobre limerência e amor obsessivo, aditivo. O objeto de limerência (eu) não pode mostrar interesse pelo limerente (Heath), não lhe pode dar nenhuma esperança de um relacionamento, para que ele tenha uma possibilidade de seguir em frente. Mas ser desdenhosa e horrível não é fácil para mim. Será fácil para alguém? A maioria das pessoas é simpática, não é? Regra geral, somos simpáticos com os outros seres humanos.

Ainda que não o sejamos enquanto coletivo, eu sou. Além disso, como podia eu saber que a minha incapacidade

de ser imediatamente desagradável, a minha tendência para ser simpática, conduziria àquilo? Que levaria um homem a fazer aquilo... Mesmo agora, sabendo o que ele tinha feito, não conseguia renegá-lo. Não conseguia simplesmente rejeitá-lo.

- Estás a desapaixonar-te por mim? - perguntou novamente Heath. Parecia tão frágil, aquele homem que tinha esfaqueado a nossa amiga, que tinha tirado a outro homem a capacidade de andar. Aquele psicopata com quem eu tinha casado.

- Não. Não me estou a desapaixonar por ti. - Semântica. Era uma questão de semântica. Não me estava a desapaixonar por ele. Isso sugeria algo gradual, uma erosão lenta; sugeria que eu ainda pudesse sentir por ele alguma paixão.

Não me estava a desapaixonar por ele - tinha *deixado* de o amar.

Acontecera no exato momento em que me apercebera de quem ele realmente era, do que realmente tinha feito. Mas essa era a parte ativa de o amar. O amor residual que eu sentia por Heath, a parte latente e passiva, provavelmente estaria sempre presente de alguma forma, nunca me deixaria realmente. Como podiam todos aqueles anos felizes, aqueles momentos alegres, perder-se para sempre?

E mesmo que estivesse a desapaixonar-me por ele, como podia eu dizê-lo, sabendo do que ele era capaz?

- Sinto que te perdi - disse ele.

Não soube o que responder.

- Sinto que, a cada dia que passa, ficas cada vez mais longe de mim. Nunca estás aqui, nunca te vejo, nunca queres que te toque quando estamos aqui os dois. Às vezes é como se tivesses partido, mas o teu corpo ainda estivesse aqui. É como se estivesse em coma.

- O que... o que farias se descobrisses que alguém não era quem tu pensavas?

- Não compreendo a pergunta - replicou ele, mas o timbre da sua voz disse-me que entendia, mas esperava poder evitar que eu insistisse na questão.

- O que farias se houvesse alguém que amasses, com todo o teu coração, mas depois descobrisses que essa pessoa não era quem tu pensavas? Que era capaz de coisas terríveis. O que farias?

- Todos somos capazes de coisas terríveis. É parte do que nos torna humanos. É parte do que faz com que seja tão difícil afastarmo-nos dos outros. Passamos muito tempo a categorizar as pessoas, esquecendo, entretanto, que muito pouca gente encaixa perfeitamente nessas categorias e aí permanece. Todos encaixamos em múltiplas categorias, e na de «capazes de coisas terríveis», somos mesmo muitos a encaixar.

- E se essas coisas terríveis não fossem apenas teorias, se fossem reais? Se tivessem realmente sido executadas? O que farias?

- Eu... não te quero perder, Cleo.

- O que farias?

- Diz-me qual é o problema e eu resolvo-o.

- O que farias?

- Olha, podemos começar a planejar o casamento, se achas que esperamos demasiado.

- O que farias?

- Podemos começar a planejar ter um bebé?

- O que farias?

- Adoraria fazer um bebé contigo.

- O que farias?

- Fiquei tão desiludido quando não ficaste grávida depois daquela noite em Leeds. Desde essa altura que tenho esta fantasia de que engravidavas. De poder referir-me a ti como a mãe dos meus filhos. Não há nada que eu queira mais do que ser o pai dos teus filhos. Porque não começamos a planejar um bebé?

- O que farias?

- Não sei! Para de perguntar isso! Não sei o que faria! *Não sei!* - Há séculos que Heath não me levantava a voz. Só ao fazê-lo nesse momento é que eu me apercebi de que isso me assustava. *Não posso acreditar que vivi contigo durante todo este tempo e não sabia quem eras, pensei. Não posso crer que não sabia.*

Heath ficou horrorizado ao ver como eu me retraía, o medo que demonstrava.

- Eu nunca te magoaria, Cleo - disse ele, aproximando-se de mim. Retraí-me de novo quando o seu braço me rodeou a cintura e todo o seu corpo se moldou ao meu. - Nunca te magoaria - sussurrou-me ao ouvido, beijando-me a face. - Nunca te poderia magoar. - Aproximou-se o mais possível de mim. - Nunca te poderia magoar. Seja o que for em que acredites, o que quer que penses ou sintas, por

favor, por favor, não duvides de que eu jamais te poderia magoar.

- Eu sei - murmurei. Porque, no meio de tudo, sabia que era verdade.

Heath nunca me magoaria.

25

19 de agosto de 2022

Casa de Cleo e Wallace, fronteira Hove-Brighton

Início da noite

Os polícias estão à minha porta à espera, o que significa que tenho de os deixar entrar. Terem ficado aqui à espera de que eu regressasse significa que devem ter algo de importante contra mim. Porém, não imagino o que possa ser, porque não fiz nada. A ninguém. Nem mesmo a Harry Andrews, que admito que adoraria ter visto receber o seu castigo. E o Dr. Burrfield estava a ajudar-me. Porque haveria de o magoar ou matar?

Mas estes agentes não estão aqui por diversão, não estão aqui porque as coisas «podem» estar relacionadas. Têm provas que me ligam a tudo isto.

- Presumo que tenham ficado por aqui porque acham que as vossas «provas» me ligam de alguma forma aos dois crimes horríveis de que me falaram... - sugiro. Lola não parou de os fulminar com o olhar até chegarem à segurança da sala de estar.

- Não diria isso - responde ele. - Se tivéssemos provas a implicá-la, teríamos de a prender. Nesta fase, estamos simplesmente a tentar decifrar o que parece ser a sua muito forte ligação a ambos os crimes.

- Senhora Pryce... ou será senhora Forsum?

- Qualquer dos dois serve.

- Gostaríamos que nos desse uma explicação sobre as provas que encontrámos - diz a inspetora Mattison. - Encontrámos o seu passe no local do homicídio do senhor Burrfield. - No repousa-pés onde Lola e eu tínhamos apoiado os nossos chinelos, deposita um saco para provas contendo um retângulo branco com uma fita azul para o pescoço. O passe está voltado para cima e tem um pequeno retângulo com o meu rosto sério de «não gosto de tirar fotografias tipo passe». O meu primeiro nome, Cleomara, surge em letras minúsculas, com exceção do C inicial, e numa letra mais pequena do que o meu apelido, FORSUM, que está todo em maiúsculas.

O meu passe desaparecido. A fonte do poder do segurança «Philip» sobre mim antes de ter sido habilmente cerceado por Gail, a assistente de produção. «*Devia ter-se limitado a dar-lhe o passe*», tinha-lhe dito Anouk. Se não o tivesse feito, se não se tivesse encolhido por Gail lhe chamar patético e mesquinho, talvez me tivesse esforçado mais por procurar o passe. Talvez tivesse notado mais cedo a sua ausência da minha vida. Mas que diferença teria feito? Dificilmente iria saber que tinha sido deixado no local de um homicídio, não é verdade?

- Devo tê-lo deixado cair quando lá estive.

- Foi o que eu disse - observa Amwell, como se não pudesse acreditar que ele e eu dissemos o mesmo.

- Pois, foi o que ele disse... Então, só para ter a certeza, fui consultar os registos da HoneyMay. É um sistema muito básico, nada de muito sofisticado. Mas diz-nos a que horas as pessoas entram e saem.

Sei o que ela vai dizer. Se estivesse a assistir a isto na televisão, saberia o que ela está prestes a dizer. Se estivesse a escrever isto para a televisão, saberia o que ela vai dizer. Sobretudo quando leva a mão ao bolso interior e desdobra uma folha. Dou o meu melhor para não parecer que estou à espera de que ela comece a ler.

- Regressou ao edifício nessa tarde às duas e trinta e sete, altura em que picou o ponto. Foi à casa de banho às quatro e dezassete. Regressou à sua secretária às quatro e vinte e três. Nessa noite, picou o ponto para ir para casa, presumimos nós, às cinco e quarenta e nove. Basicamente, senhora Pryce, parece que não deixou cair o passe na altura em que diz que esteve lá. Parece que o deixou cair algum tempo depois.

- É um pouco óbvio, não acham? - replico eu, porque que diabos posso eu dizer mais? É basicamente um cenário de culpa irrefutável. - Assassinar alguém e deixar para trás provas com o meu rosto e o meu nome? Quer dizer, quem faz isso? Só uma pessoa estúpida, mais ninguém.

- Julgo que irá perceber que, na grande maioria, as pessoas não são tão espertas como julgam que são - diz ela.
- Os programas de televisão dão sempre um brilho a estas coisas, mas muitas vezes são as pessoas estúpidas, como lhes chama, que acham que se podem safar com um homicídio.

- Têm sempre uma ideia exagerada da sua própria inteligência e astúcia - acrescenta Amwell, para completar.

- Não vou mentir, estou deveras impressionada com a forma como acabam de me chamar estúpida mesmo na

cara, mas não vou ficar ofendida porque não fui eu que fiz isto. Não sei como o meu passe foi lá parar, a não ser que haja a possibilidade de alguém me estar a tentar tramar... E não faço ideia de quem possa ser. – Esta última frase é obviamente mentira. É claro que sei quem é. Na verdade, há uma lista, mas aposto que a pessoa no topo da lista não é a que a polícia procura. Na privacidade da minha cabeça, aposto que essa pessoa está a fazer isto porque eu não estou a dismantelar a minha vida de forma suficientemente rápida, pelo que isto é um incentivo.

– Poderíamos sentir-nos inclinados a acreditar em si, se...

Quase caio na armadilha, quase pergunto «se o quê?», mas não o faço. Mantenho a boca fechada.

– Se não tivéssemos encontrado o que parece ser um dos seus brincos preso na camisa do senhor Andrews.

Isto não é boa coisa. Alguém está a tentar deliberadamente incriminar-me por estes atos hediondos, mas sem fazer um trabalho lá muito bom. Quase como se não quisesse que eu fosse presa pelo crime, mas sim manter-me sempre sob tensão. Sempre à espera do ato que não deixará dúvidas na mente da polícia de que eu sou a culpada. Só há uma pessoa capaz de pensar dessa forma, capaz de o fazer, de facto.

– A sério? – pergunto. – Açam que ia cometer o mesmo erro duas vezes? Em tão pouco tempo?

– O brinco foi encontrado dentro do casaco, o que nos leva a acreditar que, com tudo o que estava a acontecer, a assassina não se apercebeu de que o seu brinco tinha

ficado preso nas roupas enquanto tentava mudar o corpo para fazer com que parecesse um acidente.

Ao contrário do passe, não tinha dado pela falta de nenhum dos meus brincos. Tiro-os e ponho-os tantas vezes ao longo do dia, sabe-se lá onde estão? E também tenho muitos pares de argolas.

- Lamento, mas uma vez é estupidez, duas é incompetência. Se eu andasse a deixar os meus pertences espalhados pelos locais de crimes, não teria nada que escrever histórias sobre eles, quanto mais cometê-los. Seja como for, como sabem que é o meu brinco? Dos milhões que existem na Terra, como podem saber que é o meu?

- Pode não ser, é verdade. Mas é o mesmo brinco que tem na fotografia do seu passe, e na maioria das imagens que vimos de si.

- Mais uma vez, é provavelmente um dos milhares de brincos iguais que existem em Brighton, para não falar no Reino Unido.

- É verdade. Razão pela qual gostaríamos de recolher uma amostra de ADN para comparar com o que encontrámos no brinco.

- Sim, claro.

- Aceita?

- Desculpem, disse isto no tom de voz errado. O que eu queria dizer era: «Sim, pois, é claro que vou fazer isso. Em que realidade?».

A resposta imediata de ambos é olhar fixamente para mim, em choque. Ainda há pouco me chamaram estúpida, mas agora estão todos ofendidos porque eu lhes retorqui?

É claro que não o faria se não estivesse na situação em que estou. Se não estivesse quase 100 por cento segura de que o brinco era meu, teriam a minha cooperação total. O meu conhecimento de que alguém me está a tramar leva-me a agir como uma adolescente rebelde.

- Falando a sério, foi-me dito por um inspetor a sério de locais de crime que a polícia muito raramente realiza exames forenses a pequenos objetos, sobretudo impressões digitais. E possivelmente também ADN. É muito trabalho para uma probabilidade quase nula de se obter o material de ADN necessário. Portanto, não, não vos vou dar o meu ADN para o poderem passar pelos vossos computadores e ver se eu estou ligada a mais algum crime. Quer dizer, não estou, mas preferia que não andassem por aí a brincar com os meus dados genéticos.

Enquanto eles olham um para o outro, perguntando-se o que tenho eu a esconder e como me podem obrigar a revelá-lo, agradeço - mentalmente - a Kathryn Bendelow, a inspetora de locais de crime que me deu essa pequena informação. Após ter lido o meu primeiro livro da série *Detetive dos Bolos*, disse-me o quanto tinha gostado - para depois me repreender por ter baseado um enorme ponto de viragem do enredo na recolha de impressões digitais de um pequeno teclado. Estou-lhe grata por isso neste momento. *Tão* grata.

- Como disse, alguém está nitidamente a tentar tramar-me.

- Porque haveria alguém de a tentar tramar? - pergunta Amwell, num tom do género «está bem, diz lá». Está a

fazer-me a vontade. Não sei se quero que me façam a vontade nisto. Na verdade, só existe uma pessoa que me poderia querer tramar.

Olho de um polícia para o outro, sem saber muito bem o que posso dizer sem explicar tudo. Isso não vou fazer. Se dependesse só de mim, provavelmente começaria a falar. Mas o que fizer agora terá reverberações, repercussões, que atravessarão todas as pessoas na minha vida. De Wallace a Lola; da minha mãe à minha irmã mais nova, Efe. Ninguém escapará ao *tsunami* que varrerá a minha vida e todos os que nela habitam, e os deixará devastados. Não lhes posso dizer. Provavelmente, nunca poderei.

Encolho os ombros para dizer que não sei, de modo a não mentir verbalmente.

- Visto que não fui eu e que não sei como o meu passe foi parar ao local de um crime, ou como o meu possível brinco foi parar ao local desse outro crime, é a única explicação.

- Seria mais rápido limpar o seu nome se nos desse simplesmente uma amostra do seu ADN.

De forma dramática, bato com as mãos nas coxas e levanto-me. As minhas articulações rangem e, às vezes, tenho dificuldade em movimentar-me com rapidez, mas neste momento faço-o alegremente.

- Obrigada pela visita, senhores agentes - digo quando eles não se mexem. - E obrigada pela paciência de esperarem que eu voltasse de ir buscar a minha sobrinha. - Ainda assim, eles não se mexem. - Tenho de ir. Tenho uma

pessoa para alimentar, trabalho para fazer. Obrigada. Acompanho-vos à saída.

Não dizem mais nada, nem sequer um ominoso «voltaremos a falar consigo em breve». Não sei bem o que esperavam de mim, mas, a julgar pelas expressões compungidas nos seus rostos, é óbvio que não o conseguiram.

Lola nem se deu ao trabalho de fingir que não estava à escuta. Encosta-se à parede do corredor, lançando olhares fulminantes às figuras dos agentes de saída. Quando fecho a porta, o seu atento e pouco impressionado olhar vira-se para mim.

- Porque estás a olhar para mim assim? - pergunto.

Ela encolhe os ombros.

- Estou só a tentar perceber se te consigo imaginar a tentar liquidar um tipo ou dois.

- E?

Fita-me um pouco mais, os seus olhos castanhos subindo e descendo pelo meu corpo. Depois, endireita-se e descruza os braços.

- Não, não me parece. - Um ligeiro abanar de cabeça. - Não me parece. Não sinto vibrações psicóticas da tua parte. Não és uma assassina.

«Nunca se sabe», devia eu dizer-lhe. Nunca sabemos quem é um verdadeiro psicopata até que ele se senta à nossa frente e nos diz que matou alguém por nossa causa.

Norte de Londres, 2009

Sidney já estava no nosso café imundo quando eu cheguei. Estava sempre. Era o Sr. Pontualidade. Sempre a horas. Uma das peculiaridades que me agradavam na sua personalidade.

Tirei o casaco e sentei-me à sua frente. O horrível e sombrio café junto à estação de metro tinha-se, de alguma forma, tornado «o nosso lugar», apesar dos meus constantes olhares e calafrios ante as chávenas lascadas e manchadas, os azulejos rachados dos tampos das mesas e as paredes de aspeto miserável. Na realidade, aquele local era o meu pior pesadelo, mas ficava fora do caminho; Sidney e eu podíamos ficar o tempo que quiséssemos sem que o proprietário nos incomodasse, e tínhamos espaço suficiente à mesa para espalhar os nossos cadernos e folhas impressas.

Tínhamos decidido tornar os nossos encontros construtivos, pelo que começáramos a trabalhar juntos, dissecando partes dos trabalhos, esmiuçando verbalmente as partes complicadas, dando e recebendo nervosamente retorno. Sidney estava de volta do seu trabalho, tinha as páginas anotadas com marcas de esferográfica azul e vermelha de onde ele as estava a editar, cumprimentando-me como um velho amigo.

Tinha deslassado a gravata azul estampada, desapertado os botões do colete dourado, e o casaco do seu fato azul-real estava pendurado nas costas da cadeira. Tinha as mangas arregaçadas para demonstrar que levava o trabalho de edição mesmo a sério.

- Como correu o trabalho? - perguntou ele, enquanto eu levava a mão à bolsa para tirar o meu caderno e as canetas.

- Como sempre, como sempre. E o teu, como correu?

- Lindamente. Só me confundiram com o outro tipo negro cinco vezes durante o dia de hoje. Acho que é um recorde pessoal. Daqui a uns anos, talvez se apercebam de que somos dois. - Abriu as mãos, com um encolher de ombros. - Resta-nos sonhar.

Sorri-lhe. Fazia-me rir tanto... a forma como enfrentava o mundo. A forma como não se comprometia com nenhuma das suas tretas.

- E quanto a... - Quanto à decisão que ele tinha vindo a adiar? Estava bloqueado. Assustado. Tinha vindo a explorar uma decisão séria que tinha de tomar através da sua bela escrita, por isso eu sabia que, por detrás da atitude despreocupada e do sorriso descontraído, Sidney estava a lutar consigo mesmo, com os seus demónios.

- Demasiado difícil hoje - disse ele. - Demasiado difícil toda a semana.

- Queres falar sobre isso?

- Agora não.

- Está bem, mas tens de lidar com isso.

- Eu sei, mana, eu sei. Então e tu?

- Eu o quê? - Subitamente, a grande brecha cheia de sujidade no azulejo da mesa parecia-me muito interessante. A coisa mais interessante à face da Terra.

Sidney pousou a caneta e recostou-se na cadeira.

- Continuas a ir para a cama com ele?

Senti um baque no estômago com a pergunta. O raio do Sidney, com a sua mania de se preocupar comigo.

- Pensarás menos de mim se eu disser que sim? - perguntei, baixinho.

- Não, é claro que não. Pelo menos obténs os teus *estímulos*, penso eu.

- Nem sequer é isso - disse eu. - Pensaria melhor de mim se fosse só isso. - Acima de tudo, era medo. Medo de que, se eu não dormisse com ele de vez em quando, ele comesse a pensar que me estava a perder, procurando depois a causa e fazendo mal a mais alguém. Sidney seria o principal suspeito, ainda que eu não tivesse falado a Heath sobre ele, mas havia também Samantha-Louise, e Cynthia, e Wendy no trabalho. E o dono daquele café, imagino. A minha família, não, penso eu, pois não eram elementos novos na minha vida e eram sempre encantadores com e em relação a ele, mas eu não sabia como Heath decidia essas coisas, quão profundamente refletia no assunto.

Tinha dito a Sidney que o meu companheiro - quase me enganara e dissera que Heath era meu marido - tinha ameaçado algumas pessoas que pensava que me iam afastar dele. Não lhe contara propriamente os pormenores porque eram demasiado horripilantes para partilhar com quem quer que fosse, mesmo com Sidney. Disse-lhe que o mais estranho era que ele não se importava que eu tivesse amigos, que fosse beber um copo ou sair, ou até que fosse de férias com outras pessoas. Não se importava que eu falasse com as pessoas, não me importunava se eu saísse sem ele, não aparecia nos locais onde sabia que eu ia estar

com outros. Nada desses comportamentos clássicos de abusador. Só quando pensava que a nossa relação estava ameaçada é que agia.

Assim, de vez em quando, quando Heath me tocava ou beijava, eu consentia no sexo, e tirava dele o máximo prazer que pudesse para que ele não suspeitasse que eu estava a fingir e se tornasse um perigo para as outras pessoas.

- Dá-me a tua mão - pediu Sidney.

Fiz o que ele me dizia, olhando-o nos olhos enquanto o fazia. As mãos de Sidney envolveram facilmente a minha, apesar de eu ter mãos grandes para a minha relativamente baixa estatura. Lentamente, de forma tranquilizadora, ele esfregou as mãos sobre a minha e segurou-me.

- Tens de o deixar - disse ele. Comecei a retirar a mão, mas ele recusou-se a soltá-la. - Estou a falar a sério, tens de o deixar. Não podes continuar a deixá-lo comer-te para o impedir de fazer mal...

- Não é isso que estou a fazer - protestei. - Não disse que ele tinha feito mal a alguém.

- Nem era preciso. Ninguém fica com tanto medo como tu a não ser que algo de grave tenha acontecido.

- Eu não estou com medo.

- Não, estás literalmente petrificada. Demasiado assustada para fazer seja o que for. Mas tens de o deixar, mana. Sai de Londres, deixa o teu emprego, se for preciso, mas tens de ir para bem longe dele. É perigoso. E não me agrada a ideia de ele te comer, por cima de tudo o resto.

- Não é assim - protestei novamente. E não estava apenas a falar por falar. Às vezes, não era uma questão de medo. Às vezes, era como se não tivesse descoberto a verdade sobre Heath. Às vezes, era como se a minha memória do que ele tinha feito se apagasse e tudo fosse normal entre nós.

Como tinha acontecido algumas noites antes, quando ele se fora deitar cerca de uma hora depois de mim e, após entrar na cama, me abraçara. A flutuar algures entre o sono e a consciência, eu não me tinha retesado imediatamente, gelando depois ao seu toque. Assim, uma vez que eu não ficara rígida, ele beijou-me na parte de trás do pescoço. Ao ver que eu não me retraía, beijou-me novamente o pescoço. Quando não protestei, desceu as mãos pelas calças xadrez do meu pijama e beijou-me no ombro. Ao ver que não era rejeitado, sussurrou um «Posso vir-me dentro de ti?», e eu disse que sim. Não me importara que ele me virasse lentamente de frente, me tirasse o pijama e me penetrasse. Gemia baixinho a cada estocada, a cada «amo-te tanto» que ele murmurava ao meu ouvido; e, ao atingir o orgasmo, enterrara o rosto no lençol frio que cobria o colchão para me impedir de fazer barulho. Sentira até um profundo prazer percorrer-me enquanto ele se vinha também. Não fora horrível. Nada daquilo tinha sido terrível ou agressivo. Nem sequer me parecia que o tivesse feito por estar assustada e querer mantê-lo do meu lado. Fora sexo normal entre duas pessoas que se amavam; sexo com o homem que amava.

- Na maior parte do tempo, as coisas estão bem - expliquei eu a Sidney. - Na maior parte do tempo, as coisas são perfeitamente normais.

- Isso é porque normalizaste a ideia de viver em terror. Normalizaste a ideia de estar constantemente hipervigilante e assustada.

Hipervigilante era o tipo de palavra que Heath usaria.

- Eu não estou...

- Tens de o deixar - disse Sidney, decidido. - E rapidamente. Quanto mais tempo viveres assim, mais difícil será veres a realidade, o que significa que acabarás por ficar, porque acharás que não é assim tão mau, ou por voltar depois de partires, pois lembrar-te-ás mal das coisas. Tens de o deixar.

- Então e tu e a tua situação? - perguntei-lhe eu, não querendo deixar que ele se safasse com aquilo se íamos mergulhar a fundo nas nossas situações.

- Não tentes desviar a conversa, mana. A minha situação não vai a lado nenhum. A tua é mais urgente.

- Ele jamais me magoaria. Jamais me poria um dedo em cima.

Estalando a língua, Sidney virou os seus grandes olhos castanhos para mim.

- Como se não soubesses que há mais formas de magoar alguém além de fisicamente - disse ele, desafiando-me. - Estudaste Psicologia! Sabes que há muitas maneiras de magoar uma pessoa.

Eu não disse nada.

- Tens de o deixar - insistiu Sidney, como se fosse a última palavra sobre o assunto.

E eu sabia que sim. Sabia que tinha de ir embora. Mas, tal como ele tinha dito, estava petrificada.

26

19 de agosto de 2022

Casa de Cleo e Wallace, fronteira Hove-Brighton

Fim da noite

*Entretenimento * Tendências*

Harry Andrews

Popular com #ADetetivedosBolos #LifeImitatesArt #metoo

Quando eu e Lola acabamos de jantar (comigo a obrigarme a enfiar o máximo de arroz e estufado possível pela goela para parecer que estou a comer) e nos preparamos para ir para a cama, a notícia do ataque a Harry Andrews já se espalhou por todas as redes sociais. Popular em montes de sítios.

Percorro os vários *feeds*, avançando de forma cada vez mais rápida, as palavras e imagens a saltarem-me à vista como os *flashes* de uma máquina fotográfica.

A primeira coisa que fiz ao ver o seu nome no separador dos destaques foi trancar a minha conta «Cleo Forsum». Quando consegui o meu primeiro contrato de publicação, reivindiquei o meu nome verdadeiro em todas as redes sociais, superando em seguida vários obstáculos para conseguir a verificação. Quer tivesse sucesso quer não, não queria ninguém a fazer-se passar por mim. Nessas contas, publicava informação sobre os livros, a série de televisão e pouco mais. Não queria interagir com ninguém, convidar pessoas para o meu mundo que pudessem desenterrar o

meu passado. Tenho também outra conta com o nome de Meliza Green e uns números, para conseguir aceder ao conteúdo «exclusivo para membros» desses *sites*.

A HoneyMay também trancou a sua conta verificada, tal como quase todos os funcionários. Não ter acesso a essas contas não mudou nada: as teorias loucas continuam a surgir, os *memes*, os testemunhos, o desenterrar de velhos artigos, de transgressões passadas. Grande parte deixa-me de fora e foca-se no próprio Andrews e na sua reputação. As pessoas ainda não se aperceberam de que ele quase foi morto da mesma maneira que num episódio de *A Detetive dos Bolos*. Quando isso acontecer, tudo será imprevisível.

Empanturro-me de artigos, publicações e vídeos a comentar – deslizando, deslizando, deslizando, clicando, clicando, clicando, devorando, devorando, devorando – como um porco na engorda, até ficar inchada e intumescida e absolutamente farta de Harry Andrews e do seu homicídio; da sua tentativa de homicídio.

Quando não aguento mais, quando me sinto prestes a vomitar a qualquer momento, atiro com o telemóvel para a cama e ele ressalta antes de aterrar virado para cima.

Porque estás a fazer isto?, quero gritar-lhe. Eu prometi e tu prometeste. Não precisavas de fazer isto.

Puxo os joelhos para o peito, abraço-os e encosto-lhes a testa.

O telemóvel, que continua a iluminar-se com notificações sobre Harry Andrews, apita com uma mensagem de texto. Efie, que vive nas redes sociais, terá certamente visto as notícias e dito a Adjua, que irá contar aos nossos pais.

Assim, não tardarão a ligar-me, a dizer-me para me desvincular do programa, para deixar de escrever aqueles livros sobre matar pessoas, pois só trazem problemas, para voltar para casa, onde estarei segura.

Pego no telemóvel para o desligar e a mensagem de texto chama-me a atenção. Não é de ninguém da minha família, é de um número não guardado. Mas conheço o número. Decorei-o para não precisar de o guardar. Para não correr o risco de alguém, sobretudo Wallace, o ver e fazer perguntas.

Furiosa e assustada, abro a mensagem e leio:

° Já tenho a tua atenção?

Norte de Londres, 2009

O tiquetaque do relógio no meu terrível e miserável café favorito estava a deixar-me ansiosa.

Não sabia por que razão conseguia ouvi-lo, uma vez que tinha a certeza de que há anos que o proprietário não mudava as pilhas do aparelho de mostrador branco e números pretos coberto de pó (os ponteiros mexiam-se, mas nunca continuamente, e raramente mostrava a hora certa). Mas conseguia ouvi-lo. Estava sentada à nossa mesa habitual – basicamente, podíamos sentar-nos onde quiséssemos, uma vez que quase ninguém vinha para ficar –, na minha cadeira habitual, de costas para a porta.

Estava à espera.

À espera.

Sidney estava atrasado.

Ele nunca se atrasava. Nunca. Havia várias coisas que tivera oportunidade de descobrir a seu respeito nos últimos meses da nossa amizade, e a pontualidade era uma delas. Tinha-me contado que os irmãos o arreliavam muitas vezes por causa disso, perguntando-se porque precisava ele de ser tão rígido, tão controlado.

- Diz muito mais sobre eles do que sobre ti - comentara eu, a rir. - Embora pareças ser um pouco rígido a esse respeito, de facto!

Sem ter de verificar se o proprietário do café miserável se importava, tirei um pacote de *Maltesers* do bolso, rasguei um canto e espremi uma brilhante esfera castanha. Larguei desoladamente um *Malteser* no café, com vontade que Trina estivesse ali para protestar, e me apontar o dedo, e dizer que o que eu estava a fazer era nojento. Parecia tudo tão simples quando andávamos na universidade - simples e fácil. Eu nem sequer me apercebera de que as coisas podiam ficar tão complicadas. Vi as pequenas poças de gordura do chocolate subirem ao topo da bebida.

Ouvi a porta do café abrir-se e quase desmaiei de alívio. Virei-me para a porta, para mostrar uma falsa carranca a Sidney por estar atrasado, pronta para me rir dele por não ser o Sr. Pontualidade Perfeita. O sorriso definhou e morreu na gavinha dos meus lábios e o coração parou de bater no meu peito.

Heath.

Não era Sidney.

Era Heath.

Virei-me na cadeira, de modo a ficar de novo voltada para a parede. Agora, o meu coração palpitava, cada batimento como um soco contra a minha caixa torácica. Não demorou muito tempo a que o meu marido puxasse a cadeira à minha frente – a cadeira de Sidney – e se sentasse.

Não podia ser a primeira a falar. Ele não devia estar ali, estava deslocado e talvez, se eu não falasse, ele não ficasse.

– Lamento, o teu amigo Sidney não vem – acabou ele por dizer. Como sempre, Heath falava baixinho, as palavras ponderadas, o seu tom razoável. Era isso que o tornava aterrador. A sua atitude racional, equilibrada. – Tem outros compromissos.

– O que lhe fizeste? – perguntei eu, depois de me preparar. Tinha esfaqueado Trina, paralisado Ivan. O que teria feito a Sidney?

– Eu não lhe fiz nada.

– Éramos amigos. Sempre fomos apenas amigos, mais nada. Só amigos.

– Eu sei – respondeu Heath. – É por isso que ainda respira. Se fosse algo mais, então... digamos só que não continuaria a respirar.

– Diz-me só o que lhe fizeste.

– Nada. Ele está ótimo... para já.

– O que lhe fizeste? – voltei a perguntar, com um terror crescente. Não podia suportar que outra pessoa fosse magoada por minha causa.

– Não lhe fiz nada. Digo que está ótimo para já porque...

– Olhou para o relógio. – Imagino que esteja agora mesmo a

passar pela primeira ronda de interrogatórios. Como se dará na cadeia ninguém sabe.

O terror, um terror puro e absoluto, atravessa-me como uma cascata.

- P-porque...?

- Porque foi preso? Não faço ideia. Só ouvi dizer que... oh, não vais querer saber.

Engoli em seco, cravando os dedos nas palmas das mãos para me firmar.

- Diz-me. Por favor, diz-me.

Os seus olhos verdes prenderam-me ao momento, mantendo-me firme.

- Ouvi dizer que foi homicídio. Que uma ex-namorada que o deixou tinha sido assassinada. Soube que a polícia recebeu uma denúncia anónima. Dizem que há bastantes provas contra ele.

- Não. Não acredito. O Sidney jamais magoaria alguém. Muito menos ma...

Parei de falar quando percebi o que Heath me estava a dizer.

- Muito menos?

- Muito menos matar. - Esperava estar enganada. Que Heath não estivesse a dizer o que eu pensava que estava. Que não tivesse sido capaz.

- Tens a certeza de que ele não faria mal a ninguém? - perguntou Heath. - Tens a certeza de que o Sidney não fez mal, digamos, a um homem que ama a mulher acima de tudo e que passou anos a tentar dar-lhe tudo o que ela alguma vez desejou? Que nunca quis mais nada além de

estar com ela. Desde o momento em que a conheceu, soube que ela era o seu destino, por isso esperou pacientemente por ela. Esperou que estivesse pronta. E, mesmo quando ela o deixou, esperou *novamente* que estivesse pronta, pois sabia, com absoluta certeza, que ela voltaria sempre para ele. Então e esse homem que sempre amou a mulher e nunca deixou de querer estar com ela? Não o terá o Sidney magoado ao tornar-se amigo da mulher desse homem e encorajá-la a deixá-lo? Não terá o Sidney feito isso?

Conseguia ouvir a minha respiração. Era incrivelmente alta. Conseguia sentir as lágrimas nas minhas faces, eram quentes e corriam lentamente. Conseguia sentir o tremor, abalava todo o meu ser.

- Por favor, diz-me que não o fizeste.

- Que não fiz o quê, Cleo? O que foi que eu não fiz?

- Não foi culpa dele.

- Foi de quem, então?

- Minha. Foi culpa minha. - Continuava a não conseguir respirar. O ar entrava acelerado e saía precipitadamente, sem que nada ficasse, nada permitisse ao meu peito relaxar. - Ele não fez nada.

- Tentou fazer com que me deixasses.

- Ele não fez isso.

- Fez, sim. Ele disse-me que sim.

- *Ele* disse-te?

Heath recostou-se na cadeira e, pela primeira vez em muito tempo, vi a raiva que sabia que fervilhava abaixo da sua superfície, plantada ali no seu rosto, nos seus olhos.

- Tive uma conversa com ele, de homem para homem. Queria que soubesse que tinhas um companheiro que te amava muito. Que não desistiria de ti sem dar luta. Ele disse-me que não tinha interesse romântico ou sexual em ti. Disse-me que eras como uma irmã para ele. - Os lábios de Heath torceram-se de raiva enquanto olhava furiosamente para o tampo da mesa. - Podia ter ficado por aí, mas não ficou. Disse-me... - O seu olhar estava novamente fixo em mim. - Disse-me que tinhas medo de mim e do que eu poderia fazer às pessoas que amavas. Disseste-lhe isso?

Abanei a cabeça.

- Disse que tinhas medo de mim. E que tinhas de me deixar. E que te ia ajudar a tornares-te suficientemente forte para me deixares. Imagina, disse-me isso assim. Mesmo na cara.

- Mataste realmente alguém para incriminar o Sidney e impedir que eu te deixasse? - perguntei. Era ridículo, agora que o tinha dito em voz alta. Ninguém faria tal coisa. Ninguém seria capaz de o fazer.

Olhei-o nos olhos.

- Mataste? - repeti.

- Eu não fiz nada. Ele, por outro lado... Todas as provas indicam que é um homem muito mau. Um assassino.

Não, Heath não podia ter feito aquilo a Sidney. Não podia. Simplesmente não podia. E era impossível que alguém que conhecesse Sidney achasse que ele o tinha feito. Impossível.

- Vou à polícia - disse-lhe eu. - Vou à polícia e vou contar a verdade sobre o Sidney.

- E vais dizer-lhes o quê, ao certo?

- Que tu o tramaste. Que foste tu que o fizeste.

- À vontade. Mas nem sabes quem foi assassinado ou como, ou se eu tenho um álibi para essa altura. Ou sequer quando foi. Não sabes nada sobre o assunto. Mas estás à vontade para ir à polícia. De certeza de que não se limitarão a descartar-te como uma maluquinha qualquer a tentar envolver-se numa investigação ao mesmo tempo que tenta arranjar sarilhos ao amante.

» E, claro, não tendo tu essas provas agora, se fosses à polícia, desconfio que, se a determinada altura encontrasses *realmente* provas de que o teu amigo Sidney era inocente, poderiam não acreditar em ti uma segunda vez. A história do Pedro e o Lobo e tal...

- Por favor, não faças isto ao Sidney. Ele não merece. Por favor. - Às vezes, negociar resulta. Às vezes, dá para sair de uma situação negociando, outras vezes, sabemos que implorar é o caminho. - Por favor, Heath. Por favor. Não faças isto.

E às vezes sabemos que nada irá resultar. As cartas estão jogadas, os dados estão lançados, a jogada está feita e nada a pode alterar.

Enquanto eu limpava uma cascata de lágrimas com os dedos trémulos, o meu marido abanou a cabeça.

- Já está feito, Cleo. Não poderia travar o avanço disto, mesmo que quisesse.

Tapei primeiro a boca, depois os olhos e finalmente o rosto inteiro enquanto o meu corpo balançava para trás e para a frente.

Não havia nada que eu pudesse fazer. Nada.
Pobre Sidney. Pobre, pobre Sidney.

19 de agosto de 2022

Casa de Cleo e Wallace, fronteira Hove-Brighton

Fim da noite

Lola sabe que a tia C não está a dormir. Consegue ouvi-la a andar de um lado para o outro no andar de cima. Devia ficar apavorada, a dormir sozinha ali em baixo quando o pai não está em casa, mas não ficava. Fá-la sentir-se crescida, não no sentido confuso de se ser Adulta, mas no de «tenho o meu próprio espaço e posso fazer com ele o que quiser».

Será assim quando finalmente sair de casa. Obviamente, a decoração será um pouco mais chique do que ali, não será antiquada. Terá os seus toques, o seu brilho, mas um espaço assim para conviver seria o ideal. Com cortinas de tecido *kente*, ainda assim. Não terá um sofá-cama como aquele, por mais confortável que seja, terá um grande sofá de canto, forrado com o tecido cinzento mais macio, como os das lojas de mobília cara por onde passa a caminho da escola. Terá um candeeiro de leitura cromado, postado como uma sentinela atrás do sofá, e terá montes de almofadas. *MONTES* de almofadas. Um agradável repousapés como o de tecido *kente* que a tia C tem na sala de estar erguer-se-á diante do seu sofá, com um grande tapete bege a cobrir a maior parte do chão. Será tão macio que os seus dedos dos pés desaparecerão nele. Nas paredes, terá as suas próprias obras de arte emolduradas, aquelas de que

gostar mais, não necessariamente as que parecerem melhor.

Lola tem planos para a sua própria casa e, nesse verão, tinha planeado perguntar ao pai se podia fazer algumas dessas mudanças no pequeno espaço que tinham em casa da tia C e do tio Wals. Mas isso fora antes de todos os Adultos começarem a ter crises ou sexo – ou as duas coisas.

Consegue ouvir a tia C a andar de um lado para o outro no andar de cima, o que não a surpreende. Lola tinha ido às redes sociais com a intenção de passar apenas alguns minutos antes de ir dormir a ver o que se dizia por lá, mas então vira as coisas sobre o homem que tinha sido assassinado – ou quase, ainda que muitas pessoas já o dessem como morto. Falavam na *Detetive dos Bolos*, falavam em como o homem era escumalha, e outros falavam ainda em como era um homem incrível.

Está a dar-lhe cabo da cabeça. Gostaria de enviar uma mensagem ao seu melhor amigo, mas a mãe dele era super severa e só o deixava usar o telemóvel para ir e voltar da escola. Agora, em vez disso, parte de si quer publicar algo nas redes sociais. Podia publicar um vídeo a olhar para a câmara com ar sabedor e sobrepor-lhe as palavras:

Quando a bófia fala com a tua tia sobre um homicídio que
anda nas bocas do mundo...

Como se alguma vez fosse capaz! Mas parece que há uma pressão no ar, a toda a sua volta. Precisa de fazer alguma coisa para se livrar dela. Será que devia *mesmo* ir

para junto da mãe? Ou enviar uma mensagem ao pai a dizer-lhe que estão a acontecer coisas más e que quer que ele volte? Talvez não devesse deixar que a sua imaginação se descontrolasse.

Lola atira os cobertores para trás, sai da cama e calça os chinelos. Veste o roupão cinzento que deixa para as visitas. Agarra no telemóvel para o utilizar como lanterna. Chega ao fundo das escadas e é então que se lembra do seu livro; tem de voltar atrás para o ir buscar, tal como a caixa dos óculos.

Tenta não fazer barulho enquanto sobe as escadas. Estava enganada quanto a dormir sozinha no apartamento. Começa a causar-lhe arrepios. A tia C disse-lhe que podia dormir no quarto ao lado do dela, mas Lola dissera logo «nem pensar, dá-me o meu espaço». Agora, é como viver no deserto. Está prestes a passar furtivamente pelo quarto da tia quando muda de ideias. Bate baixinho no espaço entre os painéis de madeira e espera. E espera.

Bate novamente, mais baixinho, não menos.

A porta abre-se e o rosto da tia C aparece na brecha.

- Estás bem? - pergunta ela, depois de pigarrear.

- Estou bem - responde Lola. - E tu, estás? Pareces tão triste. Queres um abraço?

Não espera por uma resposta, limita-se a empurrar a porta e a fechar os braços em torno da mulher mais velha. O corpo da tia C retesa-se e depois descontrai enquanto Lola se agarra a ela. Finalmente, os seus braços levantam-se e abraçam Lola.

- Obrigada - diz a tia C. - Obrigada por te importares.

Parte 6

Oeste de Londres, 2009

Entrei no apartamento, sabendo que Heath estaria no trabalho.

Tinha pedido o carro emprestado ao meu pai, porque era maior do que o meu, e tirado o dia de folga para ir buscar as minhas coisas. Ia levar o máximo que conseguisse agora – tudo o que não coubesse teria de ficar, pois eu não voltaria ali.

Não via Heath desde aquele dia no café. Ficara sentada a chorar, sentindo-me absolutamente impotente, completamente derrotada. Não sabia bem o que esperava que ele fizesse, mas o que ele fez foi ficar sentado a observar-me, dizendo de vez em quando que lamentava que as coisas tivessem chegado a esse ponto, e não me tentou impedir quando me levantei e saí. Desde então, dormia no sofá de Samantha-Louise e ignorava as suas mensagens, que eram sempre: «Amo-te. Por favor, fala comigo».

Agora, ia levar as minhas coisas e mudar-me para casa dos meus pais durante algum tempo. Claro que estavam contentes por eu voltar (outra vez), mas não podia expulsar os inquilinos do meu apartamento em Londres só porque a minha vida tinha corrido mal.

Depois de desativar o alarme, enfiei as chaves no bolso. O que tinha acontecido na esquadra no dia anterior continuava a rodopiar-me na cabeça como água num ralo

que nunca se esvaziava. Tinham tirado tempo à investigação para falar comigo, pensando obviamente que eu estava lá para lhes dar mais podres sobre Sidney. Quando lhes disse que ele não o tinha feito, os agentes – inspetores à paisana – trocaram olhares, contendo-se para não revirarem os olhos de frustração. Ainda assim, não me tinham mandado embora, sentaram-se e ouviram-me.

- Pode dar um álibi a Sidney Pryce para o momento do crime?

- Não sei quando isso foi, mas não o vejo há umas semanas, por isso, não, não lhe posso dar um álibi.

- Conhecia a vítima?

- Não.

- Alguma vez viu Sidney Pryce e a vítima juntos?

- Que eu saiba, não.

- O que está ao certo a fazer aqui, senhora Forsum?

- Sei que não foi ele. Não foi.

- Como sabe?

- Porque sei quem foi.

- Quem foi?

- Hã... hã...

- Não temos o dia todo, senhora Forsum.

- Foi o meu companheiro. Ele... não gostava que o Sidney fosse meu amigo, por isso...

- Não gostava que fossem amigos e por isso matou uma mulher?

- Sim.

- Tem alguma prova disso?

- Ele disse-me.

- Ele disse-lhe.

- Sim.

- O seu companheiro, que não gostava que fosse amiga de um homem, disse-lhe que matou alguém para poder incriminar esse homem, o que a impediria de ser amiga dele?

- Sei o que parece, mas não estou a mentir. Não estou a inventar isto. Sei que foi ele. Já fez coisas deste género antes.

- Já matou alguém antes?

- Não, ele... já fez mal a pessoas. Esfaqueou a minha amiga e espancou o meu antigo chefe.

- E também foi ele que lhe contou isso, foi?

- Não propriamente. Encontrei...

- Encontrou...

- Têm de acreditar em mim. O Sidney não fez isto. Não seria capaz. Simplesmente não seria.

- Obrigado por ter vindo, senhora Forsum, teremos em conta aquilo que nos disse.

Parei junto ao armário do corredor para tirar alguns dos meus sacos de viagem e dirigi-me ao quarto principal para começar pelas minhas roupas. Tinha demasiada roupa e não me podia dar ao luxo de a levar toda, por isso tinha de ser implacável. E tinha de ser rápida, pois não fazia ideia de quando Heath iria regressar. Não o queria ver. Nunca mais.

Comecei pela roupa interior, esvaziando a gaveta e enfiando as peças maioritariamente pretas de algodão,

nylon e renda no saco de viagem mais próximo. Normalmente dobrá-las-ia, mas não havia tempo. Em seguida, abri o meu roupeiro, comecei a tirar braçadas de roupa em cabides e larguei-as em cima da cama. Esvaziei as gavetas do fundo do roupeiro das minhas meias, *collants* e outros artigos que tinha enfiado lá dentro por não terem lugar em mais lado nenhum.

Do cimo dos roupeiros, tirei mais sacos de viagem, entrando depois no guarda-roupa entre a cama e a janela para tirar um par de malas. Movimentava-me a toda a velocidade, pois precisava mesmo de sair dali.

O meu corpo parou bruscamente e a respiração ficou-me presa no peito quando, ao sair do guarda-roupa, me deparei com Heath encostado à ombreira da porta, de braços cruzados sobre o tórax. De repente, a raiva, o medo, o pavor, a mágoa, o desgosto, a tristeza, o terror, raiva, raiva e mais *raiva* explodiram dentro de mim como um vulcão a entrar em erupção.

Fingindo que ele não estava lá, dirigi-me às roupas em cima da cama e comecei a tirar as peças dos cabides, dobrando-as ligeiramente antes de as enfiar numa das malas.

- Sei que estás chateada - começou Heath.

Estava a ficar rapidamente sem espaço na mala, pois não estava a dobrar como devia ser e tinha muitas camisolas. Talvez devesse metê-las simplesmente em sacos do lixo, enfiá-las no carro à volta de tudo o resto. Será que devia deixar a outra mala para os meus livros e cadernos e outras coisas? Tinha tanta tralha. Um apartamento cheio,

uma vida inteira de tralha – demasiada para me permitir uma fuga rápida.

– Sei que estás chateada – repetiu ele. – Mas, por favor, fala comigo antes de fazeres isto. Antes de deitares fora a nossa vida juntos.

Quase resultou. Quase conseguiu fazer com que eu falasse com ele. Mas resisti, continuei a fazer as malas, pois precisava de sair dali sem ser novamente sugada para a sua órbita.

– Desculpa – pediu ele, baixinho. – Não era suposto ser assim. Só preciso que fales comigo.

Deixei cair o vestido preto que tinha nas mãos.

– Mataste uma pessoa, Heath! Mataste uma pessoa! Acabaste-lhe com a vida! Porque tinhas ciúmes. Não por estares assustado ou temeres pela tua vida, não por acidente. Fizeste-o de propósito. *Assassinaste* alguém. *ASSASSINASTE* alguém! – Ainda me horrorizava sabê-lo. Cada parte de mim vibrava dolorosamente com esse conhecimento. – E depois arranjaste maneira de outra pessoa ir para a prisão pelo teu crime. E nunca ninguém acreditará em mim se eu tentar dizer a verdade. De que devo eu supostamente falar contigo? O que há para dizer?

– Fi-lo por nós, Cleo. Por ti.

– Não te atrevas. Não te atrevas a tentar atirar-me com as culpas disto para cima! Não te atrevas a fazer de mim parte disto! Isto é obra tua! É TUDO obra tua! – Comecei novamente a fazer as malas, acelerando porque tinha de sair dali. E depressa.

- NADA DISTO TERIA ACONTECIDO SE NÃO ME TIVESSES TRAÍDO! - gritou ele de repente.

Fez-me parar novamente, fez-me olhar para ele. Estava vestido para ir trabalhar, com as suas calças de sarja azul-marinho e camisa branca. Na última semana, tinha cortado o cabelo, mas não dormira - conseguia perceber pela palidez das suas feições, pela sombra escura debaixo dos olhos. Ótimo. Nunca mais devia conseguir dormir, porque eu com toda a certeza não o faria.

- Eu *nunca* te traí.

- Ias ter um encontro com outro quando estavas comigo.

- Não, Heath, um tipo convidou-me para sair e eu recusei. Há anos.

- Mas não foi só isso, pois não? Se não me tivesses traído, nunca nos teríamos separado e nada disto teria acontecido.

- Eu nunca te traí.

- Disseste que tinhas beijado alguém, mas...

- EU NUNCA TE TRAÍ!

- TRAÍSTE, SIM! Quando eu fui para a Austrália.

- Não estávamos juntos nessa altura. Acabaste comigo especificamente para poderes ir de férias e fazeres o que quisesses, para foderes com quem quisesses. Foi o que tu me disseste!

- Sabias que eu estava comprometido contigo. Sabias que estava totalmente apaixonado por ti. Acabei contigo para ver se sentias o suficiente por mim para te manteres fiel. E quem diria, não sentias.

- Quaisquer que tenham sido as tuas razões, foste tu que acabaste comigo e o causaste. Não posso acreditar que estás a usar um beijo para justificar tudo isto.

Heath entrou no quarto, desaparecida a sua atitude contrita, desvanecida na sua raiva.

- Mas não foi só um beijo, pois não, Cleo? Não foi só um beijo com um homem qualquer no bar, não é verdade? Foi muito mais. Satisfez-te várias vezes com a boca, deu-te múltiplos orgasmos.

Parei, franzindo o rosto de confusão. Como sabia? Como *podia* ele saber? Eu nunca lhe tinha dito. Nunca tinha contado a ninguém.

- Como sabes disso?

- Ele contou-me. O *Ethan*. - Cuspiu o nome como algo repugnante que tivesse estado a mastigar. - Contou-me como te fazia contorcer e choramingar de prazer de cada vez que te deitavas na sua cama. Como lhe agarravas na cabeça, como eras ruidosa ao vires-te, como nunca te fartavas. Insaciável, disse ele.

Dei um passo atrás, em choque.

- Como soubeste quem ele era?

- Encontrei-o. Falei com todos os tipos naquela universidade até o encontrar.

- Fizeste o *quê*?

- Sabia que me estavas a mentir ao dizer que tinha sido só um beijo. Por isso investiguei. Continuei a ir àquele bar, falei com todos os homens possíveis até que o encontrei. E estava mais do que disposto a contar-me tudo. Quer dizer, Cleo, vá lá, não podias ter arranjado alguém mais discreto?

Não poupou nenhum pormenor. Contou-me TUDO! Como praticamente lhe imploraste para se enfiar dentro de ti daquela terceira vez. Como ficavas pateticamente grata por ele deixar que o masturbasses e como adoravas que ele se viesse na tua barriga. Como estavas tão desesperada por que ele te penetrasse que terias feito qualquer coisa por ele. Ele contou-me. *TUDO. Cada. Pormenor.*

O meu coração começou a acelerar, a boca subitamente seca. Heath era um verdadeiro psicopata. Como não o tinha visto antes? Como não me tinha apercebido de que o era antes de ele assassinar alguém? Antes de partir a espinha a um homem... Antes de esfaquear a minha amiga... Como podia não ter reparado? *Ele sempre tinha sido assim.*

- O que lhe fizeste? Ao Ethan? - perguntei eu, baixinho.

- Nada que ele não merecesse.

Fechei os olhos e respirei fundo várias vezes.

- O que fizeste?

- Dei-lhe só uma pequena tarefa. Lembrei-lhe que não devia falar assim sobre as mulheres. Era nojenta a maneira como falava sobre ti. Não devia tê-lo feito.

- *Tu perguntaste-lhe.*

- Não devia tê-lo feito. Deve ter ficado bem ao fim de alguns dias.

Subitamente, a minha mente voltou-se para o homem que me tinha convidado para sair. Era DJ e frequentava regularmente o bar onde eu trabalhava. De repente, deixara de falar comigo, apesar de ter aceitado sem problemas a minha rejeição, começara a fingir que não me

via se eu tentasse falar com ele. Evitava estar perto de mim.

- Fizeste... Nem acredito que tenho de perguntar isto, mas fizeste o mesmo ao sujeito que me convidou para sair? Perguntaste por ele até o encontrares e depois espancaste-o?

- Não lhe toquei. Falei com ele de homem para homem. Expliquei-lhe que tinhas namorado. Ele reagiu bem. Por isso é que tive de falar com o «Ethan». Para descobrir a verdade sobre o que tinhas feito com ele.

Ao contrário do que eu pensava, Heath não tinha começado com o esfaqueamento de Trina. Não, começara por ameaçar um homem, depois agredira outro, depois esfaqueara uma amiga e partira a espinha a um indivíduo. Incrementos. Avançara por incrementos pela via do homicídio. Cada passo tornara o seguinte mais fácil. Cada movimento nessa via fizera com que o homicídio se tornasse possível. E eu não tinha visto. Não tinha visto nada.

Pensava que conseguia mantê-lo sob controlo. Pensava que, ao manter-me por perto, agindo como se ainda fôssemos um casal a sério, o conseguia impedir de fazer mais alguma coisa. Mas isso estava fora do meu alcance. Agora percebia isso. Heath estava descontrolado. Sempre estivera. Podia mantê-lo escondido durante longos períodos, sobretudo quando eu não fazia nada que na sua cabeça ameaçasse o equilíbrio da nossa relação, mas iríamos sempre acabar assim.

O homem que eu amava sempre tinha andado a percorrer a via do homicídio – só não me tinha apercebido de que era uma questão de «quando» e não de «se».

– Não posso falar mais contigo – disse eu, em voz baixa.
– Tenho de acabar de fazer as malas e tenho de ir embora. Não posso falar mais contigo.

– Não vás – pediu ele, baixinho, já não o monstro enfurecido. Agora, era o Heath normal. – Vamos sentar-nos e conversar. Podemos resolver as coisas. Por favor, não me deixes.

Perigoso. Tudo o que tinha lido me dizia que deixar alguém assim, ainda que não tão extremo como Heath, era um momento perigoso. E o ato físico efetivo de sair era o mais perigoso de todos os momentos. Ele dizia sempre que nunca me magoaria. Mas queria eu realmente pôr isso à prova?

– Heath – disse eu calmamente –, preciso de algum tempo para pensar em tudo isto. Mataste uma pessoa. Preciso de tempo para processar isso.

– Eu posso ajudar-te. Podemos falar sobre isso. Podemos resolver as coisas. – Parecia desesperado, o que o tornaria ainda mais perigoso.

– Não, preciso de tempo a sós. Vou só passar uns tempos a casa dos meus pais, não vou viver sozinha. Preciso apenas de algum espaço.

– Não quero que vás – disse ele, baixando a cabeça e cruzando novamente os braços sobre o peito. – Espaço significa que nos vamos separar.

- Nada disso. Significa que preciso de resolver as coisas na minha cabeça antes de decidir o que fazer. Se estiveres sempre por perto, isso acabará por me afastar.

- Fico fora o tempo que precisares. Não me aproximo de ti, mas não vás.

- Se não for agora, nunca ficarei contigo - afirmei eu, como se isso fosse uma opção, como se alguma vez pudesse ficar.

- Está bem - acabou ele por ceder.

- Agora preciso de fazer as malas. Podes dar-me um pouco de espaço para o fazer? Por favor...

- Sinto que precisamos de...

- Por favor, Heath, só preciso de algum espaço para fazer as malas. Podemos falar quando eu estiver instalada em casa dos meus pais, está bem?

Mais uma vez, ele acedeu.

- Está bem. Vais voltar para mim - acrescentou, antes de sair do quarto. - Sei que vais. - Novamente aquelas palavras. Tinham-me perturbado da primeira vez que as ouvira, dez anos antes, mas agora abriam todo um novo abismo de horror dentro de mim.

Nunca mais queria voltar para ele.

Nunca.

20 de agosto de 2022

Casa de Cleo e Wallace, fronteira Hove-Brighton

Manhã

Trina a chamar...

Surge no meu telemóvel. Tal como Wallace referiu na semana passada, há já algumas semanas que Trina tem vindo a ligar e a enviar mensagens e *e-mails*.

Vai contra tudo o que há em mim evitar as suas chamadas, mas não posso falar com ela. Apesar do que disse a Wallace, não posso. É a minha melhor amiga e seria praticamente impossível falar com ela neste momento e não lhe dizer que o vou deixar. E, tal como as coisas estão, fiz bem em esconder-lhe os meus outros planos até agora. Sei o que dirá se lhe contar sequer a mais ínfima parte do que ando a fazer – sei que perceberá tudo. Saberá que tudo isto tem que ver com Heath.

O telefone continua a tocar, e eu continuo a olhar fixamente para o rosto associado ao seu nome e número no meu telemóvel. Olha para a câmara com uma expressão maliciosa, mas quase sorridente, como se lhe estivesse a recordar o segredo que partilham. Enviou-me a fotografia para usar como sua imagem de contacto, a dizer: «*Senti-me super gira, acho que devias olhar para isto de cada vez que falarmos.*»

Apesar de falarmos, em regra, umas três ou quatro vezes por semana ao longo dos anos, ainda não lhe contei o que Heath lhe fez. Não posso. Iria aterrorizá-la, e provavelmente fazer com que nunca mais se voltasse a sentir segura e a confiar em ninguém – incluindo nas pessoas mais próximas. Também tenho a certeza de que, se ela alguma vez descobrisse e depois se apercebesse de que eu sabia, mas o tinha guardado para mim, seria o fim da nossa amizade. Não lhe posso dizer. Como? Como posso eu dizer-lhe que, por minha causa, Heath a mandou para o hospital? Que, dois dias depois, se sentou nesse mesmo hospital a conversar com ela como se nada se passasse? Como posso dizer-lhe isso sem que ela perca a cabeça?

«Como está o Heath?», tinha-me Trina perguntado cerca de um ano após o início do feliz festival de amor entre mim e ele. Aparentemente, ligara só para perguntar, uma vez que eu não tinha contado grande coisa sobre Heath nas nossas outras chamadas. Uma vez convidada a fazê-lo, não tivera dificuldade em falar efusivamente sobre a apaixonada bolha em que estávamos a viver. «Bem, acho que vos tinha dito para se resolverem», respondera ela. «E foi o que fizeram.»

Anos depois, quando lhe enviei uma mensagem para lhe dar o meu novo número e morada após a nossa separação, Trina ligou-me de imediato, mas não fui capaz de atender. Não podia falar com ela e explicar o que acontecera, pois teria de lhe dizer que ele a tinha esfaqueado e não conseguia sequer formar essas palavras. Em vez disso, enviei-lhe uma mensagem a dizer que nos tínhamos

separado de forma irreversível e que não conseguia falar sobre isso naquele momento. Como uma boa melhor amiga, ela aceitou a minha palavra e não voltou a perguntar por ele.

Quando lhe contei que andava com Wallace, ela perguntou hesitantemente por Heath, ao que respondi que não tinha tido notícias dele e mudámos de assunto. Esperava que Trina perguntasse novamente por ele quando lhe anunciei que ia casar, mas não o fez. Não sabia muito bem porquê, mas tinham passado anos desde a nossa separação, pelo que presumi que fosse porque supostamente todos devíamos ter seguido em frente.

O telemóvel continua a dizer-me que uma das pessoas que mais amo no mundo quer falar comigo. E eu quero atender-lhe o telefone, a sério que sim, mas há demasiadas outras coisas a acontecer neste momento. Se parar para falar com Trina, se me der ao luxo de revelar tudo, acabarei bloqueada e assustada, em vez de apenas assustada.

Deixo o telemóvel tocar e a chamada ir para a caixa de correio.

Terei de falar com ela, um dia. Mas agora não.

Agora não.

Centro de Londres, 2011

Quase me tinha esquecido de como ele era na vida real. Quase.

O Heath que assombrava os meus sonhos, que tantas vezes via na rua, em restaurantes ou nos transportes

públicos, era o que tinha visto pela última vez no seu apartamento da zona oeste de Londres. O Heath diante de mim tinha envelhecido. Tal como eu, entretanto. Deixara de atender as suas chamadas a partir do início do julgamento de Sidney, seis meses após a sua detenção, e claro que não o tinha visto. De vez em quando, enviava-me mensagens, só a perguntar como estava, a lembrar-me de que estava ali se eu precisasse de falar. Dizendo-me, muitas vezes, que era acima de tudo meu amigo, pelo que, se eu precisasse dele, estaria lá.

O Heath com quem estava sentada tinha cortado o cabelo louro-acastanhado muito curto, praticamente rapado dos lados. O seu rosto estava ligeiramente mais anguloso, os seus olhos verdes brilhantes e intensos, como habitual, mas com manchas cinzentas por baixo. A sua geralmente saudável pele rosada estava pálida, e tinha perdido peso. Teria parecido normal – bem, até –, se não o tivesse conhecido antes. Trazia a aliança na mão, reparei enquanto me sentava. Nunca tínhamos usado as nossas alianças no dedo, apenas em correntes à volta do pescoço. Eu tinha guardado a minha e o anel de noivado num dos sacos de viagem que tinha usado para a mudança e não voltara a olhar para eles desde então. Provavelmente, ele estaria a usar a sua para marcar posição.

– Por esta altura, pensava que já seria imune a ti. Longe da vista, longe do coração, e tal, sabes? – Solto uma risadinha silenciosa. – Não tive essa sorte.

Conseguí esboçar um sorriso. Queria algo dele, por isso não podia agir como queria.

- Não sei bem o que responder a isso - repliquei, a coisa mais neutra que me veio à cabeça.

- Desculpa, não queria deixar-te desconfortável.

- Não deixaste. Só não sabia muito bem o que dizer. Nunca me tinha separado de ninguém. Quer dizer, tinha, mas essa pessoa também eras tu, por isso... não sei bem como reagir às coisas que dizes.

Heath aquiesceu, focando-se de novo na mesa.

- Estamos separados, então? Não é só uma pausa.

- Quem faz uma pausa de quase 18 meses num relacionamento sério? - repliquei. Já estava tudo a correr mal e eu ainda nem sequer tinha tentado.

Ele fez surgir aquele seu sorrisinho sardónico. Costumava achar que era um sorriso meio sexy, giro. Agora, sabia que antecedia a sua decisão de fazer mal a alguém. Contemplá-lo assustava e arrepiava cada parte do meu ser.

- Se estamos separados, presumo que andes a sair com outra pessoa... - constatou ele, baixinho.

- Presumes mal. Não há ninguém. Nem sequer novos amigos. Agora sou *freelancer*, por isso vou trabalhar e volto para casa. Vejo os meus pais de seis em seis semanas, mais ou menos. Às vezes, vou visitar a minha irmã mais velha e a família, outras, vou sair com a minha irmã mais nova. Nada mais. Já nem sequer vou ao curso de escrita. Não há mais ninguém.

- Não queria que fosse assim, Cleo - disse ele, baixinho, a voz carregada de genuíno arrependimento. - Não queria

que encolhesses o teu mundo. Sei o quanto adoras pessoas e estar perto delas. Não queria que ficasses sem ninguém.

Que mais posso eu fazer?, queria eu perguntar-lhe. *De que outra forma posso lidar com a culpa pelo Sidney, com o medo por todos os outros?*

- Não tenho ninguém. A minha vida é a minha vida. - Encolhi os ombros. - É diferente de antes, só isso.

- Cleo, podes olhar para mim um bocadinho? - Parecia tão sincero que eu ganhei coragem, fixei o olhar na sua direção e acabei por conseguir obrigar os meus olhos a fitarem diretamente o seu rosto.

Os nossos olhares cruzaram-se através do espaço.

Era essa a grande questão em tudo aquilo. Mesmo sabendo o que sabia, mesmo tendo provas irrefutáveis, não dava para perceber que ele era um assassino.

Não parecia um assassino.

Não tinha olhos mortos nem olhos que fossem poças gémeas de um vazio maligno; não dava para olhar para eles e ver que ele não tinha alma.

O meu marido era um psicopata, um assassino, e não dava para perceber só de olhar para ele.

Ele suspirou.

- Tive saudades tuas. E não o digo apenas num sentido grandioso. Refiro-me às pequenas coisas do quotidiano, como ouvir-te resmungar por eu não ter limpado bem a mesa da cozinha, ou ir para a cama e ela estar quente porque tu estavas lá.

Olhei-o fixamente, com a nossa vida inteira - as patéticas, os risos, o sexo, a amizade, a união - a passar-me

pela cabeça. Tínhamo-nos divertido imenso juntos, tínhamos a melhor das relações e, durante todo esse tempo, ele tinha sido um monstro.

- Tens saudades minhas? - perguntou Heath, ao ver que eu não caía no fosso das recordações com ele. - Sentiste a minha falta?

Em resposta, reclinei-me na cadeira e olhei fixamente para as mãos. Tinha aprendido a lição. Não lhe podia dar nenhuma esperança, a não ser que tencionasse voltar para ele.

- Vou interpretar isso como um não. Porque querias encontrar-te comigo, Cleo?

- Quero pedir-te uma coisa.

- Pede à vontade - replicou Heath, apesar de estar visivelmente desanimado.

- Por favor, pensa bem quando eu te pedir. Pensa só um pouco antes de me dares a tua resposta. E eu dar-te-ei tudo o que quiseres em troca.

- Tudo? Ai, sim?

- Sim. Tudo.

- Intrigante. Como disse, pede à vontade.

Respirei fundo, enchendo-me de coragem. E então pedi. Encontrei palavras para lhe pedir a única coisa que queria acima de tudo.

Ele ouviu-me. E refletiu. Não por muito tempo, mas refletiu. Depois, disse que sim. E, antes mesmo de dizer as palavras, já eu sabia o que ele ia pedir em troca.

20 de agosto de 2022

Casa de Cleo e Wallace, fronteira Hove-Brighton
Manhã

Desde a mensagem de texto, dei-me conta de que ninguém à minha volta está seguro. Julgava que tínhamos um acordo, uma promessa, mas é evidente que não. Está a apertar o cerco. A dar-me uma oportunidade de fazer o que prometi antes que ele venha atrás dos que me são próximos.

Isso leva-me a pôr o orgulho de lado, bem como a minha preocupação de que as pessoas possam falar, e a ligar para o número do escritório de Wallace. Muitas vezes, estão abertos ao fim de semana, sobretudo se tiverem uma grande campanha em curso. Tenho de saber que ele está seguro, que está algures onde o possa contactar, se for necessário. E não é como se eu fosse anunciar o nosso divórcio ao telefone. Estava hesitante porque sabia que iria haver arqueares de sobrancelhas, e lábios torcidos, e trocas de olhares por eu lhe ligar para o escritório em vez de para o telemóvel. Já será suficientemente difícil para ele em breve, quando descobrirem que está prestes a ficar solteiro. Conheço umas quantas pessoas que ficariam felizes por saber que ele está de volta ao mercado. Mas, tal como com muitas coisas, ao que parece, não gosto de pensar nisso. Marco o número geral do escritório e fico aliviada quando alguém atende. Peço para falar com ele e,

quando ele atende o telefone e diz «Estou» naquela sua voz ligeiramente rouca, fecho os olhos. Mantenho-os fechados enquanto espero que ele diga novamente «Estou?», para poder sentir a palavra mover-se dos seus lábios através do telefone e difundir-se para mim, antes de desligar. Ele está bem. Não lhe aconteceu nada, nada lhe está a acontecer, consigo perceber pela sua voz. A maior ameaça à sua felicidade e bem-estar é eu separar-me dele sem uma explicação decente.

Suspeito que ele ainda não acredita que vou seguir em frente com isto. Suspeito que pensa - provavelmente com razão - que, uma vez que não consigo dar-lhe uma explicação a sério, estou apenas a ter um «momento» e voltarei atrás com tudo. Tenho estado vacilante. Consigo admitir isso a mim mesma. Tenho andado a arrastar-me, sobretudo com a parte do divórcio. Demorei semanas a dizer-lhe. E ainda mais tempo a arranjar um advogado de divórcio.

Por isso é que a minha atenção precisava de ser «chamada», que a minha mente precisava de ser focada.

Os jornais da manhã estão cheios de artigos sobre Harry Andrews. O seu brilhantismo, a sua queda, a reabilitação que lhe permitiu erguer-se das cinzas incólume. Não vi referências ao homicídio de Jeff Burrfield. Obviamente, não é suficientemente relevante para chegar às páginas dos jornais nacionais, o que me leva a crer que era provavelmente um homem razoavelmente simpático que praticava algum bem, que tinha uma vida razoável. Não incomodava ninguém e, em circunstâncias normais,

ninguém o teria incomodado a ele, se eu não o tivesse escolhido numa pesquisa *online* por advogados de divórcio.

Jeff Burrfield estaria hoje vivo se não tivesse decidido aceitar o meu processo de divórcio, o que me deixa desmesuradamente triste. Pobre Jeff Burrfield. Não merecia isto. De maneira nenhuma.

Quase enviei uma mensagem a Gail, a Amy, a Anouk e a Clarissa para saber como estão a lidar com o facto de um colega ter sido atacado de forma tão pública, e com a atenção que agora recai sobre a HoneyMay, mas achei melhor não o fazer. Se as quero ajudar, tenho de acabar os guiões, para que todos possam superar a etapa em que grande parte do foco está em mim.

Envio uma mensagem a Franklyn, para lhe perguntar quando poderá voltar para casa, e percebo que foi mesmo para Portugal, tal como Lola disse. Pergunto-lhe se estará fora por uma ou duas semanas e ele pergunta se Lola está bem. Quando lhe confirmo que está ótima e pergunto novamente quando poderá regressar, ele responde «Em breve» e depois deixa de responder. Valerie tinha mesmo uma paciência de santa.

Não o quero fazer, mas tenho de ligar a Valerie. Tenho de tomar providências para tirar Lola daqui. Não quero que nada lhe aconteça, sobretudo por minha causa.

- Não posso falar agora, Cleo - diz a sua voz lacrimosa, ao atender ao fim de três toques.

- Está bem - respondo eu, baixinho.

Deve ter ouvido o tremor de preocupação nessas duas palavras, pois pergunta:

- A Lola está bem?

Sei que Valerie está a passar pelo pior momento possível, que está a perder lentamente uma das pessoas que mais ama neste mundo, o que significa que a sua vida nunca mais será igual, mas não quero Lola aqui. Não quero que algo lhe aconteça.

Tenho de dizer isso a Valerie - ou alguma versão disso.

Não consigo. Parece tão desfeita, tão perturbada. Não posso aumentar as suas preocupações.

- Sim, sim. Está ótima. Disse-lhe que ia falar contigo para ver como estavas. Tem saudades tuas. E preocupa-se.

- É uma boa menina - diz Valerie. - Tenho saudades dela, mas não a quero aqui para ver a minha avó definhar e a minha mãe feita num caco. Lembro-me de estar perto de adultos que estavam a passar por algo deste género quando tinha a mesma idade e deu cabo de mim, sabes?

- Imagino.

- Sei que não tenho falado contigo nem com o Wallace desde a separação, mas sei que cuidas bem da Lola e fico grata. Sobretudo numa altura destas.

- Não há problema. E é o Franklyn que trata da maioria das coisas. Eu e o Wallace só estamos aqui como apoio. Ainda que, se disseses isso alguém, eu jure por tudo que sou só eu, claro.

Ela ri-se um pouco, um som desolado e lacrimoso.

- Obrigada.

- Vai ficar tudo bem, Valerie. Neste momento não parece, mas vai ficar tudo bem. Não serás a mesma depois, mas nenhum de nós fica igual. Podemos tentar, podemos

fingir que o fazemos, podemos até tentar mudar a realidade, mas a vida e o tempo mudam-nos. E, no fim de tudo, estamos bem. Vais ficar bem. Mas lamento que tenhas de passar por isto para lá chegar.

Ela funga e eu consigo ouvi-la a prender o telefone entre o queixo e o ombro para poder pegar num lenço de papel e assoar o nariz.

- A vida é difícil, às vezes - observa. - Sempre que me esqueço disso, parece que aparece algo para me lembrar. - Assoa novamente o nariz. Funga. - Olha, tenho de ir. Dá um abraço meu à Lola.

- Assim farei. Até breve.

É ela a primeira a desligar. E eu deixo-me ficar sentada, com o telemóvel ao ouvido.

- Na verdade, Valerie, acho que é melhor eu levar a tua filha para junto de ti, porque o meu ex é um psicopata e pode tentar fazer-lhe mal para me atingir - digo, baixinho, para o telefone.

Não parece assim *tão* estapafúrdio quando o digo em voz alta. Pensando bem, não parece. Pensando bem, parece absolutamente delirante.

Tenho de ter Lola sempre comigo. É a única maneira de saber que está segura.

Pouso o telefone na secretária, sem sequer me sentir tentada a abrir os documentos em que preciso de trabalhar.

Como está ele a fazer isto? É isso que não me sai da cabeça. Como conseguiu o meu passe, os meus brincos? Andará a seguir-me? Deve andar, para saber quem era Jeff Burrfield. Mas para chegar à minha bolsa, tirar essas

coisas... Na verdade, ainda não verifiquei se falta mais alguma coisa. Mas como saberia? Se conseguiu o meu passe e os meus brincos, como posso eu saber se não há uma caneta com as minhas impressões digitais desaparecida? E quanto às faturas aleatórias que vivem no fundo da minha bolsa até à altura de tratar do IVA e dos impostos? E se ele tiver alguma?

Mas a minha bolsa não esteve fora da minha vista durante mais do que o tempo necessário para ir à casa de banho na HoneyMay. Poderia ele ter-se esgueirado lá para dentro e roubado coisas nessa altura? Mas precisaria de um passe. Seja como for, a polícia disse que eu usei o meu passe para ir à casa de banho.

Deve ter sido na rua. Estava completamente desorientada depois de ter ido ter com Jeff Burrfield. Sempre a parar e a olhar para todo o lado. Distraía-me constantemente, mesmo no meio da rua. Muitas pessoas roçavam por mim ao passar, colidiam comigo ao tentarem prosseguir com as suas vidas. Deve ter sido num desses choques que os meus pertences foram roubados.

Continuo a não entender porquê, ainda assim.

Fazia tudo parte do plano. Estou a ir o mais rápido que posso. Pensava que ele entendia isso. Porque haveria de fazer isto?

Ontem à noite, respondi à mensagem de texto com um:

- Por favor, não faças isto. Estou a ir o mais rápido que posso.

Mas não obtive resposta.

Não sei bem o que fazer. Abandonar simplesmente a minha vida, deixar as coisas inacabadas? Mas eu quero resolvê-las. Acabar as coisas com o meu trabalho, falar com as pessoas que estiveram tanto tempo na minha vida, fazer com que a minha família compreenda. Essa demora é um perigo, ainda assim. Gera oportunidades para que as pessoas se magoem. Atrai a violência para cada vez mais perto de mim. Não serei magoada dessa forma, nunca sou; são todos os que me rodeiam que sofrem as consequências.

Talvez devesse simplesmente ir à polícia e confessar. Tudo. Dizer-lhes tudo o que aconteceu, incluindo uma confissão sobre o meu outro marido.

Parte 7

Estabelecimento Prisional de Holcomb, arredores de Londres, 2011

A espera para entrar na zona de visitas parecia-me sempre demasiado longa.

Demasiado longa, demasiado pesada. A atmosfera era tensa, efervescente, quase explosiva com a energia de quem estava no limbo. Não sabia como os outros que ali estavam conseguiam, mas eu sentia-me sempre como se estivesse em contagem decrescente até lá chegar. Só me era permitida uma visita a cada 15 dias e, apesar de lhe escrever nos intervalos, só conseguia relaxar verdadeiramente quando o via. Quando ele entrava pela porta e eu sabia que tinha 60 minutos em que estava seguro, à vista e comigo.

Já não era a pessoa que eu outrora conhecera. Movia-se com uma vaga familiaridade, pois ficara diminuído desde que ali tinha chegado para primeiro aguardar julgamento e agora cumprir a pena. Tinha perdido peso, o seu corpo musculado emagrecera; tinha o rosto descarnado, sobretudo agora que tinha rapado a cabeça, e o sorriso fácil que tinha sempre para mim e para o mundo tinha-o abandonado. Sorria, mas não era a mesma coisa. E eu não conseguia suportar. Nunca conseguira. Firmava o rosto para me poder sentar à sua frente, enxotava as lágrimas, esperava até chegar ao carro para desabar. Ir ali era uma

das coisas mais difíceis que eu tinha de fazer; viver ali devia ser impossível.

Enquanto Sidney se baixava para a cadeira à minha frente, fiz as minhas verificações habituais. *Rosto: parece ter sido espancado, ter estado envolvido numa luta, parece que esteve a chorar, que dormiu? Mãos: tem a pele gretada de lutar, as unhas irregulares de roer ou esgaravatar; tem os pulsos tapados porque estão ligados? Pernas e pés: anda com cuidado porque tem dores, retrai-se quando as calças lhe tocam nas pernas porque esteve novamente a automutilar-se? Tronco: perdeu mais peso por não comer, começou novamente a ganhar músculo, está dorido de se envolver em lutas?*

Parecia estar bem. Caminhava normalmente, não parecia ter dores, tinha o rosto limpo, tal como os nós dos dedos.

- Passei? - perguntou ele.

- Passaste em quê? - repliquei eu, sabendo perfeitamente o que ele queria dizer.

- Na inspeção. Passei nas tuas verificações para saberes que não ando a levar uma tarefa nem a dar cabo de ninguém? Estou aprovado?

Fiz um estalido com a língua e lancei-lhe um olhar de soslaio.

- Dá-me a tua mão - pediu ele.

Relaxe, senti que todo o meu corpo se distendia ao senti-lo tomar a minha mão entre as suas. O calor do seu toque espalhou-se através de mim e os nossos olhares encontraram-se no espaço. Tinha algo para lhe dizer, algo

que mudaria tudo. Mas ele estava agarrado a mim e eu a ele, por isso deixei que nos agarrássemos um pouco mais a essa proximidade e à simples e acalentadora alegria de estarmos juntos.

- Ele disse que, se eu voltar para ele, dará à polícia as provas para te libertar - anunciei.

As mãos de Sidney apertaram-se imediatamente em torno das minhas.

- Não. - Mais nada, nem mais uma palavra. Era taxativo e claro apenas com essa.

- Tenho de o fazer - aleguei. - Não suporto que passes nem mais um minuto aqui dentro. Está a matar-te, e está a matar-me a mim ver que te está a matar.

- Não.

- Não é assim tão mau, sabes? Ele ama-me. Nunca me magoaria. Posso voltar e ele tira-te daqui. E sei que cumprirá a sua palavra porque ele é assim.

- Não.

- Vai correr tudo bem. Vou ficar bem. Neste momento, estou apenas a marcar passo. Não posso fazer nada, porque... porque haveria eu de poder fazer alguma coisa quando tu estás aqui dentro? Porque haveria eu de ter uma vida quando a tua está a ser consumida um dia de cada vez numa prisão de alta segurança? Não posso fazer nada. Estou enalhada. E se tu estiveres livre, poderei seguir em frente.

- Não.

- Terei uma boa vida com ele. Como te digo, ele ama-me. Nunca me obrigará a nada.

- Já disse que não, Cleo - replicou ele bruscamente, com firmeza. - Não vais voltar para ele.

- A questão, Sidney, é que vou. Não me podes impedir. Tenho de o fazer. Só te estou a dizer porque não me voltarás a ver. Não queria simplesmente deixar de aparecer um dia. Mas tu estarás livre, podes recomeçar a tua vida, e eu posso livrar-me desta culpa.

- Não passei por tudo isto para tu voltares para ele, Cleo.

- É por estares a passar por isto que tenho de o fazer. - Apertei-lhe mais a mão, pus a minha outra mão por cima. - Tenho de o fazer. - Tinha pensado e pensado e era a única maneira. Não podia continuar a viver com o enorme nó de culpa que me bloqueava o corpo inteiro. Tinha de fazer tudo o que pudesse para o tirar dali. Já bastavam os quase dois anos daquilo. Tivera esperanças, durante as primeiras fases, nos seis meses anteriores ao julgamento, de que descobrissem que ele era inocente e o libertassem. Durante o julgamento, rezara para que os jurados vissem que ele era inocente e o libertassem. E agora, passado mais de um ano, sem hipóteses de recurso porque não havia provas novas ou convincentes... - Tenho de o fazer. Quero-te seguro. Quero-te livre. Não me podes impedir.

- És minha irmã, Cleo. Faria tudo por ti. Cumpriria pena por ti. Não voltes para ele.

- Tenho de o fazer.

- Pronto, pronto. Não te precipites. Volta para a próxima visita e voltaremos a conversar.

- Não vou mudar de ideias, sabes?

- Oh, eu sei. Conheço a teimosia da Cleo. - Sorriu, quase como costumava fazer antes de ser preso. - Volta para a próxima visita. Despede-te como deve ser. Não pode ser só isto. - Abanou a cabeça. - Não, não pode ser só isto. Preciso de tempo para me preparar. Está bem? Está bem?

- Sidney...

- Está bem?

- Muito bem, volto daqui a 15 dias. Mas não penses que me vais impedir adiando as despedidas. Vou fazê-lo.

- Oh, eu sei que vais, mana. - Soltou uma risadinha. - Sei como tu és: ninguém te manda fazer nada. - Riu-se. - Em relação a nada. - Riu-se um pouco mais. - Nunca - acrescentou, a imitar a minha voz, com o sotaque no ponto e tudo. Os seus ombros começaram a sacudir-se enquanto ria um pouco mais. - Nunca. Nunca. *Nunca*.

- Sim, está bem, engraçadinho.

- Nunca - continuou ele, entre risos, ainda a imitar a minha voz. - *Nunca*.

Foi o último «nunca» que o provocou - desatei também a rir, lembrando que havia uma altura em que costumávamos fazer isso. Soltávamos risinhos e gargalhadas por nada de especial, porque era isso que as pessoas faziam, era disso que a vida era feita. Nem tudo tinha de ser pesado e difícil; às vezes, podíamos rir só porque sim.

- Olha para ti, a rir e tudo - disse Sidney, a imitar a minha voz.

- Também te estavas a rir - contrapus.

Ele aquiesceu e sorriu-me.

- Volta da próxima vez, está bem? Não faças nada até à próxima... Por mim?

Suspirei de frustração ante a facilidade que ele tinha em manipular-me.

- Está bem.

Alta, intrusiva, *insolente*, a campainha tocou, indicando que estava na hora de eu ir embora. E o pânico disparou dentro de mim. Odiava esta parte. Odiava-a tanto. Odiava deixá-lo. Odiava não saber o que se passaria com ele até à vez seguinte.

- Tem cuidado, está bem? - pedi freneticamente. - Mantém-te longe das pessoas problemáticas. Mantém-te o mais reservado possível. Tem cuidado. Toma conta de ti. - As lágrimas subiam-me aos olhos, às superfícies gretadas dos meus sentimentos, às orlas esfarrapadas das minhas emoções. - Tem cuidado. Já falta pouco. Por favor, tem cuidado.

- Eu estou bem, mana. Vai lá e vemo-nos da próxima vez, está bem? Vemo-nos da próxima vez.

Cerrei os dentes com força, puxei os lábios para dentro para me impedir de chorar. Sentia-me como se aquela fosse a última vez que o via. Sentia-me como se tivesse esperado demasiado para resolver aquilo. Como se já devesse ter voltado para Heath e tê-lo tirado dali há muito tempo.

Estabelecimento Prisional de Holcomb, arredores de Londres, 2011

Atrasada.

Estava *atrasada* ao chegar ao Estabelecimento Prisional de Holcomb – o meu carro, que sempre fora o veículo mais bem-comportado que eu alguma vez tivera, decidira dar problemas logo de manhã; o trânsito, que nunca tinha sido um problema, apareceu do nada para congestionar a minha saída da cidade; a fila para a revista parecia prolongar-se eternamente e a revista propriamente dita demorou outra eternidade. Tudo parecia estar contra mim. Quando cheguei à sala, estava alguns minutos atrasada – e perturbada por serem alguns minutos com Sidney que jamais recuperaria. Sobretudo porque era a última vez que o iria ver.

Estava devastada da última vez que saíra dali. Devastada e aterrorizada. Pensava que nunca mais o voltaria a ver. Temia que algo lhe acontecesse antes de eu ter oportunidade de corrigir as coisas.

Sentei-me à nossa mesa habitual, alvoroçada, e por alguns segundos nem reparei que Sidney já estava lá, em vez de estar na cela à espera de que eu chegasse.

– Cá está ela, a menina Pontualidade – gracejou Sidney.

– Oh, não, desculpa. Hoje tudo conspirava contra mim! A última vez que te vejo e estou atrasada. Desculpa.

– Não peças desculpa, não é preciso. Sei que posso contar contigo.

Fiz as minhas verificações habituais e ele parecia bem. Parecia muito bem, na verdade. O meu coração alegrou-se – estava a tomar a decisão certa. Sabia que ia sair dali em breve, por isso estava melhor. O conhecimento da liberdade

vindoura tinha-o revitalizado. Imagine-se quão relaxado, feliz e satisfeito pareceria quando saísse dali.

- Cleo... - começou ele, e o meu recém-animado coração abateu-se, caindo como uma rocha largada num grande e profundo lago, sem deixar qualquer rasto após a ondulação inicial. Estava prestes a dizer-me algo horrível. - Cleo, vou ser despachado. Transferido. Algures para norte. Não será tão fácil para ti vires visitar-me tantas vezes.

- Bem, não, isso não pode acontecer. Vais sair daqui em breve, por isso não faz sentido transferirem-te. Vou falar com eles. Dizer-lhes que, em breve, haverá algumas provas novas e convincentes, pelo que obviamente o teu processo de recurso será acelerado. Têm de saber, para te manterem aqui até seres libertado. É só disso que se trata.

- Olha, C... para! Não é sobre isso que preciso de falar contigo.

Não podia acreditar no que estava a acontecer. Não era justo. Nada daquilo era justo, mas principalmente aquela decisão.

- Preciso que faças algo por mim - disse ele.

- Vou fazer, vou...

- Ouve, C, está bem? Ouve só. Preciso que cuides da minha família por mim.

- O quê?

- Quando for despachado, não me poderão visitar tantas vezes, se é que me poderão visitar, sequer. Vai ser duro para eles. Vai ser duro para todos eles. Preciso que cuides deles. Que os vás visitar. Animá-los. Fazê-los felizes.

- Mas não será necessário, porque...

- Não te vou deixar voltar para ele, C. Simplesmente não vai acontecer. Se tentares sequer fazê-lo, confesso o crime. Sei o suficiente sobre o caso, já estou cá dentro. Se voltares para ele, garanto-te que confesso e nunca mais saio daqui.

- Mas...

- É a única maneira. Não te vou deixar voltar para essa vida. Mas peço-te que faças isto por mim. Posso cumprir todos os anos do mundo se souber que estás a tomar conta da minha família. Sobretudo do meu irmão Wallace, sabes? É ele quem mais tem sofrido com isto. Só preciso que tomes conta dele. Deles. De todos eles.

- Não é justo que me peças isso. Posso tirar-te daqui. Podes ser tu a cuidar deles.

- Não, C... - Sidney parou de falar quando alguém chegou à nossa mesa. Presumindo que era um guarda, que me vinha dizer para baixar o tom porque estava a ficar agitada, ignorei-o. Até que a pessoa se sentou. Indignada, virei-me para a cadeira e fiquei surpreendida ao encontrar não um guarda, mas um homem bem-parecido cujo aspeto era inquietantemente semelhante ao do outro homem bem-parecido do outro lado da mesa. Vestia umas calças de ganga escuras, uma camisa branca de colarinho aberto e um casaco preto, tinha o cabelo curto, a parte ligeiramente mais longa no topo arranjada como ondas na água. Segurava dois pequenos copos beges cheios de chá morno (morno para não poder ser utilizado como arma). Confuso, entregou um dos copos a Sidney antes de se concentrar em mim.

- Olá - disse ele simplesmente.

- Muito bem, Wals, esta é a Cleo. Ainda agora te estava a falar nela.

Wals, ou Wallace, ergueu o queixo num gesto de saudação.

- Cleo, este é o meu irmão Wallace. - Retribuí o cumprimento e não disse mais nada. O irmão! Tinha visto o seu nome na Lista de Visitantes ao recebê-la no correio na semana anterior, e ficara *stressada* com a ideia de o conhecer. Tudo isso tinha ficado esquecido ao chegar ali atrasada e depois com a transferência de Sidney.

- Eu conheço-a - disse subitamente Wallace, apontando-me o dedo. - Estava no julgamento. Todos os dias. Sentava-se sozinha. A chorar muito. Então é a Cleo Forsum que aparecia na Lista de Visitantes?

- Sim - murmurei eu, envergonhada por ele me ter visto num estado tão vulnerável, e mais envergonhada ainda por não me ter levantado de um salto e gritado incessantemente que Sidney era inocente até as pessoas me darem ouvidos.

- Já te tinha falado nela, não já? É uma velha amiga. A minha irmã mais nova - explicou Sidney, com um rasgo de orgulho. - É a irmã que nunca tive.

A cabeça de Wallace rodou de repente para fulminar o irmão com o olhar.

- Estás a falar de quê, pá? Tens dois irmãos. Eu sou um deles.

- Sim, bem, estava sempre a tentar trocar-vos por uma alternativa melhor. Pergunta à vossa mãe, ela dir-te-á como me saí com a ideia de pôr anúncios na última página do

jornal local para vos mandar aos dois para bons lares. Tinha tudo preparado quando liguei para lá e descobri que cobravam à palavra para publicar os anúncios. A vossa mãe recusou-se a dar-me o dinheiro, por isso tivemos de ficar convosco.

- Estás a falar de quê? - repetiu Wallace. Tinha o rosto franzido de forma enternecedoramente irritada.

- Pergunta à vossa mãe, ela diz-te - insistiu Sidney. - Passava a vida a pedir-lhe o dinheiro. Quando tive idade suficiente para ir distribuir jornais para o pagar, tinha mudado de ideias e decidido que não havia problema em ficarem convosco.

- Isso é cruel, pá. É... cruel.

Esbocei um sorriso incrédulo.

- É *mesmo* cruel - comentei, a rir.

- Estás para aí a falar porquê? Disse que eras a irmã que eu teria escolhido se pudesse.

Wallace enfiou os lábios para dentro para se impedir de rir. Sidney estava a mobilizar o seu superpoder de atrair as pessoas com humor para depois fazer com que se abrissem ou fizessem o que ele queria. Era por isso que não conseguia imaginar como teria sido quando ele e Heath estiveram a conversar.

- Queria que vocês se conhecessem - disse Sidney, subitamente sério. - Como acabo de vos dizer, vou ser despachado. Preciso que tomem conta da família. Sei que o facto de eu estar aqui causou demasiado *stress* a todos, por isso preciso que resolvam isso. Confio nos dois para o fazerem. Cuidem da família. Cuidem um do outro.

Como podia eu estar com a sua família, sabendo que eles tinham sido retirados por minha causa? Como explicaria eu quem era à sua desolada e traumatizada família?

Wallace parecia tão ambivalente como eu ante esta perspectiva. E ele conhecia os envolvidos. Um silêncio desconfortável varreu-nos a todos, nem eu nem Wallace dispostos a assumir esse compromisso. Eu ainda estava convencida de que conseguia tirar Sidney da prisão, de que não haveria necessidade de que nada daquilo acontecesse.

O rosto de Sidney estava sulcado por rugas que o faziam parecer muito mais velho do que os seus 37 anos – quando o conhecera, custara-me a acreditar que tivesse mais de 30, mas agora parecia suficientemente velho para ser meu tio. Tinham começado a surgir-lhe manchas secas e gretadas de eczema nas faces, e estava com ar de quem nunca dormia.

– Vão ajudar-me ou não? – perguntou ele. – Não posso confiar em mais ninguém para isto. Só em vocês.

– Não é assim tão simples, Sides – protestou Wallace. – O que posso eu fazer para tomar conta da família que não tenha tentado nos últimos dois anos? Estão todos destroçados. Isto desfê-los. Não há como resolver isso enquanto estiveres aqui dentro.

– Não me venhas com essa conversa. Apesar de tudo, apesar de seres o miúdo mais baixo do teu ano, quem foi que representou a escola naquele torneio de matemática e deu uma cabazada a todos os que lá estavam? Apesar de seres o miúdo mais baixo do teu ano, quem conseguiu uma bolsa para Oxford e Cambridge? Quem foi promovido mais

vezes do que ninguém naquele sítio onde trabalhavas? E isso a partir de um estágio! E tu... - Era a mim que se dirigia agora. - Quem continua a ser uma das *freelancers* mais procuradas do mundo das revistas? Quem foi rejeitada por todos os agentes literários do país e, mesmo assim, voltou a levantar-se, escreveu outro livro e agora tem uma agente interessada? E isso apesar de tudo o que se tem passado contigo!

Abriu as mãos e eu dei-me conta de que as minhas verificações não tinham sido suficientemente meticulosas - os nós dos dedos da sua mão direita estavam inchados, ligeiramente intumescidos. Tinha estado envolvido numa luta e tinha batido em alguém. Ou a pressão tornara-se demasiada e tinha batido numa parede para libertar a dor. Fosse como fosse, tinha de o tirar dali.

- Oiçam, vocês os dois são capazes de tudo, sabem disso. Wals, apoia-te na Cleo. Ela vai ajudar-te. É uma boa miúda. Vai ajudar-te.

Vou? E como vou eu fazer isso?

- Saberás o que fazer - disse ele, lendo-me os pensamentos. - Podes conduzi-lo na direção certa. O que lhes dizer. O que os pôr a fazer. Não estou a dizer para ires lá a casa nem nada do género, mas ajuda o Wals. Vai precisar de alguém com quem falar depois de tentar animar a família. E tu sabes sempre como fazer com que as pessoas se sintam melhor. Sê simplesmente amiga dele. Está lá para ele como estiveste para mim.

Estar lá para eles como tínhamos tentado estar um para o outro, queria ele dizer. Apoiávamo-nos um no outro,

tínhamos tentado ajudar-nos mutuamente, e deu no que deu. A sua vida destruída. A vida da sua família destruída.

Tenho de fazer isto.

Se ele não me ia deixar tirá-lo dali ao voltar para Heath, era a única coisa que podia fazer. Podia ajudar o irmão a ajudar a família. Podia tentar aliviar indiretamente a sua dor. Podia fazer o que Sidney quisesse. Era o mínimo.

- Está bem - disse eu a Sidney, com um aceno de entendimento que indicava também que não ia voltar para Heath. Pelo menos por enquanto. Ajudaria a sua família e depois logo veria em que ponto estavam as coisas. - Está bem.

O seu sorriso, cheio de alegria e gratidão, de alívio e felicidade, bastou para fazer o irmão recuar. Olhou para o irmão mais velho durante longos segundos, apercebendo-se subitamente do que aquilo significava para ele. De como era importante que o fizéssemos; de que Sidney precisava que o substituíssemos de todas as formas possíveis.

- Está bem - assentiu Wallace, relutante. - Está bem. Faço tudo o que quiseres e precisares que eu faça. É claro que sim, mano, é claro que sim.

Sul de Londres, 2011

- Acho que devias vir conhecer a minha família. Como deve ser.

Wallace e eu tínhamos trocado números à saída da prisão da última vez que tínhamos visto Sidney, e falávamos bastante ao telefone. Ele queria encontrar-se comigo, mas eu não podia correr esse risco. Não tinha a certeza se Heath não estaria ainda a vigiar-me; por via das dúvidas, tinha mudado as fechaduras do meu apartamento duas vezes desde a nossa separação, e depois uma terceira só para dar sorte. Mudara de número de telefone, tinha comprado novos aparelhos para a linha fixa e, além de um novo dispositivo móvel, comprara todo o *software* antiespionagem que tinha conseguido arranjar para o meu computador. De certeza que lhe tinha bastado seguir-me para descobrir Sidney, mas não podia ter a certeza, pelo que tornara a minha vida o mais difícil possível de espiar. Encontrar-me com Wallace num sítio público, recebê-lo no meu apartamento ou ir à sua casa em Brighton eram opções impossíveis. O telefone era a forma mais segura de comunicar, tanto quanto eu conseguia perceber.

- Não é boa ideia - disse-lhe eu. Estava deitada de costas no meu quarto, onde me tinha ido deitar após a última chamada que recebera.

Ainda estava em choque com aquela chamada.

- Olha, Cleo, não me parece bem que, com tudo o que tens vindo a fazer, os meus pais nem sequer saibam que tu existes.

- Não estou a fazê-lo sozinha, tu estás comigo.

A maioria das nossas conversas eram pragmáticas, para fazer planos. Tínhamos trocado ideias sobre o que podíamos fazer e estávamos a rever a logística toda. Tínhamos uma lista e estávamos a percorrê-la.

- Se vais investir dinheiro nisto, deviam ao menos conhecer-te.

A verdade era que eu queria conhecê-los. Queria abraçar a mãe dele e dizer-lhe o quanto lamentava. Queria abraçar o pai e dizer-lhe o mesmo. Queria pegar-lhes nas mãos e agradecer-lhes por terem criado um filho tão atencioso. Queria falar com a cunhada de Sidney, para quem todos na família tinham muito tempo. Queria brincar com a sua sobrinha, ver se tinha o mesmo amor voraz por livros, *Lego* e culinária que as minhas sobrinhas. Queria postar-me entre Wallace e Franklyn e ver qual dos dois se parecia mais com uma cópia barata de Sidney. A verdade era que adoraria ver a família Pryce de perto. Mas também era verdade que não podia estar no meio deles sem admitir quem eu era.

E quem era eu?

Era uma mulher que cumpria a sua penitência tentando reparar a família que tinha ajudado a destruir.

- És tu que estás a entrar com a maioria do valor; eu estou só a contribuir com algum dinheiro e tempo.

- Andavas a foder com o meu irmão? – perguntou ele, de repente.

- Não. Não. Ele disse-te, somos como irmãos.

- Pois, o Sidney tem sempre muita coisa a acontecer. Raramente me conta tudo. Não sabia muito bem qual era a tua situação, porque estás tão empenhada em ajudar.

- Ele pediu-me. Estava lá quando eu precisei: tenho de fazer o mesmo por ele.

Wallace manteve-se calado durante algum tempo e, no silêncio, pareceu-me que conseguia ouvi-lo pensar, tentar perceber as coisas.

- Eles vão gostar de ti. Vem conhecê-los.

- Apareço simplesmente e digo o quê, ao certo?

- Que és minha namorada. Podemos dizer-lhes que conheces o Sidney, mas dizemos que estás comigo. Isso dar-te-á algum tipo de estatuto.

- Não sei, parece-me só uma forma muito complicada de me convidares para sair.

- Não, não! Porque haverias de pensar isso? Não me estou a fazer a ti. Achas? – balbuciou Wallace, e eu desatei a rir.

Era bom fazê-lo, era incrível. O som tinha-se tornado tão estranho para mim, algo muito distante da minha vida. Quanto mais ria, mais me parecia que tinha faíscas a dançar no peito.

- Estou a brincar contigo – expliquei, sem fôlego.

Ouvi-o sorrir ao telefone e lembrei-me da forma deliciosa como os seus lábios grossos se moviam, da expressão

sonhadora com que os seus olhos me fitavam, de como a sua voz me conseguia fazer sentir que flutuava.

- Tens de os conhecer - disse ele. - É o que o Sides queria. Se vieres como minha namorada, podes escapulir-te quando quiseres e podemos dizer que nos separámos. Se vieres como amiga e depois desapareceres, isso irá magoá-los.

Numa coisa ele estava certo: era o que Sidney queria.

- Está bem. Convenceste-me. Irei conhecer a tua família um dia destes.

- Ótimo - disse ele. - Teremos de nos encontrar primeiro, sabes disso, não sabes?

- Porquê?

- Porque as pessoas não são estúpidas, a *minha* gente não é estúpida. Linguagem corporal. Conseguirão perceber que não estamos juntos se nos mexermos como se nunca tivéssemos estado sozinhos no mesmo espaço.

- Tens razão. Podemos encontrar-nos. - A perspetiva empolgou-me e, por um momento, senti-me feliz, até que o ceptro de Heath se materializou e projetou o seu palor sobre a ideia. - Um dia destes.

- Tenho algumas brochuras. Podemos dar uma olhadela e começar a fazer reservas.

- Sim, boa. Enfim, olha, tenho de ir. - Tinha de me afastar do telefone antes que começasse a ter pensamentos estúpidos.

- Claro. Vamos falando.

Larguei o telemóvel ao meu lado na cama e pus-me a olhar para o teto. Sentira vontade de lhe dizer. Bem, se

estivéssemos no passado, a minha primeira escolha teria sido Sidney, e Heath a segunda. Mas Wallace teria sido a minha escolha para a realidade em que vivia. Antes de Wallace me ligar, a minha nova agente, Antonia, tinha estado comigo ao telefone. Tinha vendido o meu livro.

Uma editora tinha lido a minha história de uma criadora de bolos que estava constantemente a tropeçar em crimes por vezes macabros e, de alguma forma, conseguia resolvê-los, e tinha adorado. E não só tinha adorado – porque, sinceramente, as editoras pareciam ser muito liberais com o seu amor por algo, mas muito cautelosas quanto ao seguimento – como queria publicá-la.

Tal como estava.

Era essa a grande questão deste contrato de edição. Queriam o meu livro tal como ele estava.

Já tínhamos falhado por pouco algumas vezes, porque o acordo vinha sempre com sugestões «úteis» para pequenos retoques, como mudar a protagonista para uma mulher branca, introduzir um chefe ou colega branco que acabava por desvendar o mistério, explorar «a experiência negra» com um brilhante novo enredo secundário em que o racismo se tornava um edificante «momento de aprendizagem» para a pessoa branca ou mesmo fazer simplesmente da protagonista uma «verdadeira» mulher negra, aspergindo-a com doses generosas de «atrevimento». (Mal podia esperar para contar isso a Trina!)

Nada disso com estes editores. Tinham lido a minha história. Gostavam da minha história. Queriam publicar a

minha história.

Tinha ido para o quarto deitar-me porque não sabia se as minhas pernas me susteriam. Não parecia real. Tinha finalmente conseguido.

Olhei para o postal de Brighton que tinha colado ao teto. Tinha-o comprado quando andava no sexto ano e tinha ido a Brighton para uma manifestação. Ficara pasmada ao ver a água tão perto da cidade e decidira que queria lá viver um dia. Mas depois viera a universidade, e a seguir o mestrado, e depois o trabalho, e Heath, e Sidney. E nada de Brighton.

Ao voltar para o meu apartamento após ter deixado Heath desta vez, tinha colado o postal ao teto para me lembrar todas as manhãs do sonho de Brighton. Tinha a praia de seixos, duas espreguiçadeiras voltadas para a água, o Palace Pier em pano de fundo. Estava desgastado e rasgado nas pontas, as cores vibrantes tinham desbotado, mas olhar para ele despertava sempre uma sensação no meu interior. Um anseio. Um desejo de estar junto ao mar.

Com este contrato de publicação, podia mudar-me para Brighton. Teria de vender o apartamento, e não apenas de o arrendar, mas, se o fizesse, podia arranjar um sítio para viver em Brighton *E* continuar a ajudar a família de Sidney.

As faíscas no meu peito recomeçaram, mas desta vez também no estômago.

Se me mudasse para Brighton, seria um enorme passo para superar Heath.

Podia reinventar-me. Podia deixar tudo isso para trás. Bem, não por completo, pois continuaria envolvida com os

Pryce, mas estaria ainda mais longe de Heath. E isso... isso seria incrível.

Antes disso, porém, ia simplesmente deitar-me nesta cama e desfrutar do facto de estar prestes a tornar-me uma autora publicada.

Leste de Londres, 2012

- De quem foi mesmo esta ideia de decorar a sala de estar dos teus pais?

- Basicamente tua - respondeu Wallace.

A mobília dos pais dele - coberta por lençóis de juta bege - tinha sido empurrada para o meio da sala. Tínhamos estendido jornais no chão, retirado os ornamentos para o corredor e montado a mesa de colagem, além de dispormos todos os pincéis, o x-ato e o nível. Ainda nem tínhamos aberto a cola para papel de parede para a começarmos a misturar e já nos parecia que tínhamos trabalhado o dia inteiro.

- Acho que provavelmente me referia a pagar a alguém para o fazer. Colar papel de parede é uma das tarefas mais ingratas do mundo. Devíamos pagar a alguém para fazer isto.

- Já pagámos para a minha família ir passar um mês ao Togo, tens mesmo dinheiro para um decorador?

Tínhamos demorado seis meses a executar o nosso plano para levantar o ânimo da sua família. Durante anos, Sidney tinha vindo a reforçar discretamente os rendimentos dos pais, pagando quaisquer extras, mas eles recusavam-se a aceitar dinheiro de Wallace ou de Franklyn, pelo que tínhamos estado a tentar decidir o que fazer para os ajudar. Quando escrevi a Sidney a dizer que tínhamos optado por

os enviar numa visita de um mês aos seus familiares no Togo para lhes podermos decorar a casa, ele ficou contente e disse que sabia que podia contar connosco para cuidar da família. E o alívio palpável através das suas palavras na página também me fez sentir melhor.

Os Pryce continuavam a achar que eu era namorada de Wallace, e após a frieza inicial da mãe dele – que me odiava profundamente – tinham começado a aceitar-me. Valerie disse-me que a mãe deles era assim com toda a gente e que já era desde antes dos «problemas» de Sidney, como toda a gente lhes chamava.

– Não lhe ligue – disse-me ela. – Vai habituar-se a ti. Acho que está um pouco... O Wallace nunca tinha trazido uma rapariga a casa. Acho que pensou que seria ele a não lhe trazer o *stress* de outra mulher. Por isso não lhe ligue.

Apesar das minhas preocupações quanto a envolver-me com alguém, Heath tinha mantido a distância e era bom ir visitar os Pryce, sair de vez em quando para ir beber um copo com Valerie, falar com o pai de Wallace sobre política e palavras cruzadas. Estar com eles, fazer coisas que lhes facilitavam a vida, também diminuía a minha culpa. E cada coisa boa que lhes acontecia deixava Sidney feliz, o que era, em última instância, o objetivo de tudo isto para mim.

Wallace também estava mais feliz. Ria-se, dizia piadas e não parecia tão reprimido. Uma noite, enquanto me levava a casa, disse-me que era a primeira vez na sua vida adulta que não se importava de passar tempo com a família. Não discutiam tanto, descontraíam um pouco mais – ainda que,

obviamente, não estivessem curados. Nada podia substituir Sidney, mas as coisas eram mais fáceis para eles.

- Volto a perguntar: tens dinheiro para um decorador? - interrogou Wallace.

- Não, não tenho dinheiro para um decorador.

- Bem, então tens tempo de decoradora.

- Mas não tenho energia para decorar - lamentei-me. - Não aguento mais. - Levei as costas da mão à testa e desfaleci. - Simplesmente não aguento.

Wallace correu para junto de mim e agarrou-me nos ombros.

- Recompõe-te, mulher! - ordenou. - Tens trabalho para fazer!

- Não sei se consigo, senhor, não sei se consigo - respondi, ainda desfalecida.

- Consegues, pois, caramba! Não te treinei tanto e durante tanto tempo para desistires agora. - Num só movimento, tomou-me nos braços e abraçou-me. - Tu consegues.

- Não consigo!

- Sim! Sim! Eu sei que consegues.

- Obrigada, senhor, obrigada.

Há quatro meses que Wallace era o meu falso namorado diante da família Pryce e era a primeira vez que me tocava enquanto estávamos sozinhos. Diante dos outros, pegava-me na mão, esfregava-me o ombro ou sentava-se perto de mim no sofá, mas sozinhos nunca. Sozinhos, era como se fôssemos completamente indiferentes um ao outro.

Agora, comigo nos braços, Wallace não me parecia indiferente, e também não se parecia importar de me abraçar. Não parecia importar-se de me olhar fixamente, absorvendo o meu rosto com os seus grandes olhos castanhos, as suas feições suavizando-se num olhar afetuoso à medida que me fitava. Mal me apercebi de como ele estreitava ligeiramente o abraço, puxando o meu corpo para mais perto do seu.

- És tão bonito - disse-lhe eu, pondo as minhas mãos no seu peito.

- Não é suposto essa ser a minha deixa? - gracejou ele.

- Não, quem vai ao mar perde o lugar, companheiro.

- Vou lembrar-me disso - disse ele, a sorrir para mim. - Sem dúvida que me vou lembrar disso.

Quando os nossos lábios se juntaram, foi a coisa mais natural de sempre. As nossas bocas moveram-se em sintonia, os nossos corpos encontraram um espaço juntos e beijámo-nos como se já o fizéssemos desde o início dos tempos.

Brighton, 2014

Abri os olhos, que me pareciam pesados e pegajosos, e voltei imediatamente a fechá-los com força. Do outro lado das minhas pálpebras estava tudo com uma luz demasiado forte. Demasiado forte. Movi a mão para esfregar o rosto e isso também não aconteceu – o meu braço estava demasiado pesado para levantar.

O que se passa?, interroguei-me. Era como se todo o meu corpo tivesse sido envolvido em chumbo, e os meus nervos pareciam ter sido simultaneamente embotados por uma lixa e incendiados por ela.

A última coisa de que me lembrava era... de estar a jantar com Wallace num restaurante de *fish and chips* na marginal. O ar de abril estava ligeiramente frio, mas tínhamo-nos sentado na mesma ao ar livre para podermos ouvir as ondas a acariciar a praia no escuro e ter o cheiro da maresia a rodopiar à nossa volta. Era um dos meus restaurantes favoritos em Brighton e adorava ir lá sempre que podia. Com o decorrer da noite e a constante descida da temperatura, começara a sentir-me um pouco tonta, atordoada, mas não lhe tinha dado grande importância. E então... E então...? Nada. Não havia mais nada.

Tentei novamente abrir os olhos, desta vez separando lentamente as pálpebras para deixar a claridade entrar aos poucos.

- Ora viva - disse Wallace.

Com esforço e preparando-me para a dor, virei-me na direção da sua voz.

- Olá.

O seu rosto franziu-se num sorriso eivado de alívio e de tristeza.

- O que aconteceu? - perguntei eu. Heath. Tinha de ser. Tinha feito alguma coisa e agora estávamos a pagá-las.

O meu namorado respirou fundo e exalou longamente, claramente a preparar-se para me dizer algo horrível. Tomou a minha mão nas suas, um gesto caloroso, um movimento de conforto como o seu irmão costumava fazer. Queria gritar-lhe para me dizer de uma vez o que se passava, mas também não queria saber. Porque se fosse Heath, teria de lidar com o facto de ele ter causado mais danos a esta família; de infligir mais dor quando já tinha feito o suficiente.

- Cleo... - disse ele delicadamente. - Tiveste uma gravidez ectópica. A trompa de Falópio rompeu durante o jantar e desmaiaste.

Fechei os olhos enquanto reproduzia o que ele tinha dito. Tentava processar as palavras e os sentimentos que as acompanhavam.

- Oh - acabei por dizer. - Eu... hã... não sabia que estava grávida. Bem, ectopicamente grávida. Nem sequer sabia se podia engravidar, ectopicamente ou não.

- É uma grande notícia para assimilar.

- Sim. Como te sentes em relação a isso? - indaguei, perguntando-me se não estaria prestes a lidar com o caso

do incrível desaparecimento de Wallace. Não parecia ser do tipo de fugir, mas sabia que ninguém era necessariamente o que parecia.

- Nem sei. Mas o que sei *mesmo* é que nunca me tinha sentido tão aterrorizado como quando desmaiaste. Mesmo à minha frente. A meio de uma frase.

- Desculpa lá isso. - Fiz um esgar. - Parti alguma coisa ao cair? Ou limitei-me a aterrar de cara em cima das minhas batatas fritas?

- As duas coisas. Caíste em cima das batatas fritas e depois arrastaste o prato e mais algumas coisas para o chão ao caíres da cadeira.

- Oh, caramba. Obviamente, nunca mais lá poderemos voltar.

- Obviamente.

- Como te sentes em relação a isto? Porque eu estou a passar-me silenciosamente. Quer dizer, amo-te, mas não sei o que teria feito se fosse uma gravidez viável. Sei que provavelmente é estranho, mas nunca pensei no que faria se ficasse grávida de ti. E tu?

- Não sei. É muito para assimilar. Ainda não processei bem isto. Estava mais preocupado contigo. Mas, pensando bem, teria sido porreiro, sabes? Eu, tu e um bebé? Porreiro, sim. - Acariciou-me um pouco mais a mão. - E também te amo, já agora. Não acredito que foste a primeira a dizê-lo.

- Quem vai ao mar perde o lugar, companheiro - gracejei eu, com a voz ainda seca e pegajosa.

- Dizes isso demasiadas vezes, por isso sabes que mais? Muito bem, eu também sei jogar esse jogo: queres casar

comigo?

Mesmo no meu estado frágil, consegui surpreender-me.

- O quê? Acabamos literalmente de passar a fase do «amo-te».

- Nada de perder o lugar.

Outro pedido de casamento vindo do nada. Pelo menos desta vez não tinha de me preocupar com o facto de a cerimónia ser dali a três horas. Não, mas tinha de me preocupar com o facto de já ser casada. Seria mesmo? Verdadeiramente casada? Heath tinha dito que, fora da América, só éramos casados de nome, e eu tinha acreditado nele. Mas, na altura, não tinha razões para não crer. Quer dizer, nunca tínhamos registado o nosso casamento ali, por isso teria algum significado? Lembrava-me de, há alguns anos, um dos Rolling Stones ter alegado em tribunal que ele e a ex não eram tecnicamente casados porque o tinham feito no estrangeiro. Tinham conseguido uma anulação, em vez de um divórcio, com base nesse argumento. Não o tinham feito aqui, pelo que o tribunal não reconhecia o casamento. Assim, embora pudesse não estar legalmente casada no Reino Unido, continuava, para todos os efeitos, casada nos Estados Unidos. Pelo que, se alguma vez lá fosse com Wallace, isso significaria que era bígama, imagino.

Tinha de falar com Heath.

Essa ideia dava-me a volta ao estômago. A última vez que faláramos fora quando ele tinha dito que tiraria Sidney da prisão se eu voltasse para ele. Nem sequer se deu ao trabalho de me contactar quando eu não voltei a dar

notícias, pelo que fiquei satisfeita e aliviada por ele ter aparentemente esquecido.

Mas teria de falar com Heath se eu e Wallace quiséssemos realmente casar. Era ele que tinha a certidão. Precisaria da sua cooperação para me divorciar na América. Poderia eu fazer isso sem o levar a magoar alguém?

Era apenas um pedido de casamento, ainda assim. Por enquanto, não tinha importância se eu era casada na América, pois não? Não tinha importância que eu pudesse ter de falar com o meu ex para me divorciar devidamente. Dizer sim a Wallace no presente não tinha absolutamente nada que ver com tudo isso.

- Penso muitas vezes na forma como o Sides nos apresentou - disse Wallace. - Acho que sabia que íamos ficar juntos.

Tinha razão, claro. Tinha perguntado a Sidney numa carta, logo após eu e Wallace nos termos beijado pela primeira vez, se ele não se importava que eu estivesse com o irmão, tendo em conta quão perigoso estar envolvido comigo podia ser. E Sidney tinha-me respondido que estava desiludido por termos demorado tanto tempo. *Tu e o Wals estão destinados um ao outro.*

- Sim, acho que o teu irmão é bastante astuto nesse sentido. - *E vão ficar bem. Não entrou em contacto contigo durante todo este tempo, pois não? Tu e o Wallace conseguem lidar com ele, desde que se mantenham juntos,* acrescentara Sidney.

- Não é difícil ser astuto quando me arranja a mulher perfeita por quem me apaixonar.

Mulher perfeita. Essas palavras deram-me a volta ao estômago. Sempre que as ouvia, lembravam-me a obsessão de Heath. É suposto querermos ser a bela heroína por quem alguém se apaixonar. É suposto inspirarmos exércitos a marchar, fazermos com que as pessoas percam a cabeça, com que queiram fazer tudo por nós simplesmente porque nos amam; por serem obcecadas por nós.

Ser objeto da obsessão de alguém é um horror que não desejaria a ninguém. Li tantos livros, vi tantos programas, em que a beleza da heroína inspira todos os que a rodeiam a perder a cabeça, a fazer seja o que for para estar com ela, a quase deixar de existir se não estiverem. É aplaudido, é valorizado, é tido como o derradeiro exemplo de amor.

E agora dá-me arrepios.

Que alguém nos ame, seja obcecado por nós, faça seja o que for para estar connosco, é aterrador e desumanizante. Heath achava que eu era a mulher perfeita. A *sua* mulher perfeita, e com isso, deixei de ser humana. Deixei de ter matizes, camadas, imperfeições e *defeitos*. Tornei-me o recetáculo em que todos os seus ideais e sonhos e expectativas irrealistas eram projetados. E quando essas expectativas não eram correspondidas, quando os defeitos começavam a transparecer, a causa tinha de ser eliminada. Quando as minhas falhas – as coisas que potencialmente poderiam afastar-me dele – se tornavam evidentes, tornavam-se também a desculpa que Heath usava para magoar pessoas. Para *matar* pessoas.

- Não sou perfeita - disse eu a Wallace. - Longe disso. Estou tão longe de ser perfeita. Sou apenas uma mulher normal.

- Eu sei disso. Refiro-me só...

- Sou apenas uma mulher normal que teve a sorte de deitar a mão a um homem maravilhosamente normal, atencioso e afetuoso - interrompi. Não queria ouvir nem mais uma palavra bonita a meu respeito naquele momento. Não quando não o merecia.

- Isso quer dizer que casar comigo? - perguntou Wallace.

Teria de descobrir uma forma de saber se o meu casamento, celebrado por um imitador de James Brown numa capela púrpura em Las Vegas, significava algo para lá das fronteiras do país de que não era cidadã.

Mas podia na mesma dizer sim a Wallace imediatamente. Todas essas questões do casamento estavam num futuro muito distante. No presente, podia simplesmente dizer sim e desfrutar do momento.

- Sim - respondi, com um sorriso. - Sim, caso contigo.

Brighton, 2015

Na *suite* nupcial do The Brighthelmstone, um hotel boutique de 30 quartos mesmo à saída de Brighton, a minha irmã mais nova, Efie, Trina e eu estávamos em diferentes fases de preparação. Efie tinha o seu roupão de seda vermelha por cima da roupa interior, esperando até ao último minuto para enfiar o vestido dourado de dama de honor; Trina tinha a maquilhagem feita e o vestido de dama de honor no corpo, mas ainda tinha rolos azuis nas pontas do seu cabelo pelos ombros, enquanto eu estava de roupão, com rolos no cabelo e sem nenhum vestígio de maquilhagem.

A minha mãe e a mãe de Wallace não tinham ficado nada satisfeitas por não nos casarmos numa igreja, mas gostavam tanto uma da outra – sobretudo por serem ambas oriundas de países vizinhos da África Ocidental – que decidiram deixar passar e permitir-nos casar antes no salão de eventos do The Brighthelmstone, sem grandes comentários ou desaprovação.

A minha mãe, incrivelmente deslumbrante com o seu conjunto púrpura com flores douradas em renda ganesa e o seu turbante a condizer, tinha ido ao andar de baixo falar com a minha irmã mais velha sobre qualquer coisa.

Efie estava junto ao seu estojo de maquilhagem aberto, pronta para começar a trabalhar no meu rosto.

- Enquanto a mamã não está aqui - disse ela -, diz-me depressa. Tens a certeza de que queres casar com o Wallace?

- Claro - respondi eu. - Porque não haveria de querer que a mamã ouvisse isso?

Com toques suaves e experientes, a minha irmã espalhou-me base debaixo dos olhos com uma pequena esponja redonda.

- Por causa do senhor Monte dos Vendavais²... Estiveste com ele durante anos. Anos! O que aconteceu?

No espelho, os meus olhos dirigiram-se imediatamente a Trina, que estava ao fundo do quarto, junto à porta da casa de banho. Susteve-me o olhar, o entendimento de todos aqueles anos com Heath nas nossas vidas a passar entre nós.

- Separámo-nos - disse eu à minha irmã. - Há séculos. - Pelo espelho, vi-a usar uma grande esponja para espalhar base sobre o alto das minhas bochechas, descendo até à cova. - As pessoas passam a vida a separar-se, Efie. E as suas irmãs impertinentes não lhes evocam os ex no dia do seu casamento.

- Só para confirmar que não vamos ter uma entrada dramática no último minuto - replicou ela. - Porque aquele homem... por mais bonito que fosse... era intenso.

Após um breve arquear de sobrancelhas, Trina bebeu um gole de champanhe com um ar de «nem fazes ideia», o que me disse que se sentia totalmente justificada por ter dito o mesmo anos antes.

- Não penses que não reparei nos olhares cúmplices entre ti e a menina Trina - observou Efie. - Mas tenho razão, não tenho? Era mesmo intenso.

- Eu não digo nada - respondeu Trina, antes de colar o copo aos lábios e começar a beber *Prosecco* como se fosse a única coisa que a impedia de dizer tudo o que há anos queria expressar.

- Não me interpretes mal, era um tipo simpático, gostava muito dele, mas *intenso*. Caramba! A maneira como olhava fixamente para ti como se pudesse morrer se desviasse o olhar... Era forte. - Dando um passo atrás, Efie semicerrou os olhos enquanto me perscrutava o rosto. - O Wallace não é nada assim, felizmente.

- Isso é porque são pessoas diferentes - disse eu. Não queria pensar em Heath nesse dia. Não queria pensar nele de todo, mas obviamente não o pudera evitar durante os preparativos para aquele momento. Ficara doente de preocupação com a ideia de que se pudesse saber que eu já tinha sido casada, que já tinha dito «sim» e «até que a morte nos separe» a outra pessoa. Várias vezes tinha feito menção de o contactar, de descobrir o que precisaríamos de fazer para nos divorciarmos, mas não fui capaz. Não suportava a ideia de falar com ele e possivelmente o deixar novamente à solta na minha vida e na da família Pryce. Tinha pesquisado o máximo possível pelo meu nome, pelo de Heath e por quaisquer documentos *online* sobre aquela noite em Las Vegas, mas não consegui encontrar nada. Alfred Heath Sawyer Berland e Cleo Amma Forsum nunca tinham sido casados no que a quaisquer registos oficiais

online dizia respeito. E quando as consultas oficiais pelo meu nome foram realizadas, para que eu e Wallace conseguíssemos obter a nossa certidão, também vieram limpas. O que significava que Heath estava a dizer a verdade – casar em Las Vegas não contava para nada ali. Emocionalmente contava, claro, mas legalmente não. Legalmente, eu era livre de casar com Wallace.

Era livre de casar com o homem que amava.

Habilmente, a minha irmã começou a moldar-me as sobrancelhas, usando um fino lápis preto para medir a distância entre o centro do meu nariz e o início das sobrancelhas de ambos os lados, e depois o arco entre a orla da sobrancelha, a ponta do meu olho e a beira das minhas narinas. Mas ainda não tinha acabado de me torturar.

– Pergunto-me muitas vezes qual dos dois seria melhor na cama – observou ela.

Trina quase se engasgou com a bebida, tossindo e gaguejando enquanto eu gritava de surpresa. Porque me surpreendia esta revelação? Não fazia ideia – era completamente o estilo da minha irmã. Nunca tinha encontrado um ponto fraco que não tangesse por diversão.

– Oh, não finja que nunca se interrogou, menina Trina.

Estarrecida, verdadeiramente repugnada, Trina respondeu:

– Isso é quase tão nojento como quando a tua irmã deitava *Maltesers* no café. Na verdade, não, é pior. E, só para que fique registado: não, nunca tal me passou pela cabeça.

Abstraída, Efie continuou:

- Normalmente, optaria pelo Wallace. Tem *tudo* a seu favor. Mas aquela intensidade do Heath... sim, podia dar uns bons momentos entre os lençóis. Aquele homem emanava todo o tipo de taras. Trataria de mim, isso é certo.

- Por um momento, o seu olhar vagueou, como se estivesse a imaginar-se a subir nua para a cama com o meu ex. - Oh, trataria de mim a sério.

- Esta é oficialmente a pior conversa que uma mulher poderia ter no dia do seu casamento. Literalmente a pior - disse eu.

- Oh, cala-te, deixa-me tratar-te dos lábios.

- Não, não me vou calar, sobretudo se vais continuar a falar *nisso* - avisei. - Se continuares, digo à mamã quando voltar. E digo-lhe também como fizeste sexo com o teu primeiro namorado em casa deles, para ver se gostas.

- Pronto, pronto, não é preciso descontrolares-te - disse ela, a rir. - Acabou-se a conversa sobre saltar para cima do ex. Acabou-se a conversa sobre o molho ultra picante que ele podia verter sobre este corpo e...

- Chega!

- Estou a brincar! Estou a brincar! - exclamou a minha irmã, enquanto me espalhava *gloss* transparente com um pincel fino nos lábios. - Estou só a tentar fazer-te rir!

- Sim, mas não acharias tanta graça se eu dissesse algo do género sobre um dos teus ex-namorados.

- Mas, Cleo, pensava que só andavas com humanos - observou Trina. Isso desfez o ambiente pesado que se tinha vindo a formar e desatámos todas aos risinhos.

Enquanto ria, fiz todos os possíveis por apagar da minha mente todo e qualquer pensamento de Heath, como quem esfrega uma nódoa que ainda está suficientemente fresca para ser totalmente removida. Queria descer a nave coberta de pétalas de rosa no andar de baixo, pegar na mão do noivo que me aguardava, com uma mente limpa, um historial saneado. Queria mesmo seguir em frente.

Amava Wallace e não queria que o dia do nosso casamento tivesse nada que ver, em nenhum aspeto, com o meu outro marido.

² Referência a Heathcliff, personagem do romance de Emily Brontë que personifica o anti-herói cujo ciúme e ódio o destroem e àqueles que o rodeiam. (*N. do E.*)

Brighton, 2015

Querida Cleo,

Sou uma cobarde, querida. Foram tantas as vezes que te quis dizer isto, mas nunca conseguia encontrar as palavras ou a oportunidade. Agora, porém, que estás alegremente casada com o mais maravilhoso dos homens, e estando eu provavelmente no avião a caminho de casa quando leres isto, posso dizer-te. Foi o Heath que me esfaqueou.

Nos dias a seguir ao ataque, quando estávamos a fazer as malas para partir, tinha muitos pesadelos e flashbacks. Stress pós-traumático. Mas, a cada um deles, começava a lembrar-me cada vez mais do que tinha acontecido. E então lembrei-me do cheiro. O cheiro do meu atacante. E percebi que era o mesmo que tinha sentido no Heath quando foram os dois ver-me ao hospital.

Inicialmente, pensei que estava a enlouquecer. Sinceramente, pensei que estava a perder a cabeça. Por isso esqueci. Por essa altura, tu e ele estavam juntos a sério e eu tinha-vos dito para se resolverem, por isso sabia que provavelmente não acreditarias em mim. E o que ia eu dizer-te, em todo o caso? Que suspeitava que o nosso amigo quase me tinha

matado? Não tinha provas, mas o cheiro era simplesmente igual? E o que faria eu com essa ideia? Ir à polícia? Mesmo que ainda não tivéssemos saído do país por essa altura, tenho a certeza de que teriam corrido comigo à gargalhada.

Então, tive um pesadelo tão vívido, tão nítido, que finalmente consegui vê-lo em condições. Quer dizer, tinha-o visto na noite em que realmente acontecera, mas parecia tudo desfocado e irreal. Mas essa noite, esse sonho, mostraram-me o seu rosto, e mesmo tendo ele uma balaclava posta, vi-lhe os olhos. Os olhos do Heath.

Foi esse o momento. Aceitei finalmente o que a minha mente tinha vindo a tentar dizer-me – fora ele. Tinha sido ele a fazê-lo.

Sem pensar, liguei-te, pois claro, para o telefone de casa. Bem, era o telefone de casa dele, obviamente. E foi ele que atendeu.

Quase desliguei, mas pensei assim: preciso de saber se estou maluca ou se estou finalmente a lembrar-me do que aconteceu. Por isso disse-lhe que era eu e depois perguntei: «Porque fizeste aquilo, H?»

Ele calou-se durante muito tempo e depois disse: «Desculpa. Lamento mesmo, mesmo muito. Não suporto a ideia de a perder. Amo-a tanto. Desculpa. Desculpa.» E desligou.

Acho que o fez por eu ter mentido sobre teres namorado. Provavelmente odiava-me por isso, por vos ter tentado manter separados. Ele é... Não sei bem

qual é o problema dele. Ou porque se agarrou a ti com tanta força durante tantos anos, mas fico feliz por já não estarem juntos.

Alegra-me que tenhas casado com alguém que te adora, mas não é obsessivo com isso. Sinto-me tão grata por estares feliz. Ver-te com o Wallace fez-me entender aquilo a que te referias nos velhos tempos. Lembro-me de dizeres qualquer coisa sobre não sentires nada por ninguém, não sentires essa ligação e pensares que estavas avariada. Pensava que tinhas isso com o Heath, mas ver-te agora com o Wallace faz-me entender que a encontraste finalmente de verdade. É equitativo o que tu e o Wallace sentem um pelo outro. Estás ao mesmo nível que ele, estás tão feliz que brilhas.

Nunca te ia contar isto, a propósito, mas o Steadman disse que tinha de o fazer. Que tinha de te dizer para que nunca pusesse a hipótese de voltar para o Heath.

Se já sabias disto, e não sabias como me dizer – o que imagino que estivesse a dilacerar-te –, não faz mal. Eu também não saberia como te dizer, se estivesse no teu lugar. Não te culpo por nada disto. Só o culpo a ele.

Por favor, tenta pôr o Heath completamente para trás das costas, minha querida. Por favor, segue em frente com esse homem maravilhoso que tens. Por favor, nunca deixes o Heath entrar nessa tua nova

vida. Essa vida que tens é gloriosa. Protege-a a qualquer custo.

Obrigada por me convidares para ser a tua dama de honor/madrinha.

Com todo o meu amor,

Trina

x

Trina tinha-me enfiado o envelope nas mãos enquanto nos abraçávamos no aeroporto. Não lhe perguntei o que era porque sabia que ela não me diria. «Se fosse para te dizer, não o teria escrito, não é?», ter-me-ia respondido.

Com a porta da casa de banho trancada, li a carta uma e outra vez. De cada vez um pouco mais lacrimosa e muito mais horrorizada. Uma pequena parte de mim pensava que talvez estivesse errada, que era impossível ele tê-lo feito. Pois, para a ter esfaqueado em vez de ir apenas confrontá-la, como ele alegava no seu «relatório», teria de ter levado a arma. Teria de o ter planeado. Teria de ter decidido magoá-la. Heath tinha ido lá para fazer mal a Trina, sabendo que a podia ter matado.

Lentamente, dobrei a carta, devolvendo-a ao envelope. Tinha de fazer o que ela dizia – tinha de seguir em frente com Wallace. Pôr Heath para trás das costas. Ainda que, de vez em quando, as suas palavras sobre eu voltar sempre para ele me viessem à cabeça.

Parte 8

37

23 de agosto de 2022

Casa de Cleo e Wallace, fronteira Hove-Brighton

Fim da noite

° Precisamos de falar. Cara a cara. Vem ter comigo à esquina da tua rua, junto à casa com a porta amarela, daqui a 10 minutos. Vem sozinha.

Dez minutos não me dá muito tempo para fazer nada. Suponho que seja esse o objetivo. Não posso envolver a polícia. Não posso ir verificar o local com antecedência. Estou em completa desvantagem. E não posso ir sozinha. Não posso deixar Lola sozinha em casa. Simplesmente não posso. Mas também não a posso levar comigo para me ir encontrar com ele. Sem dúvida que Valerie e Franklyn não veriam nenhum problema em eu ir ter com um assassino com a sua filha de 13 anos a reboque.

Ando de um lado para o outro na cozinha, tentando decidir o que fazer em relação a esta mensagem. Lola está na sala, à procura de algo para vermos a acompanhar as pipocas e as batatas fritas. Senti-me muito aliviada quando ela decidiu começar a dormir no andar de cima. Significava que podia ligar o alarme para proteger o andar de baixo da casa durante a noite, e sentir-me um pouco mais segura sabendo que ela estava mais perto. Como posso começar a pô-la em perigo agora?

Nove minutos. O que vou eu fazer? Se disser a Lola que vou só dar um salto às lojas, provavelmente ela quererá ir comigo. Se lhe disser que me vou encontrar com alguém, quererá definitivamente ir comigo. Se lhe disser para se barricar no quarto enquanto eu ligo o alarme no piso de baixo, ficará aterrorizada. Nunca mais voltará a sentir-se segura nesta casa. E isso é mau? Talvez devesse insistir em que ela fosse para casa, de qualquer forma.

Se a assustar agora, porém, sem fundamento, nunca recuperará. Ficaré com isso para a vida. Lembro-me de ter lido *As Ratazanas*, de James Herbert, quando tinha mais ou menos a idade de Lola. Aterrorizou-me tanto que mal conseguia dormir. Deixou-me com marcas para a vida – nem sequer as posso ver na televisão sem gritar para que a desliguem. Nunca lidarei bem com ratazanas, e era apenas um livro de ficção. Agora imagine-se ouvir de um adulto de confiança para se barricar algures, não vá alguém tentar agarrar-nos. Nunca mais sosseitaria. E 13 anos é uma idade demasiado precoce para desenvolver esse tipo de medo. Sobretudo para quem andou a ouvir – por culpa própria – coisas sobre os homicídios em que a tia pode estar envolvida.

Oito minutos. *O que faço?*

Não a posso levar comigo, isso é óbvio.

Se a deixar aqui, dir-lhe-ei para subir, ir para a minha cama, procurar algo para vermos e ligar o alarme no andar de baixo. Enquadrá-lo-ei simplesmente como algo que normalmente faria se fosse sair por um instante. Não lhe

direi para se barricar e serei super descontraída com tudo. Ela entenderá o que me levaria a fazê-lo. Não a deve assustar muito... pois não?

Sete minutos. Parte de mim não quer ir. De que servirá vê-lo ou falar com ele? Pensava que tínhamos resolvido tudo isto da última vez que o vi. Pensava que tínhamos um acordo, mas devia ter imaginado que ele não o cumpriria. Que psicopata se cinge a um acordo que não o favorece? Não quero ir, mas tenho de o fazer. Não só porque ele o exigiu, mas também porque talvez consiga convencê-lo a recuar. Tenho quase a certeza de que toda a atenção que resultou da tentativa de homicídio de Harry Andrews não é o que ele desejaria. Heath nunca foi desse género, de procurar atenção. Sobretudo depois do que aconteceu à sua primeira amante, que gerou tanta que ele teve de mudar de nome e a sua família teve de se mudar.

Dois minutos. Lola está instalada na minha cama. Tem *snacks*, tem o comando da televisão e instruções para não encher a cama de pipocas nem de batatas fritas. Tem também o telefone fixo, o seu telemóvel e instruções para ficar no meu quarto até eu regressar. Mostrei-lhe como desativar o alarme, se necessário, mas não deverá ser preciso, pois ela vai ficar onde está. Disse-lhe também para ligar para o 112 se se sentir minimamente assustada, mas que não devo demorar, por isso ela vai ficar bem. A minha derradeira instrução foi para enfiar a cadeira da sala que eu trouxe para cima debaixo do puxador da porta do meu

quarto, que não tranca. Ela arqueou uma sobrancelha, mas eu disse-lhe para o fazer e ponto. Ao sair do quarto, paro à porta e espero que ela faça o que lhe disse. Testo o puxador assim que ela acaba de o fazer e a porta não se abre. Ótimo. Não a posso deixar mais segura do que isto, e também não estarei fora durante muito tempo.

Um minuto. Confirmo várias vezes que tenho as chaves no bolso, que tenho a minha bolsa, o telemóvel. Enfio o chapéu preto na cabeça e visto o casaco comprido de malha preta. Calço os ténis de uma forma que sei que deixaria Wallace furioso. O desrespeito com que trato os meus ténis sempre o irritou – e sempre irritará. É um apaixonado por ténis e a forma como eu não cuido do meu calçado de todos os dias parte-lhe o coração – ao ponto de mos tirar regularmente para os limpar e substituir os atacadores dos pares mais maltratados. Dando uma última olhadela às escadas, marco o código para ativar o alarme no andar de baixo e atravesso apressadamente o corredor. O alarme apita durante dez segundos quando fecho a porta da frente e depois fica em silêncio. Com o coração na garganta, começo a descer a rua para me ir encontrar com Heath.

Richmond upon Thames, 2022

Toc, toc, toc na janela do lado do condutor do meu carro.

Apesar dos meus melhores esforços, apesar de ter ficado mesmo ao fundo da igreja e de ter saído assim que a congregação se levantou pela última vez, apesar de me ter posicionado atrás de outros enlutados vestidos de negro no crematório para que ninguém me visse das filas da frente, apesar de me ter esgueirado pela pesada porta de mogno assim que as pesadas cortinas azuis se fecharam atrás do caixão, via-me de igual modo naquela posição. Aquela posição em que ele usava o nó do indicador para bater – *toc, toc, toc* – na janela do meu carro.

A tia de Heath, Lynda, tinha-me contactado. Ao longo de três dias, tinha deixado várias mensagens à minha agente, Antonia, a pedir para eu lhe ligar. Não o tinha feito. Sempre me tinha dado bem com Lynda e sentia-me mal por a ignorar, mas não era estúpida – não queria ser novamente sugada para o mundo de Heath, mesmo que indiretamente. A última mensagem, a que me levou a reagir, dizia que queria falar comigo sobre uma morte na família.

Foi como se o meu coração tivesse parado quando Antonia me disse isso. Heath. Por um momento, pensei que tinha sido Heath e que a tia Lynda estava a ligar-me inadvertidamente para me dizer que eu era viúva sem saber que ele e eu tínhamos casado. Quando lhe devolvi a

chamada, disse-me que a mãe de Heath tinha morrido. Por um momento, senti-me aliviada; depois, senti-me horrível, pois não devia estar aliviada por uma mulher que sempre tinha sido simpática para mim ter morrido, enquanto o filho, o psicopata, continuava vivo. Mas, admiti para mim mesma, de olhos fechados e com o telefone encostado ao ouvido, se Heath tivesse morrido, isso seria o fim da minha esperança - da minha persistente esperança - de que ele fosse à polícia e confessasse o homicídio para que libertassem Sidney.

- A minha irmã gostava muito de ti - tinha-me dito Lynda, com a voz embargada. - Nunca se esqueceu da tua amabilidade para com ela e o Heath depois de o marido morrer. Queria que viesses ao funeral. Compreenderei se preferires não o fazer, claro, mas queria certificar-me de que cumpria a minha promessa e te dizia. Também te deixou qualquer coisa em testamento. Ainda não sei bem o quê, mas dir-te-ei quando souber. - Fez uma pausa, como que a perguntar-se se deveria continuar a falar, após o que obviamente decidiu que devia prosseguir. - Nunca superou realmente que tu e o Heath se tivessem separado. Tinha muita estima por ti. Orgulhava-se tanto do teu sucesso, e adorava ler os teus livros e ver o teu programa. - Conversámos mais um pouco, e ela continuou a exercer uma ligeira pressão, até que aceitei tomar nota dos dados do funeral e pensar em ir.

Depois de sair do crematório, tinha-me apressado o mais possível a virar a esquina e a percorrer a estrada até ao local onde tinha estacionado o carro. Não olhara para trás,

não fosse alguém ver-me – não fosse *ele* ver-me e chamar-me. Fechara o casaco em meu redor como uma senhora vitoriana apressando-se a tentar escapar às atenções de Jack, *o Estripador*, e mesmo assim...

Toc, toc, toc, uma vez mais.

Sem olhar na direção das batidas, estendi a mão para o puxador e abri a porta do carro. Em resposta, Heath recuou, esperando que eu saísse. Apertei o meu casaco preto comprido à volta do corpo – normalmente, não conduzia com aquele casaco, mas queria uma fuga rápida.

Ficámos a alguns metros de distância, a olhar um para o outro.

Na minha cabeça, tinha uma imagem de Heath. Era sempre pós-mudança de visual. Roupas elegantes, olhos vívidos, cabelo curto, cuidadosamente arranjado. Sorriso fácil. Não era esse Heath que estava à minha frente. Tinha-me esquecido de como o tempo nos muda; envelhece-nos, aprofunda-nos, altera-nos. Os nossos corpos são máquinas do tempo e envergam as devastações e os desvelos de cada parte da nossa viagem.

O tempo tinha pintado madeixas brancas no cabelo louro de Heath. Tinha robustecido a sua figura alta. Tinha-lhe estampado rugas na pele. Mas fora o pesar a encovar-lhe as maçãs do rosto, a empalidecer-lhe a tez, a traçar círculos negros sob os seus olhos. Estava com o mesmo aspeto de quando o pai tinha morrido.

– Obrigado por teres vindo – disse Heath.

Assenti, sem saber muito bem como lhe falar. Ex. Psicopata. Assassino.

- Não pensei que o fizesses. A tia Lynda disse que provavelmente não virias, mas ainda bem que vieste.

Outro aceno da minha parte.

O seu rosto abriu-se num sorriso familiar, um sorriso que eu estava tão habituada a ver que, por um momento, fiquei desnorteada, pensei que estava de regresso ao passado, quando ele podia sorrir assim e eu gostava. Adorava.

- Sinceramente, pensei que ao fim de todos estes anos, já estaria imune a ti. Pensei que te veria e não sentiria nada... mas não tive essa sorte.

- Onde está a tua mulher? - perguntei.

- Mesmo à minha frente.

- Oh, por amor de... Onde está a tua companheira, a tua cara-metade?

Ele baixou imediatamente a cabeça e enfiou as mãos nos bolsos do casaco, a esconder alguma coisa - a esconder-se *de* alguma coisa.

- Eu... pois... bem, ela não veio. Não teria sido apropriado.

- Em que sentido?

- Ela ainda tem um problema contigo.

- Porque haveria ela de...? Ah, certo, voltaste a juntar-te com a Abi.

- Sim.

- Nunca aprendeste mesmo a seguir em frente, pois não, Heath?

- Não foi intencional! Cruzámo-nos pouco depois de ter ficado claro que tu e eu tínhamos mesmo acabado. Sempre nos tínhamos dado bem, por isso...

- Bem, pois... que bom para ti. Espero que sejam muito felizes. Não percebo muito bem porque continua ela a ter um problema comigo quando estão juntos há anos.

- Sempre sentiu que... A minha mãe adorava-te. Sempre adorou. Nunca deixou de ter esperança... Perguntava sempre por ti, e perguntou várias vezes porque não podíamos tentar de novo.

- À frente da Abi? Isso é horrivelmente cruel.

- Não, a minha mãe jamais faria isso. Gostava da Abi... mas não eras tu. E então a tia Lynda a modos que deixou escapar à frente dela que a minha mãe tinha pedido para vires ao funeral e te tinha deixado algo em testamento. E, sei lá, a Abi reagiu tão bem quanto seria de esperar, imagino eu.

Fechei os olhos e abanei a cabeça, desesperada. Sentia-me doente, fisicamente agoniada por aquela pobre mulher.

- Deve ter pensado que era um *déjà-vu*. Espero que lhe tenhas assegurado que não a ias deixar outra vez logo a seguir ao funeral. - Era uma afirmação, pois só um psicopata não garantiria à mulher por quem estava apaixonado que não a iria magoar exatamente da mesma forma como a tinha magoado da última vez e exatamente pela mesma razão. Só um psicopata.

Heath nada disse, limitando-se a baixar novamente a cabeça.

- Não a tranquilizaste - disse eu. Era estranho como continuava a precisar de provas e mais provas de que ele era um psicopata. Tinha matado alguém para se livrar do

meu amigo, de que outras provas precisaria eu mais? – Pobre mulher. Nem a conheço e já sinto pena dela.

– Como poderia eu tranquilizá-la quando sabia o que ia acontecer no segundo em que te voltasse a ver?

– Suponho que isto não seja a história a repetir-se, ou é? Porque, quer dizer, *se te atreves a fazer alguma coisa a alguém de quem eu gosto...*

– Não vou fazer nada a ninguém. – Di-lo com fervor, como se tivesse de o expressar alto e bom som para ambos acreditarmos. – Estou melhor. Já não faço esse tipo de coisas... Fiz terapia, há anos que tomo medicação. Estou controlado.

Não sabia bem se devia acreditar nele ou não. Mas que diferença fazia? Não era um pedido de desculpas que ia compensar as coisas que ele tinha feito.

– Bom para ti.

– Ainda que... – A sua voz esmoreceu e eu percebi que ele queria que eu seguisse a deixa, mas não ia fazê-lo. Aquela não era uma conversa normal em que eu tinha de seguir as suas deixas. Era algo que estava a mexer muito rapidamente com a minha cabeça.

Ao dar-se conta de que eu não ia reagir, afirmou:

– Ainda que o que eu disse há todos aqueles anos continue de pé.

Sabia ao que se referia, é claro que sim, mas mesmo assim não ia reagir.

– Disseste muitas coisas ao longo dos anos.

Então, ele endireitou o corpo, projetando os ombros para trás, fortalecendo a postura.

- Se voltares para mim, entregarei à polícia provas que ilibarão... o teu amigo.

Não podia acreditar que ele o tinha realmente dito em voz alta. Então e Abi? Então e eu? E a vida que eu tinha? As pessoas que a compunham, aquelas de quem gostava? O que seria delas se eu decidisse fazer o que ele acabava de sugerir?

- Ele não queria isso. Não queria que eu voltasse para ti.

- Mas queria que te enrolasses com o irmão dele, em vez disso?

Não respondi, apesar de ter encolhido um pouco os ombros sem querer.

- *Queria?* - Heath estava incrédulo. - Fez-te um arranjinho com o irmão e tu deixaste-te simplesmente levar?

- Não me deixei levar por nada.

- Tens a certeza? Porque, do meu ponto de vista, parece que ele te pôs a fazer penitência aceitando o falhado do irmão - observou Heath. - Só vantagens para ele, parece-me.

- O Wallace não é um falhado. É precisamente o oposto disso. O Sidney achou que eu me ia dar bem com ele, que o irmão se ia dar bem comigo, e acontece que a atração foi recíproca.

- É só atração, então? Mais nada?

- O que esperas que responda a isso? Quer dizer, é claro que é mais do que a atração instantânea que ambos partilhámos. É uma relação fácil, sempre foi. «Entendemo-nos» um ao outro, os nossos pensamentos e valores estão

alinhados. Equilibramos os excessos das personalidades um do outro, divertimo-nos, conversamos, adoramo-nos...

- Quem está a ser cruel agora? - praticamente rosnou Heath, com o rosto e o corpo completamente abrasados.

A pior parte, claro, era que eu nem estava a tentar ser cruel. Fora ele que começara, ao ser sarcástico, e eu tinha respondido para o impedir de diminuir o homem que eu amava e o nosso relacionamento. Mas, para ser sincera, gostara da expressão de horror e dor no seu rosto. Dera-me ao luxo de deixar claro que as coisas erradas no nosso relacionamento eram *exclusivas* da nossa união. *Eu* não estava avariada, *eu* podia amar e ser amada de forma saudável. Não tencionava ser cruel, mas fora... e quase desfrutara disso. Reorientei a minha linha de visão para a pequena fila de lojas maltrapilhas que conseguia ver por cima do seu ombro. Tal como a maioria das coisas, a maioria das pessoas, essa fila de lojas já tinha visto melhores dias, mas, apesar dos cartazes gastos e da tinta a descascar, das montras sujas e dos letreiros desbotados, erguiam-se orgulhosas e fortes.

- Só não fales mal do meu marido - disse eu, baixinho. E, antes que ele pudesse acrescentar mais alguma coisa, prossegui. - E refiro-me ao meu verdadeiro marido, não a ti... Olha, tenho de ir, e tu devias voltar para os teus convidados.

- Muito bem, o «Sidney» não queria que voltasses para mim em troca da sua liberdade, mas então e tu? Não querias limpar-lhe o nome? Tirá-lo da prisão?

- É claro que queria - respondi, por entre lábios cerrados. - Não pensava em mais nada. - *Não penso em mais nada.*

- Bem, eu posso fazer isso. Posso fazer isso.

- Como podes *tu* fazer isso? Durante todos estes anos, não lhe foi possível recorrer porque precisamos de provas novas e convincentes. E não há nada. Teria de ser bastante espetacular...

- Tenho um vídeo - interrompeu ele.

- Vídeo?

Ele assentiu uma, duas, três vezes, antes de acrescentar:

- Vi-o chegar e sair e ela estava vivinha da Silva. Fizeram sexo. Razão pela qual pensaram que ela tinha sido... comprometida.

Aquela formulação fez-me olhar para ele. Tinha matado alguém - com o mais absoluto sangue-frio -, mas não conseguia dizer a palavra «violação»?

- Tudo isso se soube durante o julgamento - repliquei. - De certeza que, mesmo com vídeos dele a entrar e a sair, se limitariam a dizer que a hora da morte era uma estimativa e a ajustá-la de modo a encaixar. - Reconcentrei-me nas lojas maltratadas que se erguiam como velhos soldados num mar de progresso, agarrando-se a quem e ao que eram, apesar de tudo mudar em seu redor. - Para o tirar de lá, teria de haver provas novas e convincentes. Por isso é que os pedidos de recurso foram recusados durante todos estes anos: não há provas novas nem convincentes.

» Portanto, a menos que tenhas algo mais sem ser uma confissão completa, não falemos nisto, está bem? Enerva-

me. Mais do que me enerva. Despedaça-me.

A culpa era como uma bigorna no meu peito. Todos os dias. Não me tinha esquecido. Não tinha «seguido em frente». Não me tinha afastado sem olhar para trás. Mas Sidney recusava-se a ver-me. Não me incluía na Lista de Visitantes. Via Wallace - e apenas Wallace - às vezes, mas mais nada. Queria que todos nós seguíssemos em frente com as nossas vidas, como se isso alguma vez fosse possível. Como se eu pudesse simplesmente continuar e não pensar nele todos os dias. Não amaldiçoar Heath por ter feito aquilo, não me amaldiçoar a mim mesma por ser a culpada.

- Tenho... tenho... tenho outro vídeo... de... de mim a fazê-lo.

Foi como se alguém enfiasse um punho gigante na minha caixa torácica e me apertasse o coração, fazendo todo o meu corpo gelar de horror. Não consegui olhar para ele enquanto perguntava, por entre lábios dormentes:

- Tens o quê?

- Filmei-me... Amarrei-a para poder montar a câmara... Filmei-me. Para nunca poder esquecer o que tinha feito. Sabia que seria capaz de fingir que não tinha acontecido, por isso tinha de ter uma lembrança permanente. Apesar da balaclava e das luvas, dá para ver no vídeo que não é ele, que é um homem branco.

- Estava assustada?

Heath olhou-me fixamente, como se se tivesse esquecido de como falar.

- Estava assustada enquanto o fazias? A implorar pela vida enquanto te filmavas a matá-la? - Tinha de saber. Tinha de saber se ele tinha passado todos aqueles anos a excitar-se com aquele filme *snuff*; a alimentar a sua psicopatia com aquele derradeiro ato de poder e domínio. - *Estava assustada?* - silvei, ante o seu silêncio persistente.

- Não - respondeu ele, baixinho. - Não, não creio que estivesse. Não estava consciente de grande coisa.

- Só dizes isso para te sentires melhor - cuspi eu.

- Não é verdade. Ela e o Sidney tinham estado a beber muito, e foi por isso que começaram a discutir. Dava para ouvir os gritos arrastados na rua. Foi o que os vizinhos disseram, que conseguiam ouvir gritos. Além disso, parecia que tinham fumado muita erva. E ela tomou comprimidos para dormir. Estavam na mesa de cabeceira, abertos. Tomou mais do que devia. Poucos mais, mas bastou para que mal se mexesse quando... - Heath calou-se, como que ao dar-se conta do que estava a dizer, a *explicar*.

- Quando lhe puseste as mãos à volta do pescoço. Era isso que ias dizer? Porquê a almofada em cima do rosto, então? Só para ter a certeza?

Ele baixou a cabeça, olhando para o passeio. Eu fiz o mesmo, os olhos subitamente marejados de lágrimas. Como acontecia sempre que pensava naquilo. Podia estar bem, ou a rir e gracejar alegremente, ou quase a adormecer, e então o pensamento invadia-me o cérebro: *uma mulher está morta por minha causa. Por me amar tanto, um homem matou alguém para me tentar impedir de o deixar. Uma mulher está morta por minha causa e toda a sua família*

está devastada. E odeiam todos o homem errado, odeiam alguém que é completamente inocente. E os meus olhos inundavam-se de lágrimas, e eu sentia-me sem fôlego, porque parecia que o meu coração estava a ser espremido, tal como o meu marido tinha feito com a vida de uma mulher que não conhecia.

Tenho de deitar a mão a esse vídeo, decidi. Tenho de o fazer chegar à polícia e de tirar o Sidney da prisão. É só isso que posso fazer. Não posso trazê-la de volta, mas posso ajudar a libertar o Sidney.

- Sei o que estás a pensar - disse Heath, subitamente capaz de me encarar novamente. - Estás a pensar que precisas de deitar as mãos a esse vídeo. Não podes. Nunca o encontrarás. Se falares nele à polícia, será como da última vez, nunca acreditarão em ti porque jamais o encontrarão. Escondi-o num sítio onde mais ninguém além de mim o encontrará.

- O que queres, Heath? O que queres em troca do vídeo?

- O que sempre quis: quero-te a ti. Quero-te de volta. Se voltares para mim, entrego anonimamente a gravação à polícia... E tu comprometes-te a não lhes dizer que sou eu.

Abri a boca.

- E sei que, se prometeres não dizer, não o farás. Tal como da última vez, tenho um álibi perfeito.

Engoli em seco ante o nó que me bloqueava a garganta, tentando em seguida humedecer os lábios.

- Como resultaria sequer, isso de eu voltar para ti? Quer dizer, achas que vou viver contigo? Fazer sexo contigo?

- Claro. Repara, sempre encaixámos bem na cama, não podes negar isso. Mesmo quando já não me amavas, continuavas a gostar de fazer amor, dava para perceber. Se voltasses para mim, podíamos ser novamente felizes, sei que sim. Podíamos casar, desta vez publicamente. E podíamos ter um bebé. Sei que estamos os dois a ficar velhos, mas podíamos tentar. Há gente mais velha do que nós a ter bebés. Não tiveste nenhum com aquele outro sujeito, o que pode significar que não queres ter filhos; não há problema nenhum. Alinho com o que tu quiseres.

Exceto entregar a gravação à polícia sem me queres a mim em troca, quase acrescentei. Em vez disso, voltei a perguntar:

- Porque me queres de volta, Heath? Deves saber que, se eu voltar para ti porque me obrigaste, nunca serei capaz de te amar da forma que queres. Nunca estarei realmente contigo, por isso porque me queres de volta?

- Porque te amo.

- Isto não é amor. Não sei o que é, mas não é amor.

Heath juntou as mãos e apertou-as, encaixando bem os dedos de uma e de outra, como numa prece desesperada.

- Já te disse, não te quero amar. Tentei não te amar. E resulta, durante algum tempo. Às vezes, como quando tomava medicação, resultava durante bastante tempo, mas não perdura. Nada perdura porque a minha predefinição é amar-te. Fui feito para te amar. E é amor. É *mesmo*.

- Se me amasses, não estarias a fazer-me isto.

- Não te quero amar - alegou ele, pateticamente.

- Também não quero que me ames - afirmei, antes de abrir a porta do carro e entrar.

A razão - a verdadeira razão - por que eu não queria ir ao funeral era porque sabia, sem margem para dúvidas, que levaria àquilo. Soubera durante todos aqueles anos que os meus dias estavam contados. Que o que estava a fazer acabaria e eu teria de voltar, a certo ponto, para pagar novamente as minhas dívidas - desta vez com Heath.

Tinha feito o que Sidney queria, tinha ajudado a sua família. Com Wallace, tinha ajudado a redecorar e a reparar a casa, tínhamo-los deixado numa situação financeira tão segura quanto possível, que lhes permitia fazer viagens ao Togo sempre que quisessem. Tínhamos-lhes mandado construir uma casa mesmo à saída de Lomé, pelo que podiam dar todas as escapadelas que quisessem. Tínhamos reparado tantas relações quanto possível na sua família, tínhamos tentado iluminar-lhes a vida. Mas os pais de Sidney estavam a ficar velhos, o avô que lhe restava podia não ter muito mais tempo. Estava na hora de Sidney voltar para casa, de completar a sua família.

Vivera todo esse tempo com os dias contados, e agora estava na hora de pagar tudo.

Petrificada dentro do meu carro, tapei o rosto com as mãos para me poder esconder até do meu reflexo fantasmagórico no para-brisas. Não queria partir. Não queria renunciar a Wallace.

Era ele o fator que complicava tudo isto. Amava-o. A ideia de o abandonar, de o deixar, escavava dentro de mim

novas profundidades de dor que não sabia que era possível sentir.

Há anos que agonizava com o que Heath tinha feito por minha causa – nunca poderia esquecer, estava sempre a tentar encontrar formas de fazer com que o universo me perdoasse fazendo tudo o que podia pela família de Sidney, mas também era egoísta. Tinha-me apaixonado por Wallace, tinha aceitado o seu amor quando não tinha realmente direito a amar ninguém. Não quando o «amor» tinha levado Heath a eliminar alguém do mundo. Wallace tinha aliviado a minha dor quando, na verdade, eu não merecia sentir mais nada a não ser tormento. E agora tinha de o deixar.

Como se isso não bastasse, teria de o magoar também. Teria de o abandonar sem lhe explicar devidamente o porquê. Como podia eu dizer-lhe porquê? Como entenderia ele que eu tinha deixado o seu irmão definhar na prisão durante tanto tempo quando essa única escolha o libertaria? A minha relação com Wallace teria de terminar, e essa ideia era uma tortura.

A outra porta do carro abriu-se e eu senti Heath entrar, fechar a porta atrás de si, selando-nos juntos no interior.

– Não o posso fazer já – afirmei.

– Quanto tempo? – perguntou Heath, baixinho, quase como se não pudesse acreditar no que eu lhe estava a dizer.

– Tenho de me divorciar – respondi. – E de me despedir do emprego...

– Não quero que faças isso. Tu adoras esse emprego.

Engoli as palavras azedas que me queriam sair da boca.

- Tenho de acabar com a minha antiga vida - afirmei. - Não posso continuar a fazer essas coisas. Tenho de começar de novo, se vou fazer isto contigo. - Fora essa a razão por que tinha sido tão inflexível nas negociações do contrato quanto a poder acabar permanentemente com a série; sabia que aquele dia chegaria.

- Preferias ir para algum lugar onde ninguém nos conhecesse?

- Sim. Seria o melhor - murmurei.

- Está bem. Vou começar a procurar. Algum sítio específico onde queiras ir?

- Não quero saber.

- Vou arranjar um lugar, um sítio mesmo bonito, onde possamos ser só nós os dois.

- Certo. Ótimo. Sim.

Retraí-me quando Heath me pôs a mão na cabeça e depois a desceu para o meu ombro, deixando-a lá. Quase lhe disse para não me tocar, mas impedi-me. De que adiantava? Estaria com ele em breve. Para quê fingir que não deixaria que ele me tocasse então? Teria de fazer o que fosse preciso para o impedir de magoar mais alguém.

- Vai demorar algum tempo - disse eu. Tapei fugazmente a sua mão com a minha, tirando-a depois do meu ombro e baixando-a por ele. Não suportava que ele me tocasse. Não quando ainda era casada com Wallace.

- Quanto tempo? - perguntou ele de novo, sustendo a respiração. À espera de que eu me revelasse uma mentirosa e uma perda de tempo. Alguém que estava apenas a iludi-lo até lhe poder subtrair o vídeo. Não podia

fazer isso. Jamais poderia correr o risco de ele voltar a fazer mal a alguém. Ia fazê-lo. Ia voltar para ele para que ele não voltasse a magoar ninguém.

- Tenho de notificar a produtora de televisão e de tratar do divórcio. Seis meses, calculo, no máximo. Farei todos os possíveis para terminar mais cedo, com sorte, não mais de três meses.

Finalmente, tirei as mãos do rosto e virei-me para ele, para garantir que sabia que eu estava a falar a sério. Ia mesmo fazer aquilo.

- Eu... Eu amo-te mesmo - disse ele. - Desde o momento em que te conheci. E tudo o que fiz foi porque te amo.

Olhei para Heath, sem saber o que dizer. Ser-se amado por alguém devia ser bom, não assim tão perigoso, tão tóxico, tão horrível.

- Entro em contacto mais perto da altura - afirmei.

- Entras mesmo?

- Por favor, não magoes ninguém nem faças nada até lá.

- Eu já não faço isso.

- Vou voltar para ti, prometo. Promete-me que não vais magoar nem fazer nada a ninguém até lá.

- Eu já não faço isso.

- Promete-me só.

- Prometo.

- Obrigada. Tenho de ir - disse-lhe eu, virada para o para-brisas. - Vemo-nos daqui a três meses, se eu conseguir, ou então seis.

- Vamos ser tão felizes juntos, prometo. Vamos ser tão felizes.

Com o coração a palpitar e nós onde o meu estômago deveria estar, dirigi-me a casa, pronta para iniciar a nova etapa da minha vida.

Sem o meu emprego.

Sem a minha casa.

Sem a minha família.

Sem o meu amado Wallace.

39

23 de agosto de 2022

Rua de Cleo e Wallace, fronteira Hove-Brighton

Fim da noite

As noites são tranquilas por aqui. A partir sensivelmente das nove horas, a maioria das pessoas parece assentar; embora haja luzes acesas, há muito poucos sons a perturbar a suave maciez do ar frio da noite. A algumas ruas de distância, um cão ladra, o que faz com que alguns outros cães ladrem em resposta. Estou ciente do som dos meus passos enquanto me apresso a chegar ao fim da nossa rua. É uma grande distância até ao ponto de encontro e tenho de acelerar o passo para me certificar de que chego lá à hora marcada.

A casa com a porta amarela tem um enorme caminho de acesso em gravilha, pois é a maior casa desta rua e tem cinco apartamentos de boa dimensão. Há uma caixa elétrica verde no passeio, mas o candeeiro de rua fica algumas casas abaixo e nada faz para verter luz sobre esta zona.

Ele não está aqui.

Esperava vê-lo aqui postado enquanto eu descia à pressa, depois esperava que saísse do caminho de acesso para a rua quando eu parasse. Não.

Ele não está aqui.

Olho em volta, perscrutando as sombras, semicerrando os olhos às árvores e carros estacionados e portas

escurecidas. Ele não está aqui.

Pego no telemóvel, ligo a lanterna, aponto-a em meu redor para ver se a lâmpada consegue projetar algum tipo de luz à volta para eu conseguir ver onde ele pode estar escondido.

Ele não está aqui.

Não está aqui, não está aqui.

Ele. Não. Está. Aqui.

Viro-me na direção de onde acabo de chegar.

Não está aqui. Por isso, onde está?

23 de agosto de 2022

Casa de Cleo e Wallace, fronteira Hove-Brighton

Fim da noite

Está alguém dentro de casa.

Lola sente-o.

Está alguém dentro de casa que não deveria estar.

Tinha ouvido a tia C acionar o alarme, e não tinha sido desligado, pelo que não deveria estar ninguém dentro de casa.

Lola larga novamente o punhado de pipocas que estava prestes a enfiar na boca dentro da taça de plástico transparente e fica muito quieta, à escuta. A televisão não está muito alta, está a ver um filme com legendas, pelo que consegue ouvir os rangidos da casa, consegue ouvir quaisquer sons vindos do exterior. E consegue também ouvir as coisas que não deviam estar lá. Por um momento, nada. Nada, apenas o cão a ladrar algures nas traseiras. E então... o suave bater de um passo. E outro. O rumorejar de tecido enquanto alguém atravessa lenta e furtivamente o corredor. Em direção àquele quarto.

Está alguém dentro de casa.

Olha para a porta e os seus olhos arregalam-se de choque e medo ao dar-se conta de que não pôs novamente a cadeira debaixo da maçaneta após ter regressado de ir buscar o seu livro e os óculos ao quarto ao lado.

Estaria a pessoa já dentro de casa então? À espera? À espera para sair quando a tia C estivesse suficientemente longe?

Outro suave som de um passo. E outro.

Estará ali em breve. Muito em breve.

Os seus olhos perscrutam o emaranhado de roupa de cama – o edredão florido, o suave e felpudo cobertor bege e as almofadas – em busca do seu telemóvel ou do telefone de casa. A tia C tinha-a obrigado a pegar neles. «*Fica com eles na mão até eu regressar*», dissera. Lola tinha feito o que lhe mandavam – até ir buscar o livro e os óculos. Então, tinha-os simplesmente pousado e agora não sabe onde estão.

Passo suave, passo suave.

Oh, céus, o que deve fazer?

Olha para a janela. Conseguirá descer sem partir o pescoço? Não. Nem vale a pena fingir que sim.

Será melhor esconder-se?

Esconder-se. Sim. Esconder-se. Os seus olhos movem-se desvairadamente em volta, em busca de um sítio para se esconder naquele quarto. Nada lhe ocorre, a não ser num dos roupeiros ou debaixo da cama. Nenhuma das hipóteses é um bom esconderijo.

Deveria pôr novamente a cadeira debaixo da maçaneta? Sim, é uma ideia melhor. Muito melhor.

Sim, sim. Fechar-se no quarto, procurar o telemóvel, ligar para a bófia.

Lola sai da cama, tentando ser discreta para que a pessoa não se aperceba de que ela sabe que está lá. Põe os

pés na alcatifa e afasta-se da cama o mais silenciosamente possível.

Consegue ouvir o bater do seu coração, embora tenha a certeza de que mais ninguém consegue, mas sustém a respiração na mesma, só para o caso de a poderem ouvir.

Lenta e cuidadosamente, Lola atravessa o quarto, ciente de que precisa de acelerar, os passos estão quase junto à porta. Lança-se, corre para a porta e agarra na cadeira, pronta para a enfiar no lugar, no preciso momento em que a porta se abre, fazendo-a cair de costas e atirando-lhe com a cadeira para cima.

O intruso, vestido de preto, com uma máscara a cobrir-lhe a boca e o capuz puxado para cima, empurra a porta com força e entra no quarto antes de Lola conseguir recuperar.

A única coisa que consegue fazer é soltar o início de um grito antes de o intruso a agarrar e lhe tapar a boca com uma mão enluvada.

É agora, apercebe-se Lola. É este o momento em que morro.

41

23 de agosto de 2022

Rua de Cleo e Wallace, fronteira Hove-Brighton

Fim da noite

Parece um grito.

Posso estar a imaginar coisas, mas parece um grito que foi interrompido. Por outro lado, as raposas estão constantemente a fazer esse tipo de barulhos. Gritam quando estão a acasalar e eu paro sempre, endireito-me sempre, pois, durante esses primeiros microssegundos em que o som me chega aos ouvidos, parece um grito. Tal como o som que acabo de ouvir. Mas esse veio da direção da minha casa.

E Heath não está aqui.

Porque estás aí parada? Porque não estás a correr na direção do grito?, brado para comigo. Então desato a correr, precipitando-me para minha casa. Os meus pés não se mexem suficientemente depressa, as minhas pernas não me dão força suficiente. Estou a aproximar-me, mas não suficientemente depressa. Mais perto, mais perto, correndo, correndo, e então... *WEEUWEEUWEEUWEEU!* Um alarme antirroubo explode na noite, avisando toda a gente de que algo de errado se passa. Paro bruscamente, transformada numa estátua de sal como a mulher de Lot – só que não foi um último olhar que me petrificou, e sim o som de alguém a invadir a minha casa.

A invadir a minha casa para chegar a alguém de quem gosto. Para chegar a Lola.

Recomeço a correr, desta vez com uma velocidade vinda do medo e do horror face ao que está a acontecer. O meu telemóvel começa a vibrar-me na mão, tocando para me dizer que alguém ativou o alarme em minha casa.

Não a devia ter deixado. Não a devia ter deixado. Está um carro a arrancar da berma no momento em que me aproximo, vários cães ladram ao alarme que perturba a sua paz. Não abrando ao virar a esquina para o caminho, onde vejo a nossa porta púrpura escancarada como a boca de alguém profundamente em choque. *WEEUWEEUWEEUWEEU!*, continua a gritar o alarme, num aterrador pano de fundo para o horror que clama dentro de mim. *WEEUWEEUWEEUWEEU!*

- Não. Não. Não. - Corro para dentro de casa, passo as chaves pelo teclado do alarme para calar o ruído diabólico e depois subo os degraus dois a dois. A porta do meu quarto também está escancarada, mas está lascada junto à maçaneta, que não foi rodada antes de ser aberta à força.

A televisão está ligada, as pipocas espalhadas pela cama, a taça virada ao contrário no chão, a cadeira caída de lado no meio do quarto. O telemóvel de Lola repousa como uma ostra negra na concha da roupa de cama. O telefone fixo jaz no chão, junto à taça das batatas fritas.

Demoro alguns segundos a assimilar devidamente o panorama no meu cérebro e, quando isso acontece, saio a correr, voando de quarto em quarto, chamando o seu nome,

pedindo-lhe – implorando-lhe – que me diga que está aqui. Que está bem. Que ele não a levou.

Corro para o andar de baixo e faço o mesmo, terminando no pequeno quarto das traseiras onde Franklyn dorme.

Vazia. A casa está vazia. Ela desapareceu.

O carro. Havia um carro a acelerar. Talvez ela estivesse lá dentro. Talvez tivesse fugido para fora de casa. Corro para o exterior, mas obviamente o carro já desapareceu há muito. Se levava Lola, perdi a minha oportunidade de o travar.

Trémula, agitada, viro-me de frente para a minha casa.

Isto não pode estar a acontecer. Não pode estar a acontecer. O que vou dizer aos pais dela? Como vou explicar isto a seja quem for, quanto mais a eles? Algo ressoa no meu pensamento e corro de novo para casa, para o quarto mais pequeno do primeiro andar. Tornou-se um depósito de tralha em que raramente entramos. A janela está aberta. Uma parte do vidro foi cortada para a pessoa poder introduzir a mão e abrir as fechaduras.

Não é Heath. Ele não teria feito isto.

Sim, fez aquela outra coisa, mas isto não foi ele. Poderia fazer isto a outras pessoas, mas não a mim. Nunca a *mim*.

O telemóvel apita-me na mão. Um tinido alegre entre o horror que se desenrola em meu redor. Porque ainda está em curso, não está nem perto de ter acabado.

° Se contares a alguém, ela morre. Limita-te a aguardar mais instruções. Estou a falar a sério. Diz a alguém... à polícia, aos pais dela... a seja quem for, e ela morre.

Não é definitivamente Heath. Devia ter calculado. Nenhuma das mensagens parecia dele. Mesmo na sua máxima fúria, no seu auge mais aterrador, ele nunca falou assim. Respondo:

- Quem és tu? Porque estás a fazer isto?

A resposta é quase imediata.

°:) LOL Já percebeste.

° Parabéns por não seres completamente estúpida. Terás notícias minhas. Mantém-te junto ao telefone. E quando a polícia aparecer, fica de boca fechada.

- Porque haveria a polícia de aparecer?

° Verás.

- O que fizeste?

° Verás. Agora, descarrega a aplicação LimpezaDeFugas e apaga todas estas mensagens. A polícia não será capaz de as recuperar. Depois apaga a aplicação. Se não o fizeres, ela morre.

Estou prestes a obedecer, pois não posso correr nenhum risco com Lola, quando o telemóvel se ilumina com uma fotografia dela. Tem um grande retângulo de fita adesiva a tapar-lhe a boca, fios de cabelo a fugir-lhe das duas tranças

com risco ao meio que tinha feito hoje. Em vez de parecer aterrorizada, como seria de esperar, olha furiosamente para a câmara. Está nitidamente a injuriar mentalmente a pessoa que lhe tira a foto.

Até consigo sorrir. *Aguenta-te, Lola*, penso eu. *Vou salvar-te. Vou encontrar-te.*

23 de agosto de 2022

Casa de Cleo e Wallace, fronteira Hove-Brighton

Fim da noite

Estou outra vez na cozinha, a andar de um lado para o outro, a tentar perceber quem fez isto. O meu telemóvel, permanentemente expurgado de todas as mensagens de quem quer que seja, está em silêncio. Aguardo instruções sobre o que fazer a seguir, mas não paro de dar voltas à cabeça.

É nitidamente alguém que me odeia.

Mas alguém que me odeia e tem acesso à minha vida. Que tem andado a seguir-me. Que conhece a minha casa. Que conhece a minha rua. Que conhece o meu trabalho. Que conhece a minha rotina.

Tenho de pensar, tenho de resolver isto, para o bem de Lola. Arrumei o máximo que pude – limpei o quarto, tapei o buraco com papel e pus caixas à frente da janela para não parecer que alguém invadiu a casa –, não vão Franklyn ou Wallace regressar. Não quero que entrem no local de um crime. Mas não sei o que lhes vou dizer sobre Lola. É claro que quero ligar à polícia. É claro que quero ligar aos pais dela, mas esta pessoa já matou antes. E tentou voltar a matar. Harry Andrews continua com a vida por um fio.

BUM! BUM! BUM! O som na porta da frente faz-me dar um salto. Paro de andar de um lado para o outro e olho fixamente para a porta da cozinha, o coração acelerado por

conta do susto repentino. Na verdade, o meu coração está acelerado desde que alguém levou a minha sobrinha, mas esta é uma camada adicional de aceleração. Um novo *BUM! BUM! BUM!* faz-me mexer, sobressaltada. Dirijo-me à porta da frente.

Tenho a certeza de que sei quem será.

Abro a porta e ali estão eles. Os inspetores Amwell e Mattison, apoiados por quatro dos seus colegas fardados.

- Senhora Pryce - dizem ambos ao mesmo tempo.

Não respondo. O impulso de contar o que aconteceu é demasiado forte.

- Temos um mandado de busca para a sua casa - explica Mattison. Estende-me um papel dobrado, em que eu não pego. Há mais. A julgar pelo brilho de entusiasmo nos seus olhos, pela alegria quase incontida que lhes dança em redor dos lábios, há mais.

- Podemos entrar? - pergunta Amwell, obviamente divertido com esta viragem nos acontecimentos, com esta mudança no equilíbrio de poderes.

Dou um passo atrás. Vão entrar no quarto de hóspedes e descobrir a janela cortada. E vão ver a porta estragada do meu quarto. E vão... o quê, fazer-me perguntas? Nem sei. Que diferença lhes faz, se não apontar diretamente para os crimes por que me estão a investigar? A minha mente continua acelerada, continuo a tentar descobrir quem está a fazer isto.

- Há algum sítio onde possamos esperar enquanto os nossos agentes realizam a busca?

- Em qualquer lado - respondo. Sinceramente, não me interessa. Quem quer que tenha feito isto provavelmente parou para plantar qualquer coisa em minha casa. Vão encontrá-la, vão inevitavelmente pensar que sou suficientemente estúpida para deixar provas espalhadas por aí e vamos fazer outra vez toda aquela dança ridícula.

Consigo perceber que a minha falta de resistência tira o brilho à situação para ambos os inspetores. Oíço os outros agentes marchar de divisão em divisão, virando coisas, abrindo coisas, deslocando coisas. Sondando e procurando o elemento que os ajudará a prender-me.

Fico no corredor, a ver como tudo acontece, sentindo-me como se estivesse a uma grande distância. E estou, imagino, uma vez que a minha mente está noutro lugar.

- Não nos perguntou porque estamos aqui - comenta Mattison. - Como conseguimos obter um mandado.

- Porque acham que eu matei o Jeff Burrfield e tentei matar o Harry Andrews - afirmo eu, sem me dar ao trabalho de esconder o quanto estou distraída.

- Não - diz Amwell, com grande prazer. - Não é por isso.

- Estamos aqui porque alguém tentou matar a Sandy Burton. Está em coma.

Esperem lá, o quê?

- Desculpem? Alguém tentou matar a Sandy Burton? A diretora de operações da HoneyMay? Quando?

- Hoje de manhã.

- Eu... hum... não consigo assimilar isto. Como?

- Porque não nos diz, senhora Pryce?

- Como haveria eu de saber?

Amwell tira o telemóvel e uma folha de papel do bolso. Em seguida, com grande espetáculo, introduz os algarismos escritos no papel no seu telemóvel. Prime o botão de ligar enquanto olha fixamente para mim. Há um segundo de desfasamento e então o telefone na minha mão ilumina-se, antes de começar a tocar. Olho para o meu aparelho, um número que não reconheço nem tenho guardado a piscar.

- Atenda, vá - diz Mattison.

Primo o botão de rejeitar chamada e suspiro.

- A senhora Burton foi atraída para os degraus íngremes junto à Madeira Drive, na marginal, e foi empurrada.

Outra forma como alguém era morto na série *A Detetive dos Bolos*. Uma mulher vaidosa e egoísta era atraída para lá por uma mulher que se vinha a descobrir ser a sua filha há muito perdida, que tinha crescido na pobreza enquanto a mãe levava uma vida de luxo perpétuo. A mulher assassinada tinha algumas parecenças com Sandy - cabelo louro curto, um rosto de feições fortes, que tinham sido melhoradas várias vezes, magra, escanzelada.

- A mensagem de texto que a fez ir até lá dizia... - Amwell ergue a folha de papel e lê. - «Estou com dúvidas sobre o cancelamento do programa. Podemos encontrar-nos para falar sobre isso? Num sítio privado, afastado... Não quero dar falsas esperanças a ninguém.» Seguem-se os detalhes do encontro.

- Eu não enviei essa mensagem - afirmo, com a boca seca.

- Pensámos que poderia dizer isso. Razão pela qual o inspetor Amwell ligou para o número de onde partiu a mensagem à sua frente, para que pudesse receber a chamada diante de nós.

- Não, não compreendem. Eu não enviei essa mensagem. É impossível que possa ter partido do meu telemóvel. Podem verificar, se quiserem; essa mensagem não existe. - Olho desesperadamente de um rosto para o outro. Nenhum deles acredita em mim. - Não fui eu. Alguém está a tramar-me. Estão a tentar tramar-me. Não fui eu.

- Cleo Forsum Pryce, está detida por suspeita de tentativa de homicídio.

Não. Não podem fazer isto. Agora, não.

- Não é obrigada a falar.

Tenho de a encontrar antes que seja demasiado tarde.

- Mas pode prejudicar a sua defesa se não referir, quando interrogada, algo que posteriormente transmita em tribunal.

Se não fizer o que me mandam, ela vai morrer. Ele vai matá-la.

- Tudo o que disser pode ser utilizado como prova.

- Por favor, não fui eu! Juro que não fui eu! Têm de me deixar ir...

Têm de me deixar ir. É uma questão de vida ou morte.

Parte 9

24 de agosto de 2022

Centro de Detenção de Brighton, Brighton

Fim da noite/início da manhã

- Sabe o que eu acho, senhora Pryce? Acho que a senhora pensa que é um génio. Julga-se muito mais esperta do que todos os outros, principalmente a polícia. - A inspetora Mattison fala como alguém que foi obrigado a ver *todos* os episódios de *A Detetive dos Bolos* e a ler todos os livros da série, e odiou *cada s-e-g-u-n-d-o*.

Estamos nisto há horas. HORAS.

Não estão cansados?!, apetece-me gritar-lhes.

Ponho o braço na mesa que os separa de mim e apoio a cabeça nele. Estou tão cansada, mas a minha mente continua acelerada. Consome tanta energia ao correr e correr, tentando perceber quem fez isto. Quem gastou tanto tempo a fazer-me isto.

Preciso de sair daqui e encontrar Lola.

- *Eu* acho que casou com o seu marido para se aproximar do irmão dele, porque lhe agradava a ideia de ter laços de proximidade com um assassino. - Fecho os olhos. Não vou morder o isco. - Mas isso não se revelou tão glamoroso como pensava. Por isso, decidi voltar-se para os homicídios reais. E pensou que, ao ser descuidada, ao imitar os homicídios das suas histórias, conseguiria sair impune.

- Acho que gostaria de falar com um advogado, agora - murmuro.

- Desculpe? - replica Amwell. - Disse alguma coisa?

Endireito-me, recosto-me na cadeira e tento não chorar.

- O cinzento não é a minha cor - comento, referindo-me ao fato de treino que me deram para vestir enquanto dão entrada das minhas roupas. - Mas será a cor de alguém?

- Não me parece que esteja a levar isto a sério - observa Mattison.

- Mas estou, só não sei o que responder a tudo o que acaba de dizer. Não fui eu. Não fiz nada. Se verificarem o meu telemóvel, verão que não enviei mensagem nenhuma. Verão também que não saí de casa todo o dia. - Encolho os ombros. - Não fui eu.

- Então quem foi? - pergunta Amwell.

- Não sei. Sei que não enviei nenhuma mensagem a marcar encontro com ninguém. Deve ter sido uma daquelas aldrabices telefónicas... clonagem. Clonagem de telefones! Em que os vigaristas usam os números de telefone verdadeiros dos bancos para ficar com o dinheiro das pessoas. Devem ter feito isso. Porque, quando tiverem analisado o meu telemóvel, verão que não há lá nada.

Ficam simplesmente a olhar para mim, e subitamente torna-se evidente que *já* analisaram o meu telemóvel e não encontraram provas de eu ter enviado aquela mensagem. Provavelmente, já receberam dados preliminares a confirmar que o meu aparelho não saiu de casa. Nada que me ilibe, mas dá a impressão de que estou mesmo a dizer a verdade.

- Sabe o que acho interessante no seu programa? - pergunta Mattison.

- Que não gosta dele?

- Não. Que a personagem principal seja tão parecida consigo.

- E isso é interessante porquê? Muitos escritores criam personagens que são versões de si mesmos.

- Provavelmente é verdade - diz ela, apoiando-se na mesa, e eu consigo ver que o tecido do seu casaco está gasto e reluzente nos cotovelos. Deve sentar-se muitas vezes dessa forma. - Mas, no seu caso, são tantas as semelhanças. Bem, veja-se o nome, por exemplo. De facto, chamou-lhe Mira Woode.

- Sim?

- Mira. É basicamente a outra metade do seu nome. Cleomara. «Mara.» «Mira.» Não sei se há muitos escritores que cheguem ao extremo de dar o próprio nome aos protagonistas.

- Nem me apercebi de que o tinha feito - confesso. *Uau. Que narcisista da minha parte. Pergunto-me quantas pessoas não me terão achado uma perfeita arrogante por ter feito isso...* - É muito raro utilizar a parte «Mara» do meu nome. Na verdade... - Paro de falar quando a revelação me atinge como um tijolo na cabeça.

A outra metade do meu nome. A outra metade do meu nome significa que tanto me poderia chamar Cleo como Mara.

- Na verdade? - repete Mattison, querendo que eu continue. Sente que estabelecemos uma ligação, que

continuaremos a conversar e eu relaxarei o suficiente para confessar ou lhe dar ao menos alguma informação que os ajude a condenar-me.

- Na verdade, gostaria de falar com um advogado, agora - digo. - Não tenho nenhum disponível, por isso, se fizessem o favor de me ir chamar o advogado de turno, ficaria muito grata.

Recosto-me e cruzo cuidadosamente os braços sobre o peito. Deixo-me deslizar um pouco na cadeira. Era assim que Heath se costumava sentar. Quanto mais se queria esconder durante uma conversa, mais baixo ficava. Como da primeira vez em que nos falou, a mim e a Trina, sobre a namorada. Estava praticamente na horizontal quando todos os pormenores dessa revelação emergiram.

A namorada que tinha um problema comigo. A namorada a quem ele não tinha garantido antes do funeral da mãe que não seria trocada por mim. Oh, devia odiar-me. Devia odiar-me tanto.

Abi.

Abi. Que me odeia há anos.

Abi. Que adoraria vingar-se de mim.

Abi. Que adoraria ver-me presa por crimes que não cometi.

Abi. Que sabe tudo sobre mim e o meu passado.

Abi. Que saberia o número de Heath para o clonar.

No seu apartamento em Londres, pouco depois de termos regressado de ir ver Trina a Leeds, tinha encontrado um dos bilhetes que ela lhe tinha escrito atrás de um dos radiadores. Estava escrito numa nota adesiva

cor-de-rosa que tinha desbotado e ficado ressequida com o tempo. A tinta preta com que o tinha escrito estava cinzenta, mas ainda dava para ler muito claramente:

Vou chegar tarde esta noite. Amo-te. Abi x

Abi. Na altura, pensara que o seu nome parecia incompleto. Quase como se não tivesse acabado de o escrever – como se devesse haver mais no seu nome. Mais *nela*.

Mas, voltando à parte de me tramar, como conheceria Abi o meu trabalho? Como teria acesso ao meu passe de segurança? Ao meu brinco... Porque não é apenas Abi, pois não? Há *mesmo* mais nela. Mais no seu nome.

Ela é Abi.

Abi.

Abigail.

Gail.

Parte 10

24 de agosto de 2022

Confissão da Abi

Sabes, Heath, às vezes, imagino a nossa relação como um filme. Obviamente, claro, uma vez que trabalho nas artes visuais; sim, sim, nos filmes.

Imagino a nossa relação dessa forma porque, quando olho para trás e penso nela, não a vejo do início ao fim de uma assentada, tenho de estar constantemente a andar para a frente e para trás e a fazer pausas. Queres ver? Queres ver, Heath? Vamos lá, então...

Rebobina. Vamos lá... rebobina...

Eu vi-vos. Os dois ali parados, de pé, juntinhos ao lado do carro dela. Ambos de preto, ambos tão confortáveis um com o outro, que era como se nunca tivessem estado separados. Como se nunca se tivessem afastado. Então e eu? Então e eu, Heath? O mundo estava cinzento, nublado e mortiço, e tu nem sequer me chegaste a ver, pois não? Ao fundo da igreja, ao fundo do crematório. Vi quem procuraste em primeiro lugar, na igreja e depois no crematório. E quando todos saíram para regressar ao salão para o velório, não apoiaste a tua tia, não apoiaste as primas da tua mãe, quase partiste uma perna para a veres, para ires falar com ela.

Eu vi-te. Vi-te tentar chegar perto dela. Os olhares demorados, as palavras que sabia que sussurrarias para a fazer aproximar-se. Vi-te entrar no carro dela quando já devia ter arrancado. Vi-a vergada, com a cabeça nas mãos, a soluçar – parece que não seria assim tão fácil para ela deixar o marido, afinal. Tinha a certeza de que não ias fazer isto. De que éramos suficientemente fortes para resistir a que a visses outra vez, suficientemente fortes para não ficares inebriado só de estar perto dela. Mas vi-te entrar no carro, vi-te pôr a mão nela. Vi-a olhar para ti. Foi esse o momento? Foi então que ela decidiu que seriam novamente um casal?

Tu e ela deixam-me doente, sabes? Literalmente. Vomitei quando vi o que estava a acontecer. Que a história se estava a repetir. Que, nos teus momentos de necessidade, é ela que queres e é para estar contigo que ela vem a correr. Sempre. Sempre. Sempre.

O meu amor não é suficientemente bom para ti porquê, Heath?

Porquê ela e não eu?

Porquê?

Volta atrás. Isso, rebobina. Mais. Mais.

– E esta é a nossa nova assistente de produção, Abigail Brewster – disse Sandy Burton ao apresentar-me a ela, a essa tua mulher incrível.

E sabes o que ela fez? Sorriu-me. Sorriu-me, estendeu-me a mão e disse olá. E acrescentou:

- Será um prazer trabalhar consigo na *Detetive dos Bolos*.

Não fazia ideia de quem eu era. Nenhuma. Porque tu nem sequer te deste ao trabalho de lhe falar sobre mim, pois não, Heath? Limitaste-te a descartar-me e a fingir que eu não existia. Por isso, ela não sabe nada sobre mim. Quer dizer, tecnicamente, devia estar a tremer nos seus ténis imaculados ante a perspetiva de eu entrar no seu território, ante o que eu lhe poderia fazer. Mas pestanejou sequer? Fez mais alguma coisa, além de sorrir docemente e perguntar: «Será um ligeiro sotaque do Yorkshire isso que eu oiço?», ao que respondi «É, sim.»?

Se ela me tivesse perguntado, eu ter-lhe-ia dito, mas claro que não perguntou. Estava demasiado ocupada a ser a grande estrela. Demasiado importante para ir além da mais breve e fugaz das conversas com a assistente de produção.

Rebobina. Vá lá, rebobina.

Aí vão os dois, a sair com malas, com destino a sabe-se lá onde. Juntos. Sempre juntos. Nunca quiseste viajar comigo. Nem para as mais simples miniférias. Como tinha de implorar para te convencer a ir visitar os meus pais a Sheffield. «*Estou a trabalhar, Abi*», «*Não posso tirar folga, Abi*», «*Só quero relaxar, não sentar-me em casa de outra pessoa a beber cerveja quente, Abi*».

Não querias estar comigo, envolver-te na minha vida. Mas na dela estavas sempre a tentar entrar, não é verdade? Por ela, atravessarias meio mundo sem qualquer hesitação.

E quem diria, mudaste as fechaduras! Eu não teria feito nada. Só queria dar uma olhadela, ver o que ela tinha feito com o espaço. Dar uma vista de olhos ao que a tinhas deixado fazer com a minha casa. Porque haverias de mudar as fechaduras? O que pensavas ao certo que eu ia fazer? Não sei porque me perturbou tanto que as tivesses mudado, mas foi isso que aconteceu. Magoou-me. Como tudo o resto, magoava que não me quisesses. Que me tivesses descartado.

Rebobina. Mais. Mais.

Ah, sim, cá estamos. Pergunto-te ao telefone se nos podemos encontrar. Não. Vais a Leeds. Nunca consegui fazer com que viajasses comigo, mas vais a caminho de Leeds para visitar uma amiga que foi ferida. A meio da semana de trabalho. Eu estava em Sheffield, a ver a minha avó que não estava bem. Se te tivesse pedido para ires lá, tê-lo-ias feito? A minha avó adorava-te. Terias ido visitá-la?

- Tenho de ir ver a Trina, está no hospital. - E quando digo que vou contigo, o que respondes? - Não, não. Já não estamos juntos. Não nos devemos encontrar. Far-te-á pensar que temos uma hipótese de estar juntos quando não temos.

- Jura-me que não estás com a Cleo. Promete-me que não me vais deixar por ela.

- Não a vejo há três meses. Desde o funeral. Não te deixei por ela. Não estou com ela nem vou estar. A nossa situação não tem nada que ver comigo e com ela.

Mentiroso.

Eu vi-te.

À porta do hospital. Abraçaste-a. Puxaste-a para ti. Beijaste-a. Beijaste-a como se tivesses passado a noite a fazer amor com ela. Achas que não tinha nada que ver comigo? Como a escolhias sempre em vez de mim? Nada que ver comigo? A sério? Soube na altura que iam ficar juntos durante algum tempo, mas, ainda assim, achava que, se pudesse falar contigo, se pudesse ir a tua casa, deixar-te todo apaixonado e excitado, tu ouvirias, te lembrarias. Mas ela estava lá. Estava a viver lá. E tu expulsaste-me. Obrigaste-me a sair. Já não precisavas de mim.

Sim, rebobina outra vez. Isso, mais para trás. Para trás. Aí, para aí.

Aí estão vocês. Os três, sentados na sala de estar da tua mãe, na noite do funeral do teu pai. Eu fui, é claro que fui, mas tu não reparaste em mim. Na tua névoa de dor, não reparaste em mim, ou pensaste sequer que eu gostaria de apresentar as minhas condolências. Queria fazê-lo, por isso fui. E, mais uma vez, tudo girava à volta dela. Mesmo na minha cara. Não podia acreditar no que me disseste, em como disseste: «*Não me obrigues a escolher entre ti e a Cleo, Abi; escolhê-la-ei sempre a ela.*» Nem sequer pensaste em como eu poderia querer estar lá para ti. Em como poderia importar-me. Em como te ajudaria a preparar as coisas. Não, acontece aquilo e a primeira pessoa a quem ligas é a ela. Sempre ela.

Não entrei no velório, queria só prestar a minha homenagem na igreja. Esperei à porta que ela saísse de tua

casa. Que saíssem as duas. Então, entraria para te consolar. Mas não, ela não saiu. Não, ela e a amiga ficaram. As cortinas estavam abertas, a iluminação era fraca, mas eu vi-vos aos três. Sentados como se não houvesse mais ninguém no mundo. Vi-te levantar, sair da sala, regressar com copos e uma garrafa. Vi-te mudar de lugar, sentares-te ao lado dela. Vi-te entregar-lhe o copo – e depois segurá-lo, para ela ficar ligada a ti. Vi-te olhá-la nos olhos. Não precisei de me aproximar mais para ver que estavas de novo com ela. Que era com ela que irias estar.

Esperiei... esperei que não o fizesses. Que te lembrasses de que eu te amava. Mas nem sequer esperaste até ao meio-dia para me ligares a dizer que tinha acabado. Nem até ao meio-dia. Por telefone. Imagino que devia estar grata por não ter sido por mensagem ou por *e-mail*.

– Não vejo futuro para nós. Mereces encontrar alguém que te possa dar o amor que queres e de que precisas.

Como te atreves a dizer-me isso? Como? Eu tinha encontrado essas coisas. Tinha mesmo. Porque não conseguias entender que eu as tinha encontrado? Contigo... Mas ela meteu-se no caminho. Deu-te a volta à cabeça. Ela. Sempre ela.

Rebobina. Mais, um pouco mais. Não, mais, mais, mais. Continua, continua, aí. Para, chegámos ao início.

Ali estamos nós. Leeds. Primeiro dia. Nas residências. Toda a gente a carregar caixas, sacos, malas.

Vejo-te. O homem mais perfeito que alguma vez vi. E estás no piso vizinho. Sorris-me. Dizes-me olá. Sei que és meu. Falas comigo sempre que passamos um pelo outro no corredor, sempre que nos vemos na faculdade. Não temos aulas juntos, mas não interessa, porque estou sempre a verte. De vez em quando, vens ao meu quarto e conversamos sobre livros, ouvimos música, falamos de tudo e de nada. Sei que um dia, em breve, me beijarás. Beijar-me-ás e a minha vida ficará completa.

Avança, agora, só um bocadinho. Aí.

Leeds. Cá estamos nós. Na cantina a tomar café, e ali está ela. Ela. Cleo. Entra com a amiguinha e nem sequer repara em ti. É ISTO QUE EU NÃO COMPREENDO! Ela nem sequer repara em ti.

- Conhece-la? - pergunto-te eu, pois não paras de olhar fixamente para ela.

- Quem me dera... - respondes. Estou mesmo ao teu lado e tu dizes «quem me dera» sobre outra mulher.

Nem sequer é assim tão bonita.

Avança, só um bocadinho. Um pouco mais.

Mudaste. Por ela. Levou-te às compras e és um homem novo. Novo corte de cabelo, roupas novas, nova confiança. Agora, todas te querem. Dantes, ninguém reparava em ti, ninguém bebia cada palavra tua. Eu, sim. Eu amava o teu verdadeiro eu. Mas tu não reparavas, sobretudo agora, que estavas rodeado por essas outras raparigas. Essas que nem

sabiam que estavas vivo antes do corte de cabelo e da mudança de visual.

Mesmo nessa altura, mesmo quando andavas a dormir com todas as que olhassem duas vezes para ti, era ela que querias. Ela que desejavas.

Avança. Só mesmo um bocadinho. Sim, aí, para.

Lembras-te? Férias da Páscoa. Tu ficaste, eu fiquei. Bebemos *Thunderbird* e *Stella*, e tu finalmente, finalmente, fizeste-te a mim. E finalmente, finalmente, fizemos amor. E foi lindo, melhor do que eu poderia ter esperado. A minha primeira vez foi contigo e era assim que devia ser. Passámos essas férias na cama. E foi glorioso. Glorioso. Mas quando ela voltou, quando as outras raparigas voltaram, esperavas que eu partilhasse. Partilhar. Nem sequer me teria importado tanto, se agisses como se eu significasse algo para ti.

Mas tu não reparavas em mim. Em nós. Nas outras. Dormias connosco, eras cordial connosco, mas era para ela que olhavas fixamente. Dava para ver que não te apercebias dos olhares desagradáveis que eu te lançava quando começaste a sentar-te declaradamente com ela. Ela não te queria, mas, mesmo assim, tu continuavas a sentar-te com ela. A passar com ela o máximo de tempo possível. As outras toleravam, relutantes, mas eu odiava-a por isso. Comecei a odiar-te um pouco. Comecei a odiar-te muito. Por isso, recompus-me. Afastei-me. Reparaste sequer, Heath? Duvido, porque andava sempre tudo à volta dela.

Arranjei algum amor-próprio, afastei-me. Lembras-te de quando voltei a entrar na tua vida?

Avança. Muito mais, agora. Muito mais.

Aí. Nós outra vez. Como eu voltei a entrar na tua vida. A empresa para que trabalhava tinha sido contratada para filmar no teu edifício. Lembro-me de passarmos um pelo outro várias vezes, ao entrar e sair do prédio, antes de tu perguntares:

- Desculpa, conheço-te?

E eu ri-me e respondi:

- Sou a Abi.

- Abigail? És tu? - Imediatamente. Lembraste-te imediatamente de mim. Estava completamente diferente, mas tu lembravas-te de mim e do meu nome. - Uau, que regresso ao passado. É incrível ver-te. Como estás?

Nessa noite, bebemos uns copos no Soho, beijámo-nos e acariciámo-nos durante todo o caminho de volta ao teu apartamento na zona oeste de Londres, no banco de trás de um táxi preto, e depois passámos a noite inteira a foder. Lembras-te? Não perguntei por ela, porque estava obviamente no teu passado. Depois disso, passámos a estar juntos. Namorado e namorada. Não tinhas problemas em apresentar-me assim. Até me levaste a casa para conhecer os teus pais, lembras-te?

- A minha nova namorada - disseste tu, tão feliz e contente. A sorrir. Estavas mesmo a sorrir. - Esta é a Abigail, a minha nova namorada. Tratem-na por Abi.

Quase me sinto doente ao pensar em como éramos felizes; como éramos completos. Não precisávamos de mais ninguém. Éramos felizes. Até eu ver chamadas a meio da noite no teu telemóvel. Chamadas para ela, para a Cleo. Não havia mensagens de texto. Nada que deixasse um verdadeiro rasto. Só chamadas. Dava para perceber pela duração curta das chamadas que ela obviamente não queria saber. Tolerei-o porque sabia que, desde que ela não estivesse interessada, tu ficarias comigo.

Salta a próxima parte. Já a vimos. Vimos como me descartaste. Aqui, para aqui.

Ali estás tu, à minha porta. A implorar-me que te ajude. Fizeste algo mau, ilegal. A Cleo levou-te a fazê-lo. (Oh, não, não disseste isso, estava simplesmente escrito na tua cara.) Fizeste algo mau e precisas que eu minta por ti. Precisas que diga que estavas comigo se alguém perguntar. Não estavas comigo, porque haverias de estar? Mal pensaste sequer em mim desde que ela voltou a entrar na tua vida. Desde que a puxaste para o teu corpo e ela te pôs as mãos à volta do pescoço em Leeds. Deixei de existir para ti. Mas ia ajudar-te, claro. Como podia não o fazer? Ninguém perguntou, já agora. Mas sabes disso, não sabes? Não precisavas de mim para isso, afinal.

Avança. Sim, sim, para. Aqui está.

Não estás com ela há séculos. Sei disso porque me mantive de olho. Ela estava lá, tu estavas noutro sítio e simplesmente não estavam juntos. Suponho que devia

agradecer-te por não teres voltado a correr para mim. Por não fazeres de mim a tua namorada de consolação. Porque eu vi que voltavas aos velhos hábitos. Vi como começavas a ir para a cama com qualquer uma, à procura de amor em todos os sítios errados, utilizando o sexo como paliativo.

Na altura, não o entendi dessa forma. Não conseguia perceber o que tinha eu que te mantinha afastado. Porque não me querias? Agora que ela não era uma opção, porque não eu? Aceitei-o, ainda assim. Tinha de deixar de suspirar por ti. Sou uma mulher bonita, tenho muito a meu favor. Porque haveria de permitir que me fizesses sentir como uma segunda opção? Mas aqui estamos nós. Com o destino a unir-nos novamente. Eu a filmar numa cafetaria, tu a entrares.

Vi-te muito antes de tu me veres. O meu primeiro instinto não foi correr para ti, foi fingir que não te via. Porque tu és dor, Heath Sawyer. Para mim, tu és dor. Magoaste-me desde que te conheci e, por essa altura, eu estava fora do carrossel de sofrimento em que ficava à espera de que fizesses alguma coisa para me magoar. E segui esse instinto, fundi-me com o ambiente, fingi que não te via. Mas tu viste-me. Viste-me e o teu primeiro instinto foi aproximares-te, ofereceres-me mais dor a preço de saldo.

- Olá, Abi. Há séculos que não te via - disseste tu, todo sorridente. Lembras-te? Era esse sorriso que me dava a volta. Sorrias-me como se estivesses a ser genuíno.

- Heath - respondi. - Como estás?

- Bem, na verdade. É ótimo ver-te.

- A ti também. Vemo-nos por aí.

- Apetece-te uma bebida? - perguntaste tu. Perguntaste. Tu.

- Não. Não, obrigada.

- Não? - Ficaste surpreendido, hã? Não podias acreditar que eu pensasse sequer em rejeitar-te.

- Não. Não, obrigada. Estou fora do carrossel da dor. Não preciso de ser largada várias vezes sem cerimónia por outra mulher com quem nem sequer estás para perceber a mensagem de que não és bom para mim. Na verdade, até preciso, daí ter deixado que o fizesses na universidade e depois enquanto adultos. Por isso, não, aprendi a lição. Da maneira mais difícil. Duas vezes. Não vou voltar a fazê-lo.

Seria admiração o que vi no teu rosto enquanto escutavas? Acho que sim. Estavas impressionado por eu ter finalmente crescido. Por ter finalmente desenvolvido uma coluna vertebral no que te dizia respeito.

- É justo - aquiesceste. - Vemo-nos por aí.

- Provavelmente não, mas sei o que queres dizer.

E foi assim, não foi? Foi então que tive um gostinho de como devia ser estar na pele da Cleo, porque tu perseguiste-me. Arduamente. Três meses de chamadas, mensagens, *e-mails* e encontros casuais comigo. Três meses até eu ficar convencida de que era a mim que querias, de que a tinhas superado por completo, de que estávamos destinados a estar juntos.

Nem sequer encontrei chamadas ou mensagens de texto para ela, eras completamente leal. Quer dizer, não acreditava por completo; estava constantemente à espera

do dia em que começarias a suspirar por ela, mas não aconteceu. E foi então que me tornei complacente. Relaxei. Permite-me acreditar que não voltarias a fazê-lo. Ela era passado. Eu era presente. E *também* era futuro.

Avança. Sim, continua. Continua. Salta tudo isso. Salta isso também. É isso, continua. Oh, cá estamos nós.

E pronto. A tua mãe está a morrer. É simpática, a tua mãe. Sempre tão otimista e cordial, mesmo quando está em sofrimento. Gostava dela, gostava muito dela. Era praticamente minha sogra, afinal. E apunhala-me nas costas. A bruxa da irmã, Lynda, senta-se ali e começa a falar-te *nela*. Quer dizer, sei que estava alegadamente a tentar ser discreta, por isso contou-te quando eu não estava por perto, mas eu entrei a meio, não foi? Insisti em que continuasse a falar.

- A tua mãe disse que lhe deixou qualquer coisa em testamento. Acho que podem ter sido joias, mas só saberei depois.

- A quem?

Agora, parece atrapalhada. Agora, quem lhe dera ter mantido a boca fechada. Eu devia ter-lhe dito que o silêncio é grátis. Não *tinha* de te dizer, pois não? Mas disse, e subitamente ela está de novo no teu pensamento. Vejo-te deixar de tomar a medicação, vejo que comesas a ter dores de cabeça. Vejo-te olhar fixamente para o vazio. Repetir certas canções uma e outra vez. Estamos novamente nesse

ponto, em que ela é o centro de tudo. É apenas uma questão de tempo até eu receber ordem de marcha.

Avança, não muito. Isso mesmo, aí.

Ali estou eu, a conseguir um emprego na produtora televisiva dela. É um emprego muito abaixo da minha experiência e, quando me perguntam porquê na entrevista, digo que estou a ter um esgotamento, que preciso de dar um passo atrás. Estou esgotada. Esgotada da fúria de a ter novamente a gerir a minha vida. Mas, desta vez, posso ficar de olho nela, ficar de olho em ti. Ver se ela te quer de volta. A tua mãe dura outros seis meses, o que é maravilhoso, porque eu gostava dela. Gostava muito dela.

E um pequeno avanço para aqui. O funeral, ver a história repetir-se.

Sim, aqui estou eu, a ver-te falar com ela. A ver-te ganhar cada vez mais vida à medida que falas com ela. Pensando bem, ela nem sequer parecia querer falar contigo, tinham ambos uma linguagem corporal negativa, talvez estivessem a discutir sobre quem vos tinha impedido de estar juntos, mas eu sabia o que ia acontecer. Continuarias a falar até ela regressar ao mesmo ponto contigo. Até te fitar no carro, provavelmente prometendo voltar para ti. Provavelmente ajudando-te a planear as vossas vidas juntos. E então o meu telefonema chegaria. Seria largada.

Um pequeno, minúsculo, avanço. Sim. Para.

Uma semana após o funeral e ainda não recebi nenhum telefonema. Tenho evitado ir a casa porque não quero que me deixes. Mas sabes onde estou, podias fazê-lo, se realmente quisesses. E não queres. Por isso, talvez... apenas talvez... talvez se eu me livrasse dela, tu ficasses comigo. Quer dizer, não me refiro a matá-la. Isso seria estúpido. Seria fazer dela a mulher que jamais superarias. Mas e se eu criasse um cenário do tipo longe da vista, longe do coração? Se ela desaparecesse durante muito tempo?

E se ela fosse para a prisão durante tanto tempo que tu, Heath, terias o tempo e o espaço necessários para a superar novamente? Podia incentivar-te a voltar à medicação, a voltar à terapia, dar-te uma verdadeira trégua dela.

Mais uma vez, um pequeno avanço. Sim. Para.

Tenho-a seguido a cada oportunidade que tenho: a perceber as suas rotinas, a descobrir quem é a sua gente, a ver quão ridiculamente banal é esta mulher por quem estás constantemente a perder a cabeça. Aqui estou eu, à espera do momento perfeito para executar este plano de a tramar, razão pela qual ainda não fiz nada. Sei que a oportunidade surgirá. E surge. Quando ela vai a um advogado de divórcio. Porque haveria eu de lhe permitir ser livre para poder ir de novo atrás de ti, Heath? Porquê? Tenho esperado e esperado, mas, ao ver isto, tenho de agir rapidamente. De improvisar. Assim, vou ao sítio onde ela está a trabalhar nessa noite, incentivo-a a sair connosco,

entro na sala para a ajudar a guardar as coisas e deito a mão ao seu passe de segurança. Nem sequer se apercebe de que usei o seu cartão para sairmos. É assim que consigo «deixar cair» o passe quando volto para despachar aquele advogado metedinho. Improvisando, como digo. Tinha já três das quatro pessoas de quem fui atrás marcadas, sabia que episódios ia utilizar, ele foi apenas um acréscimo de última hora.

Quem me dera poder ter estado lá quando a interrogaram, quando se apercebeu de que ele tinha sido morto da mesma maneira que uma das personagens do seu estúpido programa. Adoraria ter visto isso.

Ok, avança um bocadinho. Isso.

Sabes porque tinha de ir atrás do Harry Andrews, não sabes? Era escumalha. Quer dizer, já estava na minha lista, não estava? Em parte, por estar constantemente a falar mal da Cleo e eu saber que era apenas uma questão de tempo até ele lhe dizer todas aquelas coisas na cara. Mas entrou para a lista porque o espaço que criou era tóxico – podre até ao âmago de tão tóxico. *E* era um verdadeiro porco. *Um verdadeiro porco*. Não estou a brincar. Apalpou ou coagiu ao sexo todas as mulheres que alguma vez trabalharam na HoneyMay. Todas elas. Sim, incluindo eu. Oh, estava mesmo a pedi-las. Mais uma vez, teria adorado ver a cara dela quando lhe disseram a forma como ele foi morto. Bem, quase morto.

É isso, o mais minúsculo dos pequenos avanços. Rápido, aí. Para.

Eis-nos chegados ao que aconteceu à Sandy Burton, ilustre diretora de operações da HoneyMay. Porquê ela? É um pouco altiva e olha toda a gente de cima, mas estou certa de que não parecia assim tão má à Cleo. Bem, era perfeita porque era horrível. Sem dúvida que contribuía para a atmosfera horrenda da HoneyMay – a mulher era completamente racista, completamente classista e odiava qualquer mulher que se aproximasse do seu nível de sucesso. Era perfeita porque odiava a Cleo quase tanto como eu. Disse-me um passarinho que desde a assinatura dos contratos – há sete anos – que a Sandy andava a tentar encontrar meios legais de obrigar a Cleo a continuar a escrever *A Detetive dos Bolos* ou a entregar os direitos à HoneyMay. Imagina só, a dada altura, chegou mesmo a explorar a hipótese de declarar a Cleo legalmente louca. Sim, a sério. Oh, era perfeita. Tantos motivos, era obviamente outra pessoa que estava mesmo a pedi-las.

E aqui estamos nós. No presente. A dar testemunho de tudo o que fiz. Do homem que matei. Do homem que tentei matar. Da mulher em coma. Da menina que tive de raptar. Tudo feito para a incriminar a *ela*.

Tudo feito para finalmente te libertar da Cleo Forsum.

Parte 11

24 de agosto de 2022

Cenário de casa de família, centro de Brighton

Fim da noite/início da manhã

Ainda bem que não preciso de ir à casa de banho, pensa Lola. Porque nem pensar que vai deixar aquela Mulher levá-la a algum lado.

Lola não está satisfeita. Não é por estar ali, sabe-se lá onde, a ser mantida como refém; é que A Mulher a tenha sequer apanhado. Desde pequena que os pais a mandaram para aulas de artes marciais, e sempre pensara que conseguia tomar conta de si própria. Mas, mal se apercebeu de que havia alguém em casa, foi como se tudo o que aprendera lhe tivesse desaparecido do cérebro. Quando finalmente surgiu, era demasiado tarde. A Mulher tinha a mão a tapar-lhe a boca e tinha-a levantado como se não pesasse nada.

Debatera-se, resistira intensamente, mas A Mulher era tão forte. Tão forte. E quando a atirou para o banco de trás do carro, Lola já tinha admitido *temporariamente* a derrota.

Continua sem saber ao certo o que A Mulher quer com ela, mas tem vindo a insultá-la mentalmente. Quem é aquela pessoa? E porque está constantemente a enviar mensagens? Porque lhe tirou uma fotografia?

Lola tem as mãos amarradas à frente do corpo com fita grossa prateada. Tem também um retângulo de fita a tapar-

lhe a boca. Lola gostaria que A Mulher lha tirasse. Há algumas coisas que gostaria de lhe dizer.

- *Mmmm, mmmm, mmmm* - resmoneia.

A Mulher olha para Lola, fitando-a com desconfiança. Há já algum tempo que tem estado a olhar assim para ela. Não contava que fosse tão desafiadora. A maioria dos reféns estariam acobardados, receosos, apavorados com o que lhes ia acontecer. Aquela é arrojada. E está manifestamente irritada. Não é o que seria de esperar de uma adolescente numa situação tão terrível.

Começa novamente a balbuciar, tentando falar por detrás da fita. A Mulher pega na sua arma, uma grande faca de cozinha de aspeto afiado com um cabo preto brilhante, e dirige-se a ela. Encosta-lhe a faca ao pescoço e, pela primeira vez, Lola sente medo. Eleva-se rapidamente no seu interior, como uma vaga de vômitos, e não lhe agrada o sabor, mas não vai mostrar àquela pessoa que está assustada.

- Se gritas, corto-te o pescoço. Simples.

Arranca a fita da boca de Lola, num movimento horrível que a faz sentir como se os seus lábios lhe tivessem sido arrancados.

- Au! - exclama ela, levando as mãos amarradas ao rosto. - Que bruta! E AU!

A Mulher fita-a impassivelmente, obviamente sem se importar com a possibilidade de ter danificado um dos traços favoritos de Lola no seu próprio rosto.

- O que queres? O que estás tão desesperada por dizer?

- Em primeiro lugar, que bruta! Em segundo, que sítio é este? E depois, quem és tu?

- O meu nome não interessa.

- Hã... interessa, sim.

- Muito bem, podes chamar-me só tia A.

Lola franze o rosto, como se tivesse acabado de ouvir a maior piada seca de todos os tempos. Ou talvez aquela Mulher *seja* a piada.

- Não querendo armar-me em engraçadinha, mas tu não és tia nenhuma. Jamais darei esse tipo de respeito ao teu nome. Nunca te vou chamar tia nada. Só se for tia Reclusa!

- Lola desata a rir, o que parece enfurecer A Mulher. Não gosta nada daquilo, e volta a erguer a faca que tinha baixado.

- O que estou eu a fazer aqui, para já? - pergunta Lola.

- Devias perguntar isso à tua tia - responde A Mulher.

- Não posso propriamente fazer isso. Ela não está aqui, pois não?

- A tua tia... passou os últimos 25 anos a arruinar a minha vida. Isto é uma pequena vingança.

- A sério? Como foi que ela fez isso?

- Não compreenderias - cospe a mulher.

- Experimenta.

A Mulher fita-a com desdém e desprezo.

- Estou a falar a sério, experimenta. Quer dizer, acho que os adultos são loucos, não me leves a mal, mas estou sempre a tentar compreendê-los. Como os meus pais, estão divorciados e eu passo a vida a tentar entender porquê.

O rosto da Mulher contorce-se com uma nova emoção.

- O que é isto, estás a tentar fazer amizade comigo para eu não te matar? Foi isso que a tua tia te ensinou? Cativa o teu raptor e talvez ele não te mate? Bem, deixa-me dizer-te isto, «Lola», já matei antes e também te vou matar.

- Tens muita raiva - replica Lola. - Muitos problemas de fúria feminina adulta. - Não se concentra ou sequer reconhece a forma como o seu estômago começou a dar voltas. Não tem dúvidas de que A Mulher a vai matar. Vai tentar. É assim que Lola vai pensar na situação. A Mulher vai *tentar* matá-la, mas não pode conseguir. Não *vai* conseguir. - Espero que procures ajuda para isso. Rapidamente.

- És muito desbocada para uma miúda tão pequena.

- Que sítio é este?

- Que te importa isso?

- Estou só a fazer uma pergunta. É um sítio simpático. Parece familiar.

- É um dos cenários da *Detetive dos Bolos* - explica A Mulher, em tom normal. - A HoneyMay decidiu comprar uma casa para usar nas filmagens quando começaram os confinamentos. Era mais fácil do que tentar arrendar um estúdio. Filmam muitas coisas aqui, limitam-se a mudar a mobília e a decoração.

- Fixe. - Lola olha para a sala de estar onde estão sentadas. Não se parece nada com a de casa da tia C e do tio W, nem com aquela onde vive com o pai. Nem sequer se assemelha às que imagina que um dia irá criar. Mas é agradável. Sofá confortável, um bom tapete, mesa de apoio, candeeiros, estantes... aborrecida, mas agradável. Estão

basicamente sentadas às escuras, sendo a única luz a da lanterna do telemóvel que aquela Mulher acendeu e pôs ao canto. – Quer dizer que tem uma casa de banho funcional?

– Sim, porque perguntas?

– Porque achas?

– Aguenta.

– Não consigo.

– Aguenta.

– NÃO. CONSIGO.

Com um forte e irritado suspiro, A Mulher pega no telemóvel que está a usar como lanterna e enfia-o no bolso da frente das calças de ganga, de modo a iluminar o caminho diante de ambas. Dirige-se a Lola, levanta-a e arrasta-a para o corredor. No espaço debaixo das escadas, há uma sanita e um pequeno lavatório. A Mulher abre a porta branca lacada e empurra Lola para a frente.

Lola vira-se para ela de mãos estendidas.

– Ou me desamarras ou me puxas as calças do fato de treino e as cuecas para baixo. Se fosse a ti, não faria isso.

– Tenta alguma coisa e eu magoo-te. – A Mulher usa a ponta afiada da faca para perfurar a fita prateada e depois corta-a. Que alívio poder relaxar as mãos... – Despacha-te lá.

Lola faz menção de fechar a porta, mas A Mulher enfia o pé contra ela.

– Deixa a porta aberta.

– Mas eu não consigo ir contigo a ver.

– Bem, nesse caso, não terás o problema de ter de ir à casa de banho, não é?

Lola abana a cabeça. Ser raptada e feita refém não é nada como na televisão ou nos filmes. Não é traçar um engenhoso plano de fuga enquanto se induz os raptadores a pensar que gosta deles. Nada disso. São mulheres no limite a agitar facas e a fazer ameaças e a obrigá-la a fazer chichi à sua frente. Ser raptada e feita refém é, na realidade, muito pouco digno.

24 de agosto de 2022

Centro de Detenção de Brighton, Brighton

Fim da tarde/início da noite

A advogada de turno fez o melhor que podia, mas a polícia estava decidida a reter-me durante o máximo de tempo que fosse legitimamente possível. Ainda assim, uma vez que o meu telemóvel estava limpo de qualquer mensagem de texto para Sandy Burton, que o brinco não tinha, afinal, o meu ADN e que não havia nada de incriminatório em minha casa, tiveram de me libertar.

Sei que vão monitorizar o meu telemóvel, porque vão continuar à procura de algo que me ligue a esses crimes, mas essa é a menor das minhas preocupações. Tenho de encontrar Lola. Tenho inúmeras chamadas não atendidas de Valerie e de Franklyn. É óbvio que tentaram contactar Lola e não obtiveram resposta. O telemóvel dela continua com a polícia, tirado de minha casa quando fizeram buscas ao local.

Paro à porta do centro de detenção, a olhar para as chamadas não atendidas no ecrã. Para as mensagens cada vez mais frenéticas, a pedir para lhes ligar. Não posso. Se lhes ligar, dir-lhes-ei. Se lhes disser, Abi/Gail fará mal a Lola. Sei que fará.

Tenho de descobrir onde ela está. Tenho de ir para casa, mudar de roupa e descobrir onde ela está.

Sei que Abi/Gail lhe vai fazer mal. Que a matará, se tiver oportunidade. Sei-o da mesma forma como sei respirar. É instintivo.

O meu telemóvel apita com outra mensagem. Olho para baixo, à espera de ver Valerie ou Franklyn a exigir que lhes ligue. Em vez disso, o nome junto à caixa de mensagens diz «Wallace».

Tudo dentro de mim se vira do avesso. Quero abrir a mensagem, lê-la, saber o que ele quer. Mas não posso. Não posso abrir nenhuma mensagem, não vão elas ter aviso de leitura e eles ficarem a saber que estou a lê-las. Neste momento, têm todos de pensar que eu e Lola estamos a fazer algo juntas. Que estamos a ignorá-los juntas.

Quando vou a fechar a porta do táxi branco e verde-água que chamei para ir para casa, o telemóvel volta a apitar. Felizmente, tinha deixado as minhas chaves e a carteira nos bolsos desde a minha saída anterior ao encontro da pessoa que julgava ser Heath.

° Como foi a tua noite numa cela da polícia?

Ela não deve saber que a polícia continua a tentar ligar-me aos crimes, pelo que irá monitorizar o meu telemóvel. É o problema de só ver a série e não ler o livro – perdem-se pormenores como este. Teria sido demasiada exposição explicar que, mesmo quando alguém é libertado, se a polícia achar que a pessoa é culpada desse crime, tem o poder de monitorizar as suas mensagens. Se soubesse

disso, ela arranjará outra forma de me contactar, tenho a certeza. Em resposta, escrevo:

- Onde te queres encontrar comigo, Abi?

Ela replica:

- ° Oh, que esperta, descobriste. Vou mandar-te as instruções.

Decididamente, não sabe que o meu telemóvel está a ser monitorizado. Continuo a escrever:

- Ela está bem, Gail?

Ela reage com três *emojis* de aplausos e acrescenta:

- ° Oh, então descobriste mesmo. Muito bem. Digo-te onde nos encontramos daqui a algumas horas. Mantém-te junto ao telefone. Lembra-te, se disseres a alguém, ela morre.

24 de agosto de 2022

Cenário de casa de família, centro de Brighton

Fim da noite

Não alimentou Lola durante todo o dia. Deu-lhe alguns goles de água de uma garrafa de plástico e mais nada. Lola tem fome. E está cansada. E a morrer de tédio. A Mulher ligou a televisão, mas como só têm os canais gratuitos, pôs no CBeebies. Nem a CBBC, que tem alguns programas que Lola vê de vez em quando. Não, o canal para bebés.

Ao ouvi-la queixar-se, A Mulher, que está agitada e nervosa, a olhar constantemente para o telemóvel, tapou-lhe novamente a boca com um retângulo de fita adesiva prateada.

Cabra!, resmoneou Lola, por trás da fita. *Cabra, cabra!* (Tinha ouvido o pai dizer isso várias vezes e sabia que aquela Mulher encaixava perfeitamente na descrição.)

Pai. Mãe. Devem estar fartos de lhe ligar e enviar mensagens. Devem estar doidos de preocupação, pois geralmente ela não para de lhes mandar mensagens. Envia-lhes *emojis* e memes e letras de canções. Às vezes, envia áudios sem dizer mais nada de especial a não ser «amovos». A ideia da preocupação dos pais perturba-a. Sabe que é tudo para eles. Não foi suficiente para os manter juntos, mas ambos a amam. Amam-na mais do que tudo no mundo. Sempre soube que tinha sorte por os seus pais terem ficado juntos durante tanto tempo e por continuarem envolvidos

na sua vida. Muitos dos colegas da sua idade têm pelo menos um progenitor que simplesmente não se importa.

Uma lágrima foge do olho de Lola e ela faz todos os possíveis para a limpar antes que A Mulher veja.

A Mulher continua a usar a camisola preta com capuz e as calças de ganga que traz desde a noite anterior, enquanto Lola continua de meias e com o fato de treino de veludo azul com que às vezes adormece.

Pelas persianas e cortinas fechadas, viu a noite tornar-se dia e novamente noite. Provavelmente, vai passar outra noite sentada naquele sofá, a vaguear entre o sono e a vigília.

A Mulher disse-lhe que a tia C tinha sido presa e que estavam apenas à espera de que a libertassem para poderem «conectar». Lola não tinha respondido a isso, pois tinha a boca tapada com fita, mas se não tivesse, teria perguntado à Mulher se sabia o que significava «conectar». E pedir-lhe-ia para não o voltar a dizer. Era *doloroso* ouvi-lo da sua estúpida boca.

A Mulher passa algum tempo a mexer no telemóvel e não para de resfolegar, como que enojada ante seja o que for que lhe aparece no ecrã. Finalmente, para de digitar, guarda o telemóvel no bolso da camisola, pega no que têm estado a usar como lanterna e volta a enfiar esse no bolso da frente.

- Está na hora de ir - anuncia, agarrando Lola com força pelo braço e pondo-a de pé. - Está na hora de veres a tua tia. Está literalmente mortinha por te ver. Literalmente.

Lola quer dizer à Mulher para também nunca mais dizer isso.

25 de agosto de 2022

Casa de Cleo e Wallace, fronteira Hove-Brighton

Meio da noite

Enquanto espero para saber o que tenho de fazer a seguir, tento perceber para onde poderia ela levar Lola.

Abi. Gail. Abigail. Seja lá qual for o seu verdadeiro nome. Quanto mais penso no que ela fez – arranjar um emprego na HoneyMay para poder, imagino eu, manter-me debaixo de olho, dedicando-se em seguida a assassinar pessoas –, mais assustada fico por Lola. A mulher é perigosa. É esse o pensamento que passou todo o dia e toda a noite a correr-me pelo cérebro como uma locomotiva a alta velocidade. É perigosa e matará Lola se eu não as encontrar a tempo.

Tenho estado a tentar perceber o que ela fará a seguir. Os homicídios que copiou do programa de televisão são todos específicos de Brighton. No homicídio do advogado (que ela replicou com Jeff Burrfield), este era visto a fazer compras nas Lanes, em busca de um presente de aniversário para a mulher, e a dar um passeio pela marginal antes de regressar ao escritório onde era morto. Na tentativa de homicídio de Harry Andrews, o chefe malvado era empurrado do paredão que separa a alameda dos seixos após ser atropelado perto do seu escritório. Na tentativa de homicídio de Sandy Burton, a executiva duvidosa era atraída para um encontro clandestino nos

notoriamente íngremes e altos degraus que desciam da parte da praia junto à Madeira Drive para a rua. Os outros homicídios da série – e dos livros – podiam tecnicamente ter sido executados em qualquer lugar, mas estes tinham tudo que ver com esta cidade.

Só existem outros três episódios assim. Há um em que uma cabana de praia é derrubada em cima de alguém, esmagando-o. Outro em que um empresário e antigo político duvidoso é obrigado a comer copiosas quantidades de bolo no ornamentado Coreto Vitoriano. E depois há o cônjuge infiel que é amarrado à base do Palace Pier de Brighton e deixado à espera da subida da maré. É um caso particularmente brutal. É lento e agonizante. É o que eu escolheria se tivesse de decidir como torturar alguém que odiasse.

Inventei estes crimes para que fossem resolvidos. Sempre quis que fossem resolvidos e que a pessoa certa fosse para a prisão, pois não tinha sido assim na minha vida real. Com os meus livros, e depois com a série televisiva, fui tentando corrigir o erro que me tinha vindo a acompanhar durante cada segundo de cada dia da minha vida.

Mas, se odiasse alguém o suficiente para fazer isto, escolheria certamente a morte mais lenta para o fazer sofrer.

O meu telemóvel ilumina-se com mais mensagens de Valerie, de Franklyn e de Wallace. Não tardará muito a que Wallace apareça para averiguar o que se passa. Também tenho estado a receber chamadas e mensagens da minha

mãe e das minhas irmãs. Imagino que Wallace tenha entrado em contacto com elas.

Estou de olhos fixos no telemóvel, a ver as mensagens saltarem como de uma caixinha de surpresas, quando a que eu esperava aparece:

° Estamos à tua espera no cais. Mas em qual deles? Palace Pier, West Pier ou Worthing Pier? Três hipóteses, uma única oportunidade de acertar. Boa sorte.

Sei qual escolheria instintivamente - Palace Pier. O mesmo do programa. Mas ela estaria à espera disso. Queria que eu fosse para lá quando está em Worthing. Normalmente, descartaria o decrépito West Pier, pois é preciso nadar para lá chegar e fica bastante longe da praia. Além disso, é mais exposto do que os outros, pelo que as pessoas poderiam ver o que ela estava a fazer. Mas poderia ela ir para o ponto onde costumava ligar-se à costa, por partir do princípio de que eu o descartaria? Não sei.

Tenho de acertar. A vida de Lola depende disso.

Muito lentamente, levanto-me, com o peso desta escolha a pesar sobre mim.

Vem-me ao pensamento o postal que costumava ter colado ao teto. As espreguiçadeiras junto ao Palace Pier que comprei da primeira vez que visitei Brighton quando andava no sexto ano. Costumava vê-lo como uma lembrança de onde queria viver, de onde queria envelhecer. Agora, o local nessa imagem, o seu lugar na minha história,

tornou-se parte de uma escolha terrível que tenho de fazer. Ou será uma pista? O fator decisivo em tudo isto...

Estou a tremer tanto que tenho de parar e apoiar as mãos no tampo de madeira da mesa para me firmar. Eu consigo fazer isto. Sei que consigo.

Penso novamente em Abigail. Abi. Gail. Penso em como ela é, no que fez, no porquê de estar a fazer isto. Fecho os olhos e penso nela. E ocorre-me... qual o cais que terá escolhido.

E assim é feita a minha escolha.

Peço a Deus que seja a correta.

25 de agosto de 2022

Marginal de Brighton

Meio da noite

Lola resiste. A cada passo, debate-se e pontapeia e retorce-se enquanto A Mulher a arrasta pelo cascalho, os pequenos seixos a voar pelo ar ou a serem moldados em sulcos pelos seus pés que tentam travar o que lhe está a acontecer.

Mas A Mulher é forte. E continua, avançando lentamente, porque Lola resiste. Mas avançando. Finalmente, após uma eternidade, A Mulher chega com Lola às colunas do cais que se erguem da água, aparentemente à espera de que alguém faça o que A Mulher está prestes a fazer. Retira uma corrente do bolso, passa-a pela fita que mantém as mãos de Lola unidas. Em seguida, passa-a em torno da base da coluna do cais e prende-a com um cadeado.

Lola continua a debater-se, mas não consegue libertar-se. As suas meias, húmidas e pesadas, deslizam e escorregam no lodo e nos seixos, até não lhe restar alternativa a não ser ceder à gravidade da situação e não resistir quando escorrega, deixando o seu corpo cair na água.

As suas roupas ficam quase imediatamente ensopadas, o choque da água fria fazendo-a arquejar e retrair-se. Os seus olhos ardem por causa das lágrimas e dos salpicos de

água salgada que batem contra a coluna do cais, atingindo-a no rosto. Está escuro. Escuro e silencioso. Consegue ouvir a própria respiração acima das ondas, de tão silencioso que está. Apercebe-se de que ninguém a encontrará ali. Ninguém vai aparecer.

- Daqui a mais ou menos uma hora, será maré-cheia - afirma A Mulher. - O que significa que toda esta zona onde estamos ficará debaixo de água. O que significa... Bem, não queria estar no teu lugar.

A tia C vai encontrar-me, diz Lola a si mesma. A tia C vai salvar-me. A tia C vai salvar-me.

25 de agosto de 2022
Marginal de Brighton
Meio da noite

Oh, meu Deus, não.

Paro o carro, mal me lembrando de desligar o motor, tiro a chave e fecho a porta. O coração cai-me aos pés. Não as consigo ver. Fiz a escolha errada. Corro pela alameda e pela estrada, perscrutando o negrume em busca delas. Não as consigo ver. Escolhi mal.

Não. Não.

Ela vai morrer.

Não.

Não terei tempo de ir a mais lado nenhum.

Devia ter ligado à polícia, em vez de esperar que eles decifrassem o que se passa com a monitorização do meu telemóvel. Devia ter ligado ao Wallace a dizer para ir ao outro cais. Devia ter...

Desabo no passeio.

Ela vai morrer. De uma forma lenta e horrível.

E é tudo culpa minha.

25 de agosto de 2022

Marginal de Brighton

Meio da noite

A água subiu tão depressa. Quando foi deixada ali, mal lhe chegava às coxas. Agora, chega-lhe aos ombros. E continua a subir. A subir.

A tia C vai salvar-me.

Outra onda bate contra ela, e sente-se flutuar, toda a sua cabeça sem peso. Já se habituou à temperatura, mas a ruidosa sensação de estar submersa, tentando fechar os olhos para o sal não lhe irritar, sentindo algas molhadas e lixo roçar-lhe contra o rosto, é algo a que não se consegue habituar.

A tia C vai salvar-me.

A água recua e, por um momento, consegue respirar. Há ar e está a entrar-lhe nos pulmões. Sabe que será apenas por alguns instantes. Os momentos de respiração estão a ficar cada vez mais curtos. A água chega-lhe ao queixo, roçando-lhe na boca tapada com fita adesiva.

A tia C vai salvar-me.

Outra onda, rodopiando, submergindo-a novamente.

A tia C vai salvar-me.

Ar. Um momento de ar que tenta inalar pelo nariz.

A tia C vai salvar-me.

Água. Sal. Submersão.

A tia C vai salvar-me.

Sem ar. Sem espaço para respirar. Nada. Água, água, água.

A tia C...

25 de agosto de 2022

Marginal de Brighton

Meio da noite

Levanta-te. Levanta-te, sua estúpida! Levanta-te! Faz alguma coisa!, diz a minha voz na minha cabeça.

Tinha tanta certeza. Tanta certeza. É o tipo de coisa que ela faria. Vir para aqui. Para o *outro* cais. O cais original de Brighton, o Chain Pier, que é muito mais longe do que o Palace Pier. Explodiu em finais do século XIX, mas ainda restam partes das suas colunas, cravadas no mar, demasiado teimosas para seguir o caminho do resto da estrutura.

Tinha a certeza de que ela viria para aqui. De que faria batota ao obrigar-me a escolher um cais. De que faria todos os possíveis para me fazer perder. Fica muito longe das grandes multidões. Muito poucas pessoas vêm aqui a esta hora, o que seria perfeito para o que Abigail quer fazer.

Levanto-me, dirijo-me às grades e volto a olhar. Freneticamente, perscruto a praia escura em busca de algum sinal de vida. Não, não há nada ali. As colunas que restam do Chain Pier estão quase todas submersas. Viria para aqui, sei que sim. Com dificuldade, salto por cima das grades – não tenho tempo para procurar uma abertura.

Bato no cascalho e começo imediatamente a escorregar. Em vez de resistir, apoio-me nele, deixo que o movimento me empurre encosta abaixo, pontapeando seixos e conchas

ao descer. Chego ao fundo em tempo recorde, a água a correr ao meu encontro.

Tem de estar aqui. Tem de estar.

Os meus olhos tentam ver na água escura onde estão os vestígios. Não consigo ver. Não consigo ver, mas dirijo-me para lá de qualquer forma, no preciso momento em que uma onda enorme se eleva do mar e bate contra as colunas do Chain Pier, movendo toda a água que aí se encontra.

Lola.

Lola está ali, encostada à coluna maior, que está vergada de lado. Tem as mãos amarradas, a boca tapada e os olhos fechados. Não se mexe quando a onda a atinge, não resiste.

- Lola! - grito, correndo na sua direção, com a água a travar-me. - Lola! Lola! Estou aqui! Estou aqui! - grito enquanto corro, com o som das ondas a engolir as minhas palavras. Quando a alcanço, vejo que está acorrentada à coluna. Não se mexe quando lhe toco. Está inquietantemente imóvel. - Aguenta-te, Lola! Aguenta!

Não consigo abrir a corrente e a fita não se rasga. Tenho de pensar rapidamente. Posiciono-me junto a Lola, tomo-a nos meus braços, agarro-me bem a ela e, quando a grande onda seguinte nos atinge, uso o movimento para puxar Lola para cima e de lado, arrastando a corrente na direção da curva da coluna. A corrente mexe-se connosco e solta-a, liberta-a da coluna.

Usando todas as minhas forças, pego nela e levo-a para a praia, para os seixos. A maré continua a subir, mas não a posso levar para longe. Continua inerte.

Ao depositá-la no cascalho, arranco-lhe imediatamente a fita da boca, para lhe dar uma oportunidade de respirar, de apanhar ar. Nada. Não reage.

Encosto o ouvido à sua boca. Nada. Nem sons de respiração nem o formigar do seu sopro na minha face. Viro-lhe a cabeça de lado e escorre-lhe água do nariz e da boca. Volto a virar-lhe a cabeça para o centro, aperto-lhe o nariz e começo a fazer manobras de reanimação.

Isto tem de resultar.

TEM de resultar.

Por favor, Lola, soluço mentalmente. Por favor, Lola, por favor, acorda. Por favor, acorda.

25 de agosto de 2022

Hospital Pediátrico Royal Alexandra, Brighton

Início da manhã

Estou a deitar a quinta saqueta de açúcar no café quando Wallace puxa a cadeira de plástico cor de laranja em frente à minha e se senta.

Tem uma expressão grave; parece ter envelhecido um milhão de anos em três horas. Sinto que todos nós o fizemos. Franklyn voltou de Portugal, Valerie chegou, tal como os avós de Lola.

Estão todos furiosos comigo, e ao mesmo tempo gratos. Não sabem o que sentir, nem eu. A mãe de Wallace, Donette, é a mais resoluta, ainda assim.

- Tira essa coisa da minha vista - disse ela a Wallace sobre mim.

Não precisei que mo dissessem duas vezes. Fui para a cantina e pedi um café, que adocei demasiado e bebi em três goles - sem reparar na temperatura - antes de voltar imediatamente para pedir outro. Este é o quarto.

- Nem sei por onde começar - diz ele. A fúria apertada firmemente as suas belas feições, como um dos seus adorados ténis. Não consigo olhar para esse rosto quando está assim tão zangado, por mais justificada que seja a sua cólera.

- Ela vai ficar bem? - pergunto, baixinho. - E se começasses por aí?

- Sim. Vai ficar bem. Dizem que lhe salvaste a vida. Mais alguns minutos e... estaríamos todos numa posição muito diferente.

Tudo tinha acontecido a uma velocidade alucinante depois de eu conseguir pô-la a respirar novamente. O meu telemóvel ainda funcionava, apesar de se ter molhado quando entrei na água, e a ambulância chegou em menos de nada. Também chegámos ao hospital num instante, porque não estávamos assim tão longe. Disseram que provavelmente ela ia ficar bem, mas que iam interná-la e tratá-la de qualquer modo. A caminho do hospital, tinha ligado a Wallace a dizer onde estávamos, e pedi-lhe para dizer a todos os outros. Não conseguia falar com Franklyn e Valerie - era demasiado cobarde para isso.

- Que diabos se passa? Porque haveria aquela mulher de levar a Lola? Porque não me disseste? Porque não ligaste à polícia? A que se deve tudo isto?

Passo as mãos pelo rosto e fecho-as sobre a boca enquanto os meus olhos se enchem de lágrimas. É agora que despedaço a minha vida. Pensava que conseguia controlá-la, que podia gerir o seu desmantelamento por fases de acordo com o meu desígnio, mas nunca ia ser assim tão fácil, assim tão simples.

- Tudo isto é por causa do meu outro marido.

- Do teu *quê*? - pergunta ele. A tensão na sua voz não é fúria, é choque, e mágoa, e incredulidade.

- Do meu outro marido. Há muito, muito tempo, casei-me. Mas nunca me divorciei. Pensava que não era legalmente reconhecido aqui, razão pela qual *casei* contigo.

Mas acontece que afinal é *mesmo* reconhecido, por isso continuo a ser casada com ele, além de ser casada contigo. Descobri recentemente que é provável que vá presa por isso, o que é ótimo.

» Conheci-o na universidade e ficámos amigos. A Trina conhece-o. Era obcecado por mim. Consegues imaginar? Alguém *obcecado* pela minha pequena pessoa? – Ergo o olhar para ver o que Wallace está a pensar. Continua com uma expressão que diz que acha que lhe estou a pregar uma partida ou a tentar desviar a atenção dos acontecimentos anteriores inventando mentiras. – A obsessão levava-o a magoar pessoas se achasse que elas me iam afastar dele. – Tenho de desviar o olhar para a parte seguinte. Sou uma cobarde e não suporto olhar para o rosto do meu marido ao dizer-lhe isto. – Pensou que o Sidney estava a tentar fazer com que eu o deixasse. Sabia que não estávamos juntos nem nada do género, mas queria na mesma que o Sidney desaparecesse. Por isso, ele... matou aquela mulher e incriminou o teu irmão.

– De que raio estás tu a falar? – O tom de Wallace é de fúria, além de incredulidade.

– Do meu outro marido, o Heath. Chama-se Heath. Disse que, se eu voltasse para ele, entregava à polícia as provas necessárias para tirar o Sidney da prisão. Ia fazê-lo, juro pela minha vida que sim, mas o Sidney não me deixou.

– Não te deixou? Que raio queres dizer com isso, «não te deixou»?

Arrisco um olhar para o homem sentado à minha frente e ele está a olhar para mim como se me odiasse. Devia ir

para a fila, porque eu odeio-me mais.

- O Sidney disse que, se eu voltasse para o Heath, confessaria o crime. Iria garantir que nunca mais saía da prisão. Fez-me prometer que cuidaria da vossa família... principalmente de ti. Foi por isso que nos pediu para irmos à prisão daquela vez. Queria certificar-se de que eu não voltava para o Heath.

» Não era suposto eu apaixonar-me por ti, mas foi o que aconteceu. Apaixonei-me por ti e não te queria deixar nunca. Só que sabia que um dia teria de o fazer. Sabia que teria de voltar para o Heath para que ele tirasse o teu irmão da prisão. E foi por isso que pedi o divórcio. Foi por isso que acabei com o programa de televisão. Estava a acabar com esta vida para poder voltar para o Heath e poderem todos ter o Sidney de volta. Mas... mas a namorada dele odeia-me. Culpa-me por ele ter acabado com ela. E matou o advogado que eu tinha contratado para tratar do divórcio. E tentou matar o diretor executivo e a diretora de operações da HoneyMay para me poder incriminar pelas suas mortes. E depois levou a Lola para me magoar. E é só isso. É tudo. Além de... Lamento. Devia ter-te contado. Mas tinha demasiado medo de te perder, de que me odiasses, de que o Sidney confessasse realmente o crime. Lamento.

Wallace não fala nem se mexe. Não creio que esteja a respirar. Depois, levanta-se tão depressa que derruba a cadeira. Levanto os olhos para ele e ele fulmina-me com o olhar, com toda a sua mágoa a jorrar sobre mim. Pega na

cadeira, endireita-a com força e afasta-se. Sei que nunca mais me voltará a falar.

25 de agosto de 2022

Hospital Pediátrico Royal Alexandra, Brighton

Início da tarde

- Sabia que me ias salvar - diz Lola, quando me deixam vê-la. A família só consentiu porque Lola armou um alvoroço tão grande que os pais cederam. Nenhum deles olha para mim e decididamente não me falam. É óbvio que Wallace lhes contou a verdade.

- E como sabias disso, então?

- É o que acontece nos teus livros. Alguém está em perigo e tu salva-lo.

- Eu não. A personagem. Mira.

- Sim, e ela és tu. Até lhe deste o teu nome.

Abano a cabeça em desespero.

- A sério, serei a última pessoa na Terra a perceber que fiz isso? Sinceramente, não reparei.

Lola olha para os pais e para o tio, que estão de pé junto à porta - Valerie de braços cruzados sobre o peito, Wallace com os braços a envolver o corpo, Franklyn com um braço em redor da ex-mulher e o outro no ombro do irmão, a apoiá-los a ambos. Lola está com um aspeto terrível, claro. Mas está viva, está a ser monitorizada e vai melhorar.

- Estás metida em sarilhos até ao pescoço - diz ela. - Sinto que tenho a obrigação de te dizer isto.

- Eu mereço. Decididamente mereço.

- Provavelmente sim. Mas sabes, tia C, vou ter de ir viver contigo. Brighton é espetacular. Mesmo espetacular.

- Falaremos sobre isso. Algures no futuro, num futuro muito distante.

O rosto de Lola franze-se num sorriso. Sei que vai ficar bem. No meio de tudo isto, preciso que ela fique bem. E vai ficar. Sei que sim. Dou-lhe um beijo na testa e digo-lhe adeus em silêncio. Não voltarei a vê-la. Sei disso.

- Lamento - digo aos pais dela ao sair. Não me demoro muito tempo diante deles, sei que não suportam sequer olhar para mim neste momento. - Lamento muito. - Nenhum deles fala, mas não me cospem na cara, o que me parece uma verdadeira vitória.

Neste momento, aceito todas as vitórias que puder.

2 de setembro de 2022

Casa de Cleo e Wallace, fronteira Hove-Brighton
Manhã

A última semana, mais ou menos, passou numa indefinição onírica.

Passei por tudo num estado de sonambulismo: as conversas com os inspetores Amwell e Mattison, que tentam ser compreensivos, mas estão, com certeza, secretamente irritados por eu, afinal, não ser a assassina; os interrogatórios judiciais sobre a bigamia; as atualizações sobre os avistamentos de Abi/Gail/Abigail, que continuam até me dizerem que a apanharam - quatro dias depois de ter tentado matar Lola. Não era muito boa a esconder-se e não foi preciso muito para a encontrar. Segundo consta, tinha tentado sair do país quando percebeu que Lola tinha sobrevivido. Amwell disse-me há poucos dias que ela queria falar comigo.

- Porque haveria eu de fazer isso?

- Para encerrar o assunto? - sugeriu delicadamente Mattison.

- Não vou fazer o vosso trabalho por vocês - contrapus. - Sei que querem que eu fale com ela na esperança de a poderem levar a confessar todo o tipo de coisas. Não é problema meu. Não me interessa porque o fez. Que o tenha feito, e feito tantas vezes, já basta.

Basta.

Percebi que tinha finalmente chegado a esse ponto enquanto começava a fazer as malas. Wallace não tinha voltado a casa e eu tinha atingido o ponto do basta. Basta. Ia voltar simplesmente para Heath e acabar com tudo. Voltar para ele e libertar Sidney.

Vou de divisão em divisão depois de ter terminado. Arrumei muitas coisas, mas marquei mais para a caridade. Heath e eu vamos partir juntos. Para um sítio onde seremos só nós os dois. Estou farta de lutar contra isto, é tempo de aceitar. E será melhor para mim deixar a maioria dos meus pertences para trás. «*Não podemos levá-lo connosco*», costumam dizer as pessoas. Pergunto-me se se apercebem de que também se aplica a quando vamos simplesmente partir...

Quando acabo de fazer as malas, quando acabo de me retirar da vida de Wallace, levo as caixas para o quarto de hóspedes, onde a janela foi cortada. Mande-i-a arranjar, ignorando os olhares estranhos do vidraceiro que a mediu e depois instalou.

Antes de sair de casa pela última vez, ligo a Wallace. A chamada vai imediatamente para o correio de voz. «*Wallace, estou só a ligar para te dizer que arrumei as minhas coisas e saio de casa hoje. Também vou deixar Brighton, por isso não me voltarás a ver. Obrigada pelos bons momentos. Quero que saibas que não foi a fingir. Foi tudo muito real. Adorava-te tanto. Todo o meu amor, Cleo.*»

Parte 12

56

2 de setembro de 2022

Apartamento de Heath, Oeste de Londres

Fim da tarde

A luz jorra pelas grandes janelas do apartamento de Heath quando chego. Por telefone, tinha-lhe dito que estava finalmente livre e perguntado se ainda me queria de volta.

- Sempre - respondeu ele. - Sempre.

Não para de olhar fixamente para as minhas malas, como se não pudesse acreditar que eu estou realmente aqui e que vamos mesmo fazer isto.

- O que aconteceu? - pergunta ele, depois de ter trazido o resto das minhas malas do carro. - Porque estás aqui assim de repente?

- Já sabes uma parte, mas, sinceramente, vamos precisar de muito café para lidar com isso - digo-lhe. Levo a mão ao bolso do casaco, retirando um pacote de *Maltesers* e outro de *Minstrels*.

- Assim tão mau?

- Assim tão mau.

Preparo os nossos cafés, com cinco colheres de açúcar em cada. Sinto os olhos de Heath fixos em mim enquanto o faço e consigo senti-lo estremecer.

- Queres que recomece o teu? - pergunto, a rir. - Já é automático.

- Não, não, se vamos fazer isto, tenho de aceitar o amargo com o demasiado doce.

- Boa escolha, meu caro Heath, boa escolha. - Acabo de adoçar os nossos cafés. - Lembras-te de como começaste a beber isto na universidade para me impressionares? A tua cara era um quadro de cada vez que bebias um gole.

- Os meus dentes. Meus pobres, pobres dentes.

Rio-me perante a memória disso. De nós.

- As coisas que costumavas fazer para tentar despertar o meu interesse. - Rio-me novamente, abanando a cabeça.

- Porque estás tão «animada»? - pergunta ele, quando me sento à mesa. - Não costumas ser tão alegre ao falar comigo. Na verdade, costumas agir como se te fosses desintegrar se estivesses perto de mim mais do que o tempo estritamente necessário.

- Porque quero que faças algo por mim. E, quando o tiveres feito, ficarei livre para estar contigo. E nunca mais te deixarei. Aceitei isso, por isso estou só... Quando conseguimos ver claramente o nosso futuro, tudo parece diferente. Mais nítido. Mais fácil. Mais feliz, acredito. Como vai o processo de nos arranjar um sítio para viver?

- Encontrei um sítio simpático nas Terras Altas. Podemos ser agricultores, se quisermos; cultivar os nossos próprios vegetais.

- Sim, bem, vou ter de pensar bem nisso.

Heath bebe um grande gole do seu «café» e faz um esgar, como se se tivesse esquecido do que eu fiz à bebida segundos antes. Sorrio-lhe e bebo um gole do meu.

- Qual é o favor que queres?

- Quero que confesses, para o Sidney poder sair da prisão.

- Já disse que o faria.

- Digo hoje. Quero que graves tudo o que aconteceu, o que fizeste, e depois quero enviá-lo para a nuvem. Assim que chegarmos à nossa nova casa, podemos enviá-lo à polícia.

- Mas podemos gravá-lo nessa altura, não?

Abano a cabeça e bebo um gole da minha bebida.

- Não. Porque sei que vais empatar. Com o passar do tempo, vais empatar, para o caso de eu te deixar. E encontrarás formas e formas de o adiar, até nunca o fazeres. Não quero que voltes atrás com a tua palavra. Grava-o hoje e eu aceito que estamos juntos para sempre. De bom grado.

Para evitar responder, para pensar no assunto, Heath vai bebendo, com um esgar de cada vez que o faz.

- Oh, por amor da santa, para de beber, se é assim tão mau! Eu preparo-te outro.

Ele adota uma expressão estoica e depois ergue a chávena e bebe um grande gole.

- Pronto, vês? O amargo com o demasiado doce. - Pousa a chávena com força, como um vikingue acabado de despachar um grande barril de hidromel. - Muito bem. Eu faço-o.

- Agora?

- Agora.

Pego no meu telemóvel e hesito ao ver o ecrã de bloqueio - uma grande fotografia de Wallace a sorrir docemente para a câmara, para mim. Desbloqueio o ecrã e abro a aplicação de gravação de voz.

- Tens de lhes dizer tudo. Todos os possíveis pormenores que apenas tu possas saber. Está bem? Tens de dizer tudo, para que, quando a altura chegar, eles libertem o Sidney. Está bem?

- Está bem.

O seu rosto torna-se sério, as suas feições tensas e pensativas. Parece que vai chorar, depois parece que vai vomitar. Puxa o telemóvel para si. Após baixar a cabeça por um momento, prime o botão de gravar. E começa a falar. Começa a falar e arrasta-me para o inferno que criou há todos aqueles anos.

Quando Heath acaba de falar, estou sentada no chão, encostada ao armário por baixo do lava-loiça. Escorrem-me lágrimas pelo rosto. Ele vem juntar-se a mim, passando-me o meu telemóvel. Lentamente, porque ainda estou a viajar pelo inferno, ainda a caminhar cautelosamente por entre as coisas que ouvi Heath descrever, dou nome ao ficheiro e envio-o para a nuvem. Pouso o telemóvel no chão entre nós, a tremer. A tremer. Mal posso acreditar no que acabo de ouvir.

- Mataste a tua primeira amante, a professora de Ciências? - interrogo. Desde que descobri do que ele é capaz que quero saber. Parece um momento tão bom como qualquer outro para perguntar.

- Não, é claro que não - responde ele. - Jamais conseguiria magoá-la. Tal como jamais te conseguiria magoar a ti. - Faz uma pausa e, porque o conheço, sei que,

embora não a tenha matado, fez algo terrível. – Mas contei ao marido dela sobre nós.

Fecho os olhos perante o horror da situação. O conjunto de acontecimentos que ele desencadeou. Não, não a matou, mas despertou o fogo que conduziu a isso.

– Estávamos apaixonados – diz Heath. – Éramos tão perfeitos e felizes juntos, e ela queria estar comigo. Sei que queria. Sabia que não podia amá-lo como a mim e que ele não podia amá-la como eu. Por isso, fui a casa deles falar com ele, de homem para homem. Contei-lhe, disse-lhe diretamente. E ele... – O rosto de Heath retorce-se ao recordar esse momento, a conversa. – Deu-me uma tarefa de meia-noite. Era adulto, eu era miúdo. E fraco. Não estava à altura. Não parava de dizer que estava farto dela. Que era a última vez que tolerava aquilo.

» Inicialmente, nem me apercebi de que o que ele estava a dizer era que ela já o tinha feito antes. Que já tinha dormido com os alunos. Simplesmente... não conseguia defender-me em condições. Assim que ele me derrubou, continuou a pisar-me.

» Depois, fez-me esperar que ela voltasse para poder olhar-me nos olhos e falar-me dos outros. Dos oito outros. De como tinha tido de mudar de escola três vezes por causa dos rumores.

– Caramba, Heath, isso é horrível. – Não é de admirar que Heath seja perturbado. Não é de admirar.

Olha para o vazio ao meu lado, sem ver nada.

– Não me importava que ela o tivesse feito antes, porque sabia que ela me amava mais do que a eles. Podia tê-lo feito

antes, mas comigo era diferente. E, apesar de ele a ter obrigado a dizer-me que eu era só mais um na sua lista, eu sabia que ela não estava a falar a sério. E então ele fê-lo. Simplesmente matou-a, mesmo à minha frente.

Inclino-me para a frente, fitando-o enquanto arquejo.

- Não. - Não sabia que ele tinha estado lá, que tinha visto.

- Não me conseguia mexer. Não a pude ajudar. Pude apenas assistir enquanto ele ma tirava. - Recentra-se em mim, vendo-me novamente, de regresso a esta divisão, agora que visitou essa parte terrível do seu passado. - Decidi então que nunca mais ninguém me iria tirar a pessoa que amo.

Agora compreendo. Compreendo mais coisas sobre ele e o porquê de fazer aquilo que faz. O que não compreendo é a outra coisa que sempre quis perguntar.

- Porquê eu, Heath?

- Porque te amo?

- Porquê a mim? Não sou nada de especial. Não para ninguém além de mim. Porque fizeste tudo isto? Porquê eu?

- Fazes-me lembrar dela. Sempre fizeste.

- Da tua primeira amante?

Ele esfrega os olhos com os dedos e anui.

- Não és parecida com ela. Era branca, mais velha do que tu, obviamente, um tipo de corpo diferente, tudo era diferente. Mas quando te vi, naquele primeiro dia de faculdade, foi simplesmente... uma espécie de *déjà-vu*. Uma sensação de *déjà-vu*. - Forma um punho e aperta-o contra o peito. - Aqui. - Move-o para a barriga e aperta-o também

aí. – E aqui. – A cozinha está a escurecer, a luz que a inundava quando cheguei praticamente desapareceu. – Não sentia nada desde a sua morte, absolutamente nada. Estava tão dormente e nada mexia comigo. Então vi-te, e estes sentimentos explodiram dentro de mim. E eu... Era como se ela estivesse outra vez viva. Como se eu estivesse de novo vivo. Lembrava-me de como era sentir, querer sentir o toque e a presença de outra pessoa.

» Reativaste o meu coração. A minha vida. E sempre que estava contigo, era como se tivesse outra oportunidade de reescrever o fim da minha história com ela. Mas não era só isso. Era também como se ela tivesse sido o prelúdio a ti. Surgira para me mostrar o que era o amor. Todas as partes más, as partes dolorosas, além da sua euforia. E, às vezes, era como se tivesse tido de a perder para te poder encontrar.

» Sempre que alguém se intrometia entre nós ou ameaçava tirar-te de mim, era como vê-lo assassiná-la, vê-lo tirar-ma outra vez. Tinha de o impedir. Tinha de fazer alguma coisa. Qualquer coisa para impedir que alguém te afastasse de mim.

» Eras tudo para mim. Lembras-te do que te disse sobre os momentos e quão longos e breves podem ser? Cada momento desde que te conheci foi sobre ti. És todos os momentos para mim.

– Sabes quão arrepiante isso parece? – pergunto-lhe eu, com uma gargalhada.

Ele sorri-me, limpa as lágrimas que começaram a cair.

– Imagino que pareça, sim.

O silêncio apodera-se novamente de nós. As memórias do nosso tempo aqui a amontoar-se. Era o tempo em que eu não sabia de nada e Heath era a razão por que eu sorria, a razão por que sentia que o meu coração estava cheio e o mundo era bom.

- Pediste-me para ir a Las Vegas ali - digo-lhe eu, apontando para a chaleira e para a tábua de cozinha. - Sabendo que me ias convencer a casar contigo.

- Pois foi.

- E disseste-me que odiavas as minhas sopas de sábado ali.

- Pois disse. - Esboça um sorriso afetado. - Ficaste com uma cara... nada feliz, digamos assim.

- Não podia acreditar no teu descaramento. Anda alguém semana após semana a preparar-te uma sopa maravilhosamente nutritiva e tu tens a lata de dizer que não gostas.

Ele ri-se.

- A primeira vez que fiz sexo numa cozinha foi ali contigo - observa.

- A primeira vez, a sério?

- Sim. Surpreende-te?

- Eras muito experiente, presumi que o tivesses feito em todo o lado.

- Presumiste mal.

- Lembras-te de quando aquele quadro de avisos que tu penduraste caiu a meio da noite e nos pregou um susto de morte?

Heath ri-se.

- Sim! Lembro-me de que agarraste no comando e saíste disparada da cama.

O meu riso transborda de dentro de mim.

- Não sei o que achava que ia fazer com um comando contra alguém capaz de armar uma barulheira tão grande. Não estava a pensar de forma racional.

- Não, nada racional mesmo.

O silêncio que se instala desta vez é doce, suave, delicado. É o que o nosso tempo juntos sempre deveria ter sido.

- Sabes que vim para te matar, não sabes? - pergunto-lhe. Viro a cabeça para ele e encontro-o a fitar-me como costumava fazer na universidade: como se eu fosse todos os seus sonhos tornados realidade. - Não sabes? - repito, baixinho.

- Sim - responde ele. - Eu sei.

- E a mim.

- Eu sei.

- Consegui fazer as pazes com muita coisa, entender que não era culpada das coisas que fizeste, mas suponho que, se tivesse falado mais cedo, aquela pobre mulher ainda poderia estar viva. O Sidney não estaria na prisão. A família dele não me odiaria. Não teria trazido todo este *stress* e vergonha para a porta da minha família. Aquele pobre advogado ainda estaria vivo. E eu não poderia seguir em frente, sabendo que te tinha matado.

- Dir-te-ia para não fazeres mal a ti mesma - diz ele. - Não por minha causa, mas imagino que já seja demasiado tarde.

- Pois é - respondo, com um sorriso.
- Envenenaste as bebidas, não foi?
- Sim. Dose letal.

Há algumas semanas que decidi fazer isto. Tinha de acabar com Heath e com as coisas que ele fazia. Porque ele pode achar que vai ficar tudo bem, que se deixou dessas coisas, mas eu conheço-o. Sei que, com o passar do tempo, qualquer interação exterior a nós os dois, qualquer momento em que se sinta ameaçado, o farão voltar ao mesmo. Começará a ficar obcecado. Começará a magoar pessoas para me manter. Não quero isso na minha consciência.

No chão entre nós, o meu telemóvel ilumina-se.

Trina a chamar...

- Que sentido de oportunidade perfeito - observo. - Os três juntos no início e no fim.

Sinto que a medicação começa a fazer efeito. Antes que deixe de me conseguir mexer, quero despedir-me de Trina. Rejeito a chamada e envio-lhe uma mensagem: «Amo-te. Sempre», escrevo, antes de premir enviar.

- Não tens um desses para mim? - pergunta Heath. Tem a voz arrastada, toldada pela enorme quantidade de fármacos que anteriormente dissolvi e verti nas nossas chávenas. O gosto tinha sido mascarado pela enorme quantidade de açúcar que ponho sempre no café. - Também posso ter um «amo-te»?

Tinha-o amado, em tempos. Amado cada parte de Heath. Demoro um momento a estabilizar-me, e ainda estou cambaleante quando me inclino para a frente e encosto os meus lábios aos seus. Ele fecha os olhos e inclina-se para o beijo, a sua mão fugazmente no meu rosto enquanto nos beijamos pela última vez. É Heath o primeiro a afastar-se, encostando a cabeça ao armário antes de o seu corpo relaxar por completo e ele se deixar ir.

Oiço o telefone fixo começar a tocar algures. Parece tão longínquo que nem tenho a certeza de que seja o seu telefone. Mas ouve-se um toque algures. Há alguém algures a tentar estabelecer contacto. As suas feições estão muito desfocadas, e a minha mente tem dificuldade em reter quaisquer pensamentos. Sei que há um toque algures.

- Amo-te - digo-lhe.

Amo-te.

Epílogo

6 de setembro de 2022

Hospital de Hammersmith, Oeste de Londres

Fim da tarde

Trina tem uns pequenos óculos dourados pousados na ponta do nariz e olha para baixo enquanto preenche umas palavras cruzadas.

- Estou no Inferno? - pergunto. - Estou a acordar no Inferno?

A minha melhor amiga tira os óculos e põe o jornal de lado.

- Que falta de respeito. Salvo-te a vida, atravesso meio mundo, com grandes custos financeiros e temporais, e é este o nível de desrespeito que recebo. Não admira que nunca tenhas ido além de melhor amiga atrevida.

- Desculpa, querida. A que tem os dramas é a personagem principal. A que é casada com um homem e tem filhos e uma existência normal é que é a melhor amiga atrevida.

- Oh, tens cá uma lata - diz ela. - Começo a ter sérias dúvidas quanto a ter-te salvado a vida.

- Como assim, salvaste-me a vida?

- Liguei-te. Quer dizer, convenhamos, há muito que tens vindo a evitar as minhas chamadas. Mas andava a ligar-te porque não parava de ter uns sonhos muito vívidos contigo. Estavas no Inferno. E o H estava lá contigo. Mas este último sonho assustou-me mesmo. Por isso liguei-te e, desta

vez, em vez de ser ignorada, recebi uma mensagem de texto em resposta. Ligo ao teu homem e ele diz-me que se separaram, que lhe contaste tudo sobre o teu outro marido que eu conheço e as coisas que ele fez. Depois diz que não sabe onde estás. Ligo então para casa do H. Ninguém atende. Entro em pânico porque aquela mensagem eras basicamente tu a despedir-te, por isso liguei para a polícia e armei uma revolução até eles irem ao apartamento dele ver se algo se passava. Pensei que também te tinha liquidado.

- Devias ter-nos simplesmente deixado ir. Deixado morrer. Seria melhor para todos.

- Não, não devia - responde Trina, subitamente séria. - O mundo seria um lugar terrível sem ti. Sem vocês os dois.

- Ele está...

- Não. Foram ambos encontrados a tempo. Mas passaram os dois quatro dias inconscientes. Bem, tu acordaste mais cedo, é por isso que estás aqui, mas voltaste logo a adormecer. De qualquer modo, foi perfeito que ficasses tanto tempo apagada, pois deu-me a oportunidade de chegar para receber os meus louros de salvadora. - Pousa-me uma mão reconfortante na face. - Ele vai para a prisão, ainda assim. Durante muito tempo.

- Tal como eu.

- Veremos.

- Como assim, veremos?

- Veremos se o facto de teres conseguido obter uma confissão completa que irá reverter um dos mais hediondos erros judiciais não pode ser contraposto a uma qualquer

questão matrimonial duvidosa que não seria do interesse público julgar. - Quando lhe franço o sobrolho, ela prossegue. - Temos estado a falar com um advogado. Somando ainda o facto de teres salvado a vida a uma jovem e de teres ajudado a levar outra assassina à justiça... acho que é seguro dizer que é pouco provável que haja alguma pena de prisão para ti.

- «Temos», quem?

- Eu, a tua família, o teu homem. - Aponta com um dedo perfeitamente arranjado para a porta da enfermaria onde estou. Vejo Wallace abrir a porta e atravessar a enfermaria com dois copos nas mãos, tal como no dia em que o conheci.

- Está aqui para gritar comigo?

- Não. O Sidney explicou-lhe a situação. Confirmou tudo o que disseste. Já iniciaram o processo de libertação, a propósito. Vai levar tempo, mais vai acontecer. - Recolhe os seus pertences e levanta-se. - Não saiu da tua cabeceira - sussurra ela, enquanto se inclina para me abraçar. - Às vezes, dormia lá fora no carro para ficar perto de ti. Vou dar-vos espaço - termina, num tom de voz mais normal.

- Obrigada, melhor amiga atrevida - digo eu, e ela semicerra-me os olhos em resposta.

Wallace ocupa o lugar que Trina acaba de deixar.

Durante muito tempo, não dizemos nada, limitamo-nos a olhar fixamente um para o outro, como dois estranhos familiares que não sabem bem o que dizer, que não sabem por onde começar.

Finalmente, ele diz:

- Não quero perder o lugar, por isso penso que devia começar por dizer que te amo. Muito. E podemos seguir a partir daí.

O meu rosto abre-se num sorriso. Sim, penso que podemos seguir a partir daí.

FIM

Agradecimentos

Obrigada...

À minha maravilhosa família.

Aos meus incríveis e prestáveis agentes, Ant e James.

Aos meus excelentes editores (que são integralmente referidos no fim).

A Graham Bartlett, pela ajuda na pesquisa.

Aos meus fabulosos amigos.

A MK2, que amo.

Às minhas melhores amigas, Jollof e Fufu.

A si, que me lê. Como sempre, obrigada por ter comprado o meu livro.

E a E & G... agora e para sempre.

Créditos

Sem todas estas pessoas, O Meu Outro Marido não existiria.

Edição e brilhantismo de topo

Jennifer Doyle

Outras atividades editoriais

Jessie Goetzinger-Hall

Editora

Gillian Holmes

Revisora

Sarah Coward

Áudio

Hannah Cawse

Design

Alice Moore

Produção

Tina Paul

Marketing

Lucy Hall

Publicidade

Emma Draude
Annabelle Wright
Courtney Jefferies

Vendas

Becky Bader
Frances Doyle
Izzy Smith

Agentes

Anthony Harwood
James MacDonald Lockhart

Pesquisa especializada

Graham Barlett
Eleanor Moran